

**EXTRAMUROS**

**Revista de Extensão da UNIVASF  
v. 1, n. 3, 2021**



## **EDITORIAL**

**Francisco Gabriel Rêgo<sup>1</sup>**

Romper os limites que separam a universidade e sociedade é uma das funções decorrentes do trabalho extensionista. Esses limites apontam, por assim dizer, para uma perspectiva política importante que envolve o conhecimento científico e o seu papel na sociedade e os diversos saberes que compõe a nossa concepção de realidade.

O artigo 207 da Constituição Federal ressalta a importância da extensão universitária para a construção do tripé educacional. Nessa perspectiva, o ensino, a pesquisa e a extensão são pensados em uma articulação ativa, ao evocar uma ideia de unidade, que tem na universidade o espaço propício para a construção de um conhecimento engajado entre os diversos saberes.

Mais do que uma prática, uma ação ou comunicação, a ideia de extensão universitária pode ser observado aqui, como um espaço de conhecimento que se articula tanto com a pesquisa quanto com o ensino, na busca por redefinir a centralidade do conhecimento acadêmico como um meio de diferenciação, elitização e distanciamento. Nesse sentido, a extensão é um instrumento significativo de reposicionamento acerca do papel da universidade na sociedade e no contemporâneo.

A Revista Extramuros busca, nesta edição, evidenciar a importância desse conhecimento decorrente da interação ativa entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Para tanto, esse novo número da revista, traz um panorama significativo das ações de extensão na região do Vale do São Francisco, do Nordeste e de todo o Brasil. Entre artigos, relatos de experiências e entrevistas, a publicação busca apresentar uma diversidade de práticas e saberes que tem, na relação entre a universidade e a sociedade, uma dimensão capaz de nos possibilitar repensar a diversidade dos saberes, como um estatuto para uma atuação engajada de professores, estudantes e toda a comunidade.

Desejamos aos nossos leitores uma excelente e prazerosa leitura.

---

<sup>1</sup> Editor-chefe da Extramuros – Revista de Extensão da UNIVASF.

## Sumário

### Editorial

#### EDITORIAL

*Dr. Francisco Gabriel de Almeida Rêgo* 2

### Entrevista

REPENSAR OS ESPAÇOS E RECONFIGURAR O MUNDO  
E A REALIDADE - ENTREVISTA COM A PROFA. DRA.  
FLORA ROMANELLI ASSUMPCÃO (CARTES/UNIVASF).

*Mauricio Otávio Louira de Souza* 6-9

### Relatos de Experiência

PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO  
BÁSICA SOBRE O PROGRAMA DE SAÚDE NA ESCOLA  
EM MARABÁ, PA

*Gabriel Brito Procópio, Ana Cristina Viana Campos* 10-23

O CONTO QUE AS CAIXAS CONTAM: RELATOS DE UM  
PROJETO DE “CONTAÇÃO” DE HISTÓRIAS

*Janayna Alves Brejo* 24-41

A EXPERIÊNCIA DE CRIAÇÃO DA LIGA ACADÊMICA  
DE PSICOLOGIA JURÍDICA DA UNIVASF (LAPJU)

*Amanda Moura Carvalho, Tamires de Lima Sousa Santos,  
Camilla Kelly Rodrigues dos Santos, Miriam Vitória  
Fernandes Tavares* 42-55

ANÁLISE SITUACIONAL, COM ENFOQUE NAS PESSOAS  
COM DEFICIÊNCIA, DOS MORADORES DA ILHA MEM  
DE SÁ, SERGIPE

*Karyo Freire Nunes de Mendonça, Ignez Aurora dos Anjos  
Horas, Tereza Raquel de Sena, Regiane Cristina do Amaral* 56-71

IMPLEMENTAÇÃO DA TEORIA DIALÓGICA FREIREANA  
EM ESTÁGIO EXTRAMURO DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE  
BUCAL PARA ALUNOS DA REDE PÚBLICA DE ENSINO

<i>Jefter Haad Ruiz da Silva, Francisco Ferreira Barcelar Junior, Lara Pepita de Souza Oliveira, Jéssica Lourdes de Aguiar Gonçalves</i>	72-86
<b>SAÚDE MENTAL NA ESCOLA: REFLEXÕES DO PERÍODO PRÉ E TRANSPANDÊMICO DA COVID-19</b> <i>Liana Maria Ibiapina do Monte, Paulo de Tarso Xavier Sousa Junior, Elaine Ferreira do Nascimento</i>	87-102
<b>QUANDO UM FANTASMA VISITA A MATERNIDADE: A EXPERIÊNCIA DE UMA ESTAGIÁRIA DE PSICOLOGIA</b> <i>Gisele Cerqueira Santos, Camilla Bastos Carneiro, Barbara Eleonora Bezerra Cabral</i>	103-116
<b>EXTENSÃO TECNOLÓGICA COMO INDUTORA DA INOVAÇÃO EM PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS</b>  <i>Djalma Silva Guimarães Júnior, Carlos Henrique Michels de Sant'Anna, Marília Barbosa de Lima</i>	117-128
<b>Artigos</b>	
<b>AUTOMAÇÃO DO ACIONAMENTO DE UM AMBU PARA UTILIZAÇÃO COMO RESPIRADOR EMERGENCIAL</b> <i>José Bismark de Medeiros, Jadsonlee da Silva Sá, Edna Santiago Benta, Max Santana Rolemberg Farias</i>	129-150
<b>OUTRA VISÃO: NOVAS PERSPECTIVAS SOBRE O (E A PARTIR DO) SISTEMA PRISIONAL</b>  <i>Karina Biondi, Taimara de Jesus Madeira</i>	151-170
<b>O PAPEL DA MEDICAÇÃO ANTICONVULSIVANTE NA SAÚDE BUCAL DO PACIENTE COM DEFICIÊNCIAS DO DESENVOLVIMENTO</b> <i>Lia Silva de Castilho, Raul Victor Dutra, Ferreira Luiza Milan Procópio, Leiliane Teresinha Romualdo</i>	171-185
<b>DESAFIOS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM TEMPO DE PANDEMIA: O USO DE AUDIOVISUAIS COMO MEDIAÇÃO PARA O DIÁLOGO COM A SOCIEDADE</b>	

<i>Odair França Carvalho, Carlos Augusto Mulatinho, Maria Amália Arruda Câmara, Luiz Alberto Ribeiro Rodrigues</i>	186-202
<b>TEMAS EM EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: PANORAMA DE UM CURSO DE EXTENSÃO</b> <i>Rosana de Castro Casagrande, Rodrigo de Mello</i>	203-218
<b>AUTOCUIDADO: UMA VISÃO HOLÍSTICA EM TEMPOS DE PANDEMIA</b> <i>Maria Auxiliadora Tavares da Paixão, Bruno Cezar Silva, Lucidio Lopes Alencar, Miguel Lino Spinelli Rabelo Neto, Timna da Paixão Fagundes Pereira, Yariadner Costa Brito Spinelli</i>	219-243
<b>ASPECTOS PSICOLÓGICOS DA QUALIDADE DE VIDA DE PACIENTES COM INSUFICIÊNCIA CARDÍACA: UMA INTERVENÇÃO EM GRUPO</b> <i>Samara da Silva Rebelo, Aline Groff Vivian</i>	244-265
<b>A IMPORTANCIA DOS MERCADOS LOCAIS PARA PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA: ESTUDO DE UMA FEIRA NA ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS</b> <i>Fabrcio Geraldo de Assis, Bianca Aparecida Lima Costa, Silvia Eloiza Priore</i>	267-291
<b>DADOS TÉCNICOS</b>	292

## ENTREVISTA

### **Repensar os espaços e reconfigurar o mundo e a realidade - Entrevista com a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Flora Romanelli Assumpção**

Por Maurício Otávio Loura de Souza<sup>1</sup>

Artista Visual, professora e pesquisadora, a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Flora Romanelli Assumpção (Colegiado de Artes Visuais) esteve envolvida, recentemente, em um projeto significativo para a UNIVASF. Através de convite da Pro-reitoria de Extensão e da aprovação no edital do Projeto de Extensão PIBEX/2021-01, a professora coordenou uma ação de intervenção no prédio principal do Espaço Plural, unidade universitária que sedia os principais programas de extensão desenvolvidos pela instituição. Mesclando elementos da cultura regional, com traços identitários do Nordeste, do semiárido e do São Francisco, que buscam constituir uma reflexão com temas como a ciência, a origem da vida e do universo. Todo os trabalhos resultam da pesquisa de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Espaço de Arte, Ciência e Cultura da UNIVASF, e que conta com uma exposição permanente abrigada neste prédio do Espaço Plural). A instalação denominada REPRESA [a natureza da natureza], 2021, é composta de 9 obras e contou com a participação ativas dos estudantes envolvidos nessa atividade extensão. Nessa entrevista, a docente nos contou um pouco de sua experiência na coordenação e no desenvolvimento desse projeto.

#### **Revista Extramuros - Como foi esse processo da criação do projeto, surgiu através de alguma necessidade específica da instituição?**

Flora Romanelli Assumpção - Quando o Espaço Plural iniciou esse momento de reforma e revitalização, viabilizado por projeto da Pró-reitora de Extensão e professora Lúcia Marisy, eles me contataram pois queriam um trabalho de arte, de pintura, que era o que conheciam. De início a proposta foi direcionada para a mureta da área central do prédio principal, porém, eu propus uma instalação, ativando o espaço aéreo/tridimensional, apresentando obras anteriores que realizei noutros locais e minha proposta foi abraçada por todos os servidores envolvidos na organização, que foram: Pró-reitora de Extensão Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lúcia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira, da Diretora de Extensão Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>

---

<sup>1</sup> Estagiário da Revista Extramuros. Discente de Psicologia da UNIVASF.

Márcia Bento e do Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional, Bruno Cezar Silva. Eles gostaram muito do projeto e encaminharam para que a intervenção artística acontecesse. Quando eu cheguei para fazer o trabalho ali, e iniciei a minha proposta, percebi que o espaço do prédio era muito grande, com longos corredores em 2 andares, existindo a possibilidade –e até a demanda– de ampliar a intervenção de arte. O objetivo era revitalizar o espaço, tornando o Espaço Plural PROEX-UNIVASF, após um período de falta de investimentos, novamente um ambiente inspirador para o funcionamento de inúmeros projetos existentes ali.

### **R.E – Quais eram as expectativas sobre o projeto?**

F.R.A – As expectativas existentes estavam direcionadas a revitalizar o espaço, mas também a ampliar o público das artes visuais ao proporcionar uma intervenção que se comunicasse com a arquitetura do prédio, com a sua localização e desenvolvimento de etapas de aprendizagem para os discentes envolvidos no projeto. O intuito, caso não existisse a pandemia, era proporcionar visitas dos alunos do curso de Artes Visuais ao espaço durante a execução da intervenção de arte, mas infelizmente não existiam condições seguras para mais discentes participarem da construção. Outro ponto importante foi a existência de expectativas e envolvimento das pessoas que ocupam o espaço, tornando as obras produto de formação de várias pessoas que frequentam aquele prédio da Univasf.

### **R.E – O projeto apresentou colaboração e execução de funções de discentes?**

F.R.A – Esse trabalho começou com a minha execução sozinha e/ou somente com auxílio de equipe composta sem discentes de graduação; iniciei com orientandas de mestrado da UFPE-UFPB e meu esposo, que também é artista. Essa é uma proposta que eu gostaria já de ter feito e pensava em fazer isso acontecer em outros prédios da instituição, mas não havia condições relacionadas à verba para execução. Desde início foi pensado como uma exposição para arquitetura na qual os estudantes pudessem experimentar a prática de montagem de obras de arte e exposições e também a de monitoria educativa/pedagógica, com as quais os estudantes dos cursos de Artes Visuais costumam se envolver muito durante os anos de formação, que é atendendo o público em bienais e instituições de artes em geral. Isso ocorre bastante em outras cidades, onde há maior oferta de museus e espaços de exposição, um projeto deste montante se propunha a ser uma alternativa para esta lacuna que temos na região. A pandemia acabou tornando possível esta participação dos discentes de graduação apenas depois da disponibilidade da vacina (especialmente para os jovens) e seguindo todos os protocolos de segurança recomendados pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Mas antes disso, eu já estava num processo que costumamos denominar de Residência Artística, com 2 orientandas e meu esposo, só não estávamos dormindo lá, mas passávamos vários em longas jornadas de cerca de 16h diárias no Espaço Plural, executando os projetos. Quanto aos estudantes de graduação, estes passaram a experimentar, a partir do mês de agosto – através do PIBEX – a execução do Projeto de Extensão: "Revitalização Artística do Espaço Plural" aprovado no Edital

PIBEX/2021-01. Conseguimos duas bolsas e um quadro com dez discentes, sendo a participação muito variada para eles, o aprendizado se dá desde a observação e resulta na descoberta de novas técnicas de execução.

**R.E – Existiu alguma devolutiva dos alunos que participaram da execução do projeto sobre todo trabalho desenvolvido?**

FRA – O trabalho de arte quase sempre foi coletivo, como se pode verificar ao longo da história. Na categoria intervenção e nesta escala, seria quase impossível ser individual. Para os estudantes é importante reconhecer o que o artista pode delegar sem perder o aspecto pessoal e autoral da sua obra, e até entendendo que existem trabalhos que parecem menos “glamurosos”, mas que são fundamentais para uma obra de arte existir, como as etapas iniciais ou os acabamentos, como foi o caso do verniz, para proteção solar aumentando a durabilidade das pinturas. Outro ponto importante para os discentes foi relacionado a pandemia, pois o distanciamento social estava implicando na falta de contato com colegas de curso e em desmotivação. Os estudantes só participaram a partir de agosto usando os EPIs e no ambiente externo, sem causar aglomeração e sempre mantendo o distanciamento no local. Outro aprendizado fundamental para os alunos foi entender que, muitas vezes, a obra demanda dos artistas mais trabalho e dedicação do que planejado na etapa de projeto, ou seja, no momento da execução, há questões próprias do empírico e da arquitetura que cobram mais elementos ou reajustes.

**R.E – O projeto, que está fundamentado na arte artesanal e na natureza, foi representadas neste espaço algum motivo específico?**

F.R.A – Meu trabalho, eu costumo dizer, que ele tem sido uma reflexão sobre como a humanidade se relaciona com a natureza, ou até mesmo como o homem exerce essa interação numa sociedade pautada pelo patriarcado capitalista e cristão. Então já havia esse questionamento no meu trabalho antes, sobre a relação da humanidade com o meio-ambiente, com o entorno. Isso veio de diversas maneiras, tanto nessas reflexões sobre pautas ecológicas mesmo, que é uma coisa que, como cidadã, passa pelas minhas questões políticas, mas também como desenhista mesmo. Tem artistas que eu estudo que fazem parte das minhas pesquisas de mestrado, doutorado e de pós-doutorado que vão nesse sentido. O que Edgar Morin vai verbalizar pela filosofia quando fala em desenhos primordiais, os artistas (como Leonardo da Vinci, Karl Blossfeldt, Ernst Haeckel, Antoni Gaudí etc) já faziam através do conhecimento visual. Os desenhos primordiais da natureza são possibilidades matemáticas sempre previstas primeiro pelo universo, ou seja: são impossíveis de serem criadas pela humanidade; quando ela acha que criou algo, na

verdade está repetindo um desenho/criação que já foi prevista –e portanto, criada– anteriormente pelo universo. São exemplos as máquinas desenhadas por Leonardo da Vinci que são inspiradas em animais, como tanques de guerra a partir do casco da tartaruga, o helicóptero a partir da libélula, projetos de voo partindo da observação das aves, e por aí vai. Daí se verifica que Da Vinci já percebia que a única forma de criação/invenção da humanidade é olhando para a natureza, tal como outros artistas perceberam. Meu trabalho não é uma ilustração de uma ideia ou tema pré-definido verbalmente, é sempre o contrário, parte de algum interesse ou intuição que vem da visualidade. Depois, conforme o trabalho está acontecendo, aí eu vou entendendo/estabelecendo as conexões entre os discursos dele e com minhas obras anteriores. As obras dialogam entre si e com a arquitetura do lugar, com os seus usos e seu entorno, são reflexões e ficções sobre a natureza, representação e a construção da paisagem.

## **A PERCEÇÃO DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE O PROGRAMA DE SAÚDE NA ESCOLA EM MARABÁ, PA**

### **TEACHERS PERCEPTION OF BASIC EDUCATION ABOUT THE HEALTH PROGRAM IN THE SCHOOL IN MARABÁ-PA**

### **LA PERCEPCIÓN DE LOS MAESTROS DE EDUCACIÓN BÁSICA SOBRE EL PROGRAMA DE SALUD ESCOLAR EN MARABÁ, PA**

Gabriel Brito Procópio<sup>1</sup>  
Ana Cristina Viana Campos<sup>2</sup>

#### **RESUMO**

O objetivo deste relato de experiência foi apresentar a percepção dos professores da educação básica sobre o Programa Saúde na Escola e sua relação com educação em saúde. Foram realizadas oficinas em duas escolas públicas de Marabá com os professores divididas em três momentos. Primeiramente realizou-se uma dinâmica de grupo para socialização. No segundo momento, os docentes foram divididos em três grupos para a confecção de uma colagem para responder: “o que é saúde na escola?”. Em seguida, a política do PSE foi apresentada e explicada, logo, os professores elencaram os conhecimentos e saberes sobre a educação em saúde. As opiniões foram diversificadas entre os grupos demonstrando algum conhecimento sobre o conceito de saúde na escola, conquistado pela rotina escolar e as práticas educativas nas escolas. Onde nos desafios quanto a questão do ensino-aprendizagem, apresentaram também um entendimento de saúde na escola com a realidade vivida. O desenvolvimento das oficinas evidenciou realidades semelhantes entre as escolas. Possibilitar a visualização ampliada de saúde, ensejam reflexões sobre os problemas de saúde que resultará diretamente na qualidade de vida e também no processo ensino-aprendizagem dos alunos.

Palavras-chave – Programa Saúde na Escola; percepção dos professores; saúde na escola.

**Palavras-chave:** Programa Saúde na Escola; percepção dos professores; saúde na escola.

#### **ABSTRACT**

---

<sup>1</sup> Técnico em Enfermagem pela Instituição de Ensino: Centro Técnico Profissionalizante (CTP). Sanitarista formado no Curso de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). E-mail para contato: [gabrielprocopio07@gmail.com](mailto:gabrielprocopio07@gmail.com).

<sup>2</sup> Dentista, Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Adjunta da Faculdade de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

Our objective was to present the perception of basic education teachers about the Health at School Program and its relationship with health education. Workshops were held in two public schools in Marabá with the teachers divided into three stages. First, there was a group dynamic for socialization. In the second moment, the teachers were divided into three groups to make a collage to answer: “what is health at school?”. Then, the PSE policy was presented and explained, so the teachers listed the knowledge and knowledge about health education. Opinions were diversified among the groups, demonstrating some knowledge about the concept of health at school, achieved by school routine and educational practices in schools. Where in the challenges regarding the issue of teaching and learning, they also presented an understanding of health at school with the lived reality. The development of the workshops showed similar realities between schools. Enable expanded visualization of health, give rise to reflections on health problems that will directly result in quality of life and also in the teaching-learning process of students.

**Keywords:** Health at School Program; teachers' perception; school health.

### RESUMEN

El objetivo de este informe de experiencia fue presentar la percepción de los maestros de educación básica sobre el Programa Salud en la Escuela y su relación con la educación para la salud. Los talleres se llevaron a cabo en dos escuelas públicas en Marabá con los maestros divididos en tres etapas. Primero, había una dinámica grupal para la socialización. En el segundo momento, los maestros se dividieron en tres grupos para hacer un collage para responder: "¿Qué es la salud en la escuela?". Luego, se presentó y explicó la política de PSE, por lo que los maestros enumeraron el conocimiento y el conocimiento sobre la educación para la salud. Las opiniones se diversificaron entre los grupos, demostrando cierto conocimiento sobre el concepto de salud en la escuela, logrado por la rutina escolar y las prácticas educativas en las escuelas. En los desafíos relacionados con el tema de la enseñanza y el aprendizaje, también presentaron una comprensión de la salud en la escuela con la realidad vivida. El desarrollo de los talleres mostró realidades similares entre las escuelas. Permitir una visualización ampliada de la salud, dar lugar a reflexiones sobre problemas de salud que darán lugar directamente a la calidad de vida y también al proceso de enseñanza-aprendizaje de los estudiantes.

**Palabras clave:** Programa de salud en la escuela; percepción de los docentes; salud escolar.

### INTRODUÇÃO

O modelo de atenção à saúde predominante na sociedade brasileira (estrutura, processos e relações) está fundado em um Projeto Político-Pedagógico, explícito ou não, que tende a reproduzir a maneira como a sociedade brasileira está estruturada, assim como as relações sociais, relações de trabalho, que lhes são características (BRASIL, 2007).

Na educação, a saúde é um tema trabalhado desde o final do século XIX, numa época em que o governo brasileiro buscava controlar as doenças infectocontagiosas que tanto atrapalhavam a exportação agrícola. Em 1971, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1971 (BRASIL, 1972), o tema saúde passou a ser garantido no ambiente escolar. No entanto, a saúde é um conteúdo desenvolvido a partir de uma perspectiva sanitária envolvida ainda por interesses de higiene e biomédico construídos historicamente desde a inserção do tema no ambiente escolar.

O Programa Saúde na Escola (PSE) é uma política intersetorial da Saúde e da Educação, instituído pelo Decreto Presidencial nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007. O principal objetivo é a integração da saúde e educação para o desenvolvimento da cidadania e da qualificação das políticas públicas brasileiras de saúde e educação voltadas às crianças, adolescentes, jovens e adultos da educação pública brasileira, integrando as redes do Sistema de Educação e do Sistema Único de Saúde (SUS) mediante articulação das escolas públicas, unidades básicas de saúde e unidades de Saúde da Família já existentes (BRASIL, 2011).

A escola é um espaço social privilegiado de formação do cidadão, no qual se definem a ação institucional pedagógica, com respeito à diversidade e de tolerância, que vise construir uma verdadeira educação em saúde, no desenvolvimento de valores, crenças e atitudes em favor dos direitos humanos, na defesa do meio ambiente, dos outros seres vivos e da justiça social (SILVA; FERREIRA, 2014).

A educação em saúde deve ser compreendida como atividades realizadas dentro do currículo escolar que tenham uma intenção pedagógica definida, relacionada ao ensino-aprendizagem de algum assunto ou tema referente à saúde individual ou coletiva (SILVA et al., 2017, p.159). O processo de educação em saúde na escola traz como resultante, para a comunidade envolvida, novos conhecimentos, habilidades e destrezas para o cuidado com a saúde e para a prevenção de doenças e de condutas de riscos; fomenta a análise crítica e reflexiva sobre os valores, condutas, condições sociais e estilos de vida (LIMA, LOBO, 2017; ALBUQUERQUE, *et al.*, 2017).

Em um programa de extensão da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), os autores relataram que a construção do conhecimento pela criança torna-se mais significativa quando esta participa ativamente das atividades de educação em saúde (BOMFIM *et al.*, 2015).

O desenho do PSE parte justamente dessa necessidade de articular e integrar os setores da saúde e da educação para ampliar o alcance e o impacto das ações de saúde aos estudantes e seus familiares, por meio de ações intersetoriais (FARIAS *et al.*, 2016).

Entretanto, para que o PSE funcione é necessário o envolvimento e apoio total dos professores. Eles não podem ser meros executores de tarefas, e as ações desenvolvidas devem considerar o conhecimento do professor em relação aos alunos, à vida na escola, à prática e a rotina da escola.

Nesse sentido, o objetivo foi compreender a percepção dos professores da educação básica sobre o Programa de Saúde na Escola e sua relação com educação em saúde.

## **METODOLOGIA**

O Programa de Saúde na Escola em Marabá ocorre desde o ano de 2013, e desde o ano de 2017 o curso de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) vem executando um programa de extensão em seis escolas públicas do ensino fundamental. As ações de extensão incluíram o desenvolvimento de uma oficina dividida em três momentos.

O primeiro momento foi desenvolvido uma dinâmica em que todos professores receberam adjetivos dentro de uma bexiga, logo após estourar era escolhido um colega que representasse a qualidade tirada, foi possibilitado uma pequena arguição de sua escolha. No segundo momento, os professores foram divididos em três grupos, para a confecção da colagem para responder à pergunta “o que é saúde na escola?”. O último momento foi destinado para a apresentação e discussão da política do PSE como material norteador para que os professores

elencassem os conhecimentos e saberes sobre a educação em saúdes essenciais ao currículo dos professores da educação básica.

As oficinas foram conduzidas por meio de um grupo focal. Esta é uma técnica de pesquisa que utiliza entrevistas grupais que coleta informações detalhadas sobre questões específicas (MORGAN, 1997). As entrevistas em grupo foram registradas e transcritas pelos pesquisadores. Para preservar a anonimato dos participantes, as declarações serão codificadas de P1 a P20.

Os procedimentos adotados nas ações extensionistas e neste relato de experiência obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução N°466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em ambas as escolas, as oficinas tiveram duração de quatro horas, desenvolvida no sábado em dias distintos. A participação e interesse da grande maioria dos professores foi motivadora e permitiu aos pesquisadores explorarem ainda mais a discussão em grupo. A troca de experiências e, até mesmo o desabafo dos professores diante dos problemas sociais e de saúde dos alunos atestam o nível de comprometimento e responsabilidade dos participantes.

Após o momento de apresentação e socialização, os professores foram divididos em três grupos e os pesquisadores entregaram o material (revistas, cola, tesoura e cartolina) para a confecção da colagem. Com isso, foi destinado um tempo para que os mesmos apresentassem os resultados. Os grupos mantiveram no centro da colagem o seguinte questionamento: “O que é saúde na escola?”. As opiniões foram diversificadas entre os grupos.

*“começa a partir da sala de aula (...), é porque a criança aprende em qualquer lugar mais aqui... nós estamos aqui neste ambiente escolar é mais propício para aprender. Não que ele não aprenda por aí, aprende. Mais aqui ele estará mais focado neste aprendizado.” (P9).*

*“(...) parceria, compromisso, toda informação que você precisa é garantir melhores resultados. (...) e conversando sobre o que a gente vê na saúde, que a gente traz para a educação, é melhoria fisicamente porque tem várias formas de você trabalhar, né (...)” (P1).*

*“e essa parceria esse compromisso a gente precisa também com a família, porque a orientadora educacional ligou para os pais das crianças que era para retornar para o posto de saúde pra fazer o controle e tudo... até hoje ela disse que tem fichas que os pais não vieram” (P8).*

*“(...) uma boa noite de sono, pois faz parte da nossa saúde também, bem como também a relação social de cada pessoa, coma família, sabendo o limite de cada uma delas, na escola e na sociedade e esse é o nosso cartaz” (P18).*

Os professores demonstraram algum conhecimento sobre o conceito de saúde na escola, conquistado pela rotina e pelas práticas educativas do dia a dia na escola. Em todos os grupos, a alimentação saudável ganhou destaque por representar uma área importante na vida das crianças.

*“(...) o menino pesava 62 quilos desse tamanhinho, então, é a obesidade né. E eles gostam muito do tal do refrigerante, mesmo tendo lanche aqui (...)” (P9).*

*“Essa é alimentação saudável! para comer verdura que poucas pessoas gostam, eu particularmente não gosto” (P17).*

*“(...) temos problema com obesidade infantil que a maioria quer ficar só na tecnologia, e aquela na má alimentação que tem ali do lado (...) saúde na escola é em função da melhoria do bem-estar da saúde da qualidade de vida (...)” (P14).*

*“e quando tem dia que a merenda é salada, eles não querem. Querem comer arroz mesmo com feijão e carne, não querem a salada por que dizem tia eu não quero emagrecer (risos) aí eles...” (P4).*

*“eles não têm também bons hábitos alimentares, quando eu venho para escola cedo eu já vejo um bocado das crianças tudo nos pastéis, com refrigerante e o pai lá do lado comendo junto com ele (...)” (P3).*

Segundo os professores, o PSE possibilitará a transformação das ações de prevenção e promoção em saúde, principalmente alimentar. A educação em saúde deve buscar ferramentas para melhorar hábitos inadequados de alimentação que podem causar subnutrição, desnutrição crônica, ou até mesmo a obesidade infantil (DIAS *et al.*, 2017).

Em ambas escolas foi possível notar também que muitos escolares vivem em situação de pobreza e tem a merenda escolar como principal refeição do dia. Por isso, é necessária uma atuação interdisciplinar que envolva também pais, professores, nutricionistas e merendeiras.

*“(...) assim no meu olhar com as crianças aqui essa parte de reeducação alimentar, a gente não tem mesmo essa cultura, muitos também, não tem a alimentação em casa, essa é a primeira...tem deles que fazem a primeira refeição na escola. Por isso na hora que tem as verduras, né, as folhas e os vegetais, eles não tia eu não quero, eu não almocei eu não tomei café” (P11).*

*“a falta de alimentação, a falta de acesso a ela é fato na escola pública, é real é isso aí” (P7).*

*“no caso da fome na nossa escola, ela é muito grande (...) a fome tava maior, a fome tava grande, porque pra fazer uma criança não ir brincar, correr se interagir o negócio tá feio...grave!” (P8).*

Durante as apresentações das colagens, observamos que essa situação causou comoção e preocupação entre os professores que se sentem impotentes diante da situação socioeconômico dos alunos. Além disso, alguns professores relataram a importância de outros temas para a saúde dos escolares, tais como a segurança e da higiene.

*“(...) segurança na escola preservando a integridade física do aluno na escola para ele se sentir mais seguro né! Porque a gente no contexto geral ele sabendo que ele está resguardado na escola com a mais segurança ele vem mais disposto, em casa que ele vê que não é tão seguro*

*ele já tem uma, já fica mais acuado, foca na dele, não é tão participativo, então isso influência na saúde do aluno” (P12).*

*“(...) outra coisa também é que saúde também é higiene, a gente não colocou aqui né, higiene corporal, higiene é muito importante. Tem que ser muito trabalhado em sala de aula, essa semana foi sexta-feira eu estava comentando com uma colega que os meninos eles não estão fazendo higiene bucal, isso afeta isso aí é saúde (...)” (P20).*

Além disso, os professores destacam uma preocupação também com a falta de socialização das crianças como fator prejudicial à saúde dos escolares.

*“aquela imagem chama muita atenção da criança com o celular na mão, porque? (...) porque hoje, todo menino a partir dos seis anos e diante, ou menos mesmo já tem um acesso muito grande a essa tecnologia e acaba abandonando aquelas brincadeiras cotidianas da rua, a sociabilização não tem mais, hoje cê senta na mesa ta li um do lado outro, todo mundo junto e distante (...)” (P14).*

Segundo os professores, é imprescindível uma conversa sobre as particularidades de cada um, pois o espaço escolar é importante na construção de valores que remetem bem-estar, qualidade de vida. Dois grupos usou a palavra “família” como a base da escola, indicando a relevância dos familiares na construção em conjunto da saúde na escola.

*“(...) a base é escola-família (...) esse é um espaço onde forma esse cidadão, o mosaico aqui da criança, onde um espaço que forma o cidadão, essa criança né. De ter o poder formar a cabecinha dessa criança, então falando de saúde na escola temos a oportunidade de observar durante todo tempo né (...)” (P7).*

*“Antes da escola entender a educação vem pela a família, por que assim a escola ensina estuda, dentro da diferença de educar e ensinar, porque as famílias estão tão bagunçadas, desorganizadas que os alunos chegam na escola sem as questões básicas, sem respeito, sem convivência (...)” (P13).*

Em relação a percepção dos professores sobre o próprio PSE, todos afirmaram que a educação em saúde não está contemplada na formação superior, nem mesmo entre os

professores com menor tempo de formação. Ninguém teve nenhum tipo de conteúdo relacionado à saúde durante a graduação em pedagogia. A maioria dos professores demonstraram ter conhecimento superficial sobre educação em saúde, adquirido com a prática nas situações cotidianas da escola.

*“eu não tenho muito conhecimento na área da saúde, só na educação (...), mas é o básico que a gente entende (...)” (P1).*

*“é um prejuízo muito grande para o nosso país, para o governo né, por que se tivesse inserido a prevenção de saúde na escola deveria revertido em mudanças (...)” (P2).*

*“Eu acho que deveria ter professor tinha que ter o conhecimento pelo menos dos primeiros socorros, já ajudaria muito (...)” (P10).*

*“(...) eu sempre faço nas escolas onde eu passo, o projeto do sistema endócrino com eles, para trabalhar essa questão de saúde e das doenças populares (...) e tem alunos que vem com várias doenças que a família nem sabe e a gente tem que colocar no papel de mãe, de professora (...)” (P11).*

A concepção sobre saúde por parte dos professores é limitada, e na maioria das vezes, o tema é abordado em sala de aula com a finalidade de prevenir doenças (SILVA *et al.*, 2017). A opinião dos professores sobre o PSE é pautada na falta de confiança nas políticas públicas e no momento de crise do país.

*“(...) o que me entristece como professora é que as leis são belíssimas, programas, excelentes mais parece que tudo é para desviar dinheiro da gente, porque de fato as coisas não acontecem (...)” (P19).*

*“A maioria dos projetos aqui em Marabá são copiados (...) tem muita coisa que tem que ser melhoradas como essas políticas públicas” (P9).*

Por outro lado, os professores se mostraram otimistas com a possibilidade do PSE com a parceria com a Saúde Coletiva ser realmente efetivado nas escolas a partir de agora.

“(...) esse programa aqui vai ser excelente para todas as escolas, e com a presença de vocês, fomentar o aluno a ter a clareza para traçar o futuro dele (...)” (P4).

“(...) a gente trabalhando na escola vai trazer o que muito coisas boas para a criança (...) então, esse programa vai ser uma coisa muito, bem-vinda, muito interessante. Que vai ensinar os alunos a se prevenir de várias doenças, que acontecem aqui (...)” (P5).

Por fim, os professores foram convidados a responder “Quais conhecimentos ou saberes sobre a educação em saúde são essenciais ao currículo dos professores da educação básica?”. Com isso, frente a essa realidade e das experiências vividas, sugeriram que a saúde na escola, deveria ser tratada como uma matéria/disciplina, conhecimentos e saberes na base curricular dos discentes das duas escolas como é apresentada no Quadro 1.

**Quadro 1.** Sugestões dos professores das escolas públicas de Marabá sobre conhecimentos/saberes essenciais ao currículo dos professores da educação básica.

<b>Escola A</b>	<b>Escola B</b>
Noções de Primeiros Socorros	Noções de Primeiros Socorros
Prevenção de Acidentes	Psicologia e Saúde
Inclusão no Currículo escolar; Educação e Escola.	Psicologia e Aprendizagem
Formação Permanente e Continuada, professores e comunidade escolar.	Educação Especial
Disciplina Saúde na Escola nas Graduações/Licenciaturas.	Orientação Sexual
Higiene e Saúde	Planejamento Familiar
Levantamento diagnóstico das Principais Doenças da Comunidade escolar.	Saúde da Mulher
Prevenção da DST's – Doenças Sexualmente Transmissíveis.	DST – Doenças Sexualmente Transmissíveis
Possibilitar palestras com especialistas.	Sexismo – Homofobia
Violência	Saúde Mental e Emocional
Saúde Bucal	Gravidez na Adolescência
Disponibilizar material Informativo sobre os assuntos de saúde.	Diálogo e Comunicação

Fonte: Dados dos autores.

O desenvolvimento das oficinas evidencia realidades semelhantes entre as escolas, e ao mesmo tempo apresentam limitações distintas. Os desafios quanto a questão do ensino

aprendizagem e o próprio entendimento de saúde na escola se relacionam diretamente com a realidade vivida de cada professor.

A formação de professores em educação em saúde deve ser priorizada, para que os processos de ensino e aprendizagem com essa temática transversal sejam efetivos no ambiente escolar (SILVA *et al.*, 2017). Portanto, a capacitação de professores para ensinar e aprender promoção e educação em saúde deve ser permanente, necessariamente ligada a uma ação dinâmica, ininterrupta e atualizada (IERVOLINO, PELICIONI, 2005).

As sugestões descritas quanto aos conhecimentos ou Saberes sobre a Educação em Saúde, essenciais ao currículo dos professores da educação básica e o trabalho das colagens confeccionados na Oficina tornam notória esta emblemática realidade das escolas públicas. A escuta e o diálogo entre os agentes do PSE numa relação horizontal são imprescindíveis para que haja comprometimento dos envolvidos, desde o planejamento, execução, monitoramento e avaliação das atividades.

Portanto, nossos resultados reafirmam que o PSE se constitui como um importante “espaço e oportunidade para discutir, conceituar, aprender, desenvolver e fazer crescer o ideário da promoção da saúde” (LIMA, LOBO, 2017, p.31).

É importante destacar também que a atuação da universidade junto à escola e seus atores trouxe uma nova experiência acadêmica para os alunos de graduação em saúde Coletiva, bem como uma possibilidade de futura inserção no mercado. Para Maia *et al.* (2015), a interação entre diferentes contextos escolares assume papel importante na formação acadêmica de maneira mais abrangente e reflexiva da sociedade.

Essa é uma premissa reforçada pelas regras de adesão ao PSE vigentes, na qual enfatiza a necessidade de formação dos gestores e das equipes de educação e de saúde que atuam no PSE de maneira contínua e permanente (BRASIL, 2013), bem como um espaço novo, voltado à humanização e à qualificação da atenção à saúde (OTTONI, 2015).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Programa Saúde na Escola (PSE) é uma política interministerial desde de 2007, instituída pelos Ministérios da Saúde e Educação, que ainda não foi concretizada efetivamente no município de Marabá. Observamos demandas e necessidades de formação dos professores da educação básica em educação em saúde importantes que permeiam o sucesso do PSE nas duas escolas analisadas. Um aspecto importante é que as percepções dos professores sobre a saúde na escola estão intrinsecamente interligadas pelos problemas sociais presentes no cotidiano de seus alunos.

Por outro lado, assim como Silva; Ribeiro; Andrade (2018), encontramos dificuldades de logística em trabalhar a saúde na escola ainda que o PSE seja um programa nacionalmente consolidado, mas ainda com ações pontuais e pouco abrangentes.

Além das necessidades de implementar no próprio currículo os conhecimentos e saberes da saúde, faz-se necessário repensar o planejamento pedagógico da escola para que as ações do PSE possam trazer resultados reais aos alunos e comunidade escolar. Enfim, possibilitar essa visualização ampliada de saúde, possibilitará uma reflexão sobre os problemas de saúde que influenciam diretamente na qualidade de vida e também no processo ensino-aprendizagem dos alunos.

## AGRADECIMENTOS

Fundação de Amparo à Pesquisa – FAPESPA. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação PIBIC 2017, UNFIESSPA.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, O. M. R.; BERBEL, N. A. N.; MARTINS, A. M.; MELIS, M. F. M. S.; AGUIAR, M. C. C. Formação acadêmica para promover saúde: uma proposta inovadora. **Em Extensão**, v. 16, n. 2, p. 9-24, 2017.

BOMFIM, A. M. A.; SOUZA, M. E. C. A.; ROCHA, M. C. G.; PORTO, V. F. A.; LIMA, E. B.; MESQUITA, T. M. Recurso lúdico no processo de educação em saúde em crianças de escolas públicas de Alagoas: relato de experiência. **Interfaces - Revista de Extensão**, v. 3, n. 1, p.117-121, 2015.

BRASIL. **Lei n.º 5.692, de 11 de agosto de 1971.** Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília - DF, 1971. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 29 nov. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007.** Institui o Programa Saúde na Escola - PSE, e dá outras providências. Brasília, D.O.U. 6/12/2007. Brasília – DF, 2007. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm). Acesso em: 29 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Instrutivo PSE.** Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 1.413, de 10 de julho de 2013.** Redefine as regras e critérios para adesão ao Programa Saúde na Escola (PSE) por Estados, Distrito Federal e Municípios e dispõe sobre o respectivo incentivo financeiro para custeio de ações. Brasília - DF, 2013. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/pri1413\\_10\\_07\\_2013.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/pri1413_10_07_2013.html). Acesso em: 29 nov. 2020.

DIAS, P. C.; HENRIQUES, P.; ANJOS, L. A. dos; BURLANDY, L. Obesidade e políticas públicas: concepções e estratégias adotadas pelo governo brasileiro. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 33, n. 7, 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2017000705001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2017000705001&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 29 nov. 2020.

FARIAS, I. C. V.; SÁ, R. M. P. F.; FIGUEIREDO, N.; FILHO, A. M. Análise da Intersetorialidade no Programa Saúde na Escola. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 40, n. 2, p. 261-267, 2016.

LIMA, A. H. G.; LOBO, H. N. C. C. Promoção de saúde e programa de saúde na escola: reflexões com base em professores de educação física escolar. **Universitas: Ciências da Saúde**, v. 15, n. 1, p. 27-31, 2017.

MAIA, G. L. A.; MOURATO, M. G. S.; NASCIMENTO JÚNIOR, B. J. Saúde e Educação: o uso de metodologias lúdicas no ensino e na promoção da saúde. **Extramuros – Revista de Extensão da UNIVASF**, v.3, n.1, p. 340-354, 2015.

MORGAN, D. L. **Focus group as qualitative research.** London: Sage, 1997.

OTTONI, H.F. LiTRE-Saúde: promovendo o conceito de saúde junto à população de Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. **Em Extensão**, Uberlândia, v. 14, n. 2, p. 164-173, 2015.

SILVA, D. M.; RIBEIRO, I. B. L.; ANDRADE, A. J. M. Promoção de saúde ocular para educandos do ensino fundamental: avanços e desafios do Programa Saúde na Escola e extensão universitária. **Extramuros – Revista de Extensão da UNIVASF**, Petrolina, v. 6, n. 2, p. 135-149, 2018.

SILVA, L. G. M.; FERREIRA, T. J. O papel da escola e suas demandas sociais. **Periódico Científico Projeção e Docência**, v. 5, n. 2, p. 6-23, 2014.

SILVA, R. P. N.; LARA, S.; COPETTI, L. K.G.; SOARES, M. C. Concepções de Professores Sobre os Processos de Educação em Saúde no Contexto Escolar. **Contexto & Educação**, ano 32, n. 103, 2017

**Artigo recebido em** 21 de março de 2020.

**Artigo aprovado em** 15 de dezembro de 2021.

## **O CONTO QUE AS CAIXAS CONTAM: RELATOS DE UM PROJETO DE “CONTAÇÃO” DE HISTÓRIAS**

### **THE TALE THAT THE BOXES TELL: REPORTS FROM A STORYTELLING PROJECT**

### **EL CUENTO QUE LAS CAJAS CUENTAN: INFORMES DE UN PROYECTO DE "NARRACIÓN" DE HISTORIAS**

Janayna Alves Brejo<sup>1</sup>

#### **RESUMO**

Este texto relata a trajetória do Projeto de Extensão O CONTO QUE AS CAIXAS CONTAM que realiza há quatro anos, variadas “contações” de histórias cujo enredo está presente em emocionantes livros de Literatura Infantil e Juvenil. O Projeto tem como objetivo apresentar aos(as) discentes da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais, possibilidades e estratégias para se trabalhar com a “contação” de histórias, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. A metodologia engloba três etapas: o estudo e a seleção dos livros; a produção de material didático, isto é, a confecção das caixas para as narrativas e, finalmente, as “contações”. Para a construção das caixas e dos personagens, são reutilizados diversos materiais, ressaltando a responsabilidade social e a necessária consciência ambiental. As apresentações ocorrem de maneira lúdica, nas salas de aula, em aberturas de seminários, conferências e atividades diversas. O referencial teórico pauta-se nos estudos de: Brejo (2019), Cosson (2018) e Gregorin Filho (2009), buscando demonstrar que a presença da literatura na escola é fundamental para a formação literária das crianças. Os resultados apontam que o trabalho vem contribuindo para a ampliação do repertório de Literatura Infantil e Juvenil daqueles que presenciam as “contações”.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil e Juvenil; Narrativas Literárias; Contação de Histórias.

#### **ABSTRACT**

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Professora da Faculdade de Educação/Campus Belo Horizonte da Universidade do Estado de Minas Gerais- FaE/CBH/UEMG. E-mail para contato: [janayna.alves@uemg.br](mailto:janayna.alves@uemg.br).

This text reports the trajectory of the Extension Project called THE TALE THAT THE BOXES TELL, which has been carrying out diverse storytelling sessions whose scenario is based on exciting books of Children and Youth Literature. The purpose of the Project is to introduce students of the Faculty of Education of the Minas Gerais State University to possibilities and strategies on working with storytelling in early childhood education and in the early years of elementary school. The methodology comprises three stages: the study and selection of books; the production of didactic material, i.e. making boxes for each narrative, and finally storytelling. In order to make boxes and characters, several materials are reused, emphasizing social responsibility and the necessary environmental consciousness. The presentations take place in a playful way: at classrooms, opening of seminars, conferences and various activities. The theoretical framework is based on the studies of Brejo (2019), Cosson (2018) and Gregorin Filho (2009), seeking to demonstrate that the presence of literature in school is fundamental for children's literary background. The results point out that the work has contributed to the expansion of Children and Youth Literature's repertoire for those who attend storytelling sessions.

**Keywords:** Children and Youth Literature; Literary Narratives; Storytelling.

## RESUMEN

Este texto informa la trayectoria del Proyecto de Extensión EL CUENTO QUE LAS CAJAS CUENTAM, que ha estado llevando a cabo hace cuatro años, varias "narraciones" cuya historia está presente en emocionantes libros sobre literatura infantil y juvenil. El propósito del Proyecto es presentar a los estudiantes de la Facultad de Educación de la Universidad del Estado de Minas Gerais, las posibilidades y estrategias para trabajar con la narración de cuentos, en la educación de la primera infancia y de la escuela primaria. La metodología consta de tres etapas: el estudio y la selección de libros; la confección y producción de material didáctico, y finalmente, "relatos". Para la construcción de cajas y personajes, se reutilizan diversos materiales, enfatizando la responsabilidad social y la conciencia ambiental necesaria. Las presentaciones son de manera lúdica, en las clases, en seminarios, conferencias y diversas actividades. Los estudios teóricos son de: Brejo (2019), Cosson (2018) y Gregorin Filho (2009), que buscan demostrar que la presencia de literatura en la escuela es fundamental para la formación literaria de los niños. Los resultados señalan que el trabajo ha contribuido a la expansión del repertorio de literatura infantil y juvenil de los que presencian los cuentos.

**Palabras clave:** Literatura infantil y juvenil; Narrativas literarias; Cuentacuentos.

## INTRODUÇÃO

A trajetória como professora no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, Campus Belo Horizonte da Universidade do Estado de Minas Gerais - FaE/CBH/UEMG, onde

leciono a disciplina “Língua Portuguesa: conteúdos e metodologias na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental”, bem como de assessora pedagógica de uma editora de livros direcionados ao público infantil e juvenil, tem permitido perceber que, muitas vezes, quando o(a) acadêmico(a) do curso de pedagogia entra em contato com um livro de Literatura Infantil, pergunta para si mesmo: o que posso trabalhar a partir desse texto narrativo? Como esse livro poderá contribuir para a construção dos conhecimentos dos(as) alunos(as) da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental?

E qual seria o motivo de tais inquietações?

As possíveis respostas para esses questionamentos estão na existência de uma grande preocupação, por parte desse(a) futuro professor(a), em contribuir com a aprendizagem de sua turma, buscando oferecer uma verdadeira experiência a partir da literatura como patrimônio cultural e social.

Mas o que seria isso, verdadeira experiência?

Seria a possibilidade de vincular no momento em que lemos uma história para as crianças: o prazer ao aprender, o imaginário ao real, o lúdico ao poético, o saber ao construir, ao compartilhar, ao doar-se, ao conhecer-se a si e ao outro. Seria então, um momento de entrega à leitura e/ou à escuta da narrativa, de maneira profunda, intensa e propícia para construir novos saberes.

Foi dessa forma que surgiu a ideia de escrever e coordenar o Projeto de Extensão intitulado: “O CONTO QUE AS CAIXAS CONTAM: trabalhando com as narrativas literárias na prática pedagógica” cuja proposta é auxiliar estudantes do curso de Pedagogia da FaE/CBH/UEMG a desvendarem as narrativas literárias, apresentando, para isso, estratégias capazes de motivá-los(as) em seu trabalho com a Literatura Infantil e Juvenil no espaço escolar, para que assim, tenham condições de propiciar uma real experiência das crianças da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental com o mundo da leitura.

## **REFLEXÕES SOBRE UM COSTUME MILENAR: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**

Desde que o ser humano existe, este tem o hábito de contar casos e de usar a imaginação para explicar ou ensinar fatos da vida cotidiana. É por isso que todos nós, possuímos a capacidade de ser contadores(as) de histórias para as crianças, seja a partir da leitura de um livro ou da memorização da narrativa, tendo em vista que a arte de contar é propriedade humana.

A autora Joana Cavalcanti (2002) considera o ato de contar histórias uma arte milenar, pois este costume é tão antigo quanto o próprio homem.

Não é por acaso que existe aquela expressão: “quem ouve contos janta”, pois os contos sempre ocuparam um lugar importante dentro das práticas sociais e culturais dos povos, sustentando desejos, acalentando sonhos e trazendo a esperança de superar problemas do corpo e da alma. Com certeza, pelo menos uma vez na vida, já ouvimos uma história e tivemos a sensação de estarmos alimentados... nutridos: pelo texto, pelas imagens, pela trama que a história nos convidou a vivenciar.

Pois bem, é por esse motivo que as narrativas literárias colaboram para que as crianças construam, pouco a pouco, a sua identidade e a sua própria visão a respeito dos fatos. Mesmo porque, é durante as “contações” que elas desenvolvem a capacidade de refletir e de imaginar ao adentrar no texto narrado.

No entanto, para que isso ocorra, é necessário que sejamos contadores(as) dispostos(as) a trazer a magia por meio da nossa palavra, demonstrando assim, disposição e motivação a partir da entonação de voz e do entusiasmo que existe dentro de nós. É preciso ainda, preparar um ambiente aconchegante: sala de aula, quarto, pátio, jardim, entre outros, bem como estabelecer um vínculo com os nossos ouvintes.

Essa preparação do local para se contar histórias existe desde os primórdios, ou seja, desde a época em que os homens habitavam as cavernas, pois eles já faziam as pinturas

rupestres e assim contavam e registravam suas narrativas. É por isso que existia o costume de se realizar “contações” ao redor do fogo ou da água, conforme a estação do ano. Segundo Cavalcanti (2002) a fogueira trazia um sentimento de proteção, pois junto ao fogo se estava protegido dos animais e dos perigos do mundo. Já um riacho, uma fonte, uma lagoa, despertavam a sensação de purificação e de afastar os acontecimentos ruins.

Entre os hábitos mantivemos, e que também está ligado à tradição milenar é o de contar histórias à noite. Este fato se explica porque muitas pessoas acreditavam que esse seria o melhor horário, considerando que a escuridão esconde segredos improváveis de serem revelados antes do pôr do sol.

Dessa forma, os contos clássicos como A Bela Adormecida, Cinderela, O Gato de Botas, João e Maria, ou um pouco mais contemporâneas como O sítio do Picapau Amarelo e O Pequeno Príncipe retratam muito mais que narrativas fantasiosas, tendo em vista que demonstram os modos de ser, de pensar e de viver das sociedades, isto é, seus costumes, seus valores, suas crenças. Escutando essas histórias, as crianças entram em contato com a fantasia e, ao mesmo tempo, fazem relação com os fatos que ocorrem no cotidiano.

A contação de histórias, portanto, vai além do efêmero, daquilo que dura somente um instante ou apenas um dia, significa conhecimento para toda a vida. De acordo com Gregorin Filho:

[...] as crianças continuam entrando em contato com os mesmos discursos que os adultos, como acontecia anteriormente ao surgimento da pedagogia e à criação do universo infantil, só que com uma grande diferença. A diferença é que hoje há um conhecimento mais amplo das etapas de desenvolvimento da criança e um respeito às competências que cada uma dessas etapas comporta (GREGORIN FILHO, 2009, p. 111).

Assim, ao contar histórias para uma criança, devemos respeitar o que a ela já sabe, ou seja, suas vivências e a sua forma de olhar o mundo, pois este é o ponto chave para que novos

saberes sejam construídos a partir da Literatura Infantil e Juvenil. Tal “contação” deve ser um momento de troca de informações entre contador(a) e ouvinte, em que o(a) narrador(a) conta a história e a criança desfruta da narrativa, imaginando e construindo significados para a leitura.

Foi pensando em tudo isso que o Projeto O CONTO QUE AS CAIXAS CONTAM surgiu com o objetivo de auxiliar o(a) acadêmico(a) do curso de Pedagogia da FaE/CBH/UEMG em seu trabalho com as narrativas literárias no ambiente escolar, considerando que este(a) precisa ter consciência de que seu papel é fundamental na escolha dos livros que apresentará aos seus futuros(as) alunos(as), haja vista que é necessário observar a qualidade textual, bem como se as adaptações realizadas pelos autores não deturpam e/ou distorcem o sentido da história.

Muito embora o ato de ler uma narrativa possa parecer tarefa simples, tal ação consiste em uma grande responsabilidade por parte do(a) professor(a), pois a leitura literária é um movimento artístico, estético que se configura em um importante instrumento não somente para socialização da criança e para a construção de valores humanos, mas ainda para o entendimento de que é papel da literatura “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2018).

A partir disso, é possível perceber que na escola, o(a) professor(a) é o responsável pela entrada das crianças no mundo da leitura, sendo então o(a) mediador(a) que proporcionará a elas as primeiras experiências com os textos literários nesse ambiente.

Para tanto, é tarefa desse educador(a) não somente conhecer as narrativas com as quais se propõe a trabalhar e estar atento à qualidade dessas obras, é necessário que saiba também, como realizar adequadamente a chamada “escolarização da Literatura Infantil” (SOARES, 2003) de modo a incentivar a construção do letramento literário no espaço escolar.

Deste modo, ao se pensar no trabalho com a Literatura Infantil na escola, é importante destacar que esse pressupõe a escolarização. Por isso, se faz necessário que tal escolarização seja realizada de maneira adequada, ou seja, respeitando a integridade da obra, pois não é pertinente fazer mudanças no enredo ou saltar partes da história com o intuito de facilitar o entendimento ou de traduzir para uma linguagem mais acessível. As narrativas precisam ser apresentadas para as crianças sem reduções ou modificações, isto é, devem ser lidas da maneira como foram escritas por seus autores, tendo em vista que é incorreto subestimar as crianças, partindo do princípio que é necessário simplificar ou substituir palavras para que sejam capazes de compreender.

Dizendo de outra maneira, quando se opta por escolarizar a literatura é preciso trazê-la para a sala de aula respeitando sua forma, sua arte, sua essência, e são esses os caminhos que o Projeto de Extensão O CONTO QUE AS CAIXAS CONTAM busca trilhar e conquistar.

### **CONTEXTUALIZANDO O PROJETO O CONTO QUE AS CAIXAS CONTAM**

Acreditando que o primeiro passo para que o(a) futuro(a) professor(a) contribua para a formação literária das crianças na perspectiva do letramento é demonstrar aos estudantes da FaE/CBH/UEMG diversas maneiras de contar histórias, na busca de prepará-los(as) para transformar a sociedade por meio da literatura e da interpretação das práticas sociais, o Projeto de Extensão O CONTO QUE AS CAIXAS CONTAM nasceu com o intuito de realizar “contações” e confecções de caixas de histórias, a partir de livros de Literatura Infantil e Juvenil diversos, cujos exemplares são selecionados criteriosamente pela professora orientadora juntamente com duas alunas bolsistas.

O CONTO QUE AS CAIXAS CONTAM faz parte do Programa Institucional de Apoio a Projetos de Extensão da Universidade do Estado de Minas Gerais - PAEx/UEMG, uma vez que participou dos Editais PAEx de 2017, 2018, 2019 e 2020. Deste modo, as alunas bolsistas são responsáveis por “retirar” o Projeto do papel, trazendo-o para a realidade.

O Projeto comporta dois eixos de trabalho que se intercomunicam: a narração, isto é, a realização da “contação” de histórias e a produção de material didático, ou seja, a construção das caixas de histórias com os seus respectivos personagens. Por isso a necessária participação de duas bolsistas, sendo a tarefa principal da primeira, a “contação” das histórias que estão dentro das caixas e da segunda, dar vida aos objetos que fazem parte da narrativa; ambas, participam da elaboração de materiais didáticos, que implicam na confecção das caixas e dos demais objetos.

Por tudo isso, esses momentos de “contação” de histórias constituem-se em grande aprendizado tanto para as bolsistas, quanto para seu público que tem a oportunidade de pensar, de imaginar e de refletir, uma vez que as histórias oferecem um repertório que possibilita trabalhar as “múltiplas linguagens” da criança, sejam elas: visual, oral, escrita, das artes cênicas, entre outras...

Assim, a linguagem visual é trabalhada por meio da observação das cores, das ilustrações e dos objetos presentes nas caixas de histórias; a oral, quando a criança se expressa a partir da contação concordando, discordando e/ou fazendo apontamentos sobre a narrativa escutada; a escrita, ao ter contato com o texto e entender que o que está sendo falado, está escrito em cada página; a das artes cênicas quando, espontaneamente, ela teatraliza a narrativa, imaginando ser um ou mais personagens.

### **NOS TRILHOS DOS CONTOS E DAS CAIXAS: OBJETIVOS**

Possibilitar aos estudantes e aos docentes do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, Campus Belo Horizonte da Universidade do Estado de Minas Gerais - FaE/CBH/UEMG, bem como à comunidade em geral, diferentes maneiras e estratégias para se trabalhar com as narrativas literárias na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental a partir da “contação” de histórias, utilizando para isso, caixas de histórias confeccionadas com materiais diversos, principalmente, os reutilizáveis, ressaltando a

responsabilidade social e a importância da educação ambiental, configura-se como o principal objetivo do Projeto O CONTO QUE AS CAIXAS CONTAM.

Além desse, o Projeto possui ainda a intenção de:

- Priorizar o desenvolvimento da autonomia dos(as) estudantes a partir de uma abordagem pedagógica que possibilite a independência dos(as) discentes em sua relação com Literatura Infantil e Juvenil.
- Discutir as interfaces da produção cultural para a criança, analisando as relações que se estabelecem entre as obras literárias e outros produtos culturais.
- Discutir a Literatura Infantil e Juvenil e sua inserção no universo escolar (re)conhecendo as práticas pedagógicas que circulam e colaboram na formação de leitores e do letramento literário.
- Colaborar com as demais áreas do conhecimento e do saber, inserindo a prática da Literatura Infantil e Juvenil em um processo interativo com vistas à formação global dos(a) aluno(as).
- Realizar “contações” de histórias periódicas em aberturas de seminários, conferências, encontros e atividades diversas ocorridas dentro da FaE/CBH/UEMG, bem como em outros espaços educacionais, utilizando como metodologia O CONTO QUE AS CAIXAS CONTAM.
- Construir um pequeno acervo com caixas de histórias literárias, que estará à disposição dos(as) estudantes e docentes da FaE/CBH/UEMG, bem como de pesquisadores individuais e demais instituições que tenham interesse em conhecer o trabalho desenvolvido.
- Dar seguimento às parcerias, estabelecidas entre o Projeto O CONTO QUE AS CAIXAS CONTAM e algumas instituições Municipais e Estaduais de ensino, desenvolvendo “contações” de histórias com o intuito de auxiliar os(as) professores(as) da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental a contarem histórias de forma lúdica e adequada.

- Realizar formações para docentes de escolas de Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental tendo como base as histórias das caixas, buscando contribuir para o aperfeiçoamento do trabalho a ser desenvolvido dentro do campo da Literatura Infantil e Juvenil.
- Participar de Mostras Literárias organizadas pelas equipes escolares de escolas de educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, como ocorreu, por exemplo, nos anos de 2018 e de 2019 na Escola Municipal de Educação Infantil- EMEI “Vila Conceição” e na Escola Municipal “Professor Amílcar Martins”, ambas localizadas na cidade de Belo Horizonte/MG.
- Confeccionar caixas com narrativas nacionais, isto é, com histórias de autores brasileiros que apresentem personagens de todas as etnias, colocando assim, outras obras literárias em situação de igualdade com aquelas que já possuem um espaço dentro do nosso repertório literário.
- Realizar minicursos tendo como público participante tanto estudantes de Pedagogia ou de outros cursos da UEMG, quanto professores(as) de escolas públicas e particulares que lecionam na Educação Básica.

Tendo em vista os objetivos descritos, o Projeto também se propõe a:

- Desenvolver uma metodologia de “contação” de histórias, a partir de caixas, que seja capaz de auxiliar não somente os(as) estudantes do Curso de Pedagogia da FaE/CBH/UEMG em seu trabalho com as narrativas literárias junto aos seus(as) futuros(as) alunos(as), mas também despertar o “gosto” pela “contação” de histórias em demais professores(as) das escolas de públicas e privadas da grande Belo Horizonte que participarem desta iniciativa.
- Estimular e gerar no público participante: disposição, motivação e entusiasmo pelas atividades realizadas, despertando assim o interesse pela leitura a partir do Projeto O CONTO QUE AS CAIXAS CONTAM.
- Formar leitores multiplicadores.

E, por fim, contribuir com a ampliação do repertório de Literatura Infantil e Juvenil do corpo discente e docente da FaE/CBH/UEMG, bem como de educadores(as) e pesquisadores(as) que venham a participar dos momentos de “contação”.

### **O CONTO QUE AS CAIXAS CONTAM: UMA METODOLOGIA**

A metodologia O CONTO QUE AS CAIXAS CONTAM consiste em selecionar narrativas literárias que fazem parte da Literatura Infantil e Juvenil, e a partir delas confeccionar diferentes caixas de histórias, sempre respeitando o enredo original e seus autores, conforme segue:

- Leitura, análise e seleção criteriosa dos textos literários, priorizando as contribuições que estes poderão trazer para o público envolvido.
- Produção de material didático que se configura na confecção de caixas de histórias que são construídas com matéria prima reutilizável, a saber: garrafas pet, rolos internos de papel higiênico, caixas de papelão, plásticos, papéis, entre outros.
- Confecção dos objetos e personagens das histórias que são colocados dentro da caixa. Os personagens são confeccionados (em papel, feltro, massinha, entre outros) de acordo com a criatividade das bolsistas, tendo a supervisão da professora orientadora.
- Ensaios das narrativas por parte das duas bolsistas.
- Realização das apresentações: em aberturas de seminários, conferências, encontros e atividades diversas ocorridas dentro da FaE/CBH/UEMG e em outros espaços educacionais.

É oportuno salientar que antes de dar início à confecção das caixas, bem como às apresentações, as bolsistas de extensão passam por formação pedagógica ministrada pela professora orientadora que, a partir de textos e aulas práticas, trabalha os requisitos necessários para se contar histórias, com propriedade, criatividade e responsabilidade.

Finda esta etapa, tem início a construção das caixas que são utilizadas durante as “contações”.

Diante disso, tem-se como pretensão, após termos uma gama de caixas de histórias confeccionadas, organizar um acervo cujo intuito é disponibilizar esse material não somente para estudantes e professores(as) da FaE/CBH/UEMG, como também para alunos(as) de outras escolas e para pesquisadores(as) individuais e das instituições que dele se interessarem, haja vista que é preciso propiciar e estimular espaços de desenvolvimento de pesquisas nessa área, bem como para o aprimoramento do trabalho com a Literatura Infantil e Juvenil.

### **O PERCURSO DO PROJETO**

O CONTO QUE AS CAIXAS CONTAM nasceu em 2017, ano em que foram confeccionadas as três primeiras caixas de histórias: Os três porquinhos, Rapunzel e O Soldadinho de Chumbo. Todas as apresentações aconteceram de forma lúdica e criativa, com o objetivo de despertar no público o gosto pela Literatura Infantil e também incentivar os(as) acadêmicos(as) do Curso de Pedagogia da FaE/CBH/UEMG a contar histórias de forma coerente, comprometida e descontraída.

As “contações” foram periódicas e aconteceram dentro da FaE e ainda em outros espaços, como por exemplo, em escolas da rede pública e particular que se interessaram pelo trabalho e solicitaram as apresentações.

Durante a semana da criança em outubro de 2017, o Projeto recebeu o convite e apresentou-se na Escola Municipal de Educação Infantil “Cafezal”. As histórias trabalhadas foram “Rapunzel e Os três porquinhos”, o público assistiu às “contações” com bastante atenção, alegria e entusiasmo.

Já no mês de novembro de 2017 o Projeto foi convidado a participar, no Instituto de Educação de Minas Gerais - IEMG, da “Semana de Educação para a vida” dentro do Eixo: Diversidade, Direitos Humanos e Inclusão, realizando assim, apresentações para os Terceiros anos do Curso Normal/Magistério. Foi uma experiência muito interessante, uma vez que permitiu perceber que O CONTO QUE AS CAIXAS CONTAM era capaz de auxiliar na

formação não somente de estudantes da FaE/CBH/UEMG, mas também de outras instituições de ensino.

No segundo ano do Projeto, em 2018, as bolsistas reformaram as caixas de histórias já existentes. Nelas foram refeitos alguns objetos já desgastados pelo uso, e construídos outros, no intuito de aprimorar as narrativas. Após essas reformas, as alunas confeccionaram de forma gradativa outras três caixas, sendo respectivamente: A Galinha Ruiva, Branca de Neve e O lobo e os três cabritinhos.

Durante dois anos, isto é, em 2017 e 2018 o Programa Institucional de Apoio a Projetos de Extensão da Universidade do Estado de Minas Gerais - PAEx/UEMG, destinou prêmio em dinheiro para alguns projetos participantes dos Editais PAEx de 2017 e 2018, onde O CONTO QUE AS CAIXAS CONTAM fez jus, por duas vezes, à premiação concedida pelos citados editais.

Os prêmios incentivaram, ainda mais o desenvolvimento do Projeto, tendo em vista que os recursos foram utilizados com responsabilidade e afinco por sua equipe em prol das “contações”. Assim, foram adquiridos materiais de uso diário para confecção das caixas de histórias tais como: tesoura, cola, barbantes, durex, palitos, tecidos, entre outros; além de pen drives para gravação da filmagem das histórias; cortina para decorar o cenário; camisetas para as bolsistas vestirem durante as “contações”; e principalmente, custeio de transporte, uma vez que foram atendidas muitas demandas fora da FaE/CBH/UEMG.

O incentivo financeiro por parte da UEMG foi muito importante, pois ao lado do nosso empenho e trabalho, este configurou-se como uma “mola propulsora” para o crescimento do Projeto, que em 2018, expandiu de uma forma que jamais se havia imaginado, considerando que foram um total de 30 (trinta) apresentações com a participação de 1645 (mil seiscentas e quarenta e cinco) pessoas, estando entre elas: crianças, jovens, adultos e idosos.

Ainda em 2018, o Projeto recebeu muitos convites e apresentou-se em diversas instituições escolares, tais como: Escolas Municipais de Educação Infantil: Capivari, Santa Amélia e Vila Conceição; Escola Municipal Professor Amílcar Martins, Escola Municipal Maria de Rezende Costa, entre outras.

Na EMEI Vila Conceição, além da realização das “contações” das histórias: “A Galinha Ruiva”, “Os Três Porquinhos” e “O lobo e os três cabritinhos” para as crianças, o Projeto realizou uma formação para professoras tendo como base as histórias “A Galinha Ruiva” e “O Soldadinho de chumbo”. Na mesma instituição, durante uma Mostra Literária organizada pela equipe escolar, a professora orientadora foi homenageada por sua contribuição dentro do campo da Literatura Infantil e Juvenil.

Em 2019, terceiro ano de desenvolvimento do Projeto, este prosseguiu com a articulação entre universidade e sociedade, por meio de apresentações abertas ao público ocorridas dentro e fora UEMG. A professora orientadora foi contemplada com uma bolsa, cujo auxílio recebido veio como mais um incentivo e, principalmente, como valorização de seu trabalho. Assim como nos anos anteriores, foram desenvolvidas diversas apresentações de maneira interdisciplinar e com um olhar atento às demandas sociais.

Para comemorar seus três anos de existência, teve ainda como proposta trabalhar também com as narrativas nacionais, isto é, de autores brasileiros. Dentro desse contexto, além das histórias já consagradas como: a Galinha Ruiva, Branca de Neve, O Lobo e os três Cabritinhos, O Soldadinho de Chumbo, Os Três Porquinhos e Rapunzel, ofereceu ao público, novos contos como “A África de Dona Biá” de autoria de Fábio Gonçalves Ferreira, sendo essa uma história de origem africana e “O sopro da vida” do escritor indígena Kamuu Dan Wapichana.

Em seu terceiro ano de atividades, o Projeto expandiu de uma forma que jamais se havia imaginado, uma vez que atingiu um público de 2809 (dois mil oitocentas e nove) pessoas, estando entre elas: crianças, jovens, adultos e idosos.

Tudo isso graças ao grande número de convites que recebeu, apresentando-se assim, não somente dentro da UEMG, mas também em diversas instituições como: Escolas Municipais de Educação Infantil: Capivari, Santa Amélia, Universitário, Vila Conceição; Escolas Estaduais: Instituto de Educação, Escola Lúcio dos Santos; Participou novamente, como no ano anterior, de Mostras Literárias: na Escola Municipal Professor Amílcar Martins e na EMEI Vila Conceição; Esteve também presente na comemoração dos 30 anos da UEMG na Escola de Design - Praça da Liberdade; E, para finalizar, fechou o ano com “chave de ouro” em uma belíssima apresentação no Palácio das Artes, um local referência em Belo Horizonte por propiciar momentos únicos de manifestações artísticas diversas e diferenciadas.

E não parou por aí, O CONTO QUE AS CAIXAS CONTAM em 2020, o Projeto trouxe uma nova proposta que consiste em realizar minicursos tendo como público participante tanto estudantes de Pedagogia ou de outros cursos da UEMG, quanto professores(as) de escolas públicas e particulares que lecionam na Educação Básica.

### **ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO**

O sistema de acompanhamento e a avaliação da execução do Projeto ocorrem por meio dos seguintes passos e ações:

1º passo: participação das bolsistas na formação sobre Literatura Infantil e “contação” de histórias oferecida pela professora orientadora, intitulada “Contar histórias uma arte milenar”.

2º passo: revisão de literatura, isto é, leitura de textos, vídeos/curtas e filmes acerca do tema para aprimoramento da temática.

3º passo: seleção dos livros de Literatura Infantil e Juvenil que farão parte do projeto.

4º passo: levantamento dos materiais necessários para a confecção das respectivas caixas.

5º passo: confecção e elaboração de materiais didáticos, que se configuram em “caixas de histórias” construídas com matéria prima reutilizável.

6º passo: estudos e ensaios das histórias das caixas já confeccionadas.

7º passo: escrita de relatórios mensais sobre as ações realizadas, apontando as conquistas e os pontos a serem melhorados.

8º passo: reuniões semanais com a equipe do Projeto.

9º passo: avaliação realizada ao término das “contações” de histórias, na busca de saber se a metodologia O CONTO QUE AS CAIXAS CONTAM é capaz de auxiliar estudantes e professores(as) em seu trabalho com as narrativas literárias. Tal avaliação é respondida por escrito por cada participante tendo por base as seguintes questões: 1. O que você achou: a) da narração; b) da encenação; 2. O trabalho é criativo e tem originalidade? Por quê? 3. Esta atividade contribuiu para a sua formação acadêmica e/ou profissional? Após o público responder esse questionário, são analisadas e tabuladas todas as respostas, para que assim seja possível aprimorar as futuras ações do Projeto.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho realizado até aqui demonstrou o quanto é necessário o envolvimento da Universidade com a Literatura Infantil e Juvenil. Mesmo porque, a partir de simples “contações” de histórias, damos às pessoas e, principalmente às crianças, a oportunidade de pensar nos comportamentos humanos, naquilo que gostariam ou não de ser, nas atitudes a serem tomadas, nos riscos, nas conquistas, nos progressos ou desconfortos que podem ser causados por suas escolhas, nos sonhos, nas fantasias, nas vitórias ou insucessos. Se estabelece, portanto, um processo de sinergia entre o leitor/contador(a) e os ouvintes, considerando que a narrativa proporciona o intercâmbio de experiências, sentimentos e saberes que possuem um papel transformador:

[...] pela possibilidade de as crianças viverem a alteridade, experimentarem sentimentos, caminharem em mundos distintos no tempo e no espaço em que vivem, imaginarem, interagirem com uma linguagem que muitas vezes sai do lugar-comum, que lhes permite conhecer novos arranjos e ordenações. Além de agenciar o imaginário das crianças, de penetrar no espaço lúdico e de encantar, a literatura é porta de entrada para o mundo letrado (CORSINO, 2010, p. 184).

Além disso, as narrativas literárias aliadas às “contações” de histórias como ocorrem em O CONTO QUE AS CAIXAS CONTAM apresentam diferentes possibilidades de enriquecimento intelectual, pessoal e social, pois ampliam a visão de mundo, estimulam o pensamento crítico, auxiliam na leitura fluente e aumentam o repertório de palavras, aprimorando o vocabulário seja qual for a idade dos participantes presentes.

Assim, quanto mais contamos histórias, quanto mais lemos, mais abrimos olhares, mais enriquecemos nossa linguagem, mais conhecemos as diferentes culturas e nos sentimos participantes do mundo a nossa volta. Daí a necessidade dessas questões serem exploradas no meio acadêmico por projetos de ensino, pesquisa e extensão.

## REFERÊNCIAS

BREJO, J. A. **O conto que as caixas contam:** trabalhando com as narrativas literárias na prática pedagógica. Programa Institucional de Apoio a Projetos de Extensão da Universidade do Estado de Minas Gerais - PAEx/UEMG. Belo Horizonte: Edital PAEx, 2019.

CAVALCANTI, J. **Caminhos da Literatura Infantil e Juvenil:** dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo: Paulus, 2002.

CORSINO, P. Literatura na educação infantil: possibilidades e ampliações. *In:* PAIVA, A.; MACIEL, F.; COSSON, R. (Coord.) **Literatura:** ensino fundamental. Brasília: MEC/SEB, 2010.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2018.

GREGORIN FILHO, J. N. Concepção de infância e Literatura Infantil. **Linha d'Água**, v. único, p. 107-113, 2009.

SOARES, M. A Escolarização da Literatura Infantil e Juvenil. *In*: EVANGELISTA, A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (Orgs.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

**Artigo recebido em** 15 de abril de 2020.

**Artigo aprovado em** 15 de dezembro de 2021.

**A EXPERIÊNCIA DE CRIAÇÃO DA LIGA ACADÊMICA DE  
PSICOLOGIA JURÍDICA DA UNIVASF (LAPJU)**

**THE EXPERIENCE OF CREATING THE UNIVASF LEGAL  
PSYCHOLOGY ACADEMIC LEAGUE (LAPJU)**

**LA EXPERIENCIA DE CREAR LA LIGA ACADÉMICA DE LA  
PSICOLOGÍA JURÍDICA UNIVASF (LAPJU)**

Amanda Moura Carvalho<sup>1</sup>  
Tamires de Lima Sousa Santos<sup>1</sup>  
Camilla Kelly Rodrigues dos Santos<sup>1</sup>  
Miriam Vitória Fernandes Tavares<sup>1</sup>

**RESUMO**

Atualmente não são todos os cursos de Psicologia que possuem discussões que englobam a Psicologia Jurídica, dentro desse cenário, as Ligas Acadêmicas (LA) surgem enquanto possibilidade de abordar o conteúdo e proporcionar o contato com o campo de atuação. Com isso, o presente trabalho tem como objetivo relatar acerca da experiência de criação da Liga Acadêmica de Psicologia Jurídica da UNIVASF, se valendo do método qualitativo de cunho descritivo-exploratório do tipo relato de experiência. A liga foi criada no segundo semestre de 2018, desse modo os resultados aqui apresentados equivalem ao primeiro ano de atividades da LAPJU. As atividades até então realizadas envolve reuniões para criação da LA, a seleção de ligantes, aulas abertas, workshops e realização de práticas extensionistas, como o grupo interventivo na Cadeia Feminina de Petrolina-PE. Desse modo, o que se pôde vivenciar até então se mostrou satisfatório, ao se levar em consideração os feedbacks dos participantes das atividades, além do retorno dos ligantes.

**Palavras-chave:** Psicologia Jurídica; Liga Acadêmica; Estudantes de Psicologia; Profissional de Psicologia.

**ABSTRACT**

Currently, not all Psychology courses have discussions involving Legal Psychology, within this scenario, as Academic Leagues (LA) emerge as a possibility to address the content and display contact with the field. Thus, the present work aims to report on the experience of creating the

---

<sup>1</sup> Estudantes de graduação de Psicologia na Universidade Federal do Vale do São Francisco. E-mail para contato: [amand\\_m06@hotmail.com](mailto:amand_m06@hotmail.com).

Academic League of Legal Psychology of UNIVASF, evaluating the qualitative method of descriptive-exploratory nature of the type of experience report. The league was created in the second half of 2018, so the results presented here are equivalent to the first year of LAPJU's activities. The activities until then involve meetings to create LA, a selection of binders, open classes, workshops and conducting extension practices, such as the intervention group in the Women's Chain of Petrolina-PE. Thus, what you can experience so far is satisfactory, taking into account the feedback from participants in the activities, in addition to the feedback from participants.

**Keywords:** Juridical Psychology; Academic League; Psychology Students; Psychology Professional.

### RESUMEN

Actualmente, no todos los cursos de Psicología tienen discusiones relacionadas con la Psicología Legal, dentro de este escenario, ya que las Ligas Académicas (LA) emergen como una posibilidad para abordar el contenido y mostrar contacto con el campo. Por lo tanto, este artículo tiene como objetivo informar sobre la experiencia de crear la Liga Académica de Psicología Legal de UNIVASF, evaluando el método cualitativo de naturaleza descriptiva-exploratoria del tipo de informe de experiencia. La liga se creó en la segunda mitad de 2018, por lo que los resultados presentados aquí son equivalentes al primer año de actividades de LAPJU. Las actividades hasta entonces incluyen reuniones para crear LA, una selección de carpetas, clases abiertas, talleres y prácticas de extensión, como el grupo de intervención en la Cadena de Mujeres de Petrolina-PE. Por lo tanto, lo que puede experimentar hasta ahora es satisfactorio, teniendo en cuenta los comentarios de los participantes en las actividades, además de los comentarios de los participantes.

**Palabras clave:** Psicología Legal; Liga Académica; Estudiantes de Psicología; Profesional de Psicología.

### INTRODUÇÃO

A Psicologia tem sua chegada no Brasil datada na década de 1960, desde então o desenvolvimento de suas mais diversas áreas se deram em todo o território brasileiro, em que vale ressaltar o enfoque na clínica tradicional. Contudo, para além da clínica, outras áreas surgem como possibilidades de atuação do profissional de psicologia, se mostrando enquanto campos em que há necessidade da presença de tal profissional. Dentre essas áreas, têm-se a psicologia jurídica enquanto área ainda considerada emergente nos dias atuais.

Lago *et al.* (2009) trazem que a história da atuação dos psicólogos brasileiros na área da Psicologia Jurídica teve seu início juntamente com o reconhecimento da profissão na década de 1960, e que tal inserção se deu de forma gradual e lenta, sendo por vezes de maneira informal a partir de trabalho voluntários. No que tange à área acadêmica, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro foi a pioneira em relação à Psicologia Jurídica, sendo criada, em 1980, uma área de concentração dentro do curso de especialização em Psicologia Clínica (LAGO *et al.*, 2009).

No tocante às atribuições do profissional de Psicologia, o CFP traz que:

Atua no âmbito da Justiça nas instituições governamentais e não-governamentais, colaborando no planejamento e execução de políticas de cidadania, direitos humanos e prevenção da violência. Para tanto, sua atuação é centrada na orientação do dado psicológico repassado não só para os juristas como também aos sujeitos que carecem de tal intervenção. Contribui para a formulação, revisões e interpretação das leis (CFP, 1992, s/p).

Em relação aos campos de atuação dentro da Psicologia Jurídica, Lago *et al.* (2009) trazem que este profissional poderá estar atuando no que concerne à psicologia jurídica e o direito da família a partir da participação nos processos de separação e divórcio, regulamentação de visitas e disputa de guarda. No tocante à Psicologia Jurídica e o direito da criança e do adolescente, este profissional pode atuar nos processos de adoção, destituição do poder da família e ainda com adolescentes autores de atos infracionais. Na área do direito civil, o profissional de psicologia trabalha em casos de danos psíquicos e de interdição judicial. Em relação à atuação no campo do direito penal, o psicólogo pode vir a ser solicitado enquanto perito. Outras áreas como o Direito do Trabalho, a Vitimologia e ainda a Psicologia do Testemunho se mostram como outros campos de atuação para esse profissional. Para além disso, o CFP (1992) traz no detalhamento das atribuições que este profissional é responsável pela realização de pesquisas visando a construção e ampliação do conhecimento psicológico aplicado ao campo do Direito.

Conforme Lago *et al.* (2009) apontam, na atualidade não são todos os cursos de psicologia que ofertam a disciplina de Psicologia Jurídica e, quando o fazem, comumente é

através de uma matéria optativa e com pequena carga horária. Daí, levando-se em conta a grade curricular do curso de Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), algumas disciplinas como Políticas Públicas, Processos Psicossociais I e II, e Temas atuais em Psicologia da Saúde abordam temáticas transversais à Psicologia Jurídica, contudo não há nenhuma disciplina curricular ou optativa voltada especificamente à área. Desse modo, a criação da Liga Acadêmica de Psicologia Jurídica (LAPJU) surge enquanto meio de contato com a área em questão.

Souza, Noguchi e Alvares (2019) trazem que uma liga acadêmica se trata de uma organização estudantil ou entidade que não apresenta fins lucrativos, sendo constituída e administrada por alunos de diferentes anos de graduação, os quais são supervisionados por profissionais/professores vinculados à Instituição de Ensino Superior. Desse modo, os membros realizam e participam de atividades que perpassam o tripé ensino, pesquisa e extensão.

Silva (2018), ao citar Torres *et al.* (2008), traz que as ligas propiciam espaços nos quais o aluno pode atuar junto à comunidade como agente de promoção à saúde e transformação social, ampliando o objeto da prática, o que permite ao aluno não só o desenvolvimento científico, como também o exercício da cidadania e promoção de saúde. Magalhães, Rechtman e Barreto (2015), apontam que a área de saúde tem a tradição das LAs, com destaque a Medicina devido ter sido a pioneira nesse modo de organização estudantil. Souza, Noguchi e Alvares (2019) citam Magalhães *et al.* (2015), ao dizerem que as ligas acadêmicas dentro dos cursos de Psicologia são muito escassas, e que acontecimentos que corroboram a afirmativa referem-se ao fato do número escasso de artigos que retratam ligas acadêmicas.

Desse modo, o presente estudo tem por objetivo relatar a experiência da criação da Liga Acadêmica de Psicologia Jurídica da UNIVASF (LAPJU). Além disso, busca ainda demonstrar as práticas e temáticas realizadas até então por esta liga, para isso, valeu-se do método qualitativo de cunho exploratório-descritivo do tipo relato de experiência.

## METODOLOGIA

As atividades de criação, implementação e difusão da LAPJU se deram no contexto da UNIVASF, campus Petrolina-PE, no período temporal do segundo semestre de 2018 ao segundo semestre de 2019, totalizando um ano de ações iniciais desta iniciativa estudantil. Desta maneira, o primeiro ano da LAPJU pode ser dividido em duas fases, sendo a primeira relacionada à revisão de literatura realizada pelos membros fundadores, construção de documentos da Liga, bem como preparação e realização de processo seletivo. A segunda fase consistiu na atuação prática dos ligantes em diversas frentes dentro da LAPJU.

Foram realizadas reuniões iniciais com os membros fundadores da LAPJU, objetivando construir o projeto a ser submetido à Pró-Reitoria de Extensão da UNIVASF, bem como o Estatuto desta Liga. Outro procedimento realizado inicialmente foi a divisão em diretorias, configurando-se da seguinte forma.

**Quadro 1.** Divisão das diretorias.

<b>Presidência</b>	<b>Vice Presidência</b>	<b>Diretoria Científica</b>	<b>Diretoria de Extensão</b>	<b>Secretaria</b>	<b>Diretoria Financeira</b>	<b>Diretoria de Comunicação</b>
--------------------	-----------------------------	---------------------------------	--------------------------------------	-------------------	---------------------------------	-------------------------------------

O processo seletivo, realizado em maio de 2019, teve as seguintes etapas: inscrição dos estudantes do curso de Psicologia da UNIVASF mediante preenchimento de questionário no *GoogleForms*, sendo pré-requisito a aprovação nas disciplinas “Processos Psicossociais I” e “Leitura, Técnica, Elaboração e Análise de textos científicos”. Os inscritos participaram de uma dinâmica grupal, que visava avaliar nos candidatos algumas habilidades consideradas importantes para se trabalhar em equipe. Pode-se citar alguns exemplos, como: cooperação, organização, flexibilidade cognitiva, empatia e administração de conflitos. Posteriormente, os candidatos apresentaram individualmente artigos acadêmicos, os quais poderiam ser de qualquer temática relacionada à Psicologia Jurídica. A avaliação das apresentações de artigos foi realizada por membros discentes fundadores da LAPJU e por um professor colaborador de instituição externa. Essa etapa visou conhecer o domínio teórico e a habilidade de comunicação científica dos avaliandos.

Após o processo seletivo, os estudantes aprovados foram alocados em diretorias de seu interesse, formando o total de 16 ligantes. A partir de então, foram realizadas reuniões quinzenais de discussões de textos mediadas pelos próprios estudantes vinculados à LAPJU, com temáticas relacionadas à Psicologia Jurídica, como pode ser observado nas tabelas 1 e 2. Além disso, outra atividade configurada para atingir todos os ligantes foram as aulas abertas, engajando-os a outros estudantes da comunidade interna da UNIVASF, bem como a membros da comunidade externa.

**Tabela 1.** Quadro de primeiras temáticas discutidas pelos membros da LAPJU.

A Formação Profissional no Âmbito da Psicologia Jurídica.
A Psicologia Judiciária está contida na Psicologia Forense que está contida na Psicologia Jurídica.
Trabalho Infantil: aspectos sociais, históricos e legais.
O psicólogo no sistema prisional: Psicologia Forense e Psicologia Judiciária.
Perícia Psicológica Judiciária.
O psicólogo nas Varas de Infância e de Juventude: Psicologia Judiciária.
O psicólogo nas Varas de Família e Sucessões: Psicologia Judiciária e Psicologia Forense.

**Tabela 2.** Temáticas discutidas no segundo semestre de 2019.

Psicologia Jurídica e Violência contra a pessoa idosa.
Sistema Socioeducativo Brasileiro e a Redução da Maioridade Penal.
Psicologia Jurídica e violência nos relacionamentos.
Abuso sexual infantil: Estratégias de atuação.
Adoção: o que um psicólogo jurídico precisa saber?

Cada diretoria da LAPJU, assim como os cargos de presidência, vice presidência e secretaria, foram configurados para realizar atribuições específicas, sendo estas direcionadas pelo Estatuto da referida liga. Além de reuniões em ambiente da UNIVASF, as discussões gerais, e em subgrupos, também ocorreram em ambiente virtual, como aplicativos de mensagens. Esse último, inclusive, foi utilizado para entrar em contato com os colaboradores que realizaram, no decorrer deste ano, as aulas abertas.

As aulas abertas, assim como o *workshop* “Perícia Criminal ao alcance de todos”, ocorreram em espaços da própria UNIVASF, os quais comportavam em média 80 pessoas. Tais eventos tiveram como duração máxima 4h e foram mediados por diversos colaboradores, formando assim nosso compromisso com parcerias interinstitucionais, dentre eles: um professor da UNIVASF, organizador de dois livros sobre Psicologia Jurídica, "Psicologia Jurídica: ensaios sobre a violência", publicado em 2012, e "Psicologia Jurídica: Diálogos Interdisciplinares", lançado em 2018; um psicólogo da Vara da Infância de Petrolina-PE; um juiz federal de Petrolina-PE, mestre em Psicologia Cognitiva; uma psicóloga perita criminal, egressa da UNIVASF, vinculada ao Instituto Técnico Científico de Perícia do Rio Grande do Norte; e uma professora da Universidade de Pernambuco, com produção científica que envolve a socioeducação de adolescentes.

Os membros da LAPJU também participaram de uma aula da disciplina de Desenvolvimento Humano II, do próprio curso de Psicologia da UNIVASF, fazendo um diálogo sobre violência contra a pessoa idosa. Ademais, espaços externos contaram com atividades dos ligantes, a exemplo de escolas da região de Petrolina-PE, com o debate sobre o abuso sexual infantil, e a Cadeia Pública Feminina de Petrolina, onde foram realizadas oficinas relacionadas ao autocuidado.

## **RESULTADOS**

A realização do processo seletivo da LAPJU resultou na integração de novos membros, o que possibilitou o melhor andamento das atividades propostas pela liga, desde as mediações internas às organizações dos eventos para comunidade externa, propiciando, como traz Monteiro *et al.* (2008), uma vivência mais próxima do campo de atuação em questão, melhora nas habilidades para apresentação de trabalhos em público, aprendizado da organização de eventos, realização de contatos com profissionais atuantes na área da psicologia jurídica, etc.

Nesse sentido, a realização das aulas abertas, bem como do *workshop*, resultaram na maior disseminação dos conhecimentos relativos à interface entre psicologia e direito,

incentivando o interesse não só entre os/as ligantes, visto que a área é pouco explorada na grade curricular de Psicologia na UNIVASF, como também no público externo à UNIVASF. Mediante a avaliação de feedback, via *GoogleForms*, após a realização dos eventos organizados pela LAPJU, observou-se que, além de profissionais de Psicologia, profissionais de outras áreas e estudantes da própria UNIVASF, foram alcançados públicos como os da: Faculdade de Tecnologia e Ciências de Pernambuco (FTC), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Faculdade Maurício de Nassau (UNINASSAU), sendo os participantes majoritariamente estudantes de Psicologia.

Outrossim, comentários realizados na avaliação de feedback como: “O meu interesse pela área aumentou. Com esse conteúdo pude ter noção de como é o trabalho de uma psicóloga da área.”, “Mostrou uma área da Psicologia que eu não tive nenhum contato ao decorrer do curso, me inspirou de maneira positiva.”, “Ampliou o conhecimento acerca da temática e instigou o desejo de pesquisar mais sobre o tema. Embora eu já tivesse ouvido algo sobre falsas memórias, nunca tinha me interessado em aprofundar o conhecimento.”, dentre outros. Em contrapartida, foram apontadas como dificuldades: a falta de pontualidade para início dos eventos, a falta de divulgação e o horário prolongado de algumas atividades.

Ademais, foi realizado no período de 02/10/19 à 11/12/19 atividades de extensão na Penitenciária Feminina de Petrolina-PE, onde foi efetuado um grupo interventivo com as mulheres em detenção, a fim de promover a reinserção social, o empoderamento feminino e o fortalecimento de vínculos entre as mesmas, além de também visar a promoção de saúde mental. No decorrer dos encontros, foram trabalhados temas como a condição de ser mulher na situação de cárcere, as relações familiares, as relações com os agentes penitenciários, com a instituição e as relações intergrupais dentro do presídio, assim como espiritualidade, prospecção de futuro. Para tanto, foram realizados o total de 6 encontros, os quais aconteceram às quartas-feiras, de 18h30 às 20h. O grupo criado teve em média a participação de 20 mulheres por encontro.

## DISCUSSÃO

O termo atividade extracurricular é utilizado para definir as práticas estudantis que não são obrigatórias, porém ocorrem sob responsabilidade da instituição a qual os alunos estão vinculados e devem constar no currículo acadêmico da graduação dos estudantes (Peres, Andrade e Garcia, 2007). Seriam, portanto, experiências oriundas do desejo e procura do aluno em vivenciá-las, como a participação em grupos de estudo, grupos de extensão/pesquisa, estágios não obrigatórios, centros ou diretórios acadêmicos, empresas juniores e ligas acadêmicas.

Diversos estudos têm sido feitos para compreender os impactos nos estudantes que se engajam nas atividades extracurriculares. São citados por Oliveira, Santos e Dias (2016), os estudos de Baker (2008), Tavares (2012), Fior e Mercuri (2009), Busseri *et al.* (2010) que encontraram em suas pesquisas que os alunos apresentam mais qualidade na vida universitária, a saber alguns - melhor rendimento acadêmico, menor pretensão de evasão, mais habilidades interpessoais e de estudo, melhor bem estar físico e psicológico, maior satisfação com o curso e com a instituição.

A oportunidade de participar em atividades complementares também está associado a autoeficácia profissional - ou seja, a percepção da própria atuação na área de atuação - ao comprometimento e a satisfação com a profissão escolhida (BARDAGI; BOFF, 2010, *apud* OLIVEIRA; SANTOS; DIAS, 2016). Devido a aproximação durante a graduação com a profissão, é possível desenvolver as habilidades necessárias para a atuação, além de incluir o aluno na área que se identifica e com isso ao concluir o curso já terá conhecimento específico do âmbito de atuação que considera mais conveniente para si ou até mesmo já estará inserido no setor, ou talvez construído uma rede de conhecimento pertinente.

Enquanto que Hu e Wolniak (2010) e Stevenson e Cleqq (2011) também observaram que esse envolvimento dos alunos proporciona maior chances de empregabilidade, tendo em vista que essas atividades proporcionam maior conhecimento, mais experiência e são um indicativo de proatividade, qualidade esperada dos funcionários. Além disso, podem ser

indicativos de aumento de salário após a inserção no mercado de trabalho, devido a valorização da comprovação de experiências no currículo (OLIVEIRA; SANTOS; DIAS, 2016).

Algumas causas pelo aumento na participação de atividades extracurriculares são a necessidade de ampliação de obtenção dos conhecimentos técnicos e possibilidade de ter novas experiências, além da necessidade de conhecer o campo de atuação profissional almejado, muitas vezes à procura do sentimento de identificação com a área e, em alguns casos, por ofertar benefícios financeiros (PERES; ANDRADE; GARCIA, 2007). Devido ao cenário da UNIVASF, onde temas relacionados a Psicologia Jurídica são vistos de forma incipiente, um grupo de alunos(as) interessados em conhecer a área se propuseram a criar a LAPJU, na qual deveriam estudar à respeito, assim como, divulgar conteúdos pertinentes e oferecer serviços, com ética, em ambientes que a Psicologia tenha aproximação com o Direito, como em fóruns, penitenciárias, instituições destinadas para cumprimento de atos infracionais, entre outros.

De acordo com Peres, Andrade e Garcia (2007), as disciplinas que compõem as grades curriculares de cada curso fornecem o material básico para a aprendizagem de conteúdos relevantes para a prática profissional, as ligas acadêmicas propõem organizar os conteúdos importantes para uma área ou tema específico, inclusive, podendo reunir vários cursos em um mesmo grupo, a fim de ampliar a compreensão dos temas nas reuniões internas. A LAPJU, por tratar especificamente de temáticas técnicas da Psicologia Jurídica, não dispõe vagas para membros de outros cursos, contudo, nos eventos realizados estiveram presentes estudantes de outros cursos de graduação da própria UNIVASF e de outras instituições da cidade.

As LAs exigem um docente responsável, que atua como orientador, mas não participa de todas as atividades, ou seja, os(as) estudantes têm maior autonomia no planejamento e execução no dinamismo da liga. Para tanto, é preciso lembrar do fluxo universitário contínuo e da carência da realização periódica de processos seletivos para manter o funcionamento das LAs. A LAPJU optou por fazer anualmente com várias vagas para novos membros, que são chamados de ligantes, para que ocupem as diretorias e consigam manter o funcionamento pleno à medida que semestralmente são encerrados ciclos de estudo sobre determinado tema.

Considerando que as LAs são responsáveis por desenvolver a prática de estudos com os ligantes, palestras e eventos em geral, devem também participar de campanhas municipais e também atuar junto à comunidade (PERES; ANDRADE; GARCIA, 2007). A LAPJU durante o seu primeiro semestre de criação, através de encontros quinzenais, desenvolveu reuniões de estudo sobre a Psicologia Jurídica em si, a história de criação da terminologia, os princípios da prática profissional e exemplos de atuação. Já no segundo semestre, o ciclo de estudos englobou a Psicologia Jurídica e questões da Infância e Juventude, discutindo temas como Trabalho Infantil, Adoção, Redução da maioridade penal, por exemplo.

Para a discussão desses temas são indicados um artigo científico para que todos os ligantes leiam, e algumas pessoas ficam responsáveis pela exposição do conteúdo, que devem adicionar outros textos, vídeos e esquemas visuais para facilitar a assimilação do conteúdo e assim gerar a discussão. Em todas as reuniões de estudo, buscou-se aproximar a Psicologia e o Direito, por meio da visualização de leis e códigos que regem o público-alvo do tema discutido e várias concepções sobre o homem que a Psicologia dispõe. Portanto, ao estudar temas da Psicologia Jurídica de forma abrangente é perceptível a tentativa de compensação da LAPJU em suprir a ausência de uma disciplina específica na UNIVASF.

Em relação às informações coletadas dos eventos realizados pela LAPJU, foi possível observar integração entre os cursos de Psicologia da região, o que demonstra a importância da liga na UNIVASF que além de ser inovadora na região desempenha papel importante de partilha de conhecimentos. Também é possível perceber que os temas trazidos foram pertinentes para a Psicologia e que de alguma maneira a liga tem conseguido complementar a formação que não dispõe de uma disciplina obrigatória para Psicologia Jurídica, mas que ainda é preciso rever a execução desses eventos para torná-los mais agradáveis aos participantes, como por exemplo sendo mais pontuais, para evitar situações como a evasão dos eventos por extrapolar o horário anteriormente divulgado por razões pessoais dos presentes.

Devido à dificuldade de inserção nos locais de atuação, apenas no segundo semestre foi iniciada a realização de oficinas por ligantes na cadeia pública feminina, no intuito de realizar

práticas de autocuidado e promoção de saúde com as detentas. Nesse caso é preciso lembrar que as pessoas privadas de liberdade também possuem direitos, inclusive ao acesso à saúde de qualidade. A prática psicológica pode inserir nesse espaço não somente para a produção de exames criminológicos, mas também em uma perspectiva de redução de danos dos efeitos do encarceramento. Ao utilizar recursos como a arte (música, literatura, pinturas, artesanato, entre outros) é possível estimular a criatividade, relações interpessoais saudáveis e contato com a subjetividade e singularidade pessoal necessários para a sobrevivência no espaço que estão inseridas (NASCIMENTO; BANDEIRA, 2018).

Ademais, se faz presente a dificuldade de adequação da carga horária obrigatória do curso na UNIVASF, que é integral, com o horário disponível dos campos disponíveis para desenvolver projetos de extensão da LAPJU. Isso também impacta nas atividades da liga voltadas a pesquisa, que apenas no segundo semestre deu início a escrita científica, a mesma também enfrenta dificuldades de falta de incentivo pela própria situação orçamentária das universidades.

Houve a realização de uma oficina para os ligantes sobre pesquisa científica com especialista, o que disseminou o interesse nos ligantes para além da participação em banner na semana científica da universidade, pois a partir dela começaram a ser feitos artigos relacionados a Psicologia Jurídica, como por exemplo uma revisão sistemática sobre adoção tardia, o que impulsiona a produção científica na região que ainda é ínfima no que diz respeito a aproximações da Psicologia e o Direito.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Liga Acadêmica de Psicologia Jurídica foi responsável pela gênese de discussões mais aprofundadas na UNIVASF a respeito dessa área de atuação psicológica. Por não ser contemplada com disciplina obrigatória ou optativa no curso de Psicologia, questões como o papel do psicólogo perito, psicologia na vara da infância, atuação de psicólogo nos presídios ou na socioeducação, etc., não são debatidas com os discentes. A LAPJU, desta maneira, pôde

ofertar discussões que contribuíram para uma base mínima de formação dos alunos que visam atuar em campo jurídico.

Os pilares de ensino e extensão foram os mais contemplados nos primeiros meses de atuação da LAPJU, por meio de aulas abertas, palestras, discussões temáticas internas, workshop, dentre outros. Além disso, para além do conhecimento teórico, os estudantes vinculados às diretorias da LAPJU, assim como aos cargos de secretaria e presidência, desenvolveram habilidades específicas, como o de trabalhar em grupo, coordenar equipes, planejar e avaliar atividades realizadas, dentre outros, o que pode ter contribuído para a construção de autonomia e autoeficácia dos estudantes vinculados diretamente a esta Liga Acadêmica.

Percebeu-se que, ao contrário dos pilares de ensino e extensão, o primeiro ano de Liga Acadêmica deu passos mais curtos com relação à pesquisa, devido aos discentes ainda estarem se aproximando do campo. Desta maneira, acredita-se que com o passar dos semestres, e maior aproximação com as temáticas, estudos quantitativos serão realizados, contribuindo com esta área que ainda possui poucos resultados de pesquisa no Brasil.

## REFERÊNCIAS

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Atribuições Profissionais do Psicólogo no Brasil.** Contribuição do Conselho Federal de Psicologia ao Ministério do Trabalho para integrar o catálogo brasileiro de ocupações, 1992. Disponível em: [http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/atr\\_prof\\_psicologo.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/atr_prof_psicologo.pdf) Acesso em: 21 fev. 2020.

LAGO, V. M.; AMATO, P.; TEIXEIRA, P. A.; ROVINSKI, S. L. R.; BANDEIRA, D. R. Um breve histórico da psicologia jurídica no Brasil e seus campos de atuação. **Estudos de Psicologia**, Campinas, p. 483-491, 2009.

MAGALHÃES, E. P.; RECHTMAN, R.; BARRETO, V. A liga acadêmica como ferramenta da formação em Psicologia: experiência da LAPES. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, n. 1, p. 135-141, 2015.

MONTEIRO, L. L. F.; CUNHA, M. S.; OLIVEIRA, W. L.; BANDEIRA, N. G.; MENEZES, J. V. **Ligas acadêmicas: o que há de positivo? Experiência de implantação da Liga Acadêmica Baiana de Cirurgia Plástica.** Revista Brasileira de Cirurgia Plástica, v. 23, n.3, 158-161, 2008.

NASCIMENTO, L. G.; BANDEIRA, M. M. B. Saúde Penitenciária, Promoção de Saúde e Redução de Danos do Encarceramento: Desafios para a Prática do Psicólogo no Sistema Prisional. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 38, n. 2, p. 102-116, 2018.

OLIVEIRA, C. T.; SANTOS, A. S.; DIAS, A. C. G. Percepções de Estudantes Universitários sobre a Realização de Atividades Extracurriculares na Graduação. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 36, n. 4, p. 864-876, 2016.

PERES, C. M.; ANDRADE, A. S.; GARCIA, S. B. Atividades extracurriculares: multiplicidade e diferenciação necessárias ao currículo. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 31, n. 3, p. 203-211, 2007.

SILVA, L. E. **As ligas acadêmicas e suas repercussões na formação profissional.** 2018. 33f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) - Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2018.

SOUZA, L. S.; NOGUCHI, C. S.; ALVARES, L. B. Uma nova possibilidade de construção do conhecimento em psicologia. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 10, n. 1, p. 237-251, 2019.

**Artigo recebido em** 24 de junho de 2020.

**Artigo aprovado em** 15 de dezembro de 2021.

**ANÁLISE SITUACIONAL, COM ENFOQUE NAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA, DOS MORADORES DA ILHA MEM DE SÁ, SERGIPE****SITUATIONAL ANALYSIS, WITH A FOCUS ON PEOPLE WITH DISABILITIES, OF THE RESIDENTS OF MEM DE SÁ ISLAND, SERGIPE****ANÁLISIS SITUACIONAL, CON ENFOQUE A PERSONAS CON DISCAPACIDAD, DE LOS RESIDENTES DE ISLA MEM DE SÁ, SERGIPE**

Karyo Freire Nunes de Mendonça<sup>1</sup>  
Ignez Aurora dos Anjos Horas<sup>2</sup>  
Tereza Raquel de Sena<sup>3</sup>  
Regiane Cristina do Amaral<sup>4</sup>

**RESUMO**

Diante dos determinantes sociais da saúde, entendidos pela OMS como um conjunto de forças que moldam as condições do cotidiano, torna-se estratégica a investigação da vida das populações para o desenvolvimento adequado de ações de promoção de saúde e assistência. Estima-se que 10% da população de qualquer país é composta por pessoas que apresentam algum tipo de deficiência. Assim, o objetivo deste estudo foi realizar um levantamento epidemiológico dos moradores, com um enfoque nas pessoas com deficiência, da Ilha Mem de Sá, em Sergipe, avaliando seu desempenho funcional. Foram realizadas duas visitas ao local, em janeiro e fevereiro de 2020, aplicando questionário sociodemográfico aos moradores e Escala de Katz aos responsáveis pelas pessoas com deficiência. Foram visitadas 52 casas (representando 183 pessoas) e encontradas 14 pessoas com deficiência (7,6 % do total). Dentre as deficiências encontradas, há as cognitivas, mentais, comportamentais, sistêmicas e físicas. Onze das pessoas com deficiência têm desempenho funcional independente, realizando todas as atividades diárias por conta própria. Três casos apresentam maior dependência, necessitando, consequentemente, de maior atenção. Dentro da Ilha não há serviços permanentes de educação

<sup>1</sup> Acadêmico de Odontologia pela Universidade Federal de Sergipe – Campus Aracaju.

<sup>2</sup> Professora Assistente da Universidade Federal de Sergipe – Campus Aracaju. Departamento de Odontologia.

<sup>3</sup> Professora adjunta do Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Sergipe. Departamento de Fonoaudiologia.

<sup>4</sup> Professora Adjunta no Departamento de Odontologia da Universidade Federal de Sergipe - Campus Aracaju.

E-mail para contato: [amaralre@yahoo.com.br](mailto:amaralre@yahoo.com.br).

e de saúde, o que evidencia a necessidade de intervenção na realidade local das pessoas com e sem deficiência.

**Palavras-chave:** Pessoas com Deficiência; Acesso aos Serviços de Saúde; Desempenho Funcional.

#### **ABSTRACT**

In view of the social determinants of health, understood by WHO as a set of forces that shape the conditions of daily life, it is strategic to investigate the lives of the populations for the proper development of health promotion and assistance actions. It is estimated that 10% of the population of any country is made up of people with some disability. Thus, the objective of this study was to perform an epidemiological survey of the residents, focusing on people with disabilities, from Mem de Sá Island, in Sergipe, assessing their functional performance. Two visits were made to the site, in January and February 2020, applying a sociodemographic questionnaire to residents and the Katz Scale to those responsible for people with disabilities. 52 houses were visited (representing 183 people) and 14 people with disabilities were found (7,6% of the people). Among the deficiencies found, there are cognitive, mental, behavioral, systemic and physical. Eleven cases have independent functional performance, performing all daily activities on their own. Three cases are more dependent, requiring more attention. Inside the island there are no permanent education and health services, which highlights the need for intervention in the local reality of people with and without disabilities.

**Keywords:** People with Disabilities; Access to Health Services; Functional Performance.

#### **RESUMEN**

En vista de los determinantes sociales de la salud, entendidos por la OMS como un conjunto de fuerzas que configuran las condiciones de la vida diaria, resulta estratégico investigar las poblaciones para el adecuado desarrollo de las acciones de promoción y asistencia a la salud. 10% de la población de cualquier país está compuesto por personas con discapacidad. El objetivo de este estudio fue realizar una encuesta epidemiológica a los residentes, centrada en personas con discapacidad, de la isla Mem de Sá, en Sergipe, evaluando su desempeño funcional. Se realizaron dos visitas al sitio, en enero y febrero de 2020, aplicando un cuestionario sociodemográfico a los residentes y la Escala de Katz a los responsables de personas con discapacidad. Se visitaron 52 viviendas (183 personas) y se encontraron 14 personas con discapacidad (7,6% de las personas). Entre las deficiencias, se encuentran las cognitivas, mentales, conductuales, sistémicas y físicas. Once casos tienen un desempeño funcional independiente, realizando todas las actividades diarias por sí mismos. Tres son más dependientes y requieren más atención. En la isla no existen servicios de educación y salud permanentes, lo que resalta la necesidad de intervenir en la realidad local de las personas con y sin discapacidad.

**Palabras clave:** Personas con Discapacidad; Acceso a los Servicios de Salud; Presentación Funcional.

## INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), define-se a *deficiência* como toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica; a *incapacidade*, como toda restrição ou falta da capacidade – devido a uma deficiência - de realizar uma atividade na forma ou na medida em que considera-se normal para um ser humano; e a *desvantagem* como uma situação prejudicial para um determinado indivíduo, em consequência de uma deficiência ou uma incapacidade, que limita ou impede o desempenho de um papel que é normal em seu caso (em função da idade, sexo e fatores sociais e culturais) (BRASIL, 2008). Cerca de 10% da população mundial, aproximadamente 650 milhões de pessoas, vive com alguma deficiência. Destes, aproximadamente 80% vive em países em desenvolvimento (ONUBR, 2013).

Assim, o planejamento de políticas públicas de saúde para uma determinada população perpassa obrigatoriamente pelo conhecimento epidemiológico e de suas necessidades. Torna-se estratégica, então, a ampliação do campo de investigação sobre as condições de vida e de saúde, além das demandas específicas de cada indivíduo e população, para ações de promoção de saúde e assistência adequadas à realidade de cada comunidade, a exemplo das pessoas com deficiência (BRASIL, 2010).

No Brasil o cuidado à pessoa com deficiência se dá por meio das Redes de Atenção à Saúde (RAS), que vão desde a Atenção Primária em Saúde (APS) até a reabilitação do paciente. A partir da criação da Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência (Portaria MS/SAS no 1.060/2002) oportunizou-se a implantação das Redes Estaduais de Assistência à Pessoa com Deficiência e, por meio da Portaria 793, de 24 de abril de 2012, a criação, ampliação e articulação de pontos de atenção à Saúde para pessoas com deficiência temporária ou permanente, progressiva, regressiva ou estável; intermitente ou contínua, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). A portaria tem como objetivos a promoção de cuidados à saúde,

promoção da reabilitação e organização da demanda por fluxo de atendimento, além de avaliação da qualidade e resolutividade dos serviços disponíveis (BRASIL, 2020).

A Ilha Mem de Sá fica localizada no Município de Itaporanga D’Ajuda, Estado de Sergipe, há aproximadamente 54 km da capital do Estado, Aracaju. Na Ilha predomina-se como atividade econômica a pesca rudimentar e o *catado de aratu*. Não há serviços de saúde e de educação permanentes na Ilha, já que o local não conta com nenhum tipo de unidade de saúde e a única escola que lá existe só tem uma sala. Assim, para ter acesso a esses serviços é necessário transporte fluvial e terrestre, junto aos gastos que lhes acompanham. Itaporanga D’ajuda conta com 24 unidades básicas de saúde, espalhadas entre o centro urbano e os diversos povoados da zona rural (DATASUS, 2020). A unidade mais próxima à Ilha Mém de Sá encontra-se no Povoado Costa, a cerca de 2 km do centro da Ilha. No centro da cidade há, ainda, uma maternidade, um hospital de pequeno porte e um Centro de Atenção Psicossocial, distantes cerca de 20 km do centro da Ilha.

O local conta com apenas uma instituição de ensino, a Escola Municipal Waldemar Fontes Cardoso, grande o suficiente para a inclusão de todas as crianças da Ilha, mas pequena para a continuidade dos seus estudos depois do quinto ano do ensino fundamental. A partir do sexto ano, então, as crianças precisam se deslocar para fora da Ilha para ter acesso à educação, estando a instituição mais próxima, também, no Povoado Costa, a cerca de 2 km do centro da Ilha, via travessia fluvial e terrestre. A Prefeitura de Itaporanga garante aos estudantes o transporte de ida e volta para as escolas fora da ilha, até o último ano do ensino médio. O deslocamento fluvial dos trabalhadores, turistas e comunidade da Ilha em geral se dá, por meio de barcos a motor. As travessias duram aproximadamente 1 hora de ida e 1 hora de volta (cerca de 2 horas diárias, de acordo com as condições da maré, do vento, entre outras) (PONTES *et al.* 2019) e custam R\$10,00 no total. Para chegar a Itaporanga D’Ajuda, é preciso desembolsar ainda cerca de R\$80,00 em transportes terrestres.

Tendo em vista a realidade dessa população, o *objetivo* do presente estudo foi realizar um levantamento epidemiológico, com um enfoque nas pessoas com deficiência, dos

moradores da Ilha Mem de Sá, em Sergipe, avaliando grau de dependência das mesmas e o acesso aos serviços de saúde e educação por parte delas e da comunidade em geral.

## **MÉTODOS**

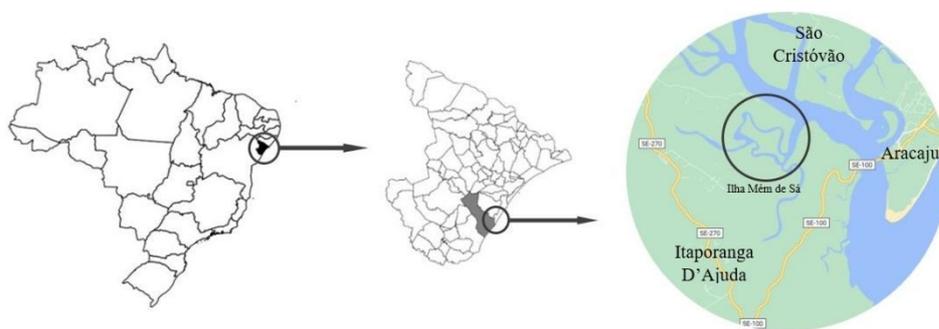
O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de ética em pesquisa da Universidade Federal de Sergipe – Campus Aracaju, CAAE: 29403220.0.0000.5546.

## **CARACTERÍSTICAS POPULACIONAIS**

A Ilha Mem de Sá é um povoado que pertence ao município de Itaporanga D’Ajuda. Trata-se de uma ilha fluvial do Rio *Paruí*, afluente do Rio *Vaza-Barris* (LIMEIRA *et al.* 2016). O acesso a esta Ilha só pode ser feito por meio de travessia fluvial, a partir do Assentamento Darci Ribeiro. Na Ilha vivem 75 famílias, correspondendo em um total de aproximadamente 350 pessoas (RIBEIRO *et al.* 2014). Muitas pessoas residentes da Ilha buscam emprego fora dela, como no caso de diaristas, pedreiros, entre outros. Por conta disso, nas duas visitas realizadas, conseguiu-se entrevistar apenas 52 chefes de família (ou moradores que estavam em casa no dia e horário da visita) que, depois de apurada a quantidade de moradores de cada residência, totalizaram 183 pessoas. Uma vez por semana a prefeitura faz a coleta do lixo no outro lado do rio. Nem todos os moradores fazem esse descarte.

Em relação à saúde, um(a) médico(a) de Saúde da Família realiza atendimentos uma vez ao mês, quando há demanda sinalizada pelo(a) Agente Comentário(a) de Saúde (ACS), na Escola Municipal Waldemar Fontes Cardoso. O(a) ACS, por sua vez, se desloca para a Ilha semanalmente, quando há demanda, ou quinzenalmente, para fazer o acompanhamento da comunidade. Mas mesmo quando há o atendimento médico mensal, os procedimentos possibilitados pela estrutura presente no local não permitem que seja realizado além de uma consulta básica, sendo quando necessário que o paciente se desloque até município de Itaporanga D’Ajuda para ter qualquer tipo de atendimento, seja básico ou complexo, como a

realização de exames, compra/aquisição de medicamentos, entre outros. Em casos de urgência e emergência, a comunidade dispõe de uma embarcação e uma ambulância, cedidas pelo Ministério Público, para fazer o transporte até a cidade de forma rápida e gratuita. Não sendo o caso, os moradores precisam desembolsar, no mínimo, R\$90,00 para terem acesso aos serviços de saúde do centro urbano. Além disso, na Ilha ainda não há saneamento básico e coleta de lixo, o que faz com que os muitos moradores cavem pequenos aterros sanitários entre as casas.



**Imagem 1.** Localização geográfica da Ilha Mém de Sá - SE. Fonte: os autores, 2020.



**Imagem 2.** Travessia do rio Paruí por transporte fluvial. Fonte: Acervo Pessoal - Philippe Ozanne, 2020.



**Imagem 3.** Aterro sanitário improvisado para descarte de lixo. Fonte: os autores, 2020.



**Imagem 4.** Escola local (onde se realizam as consultas médicas mensais). Fonte: Acervo Pessoal - Philippe Ozanne, 2020.

Em um levantamento feito por Célia Maria C. Rezende Limeira, em 2016, foram analisados desejos e necessidades na percepção da comunidade da Ilha Mém de Sá, elencados no quadro a seguir:

**Quadro 1.** Qualidade de vida na comunidade Ilha Mem de Sá – SE.

DESEJOS	NECESSIDADES
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Lazer;</li> <li>- Um ponto de turismo;</li> <li>- Capacitação;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atracadouro para as embarcações;</li> <li>- Estrutura para as refeições (só existem bares);</li> <li>- Lugar para hospedagem;</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ser reconhecido pelas pessoas fora da Ilha (pela autonomia da comunidade e valorização da mesma);</li> <li>- Que o rico não chegue para tomar o lugar dos pobres.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <b>Escola com sala de aula para mais de uma série;</b></li> <li>- Organização das pessoas;</li> <li>- Casa de farinha;</li> <li>- <b>Posto médico;</b></li> <li>- <b>Transporte social.</b></li> </ul>
---	---

Fonte: LIMEIRA, 2016 (modificado).

Em 2018, foi iniciada a construção do atracadouro para as embarcações, iniciativa da Prefeitura de Itaporanga D’Ajuda para alavancar o turismo na comunidade. Esta, mesmo que autônoma, sobrevive em sua maioria da pesca artesanal e do *catado de aratu*, principalmente, além dos serviços prestados dentro da própria Ilha (cabelereiros, manicures, costureiras etc). Grande parte dos moradores recebe auxílios do governo como Bolsa Família e o Seguro Defeso, garantido aos pescadores artesanais durante o período de reprodução das espécies. O abastecimento de água na maioria das casas se dá, de forma racionada (dia sim, dia não), através de um grande poço artesiano da associação de moradores. Semanalmente há coleta de lixo do outro lado do Rio *Paruí*, mas, por conta das despesas na travessia, tem baixa adesão.

## INSTRUMENTO

Foi realizado um estudo observacional transversal, no período de janeiro e fevereiro de 2020, no qual foi entrevistado um representante de cada família (amostra por conveniência) dos moradores que residem na Ilha Mem de Sá que aceitaram participar do estudo e que estavam presentes nos dias da visita. O estudo teve por objetivo conhecer o perfil sociodemográfico da Ilha, além de quantificar as pessoas com algum tipo de deficiência e verificar o desempenho funcional das mesmas. Para tal, foi aplicado um questionário sociodemográfico e, após identificar possível quadro de deficiência entre algum membro familiar, foi aplicada a *Escala de Katz*, avaliação do desempenho funcional da pessoa com deficiência.

Para avaliar o desempenho funcional da pessoa com deficiência, foi utilizada a Escala de Katz, realizada de acordo com os diferentes graus de dependência ou independência

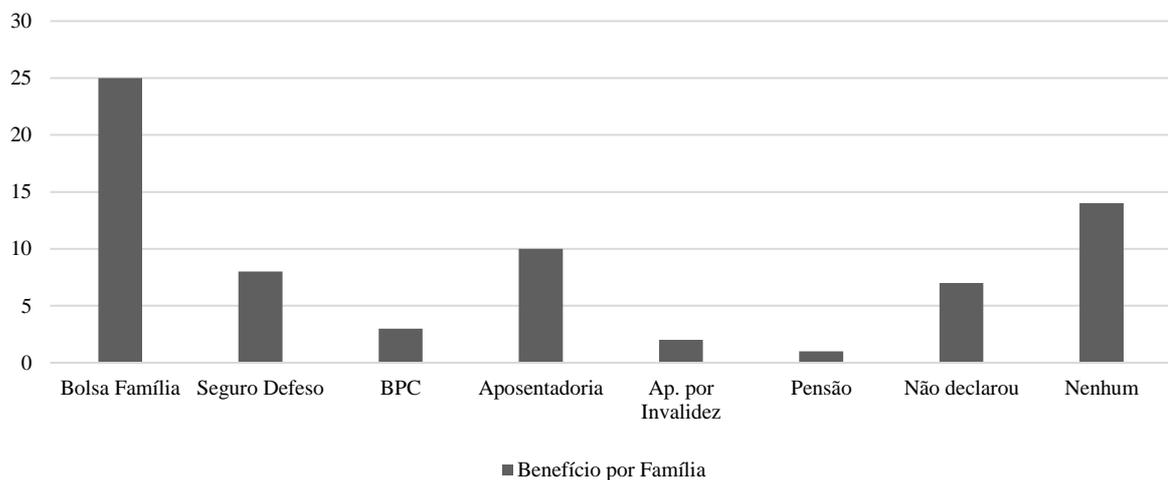
funcional estabelecidos para cada função. A Escala de Independência em Atividades da Vida Diária (EIAVD), ou Escala de Katz, foi desenvolvida para avaliar, ao longo do tempo, o tratamento de idosos doentes crônicos, através de funções primárias biológicas e psicossociais (LINO, et al. 2008). Nesta escala, amplamente utilizada, com as devidas alterações transculturais a depender do objeto de investigação (no presente caso, as pessoas com deficiência), os índices vão de 1 a 3 para cada função: banhar, vestir, ir ao banheiro, transferência (senta/deita), continência e alimentação: 1 – independente; 2 – parcialmente dependente; 3 – totalmente dependente. No fim das contas, caso a pessoa apresente um índice de até 6 pontos, ela é considerada totalmente independente. Caso apresente um índice de 6 a 14 pontos, é considerada parcialmente dependente. Caso o índice seja maior que 14 pontos, trata-se de uma pessoa totalmente dependente para as atividades da vida diária.

## RESULTADOS

Foram entrevistadas 52 pessoas, maiores de 18 anos, que eram moradores da Ilha Mem de Sá. Estas representavam e respondiam por suas famílias, totalizando 186 pessoas. Dos entrevistados, 19 eram do sexo masculino e 33 do sexo feminino. Sobre o estado civil, 28 pessoas eram casadas morando com o companheiro(a), 4 separadas/divorciados, 14 solteiras e 3 viúvas. Quanto ao grau de escolaridade, 3 pessoas se declararam analfabetas, 3 têm ensino fundamental completo, 30 têm ensino fundamental incompleto, 10 ensino médio completo, 4 com ensino médio incompleto e 2 com curso superior completo. Sobre a etnia, 4 se autodeclararam branco, 37 pardos e 11 negros.

Sobre a quantidade de pessoas que residem na casa, 34% responderam que 3 pessoas e 21% que 2 pessoas. Sobre o tipo de casa 94% moram em casa de alvenaria, sendo 50% com 2 cômodos e 40% com 3 cômodos. Duas casas eram de pau-a-pique e uma de taipa. Sobre a água potável, 80% alegaram ter acesso a partir do poço artesiano da associação de moradores, de forma racionada, e todos têm acesso à energia elétrica. Sobre o principal meio de sustento da família, 53% utilizam a pesca, 11% aposentadoria, seguidos por diaristas ou trabalhadores informais (autônomos).

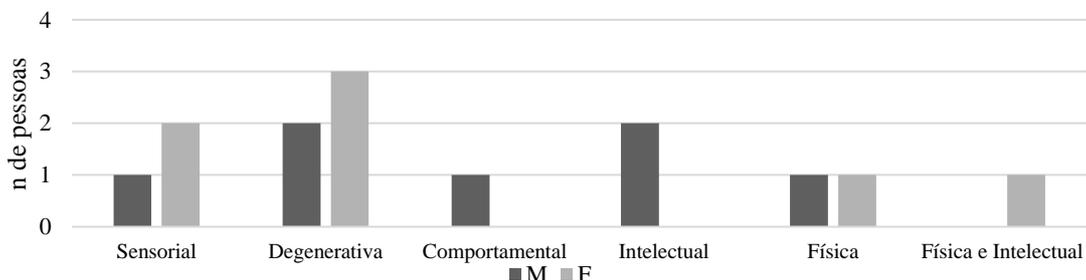
Como meio de sustento complementar, observa-se que boa parte da amostra, 25 pessoas, possui *Bolsa Família*, 8 pessoas recebem o Seguro Defeso e 3 recebem o Benefício de Prestação Continuada (BPC). Ainda, 18 famílias recebem mais de um benefício, alternados entre *Bolsa Família* e Aposentadoria, *Bolsa Família* e BPC e *Bolsa Família* e Seguro Defeso.



**Gráfico 1.** Tipos de benefício por família residente na Ilha Mém de Sá – SE. Fonte: os autores, 2020.

Desta amostra (186 pessoas), 14 pessoas (7 homens e 7 mulheres) foram identificadas com alguma deficiência, sendo classificadas em sensorial (visão e audição), degenerativa como doença crônica (hipertensão, diabetes, demências), comportamental (psiquiátricas), intelectual (retardos) e física e intelectual, com idade variando de 7 a 77 anos.

Foi aplicado o questionário da escala de Katz para cada responsável ou para a própria pessoa com deficiência, quando com autonomia para responde-lo. Dos 14 voluntários, observa-se que 6 pessoas são dependentes em uma ou mais atividades, sendo apenas 1 delas considerada totalmente dependente, por não conseguir realizar quase nenhuma das atividades, inclusive a transferência, por conta própria.



**Gráfico 2.** Tipos de deficiência encontrados na Ilha Mém de Sá - SE. Fonte: os autores, 2020.

**Tabela 1.** Escala de Katz das pessoas com deficiência na Ilha Mém de Sá – SE.

	Voluntário	Banho	Alimentação	Continência	Transferência	Ir ao banheiro	Vestir	Total
1	1	1	1	1	1	1	1	6
2	1	1	1	1	1	1	1	6
3	1	1	1	1	1	1	1	6
4	1	1	1	1	2	1	1	7
5	1	1	1	1	1	1	1	6
6	1	1	1	1	1	1	1	6
7	1	1	1	1	1	1	1	6
8	3	1	2	1	1	1	3	11
9	3	2	1	1	1	2	3	12
10	3	1	2	2	3	3	3	15
11	1	1	1	1	1	1	1	6
12	1	1	1	1	1	1	1	6
13	1	1	2	1	1	1	1	7
14	1	1	1	1	2	1	1	7

Fonte: os autores, 2020.

## DISCUSSÃO

Na Ilha Mem de Sá a economia predominante é de atividades pesqueiras e marisqueiras, sendo muitos os casos com renda complementar advinda do Seguro Defeso. Os trabalhadores estão constantemente submetidos a condições insalubres de trabalho, como exposição à

radiação solar, lama, umidade, produtos químicos, posturas inadequadas e longas e exaustivas horas de trabalho. Catar mariscos, por exemplo, leva um tempo de, em média, 15 horas por dia, sendo uma atividade composta de 4 fases (catado, cozimento, desfiar da carne e retirada das cascas) realizadas por apenas uma pessoa, a marisqueira.

No estudo de Dias e colaboradores (2007), que relatou a experiência de marisqueiras no Rio Grande do Norte, os autores observaram que muitas delas não recebiam qualquer auxílio governamental, principalmente pela falta de documentos. No presente caso, como a Ilha fica envolta por um afluente do Rio Vaza Barris, os pescadores artesanais, em sua grande maioria, pescam para a própria subsistência, vendendo o excedente para auxiliar no seu sustento. Suas margens, por serem rasas e protegidas, servem como áreas de alimentação e reprodução de diversas espécies, dentre elas as de importância econômica (AMOR DIVINO, 2015). Assim, durante o período de reprodução das espécies a pesca é interrompida e, por não terem outras formas de sustento, as famílias da Ilha Mem de Sá recebem o Seguro Defeso.

Durante as entrevistas, diversos foram os relatos de que sem auxílios como o Seguro Defeso e o Bolsa Família, as famílias viviam em condições de miséria nos períodos em que a pesca era interrompida, já que para sair da Ilha e ter acesso a produtos não disponíveis na única mercearia que há dentro dela é extremamente custoso. E mesmo com a ajuda dos auxílios garantidos aos moradores da Ilha, os custos da travessia ainda são determinantes para a consolidação de tarefas básicas para a manutenção de uma vida digna na ilha, seja em relação à educação, à saúde, à coleta de lixo ou, até mesmo, ao lazer. Não são poucos os casos de pessoas que nunca saíram da ilha, por exemplo. Mas são muitos os de pessoas que viram no local uma oportunidade de viver de forma tranquila e despreocupada. A diferença de um caso para o outro repousa em apenas uma questão: a renda. Na Ilha Mem de Sá, a renda média das famílias é de R\$798,19, de acordo com o Critério de Classificação Econômica Brasil de 2018. Para os casos de agravos em saúde, como nos das pessoas com deficiência, tendo os custos de travessia como determinantes para o acesso aos serviços, trata-se de uma renda insuficiente.

A Universidade Federal de Sergipe (UFS) realiza ações de extensão, vinculadas ao Programa Empreender UFS, junto a Ilha Mem de Sá, com o objetivo de promover a divulgação

de produtos típicos da região. Fazem parte dessas ações os cursos de Educação Física, Enfermagem, Engenharia Agrícola, Engenharia Ambiental e Sanitária, Fonoaudiologia, Odontologia, Secretariado Executivo e Tecnologia de Alimentos, além do Grupo de Pesquisa Mente e Consciência. Como parceiros, além da Prefeitura de Itaporanga D'Ajuda, o programa tem a Associação Comunitária da Ilha Mém de Sá (ACIMS), o Ministério Público do Trabalho (MTP) e o Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST), junto aos quais a UFS construiu, em 2020, 2 salas de atendimento anexas à Escola Municipal Waldemar Fontes Cardoso (uma para o gabinete odontológico e outra para o consultório geral), mas até o momento nenhuma atividade está sendo realizada nessas salas, que estão à espera de materiais e profissionais para funcionarem plenamente. Além disso, a UFS conta com uma Casa de Extensão, que funciona como suporte às ações e alojamento de extensionistas e equipamentos. Trata-se de uma casa adquirida pela comunidade local, na qual também funcionam as dependências da associação comunitária.

A maioria das pessoas com deficiência na Ilha Mem de Sá recebe o BPC, mas, como grande parte da população local, nem todas têm acesso aos serviços especializados de saúde, principalmente pela falta de uma Unidade Básica de Saúde na Ilha, já que apenas uma sala que serve de consultório e que funciona mensalmente não é suficiente, sendo necessária, além dos custos (duplicados quando precisa-se de acompanhante), uma locomoção fluvial, que pode ser bastante difícil e arriscada para as pessoas com dependência funcional. No local, entretanto, a maioria das pessoas com deficiência têm desempenho funcional independente, então suas necessidades básicas são as mesmas da comunidade em geral, baseadas, principalmente, no acesso facilitado à educação e à saúde.

Já os casos em que há maior dependência evidenciam a necessidade não apenas da facilitação de acesso a esses serviços, mas da garantia de que eles sejam prestados dentro da Ilha Mém de Sá. O envelhecimento da população, causado principalmente pela evasão das pessoas mais jovens em busca de oportunidades de emprego fora da Ilha, é um fator determinante para que ações permanentes de saúde sejam executadas no local, já que essa condição, a longo prazo, tende a aumentar o quantitativo de pessoas com desempenho funcional

dependente. Outro fator determinante para a vivência plena das pessoas com deficiência é a acessibilidade, inexistente na Ilha Mém de Sá. Assim, é necessário, também, que intervenções sejam feitas no ambiente interno da Ilha, para possibilitar a essas pessoas uma vivência digna, dentro das suas limitações, na comunidade da qual elas fazem parte.

## CONCLUSÃO

Diante do exposto, torna-se evidente a necessidade de implementação de políticas públicas para melhorar a qualidade de vida e a não degradação da natureza local, que é a maior aliada na subsistência de toda a comunidade. Ainda que o turismo na Ilha possibilite novas oportunidades de trabalho e que ações de extensão sejam desenvolvidas no local, elas não são suficientes para garantir à população uma assistência plena à saúde e à educação sem que haja espaços e profissionais capacitados disponíveis de forma permanente dentro da comunidade.

## AGRADECIMENTOS

Aos colegas Sávio Santana da Silva, Rosalmira dos Santos Leal, Thiago Michell Santos Gois, Lucival Nascimento Santana que nos auxiliaram na coleta dos dados.

## REFERÊNCIAS

ABEP - Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. **Critério de Classificação Econômica Brasil**. 2018. Disponível em: [www.abep.org](http://www.abep.org). Acesso em: 20 mar. 2020.

AMOR DIVINO, C. E. V. **Elaboração de um Catálogo de Espécies de Peixes com Ocorrência no Estuário do Rio Vaza Barris, Sergipe**. 2015. 167f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Engenharia de Pesca) – Departamento de Engenharia de Pesca e Aquicultura, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóval. 2015. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/6756>. Acesso em: 20 mar. 2020.

**BRASIL**. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde da Pessoa Portadora de Deficiência**; Brasília: Ministério da Saúde, 2008.

**BRASIL**. **Decreto nº 6949, de 25 de agosto de 2011**. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. **VIVER SEM LIMITE – Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência**. Brasília: Presidência da República, 2013.

BRASIL. Governo do Brasil, Serviços Estaduais. **As Redes de Atenção à Saúde**. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos-estaduais/as-redes-de-atencao-a-saude-1>. Acesso em: 20 mar. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Atenção Básica. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Informação e Informática do SUS/Datasus/SE. **Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde – CNESNet**. Disponível em [http://cnes2.datasus.gov.br/Listar\\_Mantidas.asp?VCnpj=13128889000139&VEstado=28&VNome=PREFEITURA%20MUN%20DE%20ITAPORANGA%20DAJUDA](http://cnes2.datasus.gov.br/Listar_Mantidas.asp?VCnpj=13128889000139&VEstado=28&VNome=PREFEITURA%20MUN%20DE%20ITAPORANGA%20DAJUDA). Acesso em: 25 mar. 2020.

DATASUS. Secretaria de Atenção à Saúde. **Estabelecimento de Saúde do Município: ITAPORANGA D’AJUDA**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: [http://cnes2.datasus.gov.br/Lista\\_Es\\_Municipio.asp?VEstado=28&VCodMunicipio=280320&NomeEstado=SERGIPE](http://cnes2.datasus.gov.br/Lista_Es_Municipio.asp?VEstado=28&VCodMunicipio=280320&NomeEstado=SERGIPE). Acesso em: 20 mar. 2020.

DIAS, T. L. P.; ROSA, R. S.; DAMASCENO, L. C. P. Aspectos socioeconômicos, percepção ambiental e perspectivas das mulheres marisqueiras da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Ponta do Tubarão (Rio Grande do Norte, Brasil). **Gaia Scientia**, v. 1, n. 1, p. 25-35, 2007.

FREITAS, M. de L. de A.; MANDU, E. N. T. Promoção da saúde na Estratégia Saúde da Família: análise de políticas de saúde brasileiras. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 23, n. 2, p. 200-205, 2010.

LIMEIRA, C. M. C. de R. **Percepção da qualidade de vida dos moradores da Ilha Mem de Sá, Itaporanga D’Ajuda/SE**. 2017. 118f. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente) – Programa de Desenvolvimento e Meio ambiente, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2017.

LINO, V. T. S. *et al.* Adaptação transcultural da Escala de Independência em Atividades da Vida Diária (Escala de Katz). **Cadernos de Saúde Pública**, v.24, n. 1, p. 103-112, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2008000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2008000100010&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 20 mar. 2020.

LISBOA, C. R.; CHIANCA, T. C. M. Perfil epidemiológico, clínico e de independência funcional de uma população idosa institucionalizada. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 65, n. 3, p. 482-488, 2012.

OMS - Organização Mundial de Saúde. **Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF)**. 238p. Tradução e revisão Amália Leitão. Lisboa: OMS, 2004. Disponível em: [http://www.inr.pt/uploads/docs/cif/CIF\\_port\\_%202004.pdf](http://www.inr.pt/uploads/docs/cif/CIF_port_%202004.pdf). Acesso em: 20 mar. 2020.

ONUBR – Nações Unidas no Brasil. **A Inclusão Social e os Direitos das Pessoas com Deficiência no Brasil: Uma Agenda de Desenvolvimento Pós-2015**. Brasília, 2013. Disponível em: [https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-07/UN\\_Position\\_Paper-People\\_with\\_Disabilities.pdf](https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-07/UN_Position_Paper-People_with_Disabilities.pdf). Acesso em: 20 mar. 2020.

PONTES, A. M. dos S. R.; GOMES, N. T. P.; ANDRADE, T. T. G.; SENA, T. R. R. **Saúde Auditiva Integral para Marisqueiras e Pescadores Artesanais da Ilha Mem de Sá**. In: Anais da 6ª Semana Acadêmico-Cultural da UFS. Universidade Federal de Sergipe, 2019.

RIBEIRO, J. N.; ANDRADE, T. S.; BRAGHINI, C. R. Sabores, saberes e o desenvolvimento do ecoturismo na comunidade Mém de Sá, Itaporanga D’Ajuda, Estado de Sergipe. **Revista de Turismo y Patrimônio Cultural**, v. 12, n. 2, p. 409-424, 2014.

SERGIPE. Secretaria De Estado Da Saúde – SES. Governo de Sergipe. **Plano Estadual de Saúde**. 2016.

**Artigo recebido em** 05 de março de 2021.

**Artigo aprovado em** 15 de dezembro de 2021.

## **IMPLEMENTAÇÃO DA TEORIA DIALÓGICA FREIREANA EM ESTÁGIO EXTRAMURO DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE BUCAL PARA ALUNOS DA REDE PÚBLICA DE ENSINO**

### **IMPLEMENTATION OF THE FREIREAN DIALOGIC THEORY IN EXTRAMURAL INTERNSHIP OF ORAL HEALTH EDUCATION FOR STUDENTS OF THE PUBLIC TEACHING NETWORK**

### **IMPLEMENTACIÓN DE LA TEORÍA DIALÓGICA FREIREANA EN UNA PASANTÍA EXTRAMURAL EN EDUCACIÓN EN SALUD BUCAL PARA ESTUDIANTES DE LA RED PÚBLICA DOCENTE**

Jefer Haad Ruiz da Silva<sup>1</sup>  
Francisco Ferreira Barcelar Junior<sup>2</sup>  
Lara Pepita de Souza Oliveira<sup>3</sup>  
Jéssica Lourdes de Aguiar Gonçalves<sup>4</sup>

#### **RESUMO**

O objetivo deste estudo foi relatar a experiência de um estágio extramuro em odontologia realizado com escolares do ensino fundamental, e que teve como embasamento teórico a metodologia freiriana de ensino dialógico em prol da educação em saúde bucal dos indivíduos participantes. As atividades realizadas no estágio incluíram o teatro interativo com temáticas educativas, a realização de jogos intuitivos de participação coletiva, e rodas de conversa para fixação do conteúdo e resolução de dúvidas. Observou-se que o método freiriano implementado nas atividades de educação em saúde bucal aos escolares foi um meio efetivo de conscientização acerca dos princípios fundamentais designados por uma apropriação expressiva de conhecimento. Além disso, as atividades do estágio trouxeram benefícios a todos os acadêmicos, que aperfeiçoaram suas técnicas de adequação à informação científica, além de compartilharem reflexões acerca da profissão a partir dos ensinamentos da docente preceptora do estágio acadêmico.

---

<sup>1</sup> Cirurgião-dentista formado pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Mestrando em Saúde Bucal Coletiva pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e Pós-graduando em Gestão da Saúde pelo Instituto Federal do Amazonas (IFAM). E-mail para contato: [jeferhaad@hotmail.com](mailto:jeferhaad@hotmail.com).

<sup>2</sup> Graduando em Fisioterapia pelo Centro Universitário do Norte – UniNORTE.

<sup>3</sup> Cirurgiã-dentista, mestranda em Reabilitação Oral pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

<sup>4</sup> Cirurgiã-dentista formada pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

**Palavras-chave:** Educação em saúde bucal; Odontologia para crianças; Estágio.

#### **ABSTRACT**

The aim of this study was to report the experience of an extramural internship in dentistry carried out with elementary school students, and which had as theoretical basis the Freirian methodology of dialogic teaching in favor of oral health education of the participating individuals. The activities carried out in the internship included interactive theater with educational themes, the realization of intuitive games of collective participation, and conversation circles to fix the content and resolve doubts. It was observed that the Freirian method implemented in oral health education activities for students was an effective way of raising awareness about the fundamental principles designated by an expressive appropriation of knowledge. In addition, the internship activities brought benefits to all academics, who improved their techniques of adaptation to scientific information, in addition to sharing reflections on the profession based on the teachings of the academic internship professor.

**Keywords:** Oral health education; Dental care for children; Training support.

#### **RESUMEN**

El objetivo de este estudio fue reportar la experiencia de una pasantía extramural en odontología realizada con estudiantes de primaria, y que tuvo como base teórica la metodología freiriana de enseñanza dialógica a favor de la educación en salud bucal de los individuos participantes. Las actividades realizadas en la pasantía incluyeron teatro interactivo con temática didáctica, la realización de juegos intuitivos de participación colectiva y círculos de conversación para fijar los contenidos y resolver dudas. Se observó que el método freiriano implementado en las actividades de educación en salud bucal para los estudiantes fue un medio eficaz de sensibilización sobre los principios fundamentales designados por una apropiación expresiva de conocimientos. Además, las actividades de pasantías trajeron beneficios a todos los académicos, quienes mejoraron sus técnicas de adaptación a la información científica, además de compartir reflexiones sobre la profesión a partir de las enseñanzas del profesor académico pasante.

**Palabras clave:** Educación en salud dental; Atención dental para niños; Apoyo a la formación profesional.

#### **INTRODUÇÃO**

A concepção de conhecimento através de uma educação transformadora tem sido o foco de profícuos debates embasados na problematização das atuais diretrizes pedagógicas de ensino que, em parte, defendem uma transformação radical na abordagem profissional de metodologias

direcionadas para a sala de aula, apesar de permanecerem limitados a práticas retrógradas instituídas por décadas no contexto brasileiro. E este cenário tradicional de construção, ainda que tenha sua aplicabilidade validada em conjunturas vulneráveis, pode ser vista como uma grande ameaça ao país, já que o tratamento do ensino como uma dinâmica repleta de interesses, tem culminado na desvalorização de alunos e professores a partir de práticas competitivas, unilaterais e destituídas de um plano humanizado de educação (DO PRADO BITTENCOURT, 2018; DA SILVA & LOPES, et al., 2020).

Paulo Freire, com suas propostas ao ensino de jovens e adultos, foi de encontro a esta conformação limitada de ensino. Suas convicções subvertem valores da educação brasileira a fim de enfatizar o cidadão como sendo o centro de seu próprio aprendizado, convertendo-o de uma posição passiva e coisificada, a um protagonista capaz de problematizar sua realidade e libertá-lo de preceitos nocivos constituídos pela esfera política e social. Freire posiciona-se contra o ensino tradicional imposto entre o aluno e o educador, onde considera-se somente dados quantitativos para a análise de conhecimento adquirido, sem estimular o debate acerca da realidade contextualizada – dessa forma o mesmo instituiu um modelo pedagógico capaz de explorar potencialidades através do diálogo. Esta proposta de educação dialógica que se opõe ao ensino bancário, tem como finalidade a busca por significados através do encontro de interlocutores e a transferência de saberes, o que, na prática, valoriza as subjetividades dos indivíduos – reconhecendo seus limites, e graus de confiança (DE OLIVEIRA, 2017; DE ALMEIDA CHACON, 2018; FREIRE, 1980; PARO et al., 2019).

A organização participativa possui extensa afinidade com modalidades básicas de ensino, visto que o público infantil tem sido considerado o mais propício de ser afetado pelas premissas determinadas ao modelo dialógico. Muito da familiaridade de crianças para com a estrutura deste modelo dá-se em virtude de o diálogo ser uma expressão estruturada em comunicações atentas, repletas de confiança e autenticidade – características inerentes à desenvoltura deste público em específico. Em linhas gerais, a aplicabilidade da didática dialógica nas escolas torna o professor um mediador capaz de estimular a escuta entre os alunos,

viabilizando a oportunidade de expressarem-se espontaneamente em prol de uma compreensão coletiva satisfatória (RAIMUNDO, 2017).

Os princípios da odontologia social e preventiva consideram as pessoas como potenciais agentes de propagação de informações salutaras, que possuem consciência de sua atuação no contexto comunitário, e que necessitam de reforço contínuo quanto à apropriação de seu potencial na coletividade. Tal interpretação subjetiva da odontologia tem caracterizado preceitos da Saúde Bucal Coletiva que, por essência, aproxima-se da linguagem freireana, ao passo que o indivíduo não é visto como uma “boca a ser tratada”, mas sim como uma junção de complexidades, vivências e culturalidades que sente a necessidade de ser ouvido, e almeja constituir-se um sujeito transformador de sua realidade a partir de expressões individualizadas (BOTAZZO et al., 2016).

Dessa forma, tendo em vista o embasamento científico e filosófico sobre a dinâmica de aprendizado participativo, assim como as possibilidades de interação entre contextos de saúde bucal coletiva e a aquisição de conhecimentos transformadores, este relato de experiência busca expor uma prática que uniu diferentes saberes a partir de atividades desenvolvidas em um estágio extramuro em odontologia preventiva, e que utilizou os preceitos da teoria dialógica de Paulo Freire para fins de educação em saúde bucal à alunos do ensino fundamental de uma escola pública de Manaus-AM.

## **METODOLOGIA**

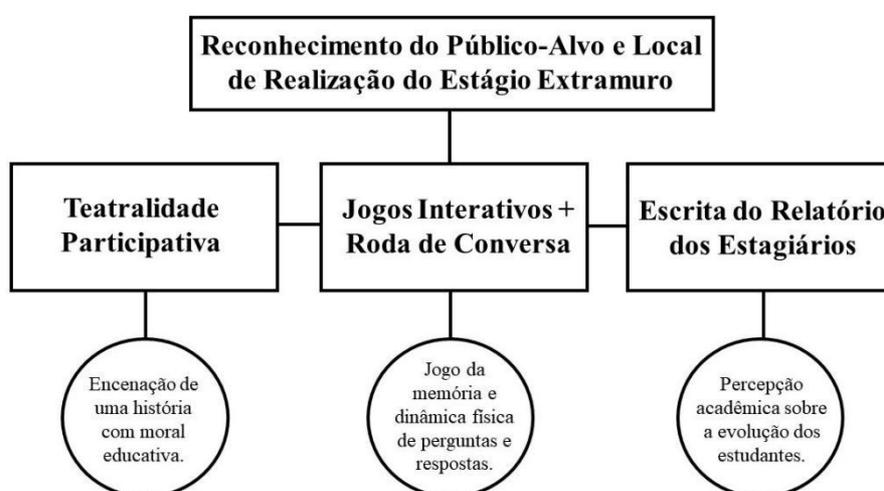
Trata-se de um relato de experiência de cunho descritivo-reflexivo realizado por acadêmicos de odontologia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, sendo tal atividade vinculada ao Estágio Extramuro em Odontologia Preventiva da referida instituição. A atuação dos alunos teve a preceptoría de uma docente em odontopediatria, que designou as especificidades de atuação dos universitários para com os objetivos dispostos pela disciplina. O público-alvo foi estudantes do ensino fundamental (do 1º ao 5º ano) de uma escola municipal situada em Manaus – AM. A metodologia freiriana aplicada buscou estimular o diálogo através

de duas etapas: a exposição de informações em saúde bucal por meio do teatro, e a participação dialogada através de jogos conduzidos por uma roda de conversa (Figura 01).

A primeira etapa seguiu os preceitos conceituais de ludicidade abordados no estudo de Gonçalves e Dal-Farra (2018), tendo os acadêmicos como os principais condutores de uma história sobre saúde bucal cuja moral foi centrada em fundamentos científicos do ramo odontológico. Uma peça intitulada “Quem viu o dente que estava aqui?” foi elaborada pelos universitários que se caracterizaram dos personagens e utilizaram recursos cenográficos para o aperfeiçoamento da narrativa. A história dramatizou um dia na vida de um dente molar permanente que, alocado em seu alvéolo dentro da boca, acordou numa manhã de domingo e reparou que todos os seus amigos decíduos haviam desaparecido. A condução do roteiro levou a reflexões acerca da identificação – por parte das crianças – dos dentes que haviam sumido, dando espaço para a participação dos estudantes em momentos específicos de interação. O objetivo desta teatralização foi o de apresentar aos alunos o nome e a morfologia de todos os dentes presentes na cavidade bucal, além promover reflexões acerca das características da dentição decídua, mista e permanente, correlacionando-os às práticas de saúde necessárias à preservação dos “dentes de leite” para que os dentes permanentes possam erupcionar saudáveis.

A segunda etapa determinou o uso de jogos interativos como forma de estímulo à participação dos alunos na temática de saúde bucal. Barone et al. (2015) concretiza reflexões acerca desta modalidade ao passo que reconhece esta prática estimuladora como algo que vai muito além de uma simples transmissão de informações, pois tal aplicação também combina a troca de experiências com aspectos terapêuticos e preventivos – já que a conscientização através da reflexão autônoma tem se apresentado como uma ótima ferramenta de melhoria ao ato da escovação e uso do fio dental. Em virtude dos benefícios desta estratégia ao público infantil, para o referido estágio extramuro preconizou-se a utilização de jogos da memória e da dinâmica física do “morto ou vivo” estruturado em perguntas e respostas sobre a temática supracitada. Estes jogos foram conduzidos pelos universitários com a supervisão de uma docente da disciplina, e teve como enfoque propiciar conhecimentos através da informalidade, observando

o avanço do público-alvo a partir de seus comentários, atitudes e expressões corporais na roda de conversa estabelecida ao fim das brincadeiras.



**Figura 1.** Organograma metodológico adotado ao estágio extramuro. Fonte: Própria dos autores.

## RESULTADOS

A estrutura do enredo criado para a encenação deu abertura à participação das crianças que assistiram à peça. Neste momento, os alunos foram instigados a responder perguntas sobre a posição e o nome correto de cada elemento dentário, sendo possível observar que muitas delas tiveram dificuldade em associar a nomenclatura com a ordem de posição dos dentes na boca. Observou-se que alunos em séries mais avançadas tiveram uma dificuldade maior de integração com a atividade. Como a ação foi realizada em um auditório com a presença de alunos com séries, idades, e desenvolvimentos diferentes, a abordagem de teatralidade não despertou o interesse de todas as crianças, apesar de a maioria ter sido alcançada satisfatoriamente. Outra situação que os acadêmicos identificaram foi a importância em se utilizar itens cenográficos e figurinos

chamativos durante a encenação, pois isto incentivou muitas crianças a subirem no palco e ajudarem a compor o segmento espontâneo da história – neste momento deixamos em aberto a possibilidade de alguns alunos demonstrarem os movimentos de escovação e utilização do fio dental em macromodelos reproduzidos em larga escala, o que despertou a curiosidade das crianças que interagiram com boa parte dos utensílios cenográficos.

O jogo da memória foi constituído por temáticas específicas em saúde bucal. Nele, as figuras representavam contextos de uma boa higiene onde somente aqueles que acertassem a pergunta relativa à figura eram quem pontuavam. Por exemplo, se durante a rodada do jogo da memória a criança encontrasse duas figuras idênticas de creme dental, o estagiário (e juiz da brincadeira) perguntaria “Qual é a quantidade ideal de creme dental para se realizar a escovação?”, caso a criança respondesse corretamente, conforme fora descrito na atividade teatral realizada anteriormente, então ela marcaria um ponto e o jogo seguiria até a última imagem, sendo vencedora a criança com maior número de acertos. Esta dinâmica visou estimular a reflexão ao invés da competitividade, uma vez que a cada erro ou acerto, os acadêmicos reforçavam um pouco mais os conceitos já pontuados ao longo da atividade. A receptividade dos alunos com esta modalidade de interação foi unânime, uma vez que esta atividade não demandou esforço físico ou qualquer outro tipo de impedimento relacionado à cinética corporal.

Já a segunda atividade foi centrada em uma brincadeira popular conhecida por “morto ou vivo”, onde um intermediador citou aleatoriamente uma dessas duas palavras, sendo que cada uma delas determinou a ação a ser feita pelo público participante (levanta ou senta na cadeira). Contudo, esta atividade foi adaptada ao propósito do referido estágio, onde cada uma das crianças recebeu uma plaquinha com diferentes palavras impressas (descrevendo alimento, objetos e práticas recorrentes à prevenção das cáries), sendo que todas elas faziam referências à alguma pergunta realizada pelo estagiário mediador da brincadeira. Nesta dinâmica, foi possível notar o quanto as crianças exercitaram o raciocínio rápido para seguir avançando na brincadeira. Com isso, os acadêmicos puderam notar que as informações repassadas nas atividades anteriores, foram internalizadas a ponto de os tornarem aptos a exercerem um

pensamento instantâneo acerca do assunto. Dentre as perguntas que tiveram os maiores índices de acerto estão: “Quais são as partes do dente?”, “Quais são os utensílios utilizados na higiene bucal?”, “Quais são os alimentos mais propícios ao surgimento da cárie?”, “Quais são os movimentos da escova durante a escovação?”, “Quais são os dentes cuja função é perfurar o alimento?”.

As rodas de conversa foram realizadas ao final de cada uma destas atividades. Este foi o momento em que todos os conceitos abordados foram revistos pelos alunos, que puderam explicar com suas próprias palavras o que entendiam do assunto. A dinâmica deu-se através da segmentação dos alunos por séries, onde cada acadêmico gerenciou a conversa conforme um nível apropriado de desenvolvimento cognitivo (Figura 02). Muitos relataram que não sabiam que os dentes podiam sofrer movimentação ao longo da vida, e nem que o uso da chupeta poderia modificar a estética dos dentes anteriores. Situações como o baixo uso do fio dental, o compartilhamento de escovas de dentes com outros familiares, e uma dieta repleta de itens altamente açucarados também foram amplamente discutidos, já que, em suma, estes constituíam grande parte da realidade dos participantes.



**Figura 2.** Roda de conversa com os estudantes. Fonte: Própria dos autores.

Em termos gerais, os acadêmicos puderam presenciar o entusiasmo da maior parcela dos alunos participantes, já que todos interagiram de alguma forma – alguns de maneira contida nas interações coletivas do teatro, outros mais empolgados nas atividades de raciocínio lógico e rapidez –, o que determinou a consolidação do principal objetivo designado à atividade: promover a educação em saúde bucal através de metodologias participativas. A interação docente ao longo das atividades também surtiu grandes efeitos na prática como um todo, já que a preceptora do estágio auxiliou os alunos na criação de roteiros pertinentes, nas sugestões de metodologias dialógicas e no suporte técnico de atividades mais exigentes. Já as principais limitações encontradas no decorrer do estágio foram relativas à organização estrutural da atividade – uma vez que foi necessário o agendamento de diversos espaços de uso coletivo da escola –, e à adaptação da linguagem odontológico-científica para a compreensão dos estudantes matriculados em diferentes séries do ensino fundamental.

## **DISCUSSÃO**

Com base em uma abordagem lúdica e inovadora, a prática do teatro tem sido considerada uma estratégia facilitadora para o ensino-aprendizado de temas relacionados à educação em saúde, pois esta aproxima a plateia de sensações, desejos e intuições a partir de representações visuais ao considerar o imaginário popular no estabelecimento de vínculos específicos. Ainda, tal representação permite, de forma indireta, a participação de todos os sujeitos envolvidos, uma vez que os atores se doam em prol da contação estruturada de histórias, enquanto que os espectadores sentem-se instigados à serem ativos neste processo, auxiliando – por vezes – no ajuste de determinados hábitos, interferindo até mesmo na formação da cidadania (CAMARGO, 2006; SOARES *et al.*, 2011).

O estímulo da percepção e reação inconsciente inerente deste processo ao público infantil provém da personificação de seres inanimados, o que, no caso da atividade realizada no estágio, ampliou a simpatia do público-alvo quanto aos assuntos relativos à anatomia bucal, oferecendo subsídios teóricos para a conscientização da prevenção odontológica. Por meio do teatro, a criança conhece o mundo que a rodeia, constrói significados, assimila papéis sociais,

entende relações afetivas e constrói conhecimentos, proporcionando, dessa forma, momentos de vivência, troca de experiências, criação de conflitos, e ressignificação do que vivem e do que sentem. É importante que as atividades consigam prender a atenção dos educandos e passem as mensagens que se deseja veicular, além de ofertar o contato direto com o profissional, sendo o formato lúdico um facilitador desse processo (ANTONIO *et al.*, 2015). Os fatores inerentes à transmissão de mensagens nesta dinâmica artístico-educativa, e que foram atestados pelo estágio extramuro, incluem: a facilidade no manuseio dos materiais utilizados; a independência do grau de escolaridade devido a priorização de linguagens simplificadas e acessíveis; a transmissão da mensagem através da linguagem corporal; e o desenvolvimento da espontaneidade (RAMALHO, 2001; GONÇALVES; DAL-FARRA, 2018; AMORIM, 2017).

Freire (1996) determina que o ensinar não é uma transmissão do conhecimento, mas sim a compreensão do ato de criar possibilidades para construção e produção do conhecimento, defendendo, ainda, que a educação deve ser trabalhada como uma atividade capaz de gerar – principalmente – a reflexão no aprendiz. Neste sentido, o ser humano é o ponto de partida para o aprendizado, sendo o sujeito aquele que se relaciona com os outros e com os fatores contextuais que o cercam, propiciando uma interação com os demais, sendo capaz de favorecer a construção do conhecimento ao aprender e ao ensinar de modo simultâneo (DE MORAIS, 2019). No entanto, determinados obstáculos se fazem presentes para a consolidação desta metodologia. Para a realização do teatro, é necessário que existam locais apropriados para tal finalidade, assim como é primordial a aquisição de materiais para a montagem de cenários, confecção de figurinos e fantoches. A participação dos espectadores também é um processo repleto de complexidades, uma vez que as dimensões desta tática envolvem o espectro da negociação, informação, avaliação e monitoramento. Ainda, para que se tenha uma boa adesão e dinamicidade, é necessário que se realizem análises relativas à faixa-etária dos envolvidos, já que a promoção da saúde pressupõe a organização coletiva e a busca por interesses comuns – envolvendo atores com diferentes perfis cognitivos.

A educação em saúde bucal por meio de jogos digitais também pode ser muito eficaz na melhoria do conhecimento dos pais e crianças de alto risco à cárie. Por exemplo, se a

ferramenta possuir um enfoque maior no controle da dieta açucarada, o estímulo pode induzir a notórias mudanças dietéticas, onde essas crianças podem ser capazes de identificar e reconhecer alimentos pouco saudáveis e, conseqüentemente, reduzir o consumo destes, havendo uma inevitável melhoria da sua saúde bucal, conforme apresentado em ensaios clínicos e estudos de acompanhamento (ALJAFARI; GALLAGHER; HOSEY, 2017). Da mesma forma, jogos de cartas – tal qual os empregados no estágio – também podem ser empregados, por serem fáceis, econômicos, culturalmente aceitáveis, sustentáveis e requerem uma infraestrutura mínima.

Palestras educativas associadas a apresentação com fantoches, brincadeiras e instrução de higiene bucal são abordagens educativas muito empregadas na promoção da saúde. Um estudo realizado em 2017, avaliou o conhecimento dos estudantes antes e após as brincadeiras. Dentre as perguntas, os estudantes foram questionados sobre seu conhecimento acerca do fio dental e, inicialmente, dos 27 participantes, apenas 77,7% (n=21) conheciam este componente e, após as atividades educativas, 100% (n=27) responderam conhecê-lo. Os autores concluíram que as ferramentas educativas citadas implicaram em uma melhora no grau de conhecimento dos escolares e de seus hábitos cotidianos (DE SOUZA *et al.*, 2017).

Por meio da Educação em Saúde Bucal (ESB), diferentes metodologias exercem importantes segmentos no despertar do conhecimento. Essas práticas devem ser capazes de transformar o conhecimento adquirido em autonomia do sujeito para alcançar mudanças e melhorias no seu próprio padrão de saúde. Todavia, ainda se observa que o conhecimento repassado é um pouco distante da realidade da população ouvinte, especialmente àquelas populações com difícil acesso à serviços salutareos. Dessa forma, recorrendo às teorias de Paulo Freire, o processo educativo pode ser capaz de evoluir para uma discussão maior, e não constituir apenas uma transmissão de informação, sendo capaz de compreender o cenário histórico no qual o indivíduo está inserido, uma vez que este é um ser social e histórico, e produz conhecimento a partir de experiências, histórias e cenários ao qual estão inseridos (PAULETO; PEREIRA; CYRINO, 2004; NASCIMENTO *et al.*, 2020).

Silva et al. (2017), em sua pesquisa fundamentada na obra de Paulo Freire, apresenta os contrapostos entre a Educação Popular (EP) e a Educação Bancária (EB). Enquanto a EP considera a heterogeneidade dos grupos sociais e o constante diálogo entre o conhecimento prévio popular e o saber científico, a EB, por outro lado, é tradicional, com transmissão fragmentada e fechada do conhecimento e não estimula a interação e comunicação. A grande problemática é que muitos dos programas educativos preventivos trazem abordagens unicamente transmissoras de conhecimentos, semelhante ao princípio da EB, e desconsideram os determinantes sociais envolvidos no processo ensino-aprendizagem (SILVA; CARCERERI; AMANTE, 2017). Portanto, enquanto a EB preza a interação monótona, centralizada na figura do professor, na EP o aluno é parte integrante de seu próprio conhecimento e participa ativamente, de forma comunicativa e dinâmica. (NASCIMENTO *et al.*, 2020).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A teoria dialógica freiriana pôde ser implementada com sucesso na experiência do referido estágio, uma vez que características inerentes do público-alvo participante foram consideradas no planejamento das atividades realizadas. A utilização do teatro participativo na estratégia de conscientização em saúde bucal estimulou a contribuição de praticamente todos os estudantes envolvidos, propiciando a identificação de estruturas anatômicas e contextualizações odontológicas a partir de uma execução atrativa do enredo elaborado – principalmente devido a proposta espontânea de participação coletiva, e a utilização de cenários temáticos e figurinos divertidos. A utilização de jogos de raciocínio e de habilidades físicas proporcionaram uma visão diferenciada sobre as possibilidades dialógicas de interação em conjunto à educação em saúde bucal, tendo grande aceitação das crianças preconizadas no estágio, uma vez que estas atividades dependeram, exclusivamente, da participação dos mesmos. As rodas de conversa indicaram ser uma intervenção eficiente no compartilhamento de informações, além de proporcionar uma interação direta com os estagiários, viabilizando o processo de sanar dúvidas remanescentes.

Ainda, os estagiários puderam atestar o entusiasmo do público infantil durante as atividades, sendo que todas as dinâmicas foram responsáveis por aprimorar inúmeras habilidades dos mesmos, à citar: o aperfeiçoamento do conhecimento científico através de pesquisas prévias, a imposterização da desenvoltura corporal, o estímulo à criatividade no repasse de informações científicas e até a promoção do autoconhecimento – uma vez que a interação com a docente preceptora do estágio viabilizou reflexões importantes relacionadas ao futuro profissional da odontologia na saúde coletiva.

## REFERÊNCIAS

ALJAFARI, A.; GALLAGHER, J. E.; HOSEY, M. T. Can oral health education be delivered to high-carries-risk children and their parents using a computer game? - A randomised controlled trial. **International Journal of Paediatric Dentistry**, v. 27, n. 6, p. 476-485, 2017.

AMORIM, J. S. Ações educativas em saúde ambiental e humana: teatro de fantoches e dengue. **EXTRAMUROS - Revista de Extensão da Univasf**, v. 5, n. 1, p. 137-142, 2017.

ANTONIO, L. P. *et al.* Avaliação de diferentes métodos educativos em saúde bucal em crianças na faixa etária de 7 a 10 anos de idade. **Revista da Faculdade de Odontologia-UPF**, v. 20, n. 1, p. 52-58, 2015.

BARONE, D. A. C. *et al.* O uso de um jogo eletrônico sobre saúde bucal para escolares da zona rural. *In: Congresso Latino-Americano Interdisciplinar Orientado ao Adolescente*, 2015, Porto Alegre. Anais [recurso eletrônico]: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 11-15.

BOTAZZO, C. *et al.* Bucalidade como dispositivo teórico-político para pensar a produção do cuidado em saúde. **Saúde e sociedade**, v. 25, p. 481, 2016.

CAMARGO, R. A. A. **A saúde em cena: o teatro na formação do enfermeiro**. 2006. 180f. Tese (Doutorado em Enfermagem Psiquiática) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

DA SILVA, A. C.; LOPES, M. M. A concepção pedagógica tradicional e os obstáculos ao desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo. *In: Emerson Benedito Ferreira; Mario Marcos Lopes (Organizadores) Pesquisas em Educação: cidadania, ensino e sociedade*. São Carlos: Pedro & João, p. 11-33, 2020.

DE ALMEIDA CHACON, D. R. Educação a partir da sapiência dos oprimidos. **Filosofia e Educação**, v. 10, n. 1, p. 233-242, 2018.

DE MORAIS, C. Diálogo literário: uma perspectiva freireana. **Estação Literária**, v. 23, p. 77-92, 2019.

DE OLIVEIRA, I. A. A dialogicidade na educação de Paulo Freire e na prática do ensino de filosofia com crianças. **Movimento-Revista de Educação**, v. 01, n. 7, p. 228-253, 2017.

DE SOUZA, J. B. *et al.* Saúde bucal na escola: Um estudo sobre atividades de educação em saúde para estudantes. **Jornada Odontológica dos Acadêmicos da Católica**, v. 3, n. 1, p. 01-06, 2017.

DO PRADO BITTENCOURT, R. Educação a serviço da alienação: projetos de lei que ameaçam a educação transformadora sonhada por Paulo Freire. **Educação**, v. 43, n. 1, p. 41-54, 2018.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 17 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, F. C. L.; DAL-FARRA, R. A. A educação libertadora de Paulo Freire e o teatro na educação em saúde: experiências em uma escola pública no Brasil. **Pro-Posições**, v. 29, p. 401-422, 2018.

GUEDES, N. C.; GOMES, T. P. A experiência transformadora da Educação no contexto da pandemia. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 6, n. 4, p. 48-73, 2020.

NASCIMENTO, H. A. Entre Paulo Freire e a Teoria Decolonial: diálogos na Educação em Saúde. **REVISTA EIXO**, v. 9, n. 1, p. 36-47, 2020.

PARO, C. A.; VENTURA, M.; SILVA, N. E. K. Paulo Freire e o inédito viável: esperança, utopia e transformação na saúde. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 18, 2019.

PAULETO, A. R. C.; PEREIRA, M. L. T.; CYRINO, E. G. Saúde bucal: uma revisão crítica sobre programações educativas para escolares. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 9, n. 01, p. 121-130, 2004.

RAIMUNDO, J. A. A percepção de estudantes do quinto ano sobre a didática dialógica. **ÁGORA Revista Eletrônica**, n. 25, 2017.

RAMALHO, L. T. O. Educação em Saúde através de teatro de fantoches e vídeo. *In*: **Congresso de Extensão Universitária**, 2015, Araraquara. Repositório Institucional UNESP: Faculdade de Odontologia (FOAR).

SILVA, G. G.; CARCERERI, D. L.; AMANTE, C. J. Estudo qualitativo sobre um programa de educação em saúde bucal. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 25, n. 01, p. 7-13, 2017.

SOARES, S. M.; SILVA, L. B.; SILVA, P. A. B. O teatro em foco: estratégia lúdica para o trabalho educativo na saúde da família. **Escola Anna Nery**, v. 15, p. 818-824, 2011.

**Artigo recebido em** 17 de agosto de 2021.

**Artigo aprovado em** 15 de dezembro de 2021.

## **SAÚDE MENTAL NA ESCOLA: REFLEXÕES DO PERÍODO PRÉ E TRANSPANDÊMICO DA COVID-19**

### **MENTAL HEALTH AT SCHOOL: REFLECTIONS FROM THE PRE- AND TRANS-RANDEMIC PERIOD OF COVID-19**

### **SALUD MENTAL EN LA ESCUELA: REFLEXIONES DESDE EL PERIODO PRE Y TRANS-PANDÉMICO DE COVID-19**

Liana Maria Ibiapina do Monte<sup>1</sup>  
Paulo de Tarso Xavier Sousa Junior<sup>2</sup>  
Elaine Ferreira do Nascimento<sup>3</sup>

#### **RESUMO**

Este relato de experiência busca apresentar uma prática exitosa no que diz respeito ao campo da saúde mental no contexto escolar por meio da realização do Projeto “Todxs Ouvidos!” da Fiocruz/Piauí. O objetivo geral deste estudo consiste em descrever as estratégias de cuidado em saúde mental no período pré e transpandêmico em uma escola da rede pública do município de Teresina/PI. O projeto conta com a participação de todos os personagens do contexto escolar: funcionários, professores, alunos e seus respectivos pais e/ou responsáveis. Para isto, foi utilizada como recurso metodológico a criação de oficinas em grupo, aplicando dinâmicas vivenciais. Com a chegada da pandemia da Covid-19, o trabalho seguiu com as mesmas estratégias por meio do contato remoto. A experiência apresenta como resultado parcial a importância de levar conhecimentos sobre as formas de adoecimento psíquico para o meio educacional, sensibilizando a todos das consequências dessas enfermidades sobre o sujeito. Além disso, com a ocorrência de ações devido à pandemia, os indivíduos se mostram

---

<sup>1</sup> Bacharelado em Serviço Social pela Faculdade Ademar Rosado (2005), mestrado em Interinstitucional em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco (2011) e doutorado em Ciências da Educação - Universidad Internacional Tres Fronteras (2018).

Fundação Oswaldo Cruz, Fiocruz Piauí - Rua Magalhães Filho 519, Centro/Norte. E-mail para contato: [lianaipiapina@yahoo.com.br](mailto:lianaipiapina@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Graduação em Psicologia (Centro Universitário UniFacid / Wyden), Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria.

<sup>3</sup> Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense (1997), Mestrado em Ciências pelo Instituto Fernandes Figueira/ Fundação Oswaldo Cruz (2002) e Doutorado em Ciências pelo Instituto Fernandes Figueira /Fundação Oswaldo Cruz (2007). Programa de Pós Graduação em Políticas Públicas – PPGPP/UFPI. Fundação Oswaldo Cruz, Fiocruz Piauí.

fragilizados diante das situações de contenção do vírus. Propiciar iniciativas como estas na atualidade contribuiu para o desenvolvimento de ressignificações e da resiliência.

**Palavras-chave:** Saúde Mental; Comunidade escolar; Crise sanitária; Resiliência; Bem-estar.

#### **ABSTRACT**

This experience report seeks to present a successful practice in the field of mental health in the school context through the implementation of the project "Todxs Ouvidos!" of Fiocruz/Piauí. The general objective of this study is to describe the strategies of mental health care in the pre- and trans-emergency periods in a public school in the city of Teresina/PI. The project counts on the participation of all the characters of the school context: employees, teachers, students and their respective parents and/or guardians. For this, the methodological resource used was the creation of group workshops, applying experiential dynamics. With the arrival of the Covid-19 pandemic, the work continued with the same strategies through remote contact. The experience presents as a partial result the importance of bringing knowledge about the forms of psychic illness to the educational environment, making everyone aware of the consequences of these diseases on the subject. In addition, with the occurrence of actions due to the pandemic, individuals show themselves to be fragile when faced with situations of virus containment. Promoting initiatives like these today has contributed to the development of resignations and resilience.

**Keywords:** Mental Health. School community. Health crisis. Resilience. Well-being.

#### **RESUMEN**

Este informe de experiencia pretende presentar una práctica exitosa en el ámbito de la salud mental en el contexto escolar a través de la implementación del Proyecto "Todxs Ouvidos!" de Fiocruz/Piauí. El objetivo general de este estudio es describir las estrategias de atención en salud mental en el período pre y trans-pandémico en una escuela pública del municipio de Teresina/PI. El proyecto cuenta con la participación de todos los personajes del contexto escolar: empleados, profesores, alumnos y sus respectivos padres y/o tutores. Para ello, se utilizó como recurso metodológico la creación de talleres grupales, aplicando dinámicas vivenciales. Con la llegada de la pandemia de Covid-19, el trabajo continuó con las mismas estrategias a través del contacto a distancia. La experiencia presenta como resultado parcial la importancia de llevar el conocimiento de las formas de enfermedad psíquica al ámbito educativo, concienciando a todos de las consecuencias de estas enfermedades en el sujeto. Además, con la ocurrencia de acciones debido a la pandemia, los individuos se debilitan frente a las situaciones de contención del virus. La puesta en marcha de iniciativas como éstas contribuye hoy en día al desarrollo de la resignificación y la resiliencia.

**Palabras clave:** Salud mental. Comunidad escolar. Crisis sanitaria. Resiliencia. El bienestar.

## INTRODUÇÃO

Atualmente, o campo da saúde mental adentrou nos mais diversos espaços, tornando-se um assunto com maior possibilidade de discussão e reflexão. Esse fenômeno pode ser explicado por diversas maneiras e razões. Faro *et al.* (2020) relatam o quão é importante não apenas conversar como também buscar a manutenção dessa área da saúde humana. Buscar esses artifícios é dar margem à resolução de demandas e demais questões que possam fragilizar este aspecto do bem-estar dos sujeitos.

Desse modo, a temática passou a entrar nas rodas de discussão de inúmeros lugares sociais, dentre eles, um exemplo de ampla notoriedade, a escola. Essas instituições educacionais têm se mostrado cada vez mais dispostas a permitir espaços de diálogos sobre a saúde psíquica humana.

Conforme Tomé *et al.*, (2017), é bastante comum observar nesses locais debates onde o corpo escolar se debruça a estudar as causas das condições psicológicas que ocasionam em interferências na vida dos sujeitos envolvidos, não apenas da(o)s aluna(o)s. Deste modo, os indivíduos passam a ter contato com termos como ansiedade, depressão, suicídio e afins, em um aprendizado no qual cada um possa materializar no seu dia a dia. Essa informação chega, portanto, como uma forma de autocuidado entre a comunidade acadêmica.

A rotina escolar de todos os envolvidos no processo pode oferecer desgastes à saúde mental, favorecendo também fatores externos que contribuem para a danificação desta relação. Enquanto muitos lidam da maneira como conseguem, outros já possuem uma maior dificuldade, abrindo espaço para diversos adoecimentos. É mais que necessário, portanto, abordar esse fenômeno no ambiente escolar, compreendendo a individualidade de cada um, bem como a compreensão de fatores de risco e de proteção (TENÓRIO *et al.*, 2016).

Baseada nessas e em outras contribuições científicas é que surgem iniciativas educacionais para conter o adoecimento no campo escolar, entretanto, o que toda a literatura e

a sociedade, de um modo geral, esperavam seria o desencadeamento de uma pandemia mortal e destrutora.

Foi assim que, desde 2019, a sociedade lida com a presença do vírus da Covid-19, causando diversas alterações e prejuízos no dia a dia das comunidades. A partir de então, essa nova realidade trouxe à tona diversas crises nos setores, como econômicos, sociais, educacionais, na saúde e afins. Dilacerando desigualdades e proporcionando condições desfavoráveis, a pandemia apresentou o pior para os seres humanos, revelando a faceta de um sistema cruel, desigual e cheio de vulnerabilidades e privilégios (SOUZA, 2020).

A partir de então, por mais que as autoridades sanitárias recomendassem o isolamento social e afins, surgiram estratégias para que alguns setores sociais continuassem ofertando seus serviços. As incumbências escolares viram, então, nas novas tecnologias o mecanismo propício a isso. O que seria a solução de todos os problemas, acabou evidenciando uma nova faceta não pensada anteriormente.

Rondini, Pedro e Duarte (2020) relatam a dificuldade de docentes e demais profissionais dominarem essas ferramentas tecnológicas, prezando pela qualidade do seu trabalho que se tornou, portanto, uma alternativa de reinvenção rápida e sem margens para erro. Observando também o outro lado deste mesmo cenário, ainda foi possível detectar dificuldades para os alunos e seus responsáveis. Se estes funcionários não estavam adaptados a essas redes de comunicação, os alunos, por máximo que soubessem manusear, nem sempre dispunham dos mecanismos adequados para o estudo.

Desta forma, todos os envolvidos, além de enfrentarem percalços nas atividades escolares, também padecem de questões próprias, que, por meio da pandemia, alertam gatilhos e abrem precedentes para o sofrimento psíquico. Dessa forma, como se trabalhar aspectos da saúde mental na escola dentro do período de pandemia? É exatamente nesse aspecto que se debruça este trabalho. O objetivo geral deste estudo consiste em descrever as estratégias de

cuidado em saúde mental no período pré e transpandêmico em uma escola da rede pública do município de Teresina/PI.

## **METODOLOGIA**

O trabalho consiste em um relato de experiência, do qual, conforme determinado por Daltro & Faria (2019), consiste em uma descrição detalhada de uma ou mais ações de cunho experimental e científico. Essa modalidade permite não apenas a materialização de uma linha teórica como também influencia na construção e aperfeiçoamento das ciências e da sociedade.

Esta experiência ocorre diante de uma parceria da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), seção Piauí, e a Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) do município de Teresina/PI. A parceria motivou a criação do Projeto “Todxs Ouvidos!”. A colaboração entre as duas instituições públicas possibilita a construção de ações e intervenções em uma escola pública, abarcando todos os agentes envolvidos no campo escolar: funcionária(o)s, docentes, aluna(o)s, mães, pais e/ou responsáveis. As atividades tiveram início no ano de 2020 e seguem com suas possibilidades de intervenção até o presente momento. O projeto contou com duas intervenções presenciais, com aproximadamente 45 minutos de duração, seguindo a partir de março de 2020 até o momento de quinze ações remotas por meio das redes sociais.

Inicialmente, buscou-se ações de cunho de observação participante, descrita por Minayo (2016) como uma essencial ferramenta para o diálogo e conhecimento com a realidade a qual se pretende investigar e/ou trabalhar. Nas conversas iniciais com a equipe técnica da escola, observou-se a necessidade de promover espaços de discussão sobre assuntos que tangem a saúde mental, como: valorização e busca de sentido da vida, conhecimento sobre os tipos de adoecimento psíquico, ações de acolhimento e prevenção de enfermidades mentais e construção de uma rede de apoio interdisciplinar.

Pensando nisso, a equipe técnica do projeto optou por trabalhar, utilizando como método, a produção de oficinas de cunho de intervenções psicossociais. Conforme Neiva (2010), esse tipo de trabalho visa a interlocução com diversas esferas da constituição dos sujeitos, levando em conta o bem-estar social. A princípio, a autora reitera a necessidade de realizar um levantamento de demandas no local ou grupo a ser trabalhado. Em seguida, se dá a construção e realização dessas intervenções por meio de oficinas de grupo. Para isso, foram utilizadas técnicas vivenciais que permitam a livre expressão dos sujeitos participantes. Essas técnicas foram aplicadas por meio de um facilitador, que explica como se dará o desenvolvimento da atividade para os membros do grupo.

Com o planejamento de ações e descrição das atividades, o projeto iniciou suas ações envolvendo os funcionários que trabalham na referida unidade escolar, contando com a participação média de dez sujeitos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **O início de um sonho...**

O primeiro contato do grupo do projeto com a escola visou fazer com que todos pudessem estar cientes sobre as novas atividades que entrariam como parte da unidade. A recepção inicial se mostrou calorosa e interessada nos possíveis resultados que essas intervenções poderiam ocasionar.

Após a divulgação na escola, houve, então, a construção da primeira ação em grupo. A mesma pretendia definir com os participantes sobre informações do projeto, sua realização, objetivos e o que se espera de toda iniciativa. A reunião ainda serviu para dialogar um pouco sobre as doenças mentais, discutindo sobre suas definições e sintomatologia, além disso, sobre a importância de conversar acerca desta temática dentro de um ambiente diverso e plural como a escola.

Por muito tempo, as sociedades demonizaram a presença de sujeitos com transtornos mentais. Essas enfermidades significavam não só a falta de aceitação social como propiciaram a exclusão dessas pessoas. Carregando estigmas sociais e religiosos, dialogar sobre isso se tornou um tabu, uma interdição em nossos tempos, algo a ser impensável entre as instituições e serviços de qualidade de vida. As mudanças começaram a ocorrer com os estudos de Karl Jaspers, considerado o pai da psicopatologia, a ciência que estuda os transtornos mentais e sua relação com os seres humanos (DALGALARRONDO, 2018).

No Brasil, outro ponto de destaque neste quesito diz respeito à Reforma Psiquiátrica. Este movimento possibilitou a construção de novas instâncias e formas de cuidado em saúde mental, instaurando outras maneiras de atuação profissional. Deste modo, surgiram instituições que formam, atualmente, uma rede de apoio interligada e gerida pelo Sistema Único de Saúde (SUS). As ações visam, também, proporcionar um atendimento humanitário e coerente dentro das possibilidades terapêuticas individuais (AMARANTE; NUNES, 2018).

A(O)s funcionária(o)s se mostram atentos, confidenciando alguns conhecimentos prévios sobre a temática. Trazer essas informações aumentou a necessidade de discussão, fomentando na quebra e ruptura de alguns estigmas e tabus como significar fraqueza, possuir algum tipo de adoecimento mental ou este tipo de cuidado estar relacionado apenas a quem perdia a razão. Nascimento & Leão (2019) discorrem sobre as problemáticas que envolvem mitos e notícias falsas relacionadas aos transtornos mentais. Essas ideias colaboram não só pela manutenção do preconceito como impede os sujeitos a buscarem ajuda quando preciso, uma vez que o adoecimento psicológico ainda é encarado por pessoas da sociedade de maneira negligente e irresponsável.

O final do encontro ainda contou com uma dinâmica de recreação, em que os sujeitos recebiam características e deveriam atribuí-las a alguma pessoa presente na oficina. Nesse momento, os participantes se mostraram receosos, pois gostariam de compartilhar o mesmo atributo com mais pessoas, evidenciando um contato que todos possuem uns com os outros.

Entendido o objetivo da atividade, a mesma foi encarada de forma leve e divertida, incentivando ao prosseguimento de mais ações futuras do projeto.

O primeiro encontro mostra a afeição dos participantes, deixando explícito a percepção de um grupo coeso. Cohen e Lotan (2017) advertem da necessidade de encontrar essas especificidades ao se trabalhar em um grupo com pessoas distintas. Essa gama de oportunidades viabiliza ações efetivas de cunho educativo, ofertando benefícios inimagináveis a quem se dispõe a participar de tais práticas.

Outro ponto importante e levantado para discussão neste contato inicial diz respeito ao sigilo e ética adotados neste projeto. Os funcionários estiveram a par de atitudes como a confidencialidade das falas utilizadas nas intervenções, salvo para a produção de trabalhos como estes, resguardando a identidade dos participantes. Deste modo, mantém-se a construção de um ambiente livre e favorável à expressão individual, sem a imposição de ações punitivas e a disseminação das conotações pessoais descritas.

A próxima oficina trouxe mais momentos de debate sobre a subjetividade humana. A equipe compreendeu ser necessário falar sobre si mesmo e o quanto nossas emoções, atreladas às vivências cotidianas, podem funcionar como fatores de proteção ou risco à nossa saúde mental.

A primeira dinâmica trouxe respeito à origem do nome de cada um. Os participantes confeccionaram um crachá colocando, além do seu nome, a história por trás do motivo o qual foi designado. Este momento coloca em evidência nossas origens como parte fundamental da construção de quem somos. As identidades de cada pessoa consistem em uma construção de inúmeros fatores. As memórias e vivências são atreladas a símbolos e significados, como a exemplo do meio em que se vive, auxiliando na estruturação de cada ser (GROH, 2019).

Seguindo para a seguinte atividade, o grupo foi convidado a escolher uma palavra que o representassem dentre várias disponíveis como: medo, alegria, tristeza, raiva, rancor, felicidade e afins. Posteriormente, as pessoas foram convidadas a explicarem as razões que

levaram a tal escolha. Neste instante, os participantes relataram dificuldades vivenciadas em sua rotina. Seja por questões familiares ou de outras instâncias, a grande maioria ressaltou o quanto expressar suas emoções é difícil, ocasionando em situações de tristeza e temor. Outros exemplos ilustraram como alguns buscam em sentimentos, como alegria e felicidade, uma nova possibilidade de ressignificar, atribuindo também a eles a capacidade de resiliência.

Falar sobre emoções e sentimentos possui maior relevância do que se imagina. Além de se caracterizar como um componente de importância para a espécie humana, essas reações contribuem para a formação de valores, visões de mundo e, até mesmo, aspectos subjetivos. Propor espaços em que se incentiva a vazão destes aspectos é conhecer a faceta humana, bem como seus sabores. Todos possuem papéis fundamentais, sejam eles considerados positivos ou negativos, pois cada emoção desempenha um papel fundamental no desenvolvimento humano saudável (MIGUEL, 2015).

Por fim, os participantes foram convidados a se juntarem em duplas para realizar um desafio: levar um balão até o alvo sem deixar cair em um intervalo de 30 segundos. Com esta operação, buscou-se refletir sobre os fatores de proteção que podem ser úteis por vivenciar situações que despertem o mal-estar psíquico. Meios como o apoio de pessoas significativas e o próprio trabalho (citado pelos funcionários em suas falas) funcionam como um ótimo mecanismo de cuidado mental. São exemplos como este que potencializam a resiliência necessária para os percalços e adoecimentos presentes, funcionando como uma mola propulsora que sinaliza o bem-estar diante de quadros como de depressão, suicídio e afins (PEREIRA *et al.*, 2018).

Após este segundo encontro, a equipe do projeto se reuniu para o planejamento dos próximos passos das oficinas, entretanto, um novo (e indesejável) convidado entrou na roda de conversa...

**... não deu muito certo.**

A partir de 2020, o mundo saltou os olhos para um novo perigo: o vírus da Covid-19, instaurando, assim, uma pandemia. Diante da rápida disseminação e contágio, milhares de pessoas já perderam suas vidas e, até mesmo, passaram e, em alguns casos, seguem vivenciando por complicações relacionadas à contaminação.

Diante do quadro alarmante que se estabeleceu no mundo, o Brasil ainda enfrenta muitos desafios e percalços. Com, aproximadamente, a morte de 341 mil pessoas (G1, 2021), o país ainda enfrenta uma longa dificuldade de contenção do vírus, baseado em ações de pouco cunho científico, ações negacionistas e de total despreparo das autoridades públicas (CAMPOS, 2020).

Este cenário caótico impossibilitou a continuação das intervenções presenciais deste projeto em consonância com as ações desenvolvidas pelas organizações de vigilância sanitária. Deste modo, a equipe optou por seguir as ações de isolamento e distanciamento social, mantendo os participantes a salvo de aglomerações. Assim, como continuar falando de saúde mental? E como a pandemia pode atrapalhar no processo não apenas de gestão das atividades como no bem-estar de cada um dos membros participantes?

Baseado no uso das novas tecnologias, o projeto reinventou suas ações, direcionando-as para uma rede social que continha todos os participantes. Dessa forma, as atividades seguiam compartilhadas nesse veículo tecnológico por meio de novos instrumentos. Foram discutidas temáticas relacionadas ao estado de humor, mudanças na rotina por conta da pandemia, desejos e sonhos para o futuro, a percepção de si mesmo sobre as novas medidas de segurança sanitárias, como uso de máscaras e afins. Esses debates ocorriam por meio de uma pergunta disparadora, seja ela um vídeo, foto ou questionário. A partir daí, o grupo relatava suas percepções pessoais baseada nesta questão.

O período de pandemia representou um aspecto importante para a abertura das vulnerabilidades humanas. Os sujeitos passaram a estar mais fragilizados por conta das consequências desastrosas ocasionadas pelo vírus e pelas mudanças ocasionadas nas rotinas e

comportamentos sociais. A saúde mental passou a estar debilitada, abrindo precedentes para uma série de adoecimentos. Esses impactos ainda serão sentidos ao longo de todo o processo de cura e retomada da vida humana, produzindo consequências incalculáveis ao psiquismo dos sujeitos (SCHMIDT *et al.*, 2020).

Durante as ações desenvolvidas virtualmente, os participantes relataram dificuldades em conviver com as mudanças do período pandêmico. A falta de contato com demais familiares e pessoas significativas traziam sentimentos de tristeza e angústia. Até mesmo a falta das atividades laborais presenciais também foi descrita como situações difíceis de lidar. Entretanto, a grande maioria estabeleceu algumas estratégias para contornar esses problemas. Alguns aproveitaram as novas tecnologias para fortalecer o contato com as pessoas às quais tiveram que manter afastamento por conta do isolamento social. A religião também foi citada como um fator de fortalecimento da saúde mental, encontrando nos ritos e costumes de determinada crença o reforço e acalento.

Conforme o estudo de Lima (2020), a pandemia acelerou as formas de sofrimento das pessoas, colocando-as constantemente em risco ao adoecer. Buscar alternativas de ressignificação das dores se tornou uma solução diária e viável nas comunidades. A partir daí, cada indivíduo busca, em determinados mecanismos, a força necessária para a potencialidade da resiliência. A espiritualidade pode ser um exemplo desses fatores que protegem diante a situação caótica vivenciada atualmente.

Ainda neste ponto de trabalho do projeto, a equipe recebeu um chamado da equipe pedagógica da escola. Os docentes acharam necessário um diálogo com alguns estudantes da comunidade escolar, visto que este grupo também se mostrou vulnerável à pandemia durante seus momentos de ensino remoto. Assim sendo, o grupo também direcionou algumas atividades baseadas nas já existentes ao grupo de funcionários. Diante da pouca adesão de parte dos alunos, pensou-se, então, na criação de uma gincana virtual como modalidade de incentivo e promoção de saúde.

O grupo compunha alunos do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental, perfazendo um total de aproximadamente vinte alunos que se mostraram dispostos a participar da intervenção. Esses alunos foram divididos em equipes, nas suas respectivas séries, devendo entrar cada uma das atividades da gincana aos sábados. O quadro abaixo descreve as provas realizadas, bem como a pontuação de cada uma, sendo julgada pelos membros do projeto “Todxs Ouvidos!”.

Quadro 1. Provas da “Gincana Virtual – Todxs Ouvidos!”, 2020.

<b>Provas/Equipes</b>	<b>6º Ano e 7º Ano</b>	<b>8º Ano</b>	<b>9º Ano</b>
Construção de um vídeo em formato de entrevista	9,0	7,5	7,0
Atividades e participações nas tarefas escolares	1,0	6,0	5,0
Dublagem de música	10,0	9,0	7,0
Criação de um projeto escolar	Tarefa não entregue (0,0)	8,0	8,0
Produção de uma comida exótica	6,0	7,0	10,0
Apresentação em traje social	Tarefa não entregue (0,0)	10,0	10,0
Apresentação em traje esporte	Tarefa não entregue (0,0)	10,0	10,0

Fonte: Própria (2021).

Apesar da não presença de todos da turma, a atividade se mostrou bem participativa, encorajando a(o)s aluna(o)s a se dedicarem e se esforçarem o suficiente para realização da

tarifa, culminando na vitória da turma do oitavo ano por uma diferença de apenas 0,5 décimos. Ao final, cada equipe recebeu os respectivos prêmios destinados a cada colocação.

### **O que vamos continuar fazendo?**

Seguindo para mais um ano, os desafios ainda seguem os mesmos. Por mais que a ciência já tenha avançado acerca de soluções com a Covid-19, o risco presente em aglomerações ainda impede a equipe de retornar ao ambiente escolar. Além disso, as escolas públicas municipais decidiram seguir, ainda, com o ensino remoto (PIMENTEL, 2021).

O projeto, então, segue adotando as ações remotas, seguindo com perguntas disparadoras que propiciam discussões entre os participantes. Completando um ano de pandemia, a(o)s sujeita(o)s refletiram, nos últimos encontros, sobre as principais mudanças que ocorreram em si antes da pandemia e agora. Os relatos descrevem o desenvolvimento de uma força que os incentiva a seguir tomando os cuidados necessários e acreditando no potencial de solução deste período. Até porque, como afirmam Zanon *et al.* (2020), o reforçamento de ideias, ações e pensamentos positivos apresentam boa utilidade diante das situações de crises pandêmicas.

Já a última atividade da iniciativa reuniu os professores em uma roda de conversa sobre a saúde mental no ambiente educacional remoto. Os docentes puderam compartilhar experiências e sentimentos advindos deste fenômeno. Isso se deu por meio da dinâmica “teia da medicação”, em que cada um escolhia “receitar” a um outro membro do encontro alguma atitude positiva, uma rede de apoio essencial e afetivo.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O final desta história certamente não acaba aqui. A equipe do “Todxs Ouvidos!” lida com uma diversidade de sujeitos e subjetividades. Cada uma é afetada de uma forma, constrói bases próprias e segue caminhos distintos, por mais que todos os envolvidos façam parte do mesmo ambiente escolar. Lidar com cada uma delas não é fácil, e muito menos trabalhar uma temática a qual, em pleno século XXI, ainda carrega tabus, interdições e preconceitos.

O que as linhas anteriores descrevem talvez não seja um pouco da totalidade do que se torna vivenciar este trabalho. As ações, os resultados positivos e negativos, sabores e dissabores... tudo isso não é possível ser descrito nem neste artigo e muito menos em uma tese. O que se busca por meio deste escrito, portanto, diz respeito a algo essencial e reiterado por várias literaturas: a necessidade da empatia, do conhecimento e da ajuda. São esses fatores que possibilitam novos olhares de um fenômeno e a mudança de sentido diante de um sofrimento.

A pandemia não só reinventou a equipe como também a mobilizou, até porque toda(o)s a(o)s envolvida(o)s são humanos. O que se espera vai para além de teorias e técnicas, ou seja, o que se espera é a importância do contato e do cuidado humano. Como falado anteriormente, esta história não acaba.

“O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”.

Guimarães Rosa  
Grande Sertão Veredas

## REFERÊNCIAS

AMARANTE, P.; NUNES, M. de O. A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 2067-2074, 2018.

CAMPOS, G. W. de S. O pesadelo macabro da Covid-19 no Brasil: entre negacionismos e desvarios. **Trab. educ. saúde**, p. e00279111-e00279111, 2020.

COHEN, E. G.; LOTAN, R. A. **Planejando o trabalho em grupo: estratégias para salas de aula heterogêneas**. Porto Alegre: Penso Editora, 2017.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2018.

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019.

FARO, André *et al.* COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 37, 2020.

GROH, A. Identidade cultural e o corpo. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 11, n. 2, p. 3-22, 2019.

G1 - Portal de Notícias da Globo. **Brasil tem mais de 341 mil mortes por Covid, com 3.733 registradas nas últimas 24 horas**. São Paulo, abril de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/04/07/brasil-tem-mais-de-341-mil-mortes-por-covid-com-3733-registradas-nas-ultimas-24-horas.ghtml>. Acesso em: 30 abr. 2021.

LIMA, C. de S. **Saúde mental, uso de substâncias e religiosidade dos estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem frente a pandemia da COVID-19**. 2020. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2020.

MIGUEL, F. K. Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional. **Psico-USF**, v. 20, n. 1, p. 153-162, 2015.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. – Petrópolis: Vozes, 2016.

NASCIMENTO, L. A.; LEÃO, A. Estigma social e estigma internalizado: a voz das pessoas com transtorno mental e os enfrentamentos necessários. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 26, n. 1, p. 103-121, 2019.

NEIVA, K. M. C. **Intervenção psicossocial: aspectos teóricos, metodológicos e experiências práticas**. São Paulo: Vetor, 2010.

PEREIRA, A. S. *et al.* Fatores de risco e proteção para tentativa de suicídio na adultez emergente. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 3767-3777, 2018.

PIMENTEL, I. SEMEC decide iniciar ano letivo somente com aulas remotas após alta na ocupação de leitos. **Cidade Verde.com**. Teresina, abril de 2021. Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/342220/semec-decide-iniciar-ano-letivo-somente-com-aulas-remotas-apos-alta-na-ocupacao-de-leitos>. Acesso em: 30 abr. 2021.

RONDINI, C. A.; A.; PEDRO, K. M.; DUARTE, C. dos S. Pandemia do covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis docente. **EDUCAÇÃO**, v. 10, n. 1, p. 41–57, 2020.

ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHMIDT, B. *et al.* Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). **Estud. psicol. (Campinas)**, v. 37, e200063, 2020.

SOUZA, D. de O. A pandemia de COVID-19 para além das Ciências da Saúde: reflexões sobre sua determinação social. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 2469-2477, 2020.

TENÓRIO, L. P. *et al.* Saúde mental de estudantes de escolas médicas com diferentes modelos de ensino. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 40, n. 4, p. 574-582, 2016.

TOMÉ, G. M. Quinás *et al.* Promoção da Saúde Mental nas Escolas: Projeto ES´COOL. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**, v. 8, n. 1, 2017.

ZANON, C. *et al.* COVID-19: implicações e aplicações da Psicologia Positiva em tempos de pandemia. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 37, 2020.

**Artigo recebido em 20 de setembro de 2021.**

**Artigo aprovado em 28 de dezembro de 2020.**

**QUANDO UM FANTASMA VISITA A MATERNIDADE: A  
EXPERIÊNCIA DE UMA ESTAGIÁRIA DE PSICOLOGIA****WHEN A GHOST VISITS MOTHERHOOD: THE EXPERIENCE OF A  
PSYCHOLOGY INTERN****CUANDO UN FANTASMA VISITA LA MATERNIDAD: LA  
EXPERIENCIA DE UN INTERNO DE PSICOLOGÍA**

Gisele Cerqueira Santos<sup>1</sup>  
Camilla Bastos Carneiro<sup>2</sup>  
Barbara Eleonora Bezerra Cabral<sup>3</sup>

**RESUMO**

A maternidade é uma construção que se aprofunda após o nascimento do bebê. Contudo, acontecimentos podem atravessar essa experiência, surpreendendo e mobilizando intensamente a mulher, como a perda da criança. O presente trabalho visa discutir o processo formativo de uma psicóloga em formação e compreender as situações relativas à perda perinatal e a atuação da Psicologia, a partir da imersão de uma estudante de psicologia via estágio profissionalizante em um hospital-maternidade do Nordeste do Brasil ao longo de dois semestres letivos. Trata-se, portanto, de um relato de experiência, tecido pela revisitação de diários cartográficos produzidos pela estagiária de Psicologia. Durante os encontros com mães que atravessaram a situação de perda do bebê, foi possível perceber o quanto esse momento formativo foi potente na experiência de tornar-se psicóloga. Por meio dos atendimentos, evidenciou-se que a perda perinatal se configura como um evento significativo na vida das mulheres e familiares, sendo tal acontecimento enfrentado de modo mais sereno quando se pode contar com suporte de pessoas significativas e atenção psicológica.

**Palavras-chave:** Experiência; Formação Profissional; Perda Perinatal.

**ABSTRACT**

---

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia. Mestranda em Psicologia. Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. E-mail para contato: [giselesantos.cerqueira@gmail.com](mailto:giselesantos.cerqueira@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. Psicóloga do Hospital Dom Malan/Gestão IMIP Hospitalar. Psicóloga da Casa de Justiça e Cidadania da Comarca de Petrolina – TJPE.

<sup>3</sup> Doutora em Psicologia pela UFES. Mestre em Psicologia Clínica pela UNICAP. Docente da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. Graduada em Psicologia pela UFPE.

Motherhood is a construction that deepens after the birth of the baby. However, events can go through this experience, surprising and mobilizing intensely the woman, such as the loss of the child. The present work aims to discuss the formative process of the psychologist in training and understand the situations related to perinatal loss and the performance of Psychology, from the immersion of a psychology student via professional internship in a maternity hospital in northeastern Brazil over two semesters of school. It is, therefore, a report of experience woven by the revisitation of cartographic diaries produced by the psychology intern. During the meetings with mothers who went through the situation of loss of the baby, it was possible to realize how powerful this formative moment was in the experience of becoming a psychologist. Through the visits, it was evidenced that perinatal loss is a significant event in the lives of women and family members, such an event is more serene when one can count on the support of significant people and psychological attention.

**Keywords:** Experience; Professional Training; Perinatal Loss.

### RESUMEN

La maternidad es una construcción que se profundiza después del nacimiento del bebé. Sin embargo, los acontecimientos pueden pasar por esta experiencia, sorprendiendo y movilizándolo intensamente a la mujer, como la pérdida del hijo. El presente trabajo tiene como objetivo discutir el proceso formativo del psicólogo en formación y comprender las situaciones relacionadas con la pérdida perinatal y la acción de la Psicología, a partir de la inmersión de un estudiante de psicología a través de una pasantía profesional en una maternidad del Nordeste de Brasil durante dos semestres. Se trata, por tanto, de un informe de la experiencia tejida por la revisión de las revistas cartográficas producidas por la pasante de Psicología. Durante los encuentros con las madres que pasaron por la situación de pérdida del bebé, fue posible darse cuenta de lo poderoso que fue este momento formativo en la experiencia de convertirse en psicólogo. A través de los cuidados, se evidenció que la pérdida perinatal se configura como un acontecimiento significativo en la vida de las mujeres y los miembros de la familia, siendo este acontecimiento enfrentado de manera más serena cuando se puede contar con el apoyo de personas significativas y con atención psicológica.

**Palabras clave:** Experiencia; Formación Profesional; Pérdida Perinatal.

### INTRODUÇÃO

A psicologia surge no Brasil enquanto prática destinada à burguesia, sendo o consultório um dos principais espaços de atuação dos psicólogos (BOCK, 2010). Com a inserção da psicologia no campo hospitalar, inicialmente se reproduzia a prática clínica nos moldes do consultório. Contudo, com o passar do tempo, o hospital passa por modificações que vão interferir no exercício do psicólogo, sendo a atuação em equipe uma experiência que proporciona um despertar para uma práxis mais ampla.

O presente trabalho surge a partir da experiência de uma estagiária de Psicologia imersa em um contexto hospitalar que atendia as demandas relativas à saúde da mulher e da criança. Ao longo do corrente texto serão enfatizadas as afetações vivenciadas a partir do encontro com diferentes mulheres que experienciaram a significativa mobilização emocional devido à perda da criança esperada. A relevância de tal discussão se respalda em estudos que indicam a intensidade do luto perinatal na vida das pessoas que se encontram diante dessa ocorrência, pela produção de sofrimento relacionada a tal evento e por conta da pouca produção científica por parte da psicologia relativa à perda perinatal. (LEMOS; CUNHA, 2015; IACONELLI, 2007; MUZA; SOUZA; ARRAIS; IACONELLI, 2013; AGUIAR; ZORNING, 2016; FREITAS, 2013).

Com relação a maternidade, ela é definida como uma construção, iniciando-se desde a gestação, continuando seu curso durante o período pós-parto e prolongando-se após o nascimento da criança (CUNHA; SANTOS; GONÇALVES, 2012). É importante destacar que a sociedade, de maneira geral, tem uma perspectiva naturalizada da maternidade, quase instintiva e inerente à condição de ser mulher. Contudo, diversos estudos indicam que a maternidade se constrói na interação diária com a criança, sendo tal construção circunscrita por diversos aspectos (ARRAIS; MOURÃO; FRAGALLE; 2014; LEMOS; CUNHA, 2015). Assim, intercorrências podem atravessar a vivência da maternidade, como a perda da criança, demandando uma lida com uma situação não esperada.

A gestação, além de ser um evento fisiológico, envolve alterações dinâmicas em diferentes esferas, como a psicológica, emocional, social e física. É importante ressaltar que durante a gravidez podem surgir complicações que ocasionam riscos tanto para a mulher quanto para o feto (BRASIL, 2012). Pretende-se abordar as situações de perda vivenciadas pelas mulheres cuja gestação, em algum momento, se tornou de risco, tendo em vista que o local de prática da estudante era um hospital de referência para os casos de gestação de alto risco e que atendia os casos relativos a saúde da mulher e da criança.

É necessário destacar que o ciclo gravídico puerperal precisa ser visto também como um momento repleto de perdas. A mulher passa a expandir a ocupação de papéis sociais, assumindo uma pluralidade (SILVA SOUZA; SOUZA; RODRIGUES, 2013). Além disso,

existem modificações de ordem física e psicoemocional, que fazem com que a mulher se questione sobre a perda da sua individualidade e até mesmo autonomia durante a vivência da gestação e do puerpério.

É importante destacar que a morbimortalidade materna e a perinatal no Brasil continuam ocupando índices elevados, que não são compatíveis com o atual nível de desenvolvimento social e econômico do país (BRASIL, 2012). Iaconelli (2007) indica que o óbito perinatal pode ser definido por ocorrência de morte em momentos diferentes, como óbito fetal (o feto morre ainda no útero), natimorto (na hora do nascimento o bebê nasce morto) e a morte neonatal (quando o bebê morre após alguns dias de nascido). Destaca-se que desde que a família é comunicada do óbito, as pessoas começam a enfrentar intensas alterações e têm diferentes reações quanto ao momento experienciado (MUZA; SOUZA; ARRAIS; IACONELLI, 2013).

Quando a morte invade a maternidade se estabelece um processo de quebra de expectativas, já que esse contexto é reconhecido como um lugar em que a vida se inicia. Com isso, as mães e pais precisarão se reestruturar diante dessa nova realidade, pois a representação do bebê que não nasceu vivo ou morreu após o nascimento, pode ser uma experiência de elaboração muito dificultosa. A morte de um filho é considerada uma das vivências mais intensas a atravessar a existência humana (AGUIAR; ZORNING, 2016).

O luto perinatal é pouco abordado justamente devido ao “não lugar” (grifo da autora) que ele ocupa na sociedade. Ao se deparar com uma situação que envolva a morte e o morrer, questões existenciais emergem, como a transitoriedade da vida, o sofrimento, a angústia e, exatamente por isso, são temas evitados e aparentam ser até mesmo proibidos na sociedade (GOMES; SOUSA, 2017).

Na atualidade, evita-se a reflexão sobre a finitude, ainda que esta seja uma marca da vida. O não reconhecimento da perda perinatal e do luto vivenciado por pessoas que cercam essas famílias enlutadas acaba desencadeando em uma ocultação e velamento do ocorrido. Uma atitude silenciosa da rede que cerca as mães e pais que perderam seu bebê pode fazer com que a morte do bebê pareça irreal. (FREITAS, 2013; AGUIAR; ZORNING, 2016).

Dessa forma, nos casos de perda perinatal, o profissional de psicologia pode atuar a partir de práticas que viabilizem a expressão do luto, apoiando mães, pais e familiares a se

apropriarem do momento que estão vivenciando, de modo que, após algum tempo, consigam falar sobre o ocorrido e ressignificar sentidos diante de um novo modo de vida. O acolhimento das mães e pais é fundamental para que atuem como protagonistas nas decisões e procedimentos necessários. A intervenção psicológica, em certa medida, é preventiva, no sentido de auxiliar as pessoas envolvidas com a perda na elaboração do luto e na construção de novas possibilidades, de modo a se reestruturarem psiquicamente (RIOS; SANTOS; DELL'AGLIO 2016; FREITAS, 2018; MUZA *et al.*, 2013).

## **MÉTODO**

O presente estudo se constitui a partir da experiência de uma estudante de Psicologia, imersa em um hospital que é um serviço que atende as demandas de saúde da mulher e da criança, sendo instituição de referência na região para o recebimento de casos de gestação de alto risco, atendendo 53 municípios. O serviço se localiza na cidade de Petrolina-PE. A vivência se vincula às disciplinas de estágio profissionalizante I e II, do curso de Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco/UNIVASF, nos semestres letivos 2018.1 e 2018.2 entre os meses de junho a janeiro, aos quais compreendem o ano de 2018 e 2019.

As fontes de sua produção foram os diários cartográficos, elaborados ao longo da imersão em campo, que funcionaram como um instrumento potente para dar vazão às afet(ações) vivenciadas no estágio por meio dos atendimentos psicológicos individuais realizados a mulheres que vivenciavam o luto pela perda do feto ou neonato e que se encontravam hospitalizadas nos setores: UTI Obstétrica e Ginecologia. Ao longo da experiência de estágio foram mais de 10 mulheres atendidas, tendo aproximadamente entre 18 a 40 anos de idade e pertencentes a camadas sociais mais populares. Os atendimentos foram realizados a partir da busca ativa no serviço, bem como por solicitação de interconsulta por parte dos demais profissionais da equipe multidisciplinar.

Por meio da perspectiva cartográfica, experimentada como método, mergulha-se na experiência em campo, valorizando o caminho, registrando e atentando aos passos e aos efeitos dessa relação com o cenário, na perspectiva de compreender o que é vivido, por uma reflexão permanente. Escrever em forma de diário é um processo criativo e artesanal, que valoriza a

criatividade, além de ser um recurso que facilita e instiga o contato e revisitação das afetações advindas dos encontros com os diversos atores cujos caminhos se cruzaram nesse processo (FLORES; SOUZA, 2014).

Portanto, os resultados partem dos diários elaborados referentes às reverber(ações) vivenciadas pela estagiária nos atendimentos às mulheres que estavam internadas e vivenciavam uma das situações mais terríveis de suas vidas que é a perda de suas crianças.

## **RESULTADOS**

Durante os encontros experienciados com as mulheres que vivenciaram a perda, foi possível perceber que os momentos eram marcados por dor, mobilização emocional, desespero, culpa, desejo de evasão quando havia necessidade da mulher permanecer hospitalizada devido intercorrências no seu quadro clínico, falta de perspectiva quanto ao futuro, angústia e sentimento de impotência.

Além disso, é importante destacar que durante os atendimentos às mulheres, o apoio afetivo-familiar foi visto como um fator positivo no enfrentamento da perda perinatal e percebeu-se que a ausência de uma rede de apoio acaba sendo um fator frustrante e angustiante para a enlutada. O suporte profissional da equipe interdisciplinar composta por assistentes sociais, médicas, enfermeiras, psicólogas, técnicas de enfermagem, fisioterapeutas e nutricionistas quando pautados no acolhimento e escuta qualificada também foi vislumbrado como importante e necessário em todo processo de perda de um filho.

## **DISCUSSÃO**

A partir dos atendimentos realizados, observou-se que a experiência da perda de uma criança apresentou-se como uma vivência difícil de ser encarada e narrada, pois acaba rompendo com o que se espera do curso da vida. Isso facilita o desencadeamento de rupturas de planejamentos, sonhos, expectativas que geralmente estão sendo depositadas no bebê que está prestes a vir ao mundo (SOUZA; MUZA; ARRAIS, 2011).

Os encontros demandaram atitude de abertura e disponibilidade por parte da estagiária que a cada momento em relação com essas mulheres teve a oportunidade de aprender a partir

de cada ocasião, sendo estas experiências proporcionadoras de marcas no seu percurso enquanto psicóloga em formação. Escutar o que era dito pelas mulheres a partir de cada narrativa e história de vida, por meios dos atendimentos psicológicos, foi um exercício ampliador de horizontes compreensivos e de revelação da singularidade da experiência de maternidade interrompida.

No encontro com as mães que vivenciaram a situação de perda perinatal percebeu-se que os atendimentos eram bem intensos e por vezes as mulheres ainda precisavam permanecer no serviço devido algum quadro clínico e está permanência se tornava dificultosa: *“Foi um atendimento bem intenso, pois a puérpera estava vivenciando o luto perinatal, apresentando-se bem fragilizada emocionalmente ...”* (Fragmento de diário).

A perda de um bebê em qualquer momento pode atuar enquanto um “fantasma” na vida das mães e familiares que passam por essa vivência, pois estes são colocados diante da frustração dos desejos, idealizações e fantasias e caem em uma realidade desesperadora e inevitável. É válido compreender que o reconhecimento social deste evento é vivenciado a partir dos rituais fúnebres realizados, porém, às vezes a mãe não participa dos mesmos, por seguir hospitalizada. Este momento acaba sendo muito doloroso para a mulher, tendo em vista a impossibilidade de envolver-se nos rituais e a dificuldade social em validar o seu luto (MUZA *et al.*, 2013).

É importante destacar que a morte de um bebê antes do nascimento, pode representar para os genitores um acontecimento traumatizante, lembrado e temido em uma próxima gestação. O momento do óbito perinatal é repleto de reações de choque e negação, juntamente com alterações no estado de humor, sendo mais frequente humor rebaixado ou reprimido, autoestima baixa e medo de vivenciar novas situações de perda (LEMOS; CUNHA, 2015). Essa mistura de sentimentos e sensações após a morte de um filho foi vista a partir dos atendimentos realizados a duas puérperas que experimentaram a perda do seu bebê: *“Ontem mulheres perderam seus bebês, pude ver essas puérperas dilaceradas pela dor ... foi bem difícil.”* (Fragmento de diário).

É válido destacar que o sentimento de culpa pode se fazer presente na vida das mães, não importa a idade que a perda ocorra. Além disso, a sociedade percebe a mãe na atualidade

como aquela que tem a função de responsabilizar-se sozinha pela vida do filho. No entanto, existem situações que escapam da capacidade de proteção e cuidado materno, mas por conta dessa cobrança social a mulher pode ter dificuldade de racionalizar as situações que envolveram o óbito do seu filho e lançar-se à culpa (FREITAS, 2014).

Nos casos de óbito de um filho são reconhecidos sentimentos de culpabilização de si mesmas por parte das mães, havendo uma necessidade de compreensão do acontecimento e das possíveis causas. Logo, a perda fetal ou de um neonato quando permanece no campo do desconhecido, a ausência de informações acaba sendo um fator que fragiliza a mulher, facilitando assim o surgimento de dificuldades de lidar com a ocorrência e fazendo com que elas busquem explicações que deem algum sentido ao óbito do seu filho (DUARTE; TURATO, 2009).

Com isso, faz-se necessário perceber que o luto é uma reação do indivíduo frente a situações de perdas significativas, é um momento marcado por transformações abruptas nas formas do ser se relacionar com os demais seres existenciais, havendo deste modo uma necessidade de ressignificar o mundo-da-vida em que se está inserido. Com isso, a perda de uma pessoa querida está para além de uma experiência dura e repleta de sofrimento, mas ela coloca a pessoa em confronto com a sua própria finitude (FREITAS, 2013).

Quando o sujeito se depara diante da morte de uma pessoa significativa para ele, há a presença de uma sensação de confusão e falta de perspectivas. O modo de relacionar-se com a vida sofre abalos frente a ausência do outro (FREITAS, 2014). Diante dos atendimentos realizados nos casos de óbito perinatal, foi possível ampliar o olhar para como o fenômeno da morte se apresenta na vida das mulheres que tem a maternidade interrompida e refletir sobre a importância do acolhimento para a vivência do luto:

*“...percebi que não existem técnicas elaboradas que imponham como deve ser um atendimento psicológico em situação de óbito perinatal, pois a chave de tudo é o acolhimento, é estar presente para o outro e com o outro, isso escapa ao lattes.”* (Fragmento de diário).

Ao vivenciar uma relação significativa com alguém, esta é sujeita a experiência do pesar, pois não há controle sobre a morte. No entanto, este momento pode ser vivenciado de maneiras distintas devido à relação que era estabelecida com a pessoa a qual se perde (FREITAS, 2013). O luto não é o apagamento da situação de perda, mas um período que ajuda na elaboração e vivência da situação aflitiva sentida, incorporando este momento a sua vida de modo que o indivíduo constrói uma outra relação com a pessoa perdida para assim continuar seguindo a sua vida (LEMOS; CUNHA, 2015).

É importante destacar que as pessoas enlutadas precisam ter garantido o acesso a escuta. A oferta da escuta é um recurso de extrema importância na atenção a mulheres que vivenciaram a experiência de perder seus bebês, pois este pode ser um espaço para que haja a expressão de sentimentos relativos ao processo de luto, auxiliando assim no enfrentamento da situação e reorganização da vida diante desta ocorrência (AMTHAUER *et al.*, 2012).

É considerável ainda o fato de que muitas vezes parece não haver sensibilidade por parte dos profissionais de saúde. No estudo desenvolvido por Pereira *e cols.*, (2018), com quinze mulheres que vivenciaram a perda de um filho, a partir dos relatos das mulheres percebeu-se que os profissionais apresentaram dificuldades em realizar a comunicação do óbito do filho para a mulher, bem como informações relativas a intercorrências na saúde dos bebês. Essas condutas podem impactar a vivência do luto e ser um fator atualizante da dor sofrida pelas mães que perderam os seus filhos.

Além disso, é necessário que os profissionais de Psicologia que atuam nos contextos das maternidades adotem práticas que visem o cuidado dos familiares, reconhecendo a importância de prevenir traumas futuros, desenvolvimento de luto patológico e gestações reparadoras, reconhecendo assim que a perda de um filho vai ser quase sempre uma experiência marcante na vida da mulher, principalmente quando a gestação havia sido planejada e desejada (SOUZA; MUZA; ARRAIS, 2011). A relevância do apoio familiar para o enfrentamento da situação experienciada apareceu em um diário da estagiária: “...apesar da dificuldade no enfrentamento da situação experienciada, o suporte afetivo de familiares, além da atenção da equipe profissional, são recursos importantes.” (Fragmento de diário).

Com relação ao papel da equipe de saúde que acompanha essas famílias, é importante que estes oportunizem a despedida do bebê, pois este é um processo importante para que as mães e os pais possam começar a reconhecer a perda do filho e assim poder vivenciar o luto. Ações como nomear a criança, decidir ter contato com ela ou não após o óbito, reconhecimento das lembranças possíveis, são estratégias que em alguma medida auxiliaram as figuras parentais no enfrentamento da perda experienciada (SOUZA; MUZA; ARRAIS, 2011).

Com isso, é importante compreender que os profissionais de saúde envolvidos no cuidado às famílias que vivenciam as situações de perda perinatal, podem propor momentos de encontro e contato destas pessoas com os bebês, respeitando sempre o desejo das mães e pais, para que eles consigam ir se apropriando da situação vivenciada (SOUZA; MUZA; ARRAIS, 2011). Com isso, o trabalho interdisciplinar é fundamental para a oferta de um cuidado integrado:

*“Percebo que é de extrema importância o acolhimento, a atenção e o cuidado de todos os profissionais de saúde que cruzam o caminho de cada uma dessas usuárias. Insisto batendo na tecla de que para ouvir o outro é preciso despir-se, colocar-se disponível, ou seja, requer a ação, o movimento do profissional em direção a algo, independentemente de ser psicólogo ou não, porque acolher e ouvir são ações que TODOS os profissionais de saúde podem se dispor a fazer...” (Fragmento de diário).*

Como proposta para melhorar a atenção prestada às mulheres que vivenciam a perda do seu filho nos hospitais maternidade, sugere-se a qualificação de todos os profissionais da equipe para o acolhimento as essas demandas, além do estabelecimento de uma ponte com a Atenção Básica para a formação de grupos de apoio a familiares enlutados pela perda de um bebê. Esta intervenção pode atuar enquanto recurso de enfrentamento, pois a perda perinatal pode ser uma das experiências mais avassaladoras vivenciadas por uma família, principalmente quando não se oferta espaços de escuta a estas pessoas e quando não se dispõe de apoio social e profissional (multiprofissional).

Diante disso, é necessário que as maternidades promovam atenção e cuidado adequado, humanizado e holístico a essas mulheres e familiares (MUZA *et al.*, 2013; LEMOS; CUNHA,

2015). A assistência humanizada deve ser ampliada para além do acolhimento das demandas físicas decorrentes de procedimentos médicos realizados, mas deve ser presente também o acolhimento dos atravessamentos emocionais, psicológicos e sociais que vão influenciar diretamente na vivência do luto (LEMOS; CUNHA, 2015). Ressaltando assim a importância do acompanhamento multiprofissional para a manutenção da qualidade da integralidade do cuidado.

A partir dos encontros com as mulheres, familiares/acompanhantes e profissionais que transitam no contexto hospitalar, a estagiária pode traçar um percurso formativo que permitiu a ampliação do saber. Reconhecendo as afetações singulares, que propiciam reverberações importantes no processo de tornar-se psicóloga. Além disso, a proposta de estágio da qual fez parte era pautada em um caráter político que permitiu a aproximação do processo formativo da psicóloga com os princípios e diretrizes das políticas referentes à Saúde Pública, estimulando a capacidade crítica dos estudantes, o que se configura como algo desafiador (CABRAL, 2015).

## CONCLUSÃO

A escuta de mulheres que vivenciavam a perda perinatal foi uma oportunidade de refletir bastante acerca do percurso acadêmico da psicóloga em formação. A partir disso, foi possível compreender o quanto o estudo teórico disparado por demandas que surgem na prática é ferramenta potente no processo de aprendizagem. Trata-se de uma perspectiva outra de articulação teórico-prática, em que os desafios da experiência guiam e tornam mais significativo o processo de aprendizagem.

Além disso, a oportunidade de integrar uma equipe multiprofissional durante a vivência do estágio foi muito importante, pois pode auxiliar na construção de olhar integral para as pessoas que buscaram o serviço psicológico, sendo uma experiência que poderia ser mais frequente na trajetória dos estudantes nos anos finais do curso. A formação do profissional de psicologia precisa ser crítica, plural, generalista, estimulando a pesquisa, despertando e proporcionando meios para que discentes façam uso da sua criatividade, além de estar atrelada

à realidade social brasileira e ser interdisciplinar, desenvolvendo habilidades para a interlocução com outras áreas de saber (BOCK, 2007).

O presente estudo proporcionou ainda, acesso a experiência do vivido destas mulheres, sendo uma vivência marcada pela reflexão, inquietação, desalojamentos e tensionamentos. Percebeu-se a necessidade da atenção interdisciplinar nas situações referentes à perda perinatal. Logo, o trabalho em equipe multiprofissional precisa se tornar prioridade para que se possa oferecer um cuidado integral às mulheres e familiares, pois a empatia, a escuta e o acolhimento devem estar presentes na prática de todos os profissionais de saúde e não apenas no fazer da Psicologia. O que evidencia a importância de os cursos de graduação em saúde trabalharem questões como a morte, o morrer e o atendimento a pessoas enlutadas, pois muitas vezes isso é negligenciado durante a formação, então por vezes quando o profissional se depara com a realidade acaba tendo dificuldade realizar um atendimento acolhedor.

Em suma, a atuação do profissional de psicologia nos casos de perdas perinatais é de extrema relevância. A prática do psicólogo pode acontecer como um recurso de cuidado interventivo e por vezes preventivo. Nesse sentido, a experiência do estágio acadêmico supervisionado em um contexto de hospital maternidade pode ser considerada uma prática extremamente importante e ampliadora no processo formativo do profissional de Psicologia.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, H. C.; ZORNIG, S. Luto fetal: a interrupção de uma promessa. **Estilos clin.**, v. 21, n. 2, p. 264-281, 2016. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282016000200001&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282016000200001&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 15 dez. 2020.

AMTHAUER, C. *et al.* Práticas assistenciais na perda gestacional: vozes de profissionais de saúde da família. **Ciênc. cuid. saúde**, v. 11, n. 1, p. 81-88, 2012.

ARRAIS, A. da R.; MOURAO, M. A.; FRAGALLE, B. O pré-natal psicológico como programa de prevenção à depressão pós-parto. **Saúde soc.**, v. 23, n. 1, p. 251-264, 2014.

Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902014000100251&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902014000100251&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 15 dez. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Gestação de Alto Risco: Manual Técnico**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BOCK, A. M. B. Formação do psicólogo: um debate a partir do significado do fenômeno psicológico. **Psicol. cienc. prof.**, v.17, n. 2, p. 37-42, 2007. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98931997000200006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931997000200006). Acesso em: 15 dez. 2020.

CABRAL, B. E. B. Práticas Psicológicas na Rede-SUS e Estágio Profissionalizante: (Trans) Formação como Desafio. **Rev. Psicol.**, v. 1, n. 2, p. 24 - 48, 2015. Disponível em: [www.ayvu.uff.br/index.php/AYVU/article/view/26](http://www.ayvu.uff.br/index.php/AYVU/article/view/26). Acesso em: 15 dez. 2020.

CUNHA, A. C. B.; SANTOS, C.; GONCALVES, R. M. Concepções sobre maternidade, parto e amamentação em grupo de gestantes. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 1, p. 139-155, 2012. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672012000100011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672012000100011&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 15 dez. 2020.

DUARTE, C. A. M.; TURATO, E. R. Sentimentos presentes nas mulheres diante da perda fetal: uma revisão. **Psicol. estud.**, v. 14, n. 3, pág. 485-490, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722009000300009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722009000300009&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 15 dez. 2020.

FREITAS, J. de L. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 97-105, 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672013000100013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100013&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 15 dez. 2020.

FREITAS, J. de L. Luto, pathos e clínica: uma leitura fenomenológica. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 29, n. 1, pág. 50-57, 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642018000100050&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642018000100050&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 15 dez. 2020.

FLORES, E. T. L.; SOUZA, D. O. G. de. O uso do diário como dispositivo cartográfico na formação em Odontologia. **Interface**, v. 18, n. 48, pág. 197-210, 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832014000100197&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000100197&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 15 dez. 2020.

GOMES, D. M.; SOUSA, A. M. A morte sob o olhar fenomenológico: uma revisão integrativa. **Rev. NUFEN**, v. 9, n. 3, p. 164-176, 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912017000300014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912017000300014&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 15 dez. 2020.

IACONELLI, V. Luto insólito, desmentido e trauma: clínica psicanalítica com mães de bebês. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, v. 10, n. 4, p. 614-623, 2007. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142007000400004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142007000400004&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 15 dez. 2020.

LEMOS, L. F. S.; CUNHA, A. C. B. Concepções Sobre Morte e Luto: Experiência Feminina Sobre a Perda Gestacional. **Psicol. cienc. prof.**, v. 35, n. 4, p. 1120-1138, 2015. Acesso em:

15 dez. 2020. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932015000401120&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932015000401120&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 15 dez. 2020.

MUZA, J.C. *et al.* Quando a morte visita a maternidade: atenção psicológica durante a perda perinatal. **Psicol. teor. prat.**, v. 15, n. 3, p. 34-48, 2013. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872013000300003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000300003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 15 dez. 2020.

PEREIRA, M. U. L. *et al.* Comunicação da notícia de morte e suporte ao luto de mulheres que perderam filhos recém-nascidos. **Rev. paul. pediatri.**, v. 36, n. 4, p. 422-427, 2018.

Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-05822018000400422&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-05822018000400422&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 15 dez. 2020.

RIOS, T. S.; SANTOS, C. S. S.; DELL'AGLIO, D. D. Elaboração do Processo de Luto Após uma Perda Fetal: Relato de Experiência. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 8, n.1, p. 98-

107, 2016. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br>. Acesso em: 15 dez. 2020.

SILVA SOUZA, B. M.; SOUZA, S. F.; SANTOS RODRIGUES, R. T. O puerpério e a mulher contemporânea: uma investigação sobre a vivência e os impactos da perda da autonomia. **Rev. SBPH**, v. 16, n. 1, p. 166-184, 2013. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-08582013000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582013000100010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 15 dez. 2020.

SOUZA, E. N.; MUZA, F. C.; ARRAIS, A. da R. **Quando a morte visita a maternidade:** papel do psicólogo hospitalar no atendimento ao luto perinatal. 2011. 27p. Trabalho de

Conclusão de Curso (Especialização em Psicologia Hospitalar e da Saúde) – Universidade Católica de Brasília. 2011. Disponível em: <https://repositorio.ucb.br/jspui/handle/10869/869>. Acesso em: 15 dez. 2020.

**Artigo recebido em** 04 de março de 2021.

**Artigo aprovado em** 15 de dezembro de 2021.

## **EXTENSÃO TECNOLÓGICA COMO INDUTORA DA INOVAÇÃO EM PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS**

### **TECHNOLOGICAL EXTENSION WITH INNOVATION INDUCTOR IN SMALL AND MEDIUM-SIZED ENTERPRISES**

### **EXTENSIÓN TECNOLÓGICA CON INDUCTOR DE INNOVACIÓN EN PEQUEÑAS Y MEDIANAS EMPRESAS**

Djalma Silva Guimarães Júnior<sup>1</sup>  
Carlos Henrique Michels de Sant'Anna<sup>2</sup>  
Marília Barbosa de Lima<sup>3</sup>

#### **RESUMO**

O presente trabalho consiste em um relato de experiência do projeto de extensão tecnológica Núcleo de Gestão da Inovação da Universidade de Pernambuco (NGI-UPE). O objetivo principal dessa ação é levar práticas de gestão da inovação para micro e pequenas empresas, através do diagnóstico de capacidades tecnológicas, elaboração de planos de inovação e treinamento de funcionários das organizações parceiras. Entre os anos de 2018 e 2019 o projeto foi desenvolvido em sete empresas. No decorrer das atividades pode-se perceber que as empresas participantes não possuíam competências básicas para o desenvolvimento sustentável de práticas de inovação. O projeto contribuiu para a mudança de tal panorama ao apresentar um plano de inovação para cada organização, e fornecer capacitação gerencial para as organizações.

**Palavras-chave:** Extensão Tecnológica; Gestão da Inovação; Pequenas e médias empresas.

#### **ABSTRACT**

The present work consists of an experience report of the technological extension project Innovation Management Center of the University of Pernambuco (NGI-UPE). The main objective of this action is to bring innovation management practices to micro and small companies, through the diagnosis of technological capabilities, the elaboration of innovation

---

<sup>1</sup> Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor Adjunto da Universidade de Pernambuco. E-mail para contato: [djalma.guimaraes@upe.br](mailto:djalma.guimaraes@upe.br).

<sup>2</sup> Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor Assistente da Universidade de Pernambuco.

<sup>3</sup> Graduada em Gestão Logística pela Universidade de Pernambuco.

plans and the training of employees from partner organizations. Between 2018 and 2019 the project was developed in seven companies. During the activities, it can be seen that the participating companies did not have basic skills for the sustainable development of innovation practices. The project contributes to changing this scenario by presenting an innovation plan for each organization, and providing management training for organizations.

**Keywords:** Technological Extension; Innovation Management; Small and medium companies.

### RESUMEN

El presente trabajo consiste en un informe de experiencia del proyecto de extensión tecnológica Centro de Gestión de la Innovación de la Universidad de Pernambuco (NGI-UPE). El objetivo principal de esta acción es llevar las prácticas de gestión de la innovación a las micro y pequeñas empresas, a través del diagnóstico de las capacidades tecnológicas, la elaboración de planes de innovación y la capacitación de empleados de organizaciones asociadas. Entre 2018 y 2019, el proyecto se desarrolló en siete empresas. Durante las actividades, se puede ver que las empresas participantes no tenían habilidades básicas para el desarrollo sostenible de las prácticas de innovación. El proyecto contribuye a cambiar este escenario presentando un plan de innovación para cada organización y proporcionando capacitación en gestión para las organizaciones.

**Palabras clave:** Extensión Tecnológica; Gestión de la Innovación; Pequeñas y medianas empresas.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa apresentar a experiência acumulada no projeto de extensão tecnológica Núcleo de Gestão da Inovação da Universidade de Pernambuco (NGI-UPE). Iniciado em 2018 através do Edital PIAEXT 01/2018, da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade de Pernambuco, trata-se um projeto de extensão tecnológica com abrangência no estado de Pernambuco, sobretudo a região da Mata Norte Pernambucana e Região Metropolitana do Recife.

A apresentação deste relato está organizada da seguinte forma: motivação para desenvolvimento do projeto, em seguida é apresentada a metodologia empregada para execução da ação e base teórica que fornece suporte, em seguida são apresentados os resultados das ações realizadas nos anos de 2018 e 2019, por fim, é discutida a validade das contribuições do projeto para a sociedade, limitações e próximos passos para o projeto.

## **CONTEXTO PARA DESENVOLVIMENTO DO PROJETO**

O ambiente de negócios vem passando por rápidas e profundas mudanças, merecendo destaque aos constantes avanços tecnológicos, os quais têm provocado a redução do ciclo de vida dos produtos e a contínua evolução nos produtos, serviços e processos de negócio. Neste novo cenário as empresas necessitam além de utilizar de modo eficiente suas técnicas produtivas e formas de gestão, incorporar novos conhecimentos aos seus produtos, serviços e processos que orientem a geração, absorção e uso de novas tecnologias.

A inovação tecnológica tem um papel estratégico para o desenvolvimento das empresas em qualquer lugar do mundo, e sobretudo em nações em desenvolvimento. No Brasil o nível de adoção e difusão da inovação nas empresas ainda ocorre de forma lenta, segundo a Pesquisa de Inovação Tecnológica do IBGE (IBGE, 2017) o número de empresas que desenvolveram atividades internas de PD&I no país cresceu 0,64% entre 2011 e 2014. Como uma das consequências deste processo, a produção industrial brasileira vem se retraindo gradativamente, segundo a Pesquisa Industrial Mensal do IBGE (IBGE, 2019), entre 2018 e 2019 a produção industrial brasileira encolheu 2,07%.

O cenário é mais desafiador ao considerar-se a transformação que vem ocorrendo nas atividades produtivas a partir da perspectiva da Indústria 4.0, segundo a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – FIESP (2019) a iniciativa Industrie 4.0 da Alemanha é referência mundial na área e pretende investir 250 bilhões de Euros em 15 anos, dando ênfase no desenvolvimento de sistemas de automação embarcados e novos equipamentos; a China com seu programa “Made In China 2025” prevê o investimento de 1,8 trilhões de Euros nos próximos anos e tem avançado a passos largos na modernização do seu parque industrial. Enquanto que no Brasil em 2018 o governo destinou 8,6 bilhões de reais para ações de estímulo a Indústria 4.0.

As universidades possuem papel estratégico para a inflexão deste cenário produtivo adverso, ao fomentar o desenvolvimento de atividades relacionadas a difusão do conhecimento científico e de boas práticas nas organizações. Neste contexto, o NGI-UPE pretende associar o

conhecimento científico de gestão de inovação produzido na academia, com boas práticas gerenciais presentes no sistema brasileiro de inovação, de forma a proporcionar às Micro e pequenas empresas da região uma estrutura básica para o desenvolvimento da inovação.

## ESTRUTURA E MÉTODO

Este projeto parte do pressuposto de que a capacidade inovadora na empresa vai sendo construída ao longo do tempo. De acordo com Bell e Pavitt (1993; 1995), as capacidades tecnológicas das organizações compreendem um estoque de produtos que possibilitam as empresas inserirem práticas de produção e distintos níveis de atividades de inovação, isto é, para transformar as tecnologias presentes. Estas capacidades abrangem a natureza do capital humano e aspectos.

Em virtude da essência tácita e vasta da capacidade tecnológica, não se faz separação entre capacidade tecnológica e organizacional já que a última compõe a primeira. Quanto a isso Figueiredo (2015) ressalta que as empresas tendem a negligenciar a dimensão organizacional, pois enquanto enfatiza o “capital humano” como propulsora de desenvolvimento tecnológico emprega-se uma atenção desajustada ao “capital organizacional”, ou seja, a capacidade tecnológica incluída no sistema tecido organizacional.

A capacidade tecnológica está contida no mínimo em quatro componentes (LALL, 1992; BELL; PAVITT, 1993; 1995) são estes dispostos na Tabela 1.

**Tabela 1.** Componentes da Capacidade Tecnológica.

Componente	Definição
Sistemas técnicos físicos	Compreendem o maquinário, equipamentos, sistemas com base na tecnologia da informação (banco de dados, por exemplo), software de modo geral e plantas de manufatura
Pessoas	Está relacionada à percepção tácita, à habilitação e experiência de engenheiros, técnicos, operadores e gerentes que são obtidas no decorrer do tempo.

Sistema (tecido) organizacional	Diz respeito à compreensão armazenada nas práticas organizacionais e gerenciais da firma, no sistema, no conhecimento, na documentação, na execução de métodos de gestão ( <i>Total Quality Management</i> – TQM; <i>Material Requirement Planning</i> – MRP; <i>Just-In-Time</i> – JIT, entre outras), nos processos de movimento (fluxo) de produção de produtos e serviços e nos modos de efetuar algumas atividades nas empresas.
Produtos e serviços	Contém os produtos e serviços que são criados, desenvolvidos, e comercializados pela empresa como um reflexo dos seus sistemas físicos e conhecimento tácito organizacional. No entanto não deve ser etiquetado apenas como resultado dos outros três componentes, pois estão inclusas na capacidade tecnológica empresarial.

Fonte: Adaptado de Figueiredo 2015.

Para o desenvolvimento da atividade do projeto são seguidas as seguintes etapas: 1 - capacitação dos discentes voltada a ações para estruturação de atividades de gestão da inovação; 2 - Sensibilização de empresários para participação no projeto; 3 - Realização de Diagnósticos de estrutura tecnológica e de gestão; 4 - Elaboração de planos de inovação; e por fim, 5 - Apresentação dos planos de ação e treinamento da equipe da organização.

A primeira etapa compreende a seleção de alunos do Curso Tecnológico de Gestão em Logística da Universidade de Pernambuco, a seleção ocorre através de: exame, análise de currículo e entrevista. A equipe conta com a participação em média de dez alunos de graduação e dois professores orientadores. A capacitação ocorre através de aulas, palestras, pesquisas, leitura e compartilhamento de experiências dos egressos do projeto. O projeto conta com um acervo de 40 títulos relacionados a gestão da inovação, empreendedorismo, gestão da qualidade, indústria 4.0, dentre outros.

Na segunda etapa são promovidos eventos de sensibilização e/ou visitas, para a mobilização dos empresários para adesão ao projeto. Os extensionistas são os principais veículo de divulgação do projeto, eles são incentivados a procurar empresas de sua região, com o intuito de potencializar o desenvolvimento local (cerca de 70% dos extensionistas residem em cidades do interior do estado de Pernambuco).

A terceira etapa consiste na realização do diagnóstico ocorre através de entrevistas estruturadas com o gestor da organização, e da aplicação do método MAPEL, que foi proposto pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) a fim de avaliar seis dimensões, que estão relacionadas com o grau de maturação as atividades de inovação na empresa (FARIAS *et al.*, 2013).

O método MAPEL é dividido em seis dimensões, sendo cinco ligadas aos processos estruturantes e uma voltada para a avaliação dos resultados obtidos. As dimensões são método, ambiente, pessoas, estratégia, liderança e resultados de práticas inovadoras, conforme (MUNIZ; SICSÚ, 2013):

- Planejamento estratégico - consiste em verificar se na empresa existem métodos para identificar oportunidades de inovação, se as pessoas são incentivadas a inovar e se existe formas de avaliar os erros cometidos pelos funcionários;
- Ambiente - observa se existe um espaço e tempo disponível propício à geração de práticas inovadoras;
- Pessoas - verifica se os funcionários são treinados para gerar valor ao negócio com técnicas modernas, ressalta-se a real preocupação que a empresa deve ter em valorizar e remunerar tais funcionários, além disso é ideal que quando houver bons resultados advindos dessa prática seus colaboradores sejam informados;
- Estratégia - examina se a organização assume os riscos e disponibiliza recursos para projetos de inovação e se a mesma consegue identificar a contribuição da inovação para resultados da empresa;
- Liderança - avalia se o gestor conduz pessoalmente as reuniões estratégicas, se ele toma a inovação como essencialidade dentro da organização e apoia práticas voltadas à ela;
- Resultados - investiga se os resultados obtidos relativo ao produto, mercado e clientes, desempenho econômico-financeiro e socioambiental originaram-se das condutas inovadoras na empresa.

A quarta etapa consiste na construção de um plano de inovação para cada organização parceira do projeto, seguindo o modelo proposto por Matos, Stoffel e Teixeira (2010). Por fim,

a etapa 5 consiste na apresentação dos resultados do diagnóstico e de um plano de inovação para a organização, no qual são descritas algumas ações objetivas com potencial de iniciar um processo estruturado e autônomo de desenvolvimento da inovação na organização, bem como, é oferecido a organização o apoio para a capacitação/assessoramento em uma ação específica proposta no plano de inovação.

## RESULTADOS DAS ATIVIDADES

Nesta seção são apresentados os resultados das atividades desenvolvidos nos anos de 2018 e 2019. No período participaram do projeto 7 empresas industriais e de serviços situadas no estado de Pernambuco, conforme apresentado na Tabela 2.

**Tabela 2.** Perfil das empresas.

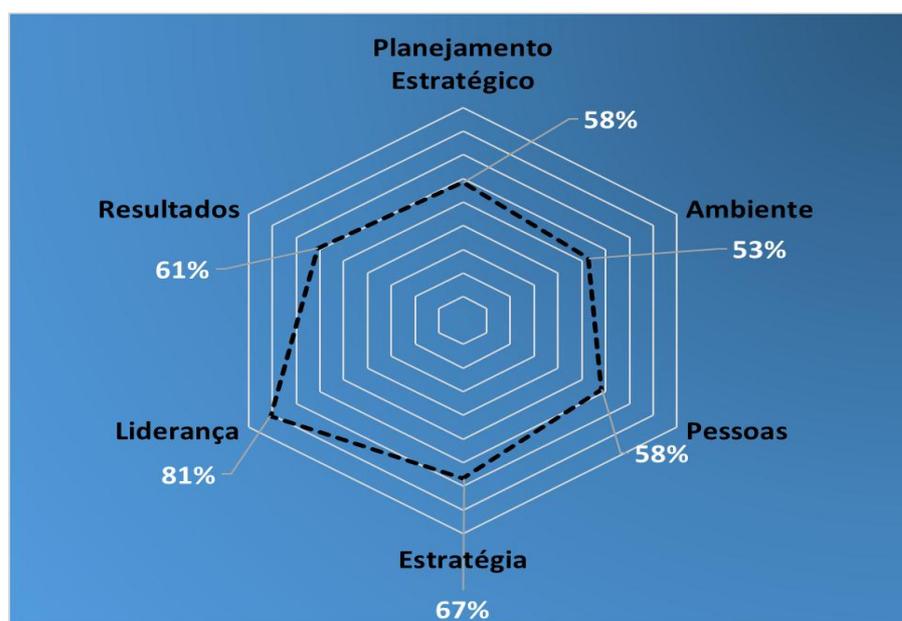
<b>Empresa</b>	<b>Setor de atuação</b>	<b>Porte</b>
Fabricante de alimentos	Alimentício	Microempresa
Revenda de peças de veículos	Varejo	Pequeno
Empresa de segurança eletrônica	Serviços de Segurança Eletrônica	Pequeno
Produtor de argamassa	Indústria da Construção Civil	Médio
Cooperativa de produtores de laticínios	Alimentício	Microempresa
Fabricante de alimentos	Alimentício	Pequeno
Rádio	Serviços Logísticos	Pequeno

Fonte: Os autores (2020)

Pode-se observar que o setor de atuação das empresas é variado, desde segmentos industriais até empresas de serviços. Cabendo destaque para o porte das empresas ser

predominantemente de empresas de pequeno porte, bem como, de maneira geral as empresas possuem baixa intensidade de capital.

No que se refere ao desempenho tecnológico das organizações, ao se aplicar a ferramenta MAPEL, pode-se observar que segundo a metodologia os aspectos relacionados a liderança apresentaram um desempenho mais satisfatório, em detrimento das dimensões ambiente, planejamento estratégico e pessoas, conforme Figura 1. Ou seja, segundo o diagnóstico alguns dos principais empecilhos para o desenvolvimento da inovação nas organizações dizem respeito a deficiência na criação de um ambiente de trabalho que estimule a inovação, inexistência de planejamento estratégico e omissão de metas relacionadas à inovação nos existentes e falta de incentivo aos indivíduos para o desenvolvimento da inovação.



**Figura 1.** Desempenho tecnológico das organizações segundo MAPEL.

Fonte: Os autores (2018).

Com base em tal desempenho foram desenvolvidos planos de inovação para cada uma das organizações participantes do projeto, conforme Tabela 3. Pode-se perceber que a grande maioria das ações propostas para as atividades não estavam relacionadas a processos de gestão da inovação propriamente ditos, mas a processos gerenciais básicos e acessórios para o

desenvolvimento de uma cultura de inovação tecnológica na organização. De forma, na maioria dos casos as empresas parceiras do projeto ainda precisavam desenvolver competências básicas para a posteriori desenvolver práticas consistentes de gestão da inovação.

**Tabela 3.** Resumo das ações dos planos de inovação

Empresa	Linhas Gerais de Orientação		
	Ação 1	Ação 2	Ação 3
Fabricante de alimentos	Introduzir controle estatístico de processos	Realizar pesquisa de opinião com clientes	Treinamento para a equipe sobre práticas inovadoras no segmento
Revenda de peças de veículos	Realizar inventário do estoque	Ajustar o layout do estoque	Realizar reuniões semanais com a equipe para discutir possíveis melhorias no processo
Empresa de segurança eletrônica	Mapear o processo da operação na organização	Desenvolver metodologia de recompensas para funcionários	Buscar opiniões dos clientes sobre a qualidade dos serviços
Produtor de argamassa	Implantar Programa 5S	Aprimorar o controle estatístico de processos	Capacitar a equipe para programa da qualidade
Cooperativa de produtores de laticínios	Introduzir controle estatístico de processos	Estabelecer Procedimentos Operacionais Padrão (POPs) para os vários componentes do processo	Repensar o canal de distribuição
Produtor de alimentos	Aprimorar o controle estatístico de processos	Implantar Programa 5S	Buscar opiniões dos clientes sobre a qualidade dos produtos
Rádio	Mapear o processo da operação na organização	Realizar reuniões semanais com os funcionários para avaliar os processos	Desenvolver sistema de recompensas para ações inovadoras dos funcionários

Fonte: Os autores (2020)

A primeira ação sugerida para cada organização foi executada com o suporte dos extensionistas integrantes do NGI-UPE, bem como, o propósito da ação foi apresentada para a equipe de gestão e operacional com vistas a adesão aos novos processos, e continuidade das

práticas. A Figura 2, exemplifica a apresentação da Ferramenta 5S por um extensionista para funcionários do fabricante de argamassa.



**Figura 2.** Atividade de treinamento em empresa parceira do projeto.

Fonte: Os autores (2020).

## **CONTRIBUIÇÃO PARA A SOCIEDADE E PERSPECTIVAS**

Neste relato de experiência, pudemos evidenciar a importância da extensão tecnológica para o desenvolvimento das atividades produtivas na sociedade, o que vai ao encontro da necessidade de ampliação da competitividade das empresas locais frente a um mercado cada vez mais competitivo e globalizado. Bem como da formação de pessoal bem preparado, para atuar na difusão de práticas de inovação nas organizações, enriquecendo assim a formação dos alunos extensionistas.

As empresas micro e pequenas empresas têm enfrentado um cenário adverso nos últimos anos, o qual foi agravado mais recentemente pela pandemia do COVID-19 e seus efeitos sobre a sociedade e a economia. Tais empresas quando situadas em regiões interioranas

enfrentam dificuldades adicionais relacionadas ao acesso a centros de apoio, mão de obra e capacitação gerencial.

Desta forma, o NGI-UPE têm-se mostrado como uma ferramenta de colaboração da universidade com o desenvolvimento local e o aprimoramento das atividades produtivas de empresas da região, sobretudo de cidades de menor porte, tendo em vista que do grupo de empresas parceiras apenas uma é da Região Metropolitana do Recife, as demais são da Mata Norte Pernambucana.

O projeto ainda enriquece o processo de formação dos alunos extensionistas os quais têm a oportunidade de vivenciar e aplicar práticas gerenciais discutidas em sala de aula, bem como, tem a oportunidade de conhecer os desafios e dilemas do mundo corporativo de forma a sair da universidade mais preparados para sua futura atuação.

## REFERÊNCIAS

BELL, M.; PAVITT, K. **The development of technological capabilities**. Washington, DC: The World Bank, 1995. p. 69-101.

BELL, M.; PAVITT, K. Technological accumulation and industrial growth: contrast between developed and developing countries. **Industrial and Corporate Change**, v. 2, n. 2, p. 157-210, 1993.

FARIAS, C. J. L.; ANDRADE, C. A. L.; FREITAS, C. F. L. S.; GONÇALVES JUNIOR, J. S.; Metodologia para mensurar o impacto da inovação nas atividades empresariais. *In*: XXIII ANPROTEC – Seminário Nacional de Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas, 2013.

FIESP. **Programa Rumo à Indústria 4.0**. 2019. Disponível em: <https://brazillab.org.br/noticias/programa-rumo-a-industria-4-0>. Acesso em: 15 set. 2019.

FIGUEIREDO, P. N. **Gestão da inovação**: conceitos, métricas e experiências de empresas no Brasil. 2. ed. – Rio de Janeiro: LCT, 2015.

FIGUEIREDO, P. N. Acumulação tecnológica e inovação industrial: conceitos, mensuração e evidências no Brasil. **São Paulo em perspectiva**, v. 19, n. 1, p. 54-69, 2005.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua**. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=desemprego&searchphrase=all>. Acesso em: 8 abr. 2020.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PINTEC - Pesquisa de Inovação**. 2017. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/ciencia-tecnologia-e-inovacao/9141-pesquisa-de-inovacao.html?edicao=17111&t=sobre>. Acesso em: 8 abr. 2020.

LALL, S. Technological capabilities and industrialisation. **World Development**, v. 20, n. 2, p. 165-186, 1992

MATOS, J.F., STOFFEL, H.R., TEIXEIRA, R.A. **Mobilização Empresarial para a inovação**: Cartilha de Gestão da Inovação. Brasília, CNI, 2010.

MUNIZ, D. O. **Características de empresas inovadoras**: o projeto NUGI e suas empresas. 2013. 92f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

**Artigo recebido em** 11 de junho de 2020.

**Artigo aprovado em** 15 de dezembro de 2021.

## **AUTOMAÇÃO DO ACIONAMENTO DE UM AMBU PARA UTILIZAÇÃO COMO RESPIRADOR EMERGENCIAL**

### **AUTOMATION OF THE ACTIVATION OF AN AMBU FOR USE AS AN EMERGENCY RESPIRATOR**

### **AUTOMATIZACIÓN DE LA ACTIVACIÓN DE UN AMBU PARA SU USO COMO RESPIRADOR DE EMERGENCIA**

José Bismark de Medeiros<sup>1</sup>  
Jadsonlee da Silva Sá<sup>2</sup>  
Edna Santiago Benta<sup>3</sup>  
Max Santana Rolemberg Farias<sup>4</sup>

#### **RESUMO**

Diante aos riscos impostos pela pandemia do Coronavirus, em todo mundo, a sociedade em geral foi desafiada a enfrentar um problema com perspectivas catastróficas e, devido a pouca experiência e conhecimento do assunto mundialmente, muitas linhas de ação foram abertas, desde abordar temas para prevenção da doença até os cuidados com pacientes infectados e em situações de extrema gravidade. Dentre essas inúmeras linhas de ação, sendo a infecção por Coronavirus, uma doença que afeta o sistema respiratório, houve uma grande demanda por respiradores artificiais, o que por um lado levou a falta desse equipamento no mercado, e por outro, a busca urgente por sistemas mecanizados capazes de ser utilizados como respiradores emergenciais, mesmo que fosse para utilização em pacientes em situações de menores gravidades para liberação dos leitos hospitalares com respiradores certificados e disponíveis em UTI. Nessa linha, vários setores da sociedade, civis, militares, empresas, inventores independentes, instituições de ensino, etc., também buscaram contribuir de alguma forma, desenvolvendo equipamentos capazes de ser utilizados como respiradores emergenciais. Neste sentido, este trabalho apresenta o desenvolvimento e construção de um protótipo testado e que mostrou-se em condições de ser produzido em quantidades suficientes para enfrentamento de

---

<sup>1</sup> Engenheiro Mecânico (UFPB). Doutor em Engenharia Mecânica (COPPE-UFRJ). Docente do Colegiado de Engenharia Mecânica da UNIVASF, Campus Juazeiro. E-mail para contato: [jose.bismark@univasf.edu.br](mailto:jose.bismark@univasf.edu.br).

<sup>2</sup> Engenheiro Elétrico (UFCEG). Doutor em Engenharia Elétrica (UFCEG). Docente do Colegiado de Engenharia da Computação, UNIVASF, Campus Juazeiro.

<sup>3</sup> Engenheira Química (UFSC). Mestre em Engenharia Química (UNICAMP). Doutora em Engenharia Mecânica (UNICAMP). Docente do Colegiado de Engenharia Mecânica, UNIVASF, Campus Juazeiro.

<sup>4</sup> Bacharel em Ciência da Computação (UNIT), Mestrado em Modelagem Computacional de Conhecimento (UFAL) e Doutorado em Ciência da Computação (UFPE). Docente do Colegiado de Engenharia de Computação, UNIVASF, Campus Juazeiro.

uma situação extrema. É apresentada uma breve revisão das propostas que, até o início deste trabalho, vinham sendo estudadas e a partir daí, a escolha de uma maneira de automatizar um AMBU (acrônimo para unidade de respiração artificial manual, do inglês, Artificial Manual Breathing Unit), dentro da realidade de fornecimento de peças e serviços pela indústria em torno da região de inserção da UNIVASF.

**Palavras-chave:** COVID-19; Respiradores Emergenciais; AMBU; Respiradores.

### **ABSTRACT**

Faced with the risks posed by the Corona Virus pandemic, everywhere in the world, society in general was challenged to face a problem with catastrophic perspectives and, due to little experience and knowledge of the subject worldwide, many lines of action have been opened, since to address topics from disease prevention to care for infected patients and in extremely serious situations. Among these countless lines of action, being Corona Virus infection, a disease that affects the respiratory system, there was a great demand for artificial respirators, which on the one hand led to the lack of this equipment on the market, and on the other, the urgent search by mechanized systems capable of being used as emergency respirators, even if it was for use in patients in situations of lower severity to release hospital beds with certified respirators available in the ICU. Along these lines, various sectors of society, civilians, military, companies, independent inventors, educational institutions, etc., also sought to contribute in some way, by developing equipment capable of being used as emergency respirators. In this sense, this work presents the development and construction of a tested prototype that proved to be capable of being produced in sufficient quantities to face an extreme situation. A brief review of the proposals is presented that, until the beginning of this work, had been studied and from there, the choice of a way to automate an AMBU (Artificial Manual Breathing Unit), within the reality of supplying parts and services by the industry around the insertion region of UNIVASF.

**Keywords:** COVID-19; Emergency Respirators; AMBU; Respirators.

### **RESUMEN**

Frente a los riesgos planteados por la pandemia del Virus Corona, en general, la sociedad en general se enfrentó a un problema con perspectivas catastróficas y, debido a la poca experiencia y conocimiento del tema en todo el mundo, se abrieron muchas líneas de acción, ya que para abordar problemas desde la prevención de enfermedades hasta la atención de pacientes infectados y en situaciones extremadamente graves. Entre estas innumerables líneas de acción, como la infección por el virus Corona, una enfermedad que afecta el sistema respiratorio, hubo una gran demanda de respiradores artificiales, lo que, por un lado, condujo a la falta de este equipo en el mercado y, por otro, la búsqueda urgente mediante sistemas mecanizados capaces de usarse como respiradores de emergencia, incluso si fuera para uso en pacientes en situaciones de menor gravedad para liberar camas de hospital con respiradores certificados y disponibles en la UCI. En este sentido, varios sectores de la sociedad, civiles, militares, empresas, inventores independientes, instituciones educativas, etc., también buscaron contribuir de alguna manera, desarrollando equipos capaces de ser utilizados como respiradores de emergencia. En

este sentido, este trabalho apresenta el desarrollo y la construcción de un prototipo probado que demostró ser capaz de producirse en cantidades suficientes para enfrentar una situación extrema. Se presenta una breve revisión de las propuestas que, hasta el inicio de este trabajo, se habían estudiado y a partir de ahí, la elección de una forma de automatizar un AMBU (acrónimo de unidad de respiración manual artificial, del inglés, Artificial Manual Breathing Unit), dentro de la realidad de suministrar repuestos y servicios por parte de la industria alrededor de la región de inserción de UNIVASF.

**Palabras clave:** COVID-19; Respiradores de emergencia; AMBU; Respiradores.

## INTRODUÇÃO

Tendo em vista a possibilidade de uma crise no sistema de saúde na região de inserção da UNIVASF, devido a pandemia causada pelo Coronavírus, com apoio da coordenação institucional de enfrentamento da pandemia, formaram-se grupos de docentes, técnicos, estudantes e voluntários para estudar, acompanhar e avaliar maneiras de minimizar os problemas de saúde da população, bem como do sistema de saúde. Dentre essas iniciativas, uma imediata por um desses grupos foi o estudo e análise de ventiladores pulmonares de emergência desenvolvidos e disponibilizados livremente em todo o mundo. Dessa forma, após a análise de protótipos tanto nacionais, UFRJ e UNICAMP ([1] e [2]) quanto internacionais [3], foi dada atenção especial aos trabalhos disponibilizadas nas referências de [4] a [9], dentre 40 iniciativas avaliadas e ranqueadas sob alguns critérios técnicos importantes, [9].

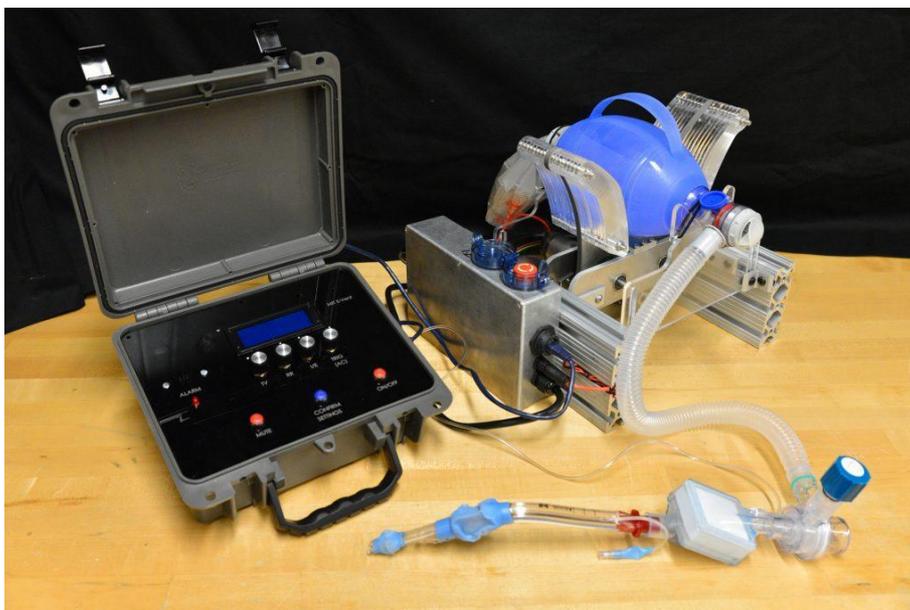
Inicialmente, o foco foi a análise da facilidade de construção e a capacidade da indústria local vir a construí-lo, caso se conseguisse chegar a um protótipo funcional. Dentre as opções estudadas, o da referência [9] - MIT Emergency Ventilator Project, foi o escolhido para um primeiro protótipo tendo em vista a disponibilização de todos os parâmetros de projeto, podendo os mesmos ser adequados a outras configurações, conforme as realidades tecnológicas de interessados. Dessa maneira, seguindo-se essa proposta, chegou-se a um protótipo que permitiu a realização de testes de funcionamento, mostrando a viabilidade construtiva do mesmo em quantidades suficientes para atender uma eventual crise.

## METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste projeto foi necessário um levantamento acerca de requisitos gerais para se garantir um produto confiável, adequado para ser utilizado em ambientes hospitalares e, principalmente, capaz de reproduzir a respiração humana dentro de uma faixa de frequência respiratória adequada.

### *Considerações Gerais*

Para construção do primeiro protótipo se seguiu o desenvolvimento apresentado na referência [9], projeto que vem sendo testado e refinando continuamente com o objetivo de aumentar a robustez dos protótipos. O conceito, apresentado em [9] e atualmente conforme a Figura 1 consiste em uma garra robótica constituída por duas alavancas (braços) que seguram um sistema de prensagem, pinças, que, acionadas por um motor elétrico, se fecham suavemente em sincronia para comprimir uma bolsa (AMBU - Artificial Manual Breathing Unit) sob a ação de um sistema de controle em malha aberta ou fechada.



**Figura 1.** Projeto do Ventilador de emergência do MIT. Fonte: Adaptado da Referência [9].

Conforme sugerido em [9], os principais requisitos de projeto mecânico devem estar intimamente ligados aos itens de 1 a 4 a seguir:

1) Cuidados com a bolsa AMBU e as mangueiras auxiliares do sistema. Esses cuidados são essenciais tendo em vista que o sistema deverá funcionar pelo menos 7 dias  $\times$  24 horas  $\times$  60 minutos  $\times$  30 bpm (respirações por minuto, do inglês, sigla para breath per minute)  $\times$  2 ciclos de tensão (compressão e descompressão) = 604.800 ciclos. Portanto, atenção especial aos mecanismos de segurar, apertar e prender a bolsa deverá ser feita, preferencialmente, de ambos os lados a fim de reduzir o risco de fadiga do material do AMBU, reduzindo sua vida útil. As pinças, portanto, também devem ser lisas e modeladas para maximizar o ar expelido sem danificar a bolsa. A bolsa deve ser apoiada com flexibilidade para permitir movimento durante a operação.

2) Operação à prova de falhas. O critério de confiabilidade de funcionamento é essencial, mas caso haja alguma falha, é importante um sistema de aviso e um profissional da saúde deve para desligar facilmente o acionamento, abrir o dispositivo manualmente, caso seja fechado, remover a bolsa e acioná-la manualmente.

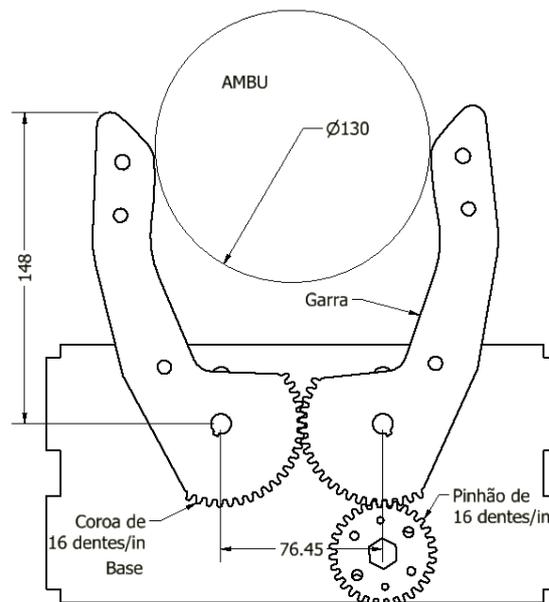
3) Projeto simples. É importante capacitar e dar suporte necessário para que outras pessoas possam fabricá-lo. Portanto, nesse tipo de iniciativa deve ser um sistema de especificação simples, de código aberto e, se possível, ser adequado às cadeias de suprimentos locais.

4) Motor de acionamento. Devem ser analisados e avaliados várias configurações de motores que possam ser encontrados no mercado local, bem como a facilidade de implementar o mecanismo de compressão do AMBU.

Com foco nos requisitos apresentados nos itens de 1 a 4, mas sem perder de vista os demais requisitos para projetos de máquinas, [10] – [12], consegue-se definir as dimensões básicas de um protótipo de forma que qualquer profissional qualificado em mecânica poderá executá-lo e ajustá-lo para se adequar aos materiais e tecnologias de fabricação disponíveis localmente. Na nossa região de inserção, por exemplo, temos acesso imediato a cortadores a

plasma, a laser e impressão 3D. No entanto, deve-se considerar que os componentes projetados também possam ser fabricados por fresadoras, tornos mecânicos, CNC, centro de usinagem, valendo a mesma observação para os elementos de união utilizados.

Conforme a Figura 2, a equipe envolvida decidiu se valer do recurso de prototipagem rápida e construir um sistema de acionamento do AMBU semelhante a do protótipo do MIT, [9], o qual utiliza engrenagens para transmissão da potência de acionamento requerida, com uma relação de transmissão de 1,6.



**Figura 2.** Diagramático do mecanismo de acionamento do AMBU. Fonte: Adaptado da Referência [9].

As duas garras ilustradas na Figura 2, utilizadas para comprimir o AMBU, têm engrenagens na parte inferior, para garantir movimento sincronizado e reduzir os efeitos da deformação do AMBU se o mesmo fosse apertado apenas por um dos lados, contra uma base fixa. Tais engrenagens, (denominadas coroas), foram construídas com passo diametral 16 dentes/pol, 48 dentes, diâmetro primitivo de 3 pol., ângulo de pressão de 14,5°, espessura de

0,25 pol. O pinhão (engrenagem condutora/solidária ao eixo do motor de acionamento), Figura 2, foi construída seguindo as condições cinemáticas essenciais para a fabricação de engrenagens, com passo diametral de 16 dentes/pol, 30 dentes, diâmetro primitivo de 1,875 pol., ângulo de pressão de  $14,5^\circ$ , 0,5 pol de espessura. Observe-se que essa maior espessura do pinhão, foi com o objetivo de acomodar o desalinhamento axial com as engrenagens dos braços, inicialmente.

A escolha do material é extremamente importante. Os protótipos foram construídos com materiais disponíveis localmente. No entanto, teve-se atenção especial à vida útil da engrenagem do braço e do pinhão de acionamento quanto à fadiga por tensão de contato e flexão nos dentes dessas engrenagens, [10] – [12], por se tratar de uma carga oscilante, com aplicação de força no curso de aperto, enquanto o curso de retorno acontece praticamente descarregado, sendo necessário a estimativa da força necessária para o acionamento.

#### *Determinação da potência requerida*

Para especificação e dimensionamento dos componentes do mecanismo de acionamento do sistema foi necessária uma estimativa da potência máxima requerida para comprimir a bolsa AMBU. Inicialmente os cálculos foram realizados usando um mecanismo de garra dupla, acionado a partir da parte inferior (coroa). Observe-se que projetos diferentes, com outros mecanismos de atuação, alteram as especificações do motor, mas a potência deve permanecer aproximadamente a mesma.

Muitos projetos que disponibilizados gratuitamente subestimam significativamente as pressões necessárias para inflar os pulmões de uma pessoa. Além disso, pacientes comprometidos com COVID-19 podem exigir perfis de movimento mais agressivos, ou seja, respirações curtas e rápidas e tempos de expiração mais longos. Especificamente, os médicos estão relatando razões I:E de 1: 4 (inspiração/respiração) em pacientes com COVID-19. Sendo assim, para fins de dimensionamento, neste projeto seguimos as recomendações da referência [9].

*Potência teórica requerida*

Independentemente do projeto mecânico da pinça, a potência necessária pode ser calculada considerando-se os maiores valores das seguintes variáveis, referência [9]:

- Pressão máxima nas vias aéreas:  $P_{airway, max} = 40 \text{ cm H}_2\text{O}$  (pressão de ruptura)
- Taxa máxima de respiração:  $RR_{max} = 40 \text{ bpm}$  (verificando)
- Proporção mínima de inspiração / expiração de 1: 4:  $I_{E_{ratio, min}} = 4$
- Volume máximo de saída:  $V_{max} = 800 \text{ cm}^3$

Sendo assim, na pior das hipóteses, o dispositivo precisa comprimir o AMBU de maneira que o ar saia a uma pressão de 40 cm H<sub>2</sub>O, em 0,3 segundos, conforme a Equação (1):

$$t_{inhale} = \frac{\frac{60}{RR_{max}}}{(1+I_{E_{ratio, min}})} \quad (1)$$

A vazão volumétrica necessária no pior cenário (pico) pode então ser calculada conforme a Equação (2):

$$Q_{airway} = \frac{V_{max}}{t_{inhale}} = 0,0027 \frac{\text{m}^3}{\text{s}} \quad (2)$$

A potência (na forma de fluxo pressurizado de volume nas vias aéreas) é:

$$Power_{airway} = P_{airway, max} \times Q_{airway} = 10,46 \text{ W} \quad (3)$$

No entanto, parte da energia usada para comprimir a bolsa é perdida (deformação, atrito, etc.) sendo necessário estimar, com larga margem de tolerância, devido à segurança operacional necessária, que apenas 50% dessa potência é convertida em fluxo de volume pressurizado. Levando em consideração essa eficiência, a energia necessária na garra é:

$$Power_{gripper} = 2 \times Power_{airway} = 20,92 \text{ W} \quad (4)$$

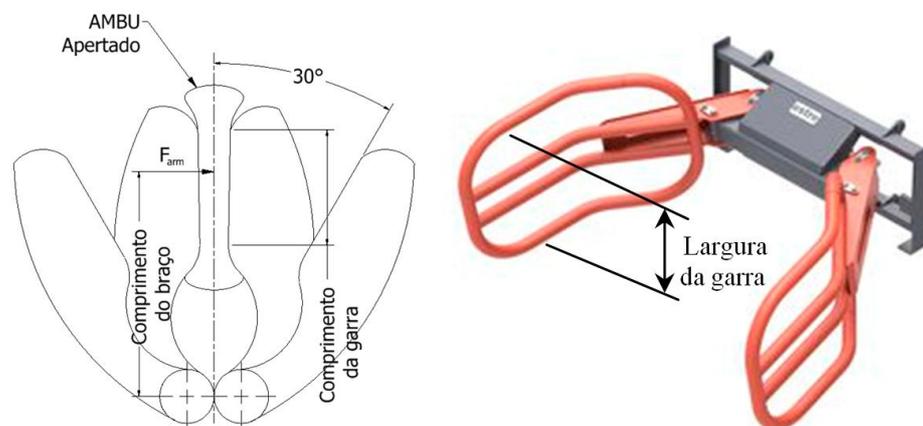
A potência real necessária do motor será ainda maior, quanto menor for à eficiência dos projetos mecânico e elétrico. Supondo que metade da potência do motor seja perdida por ineficiências mecânicas e elétricas (defeitos de montagem, atritos, dissipação térmica, etc.), a potência necessária do motor é dada por:

$$Power_{motor} = 2Power_{gripper} = 41,84 W \quad (5)$$

Na Equação (5) novamente se considera um fator de segurança alto, porém necessário, por se tratar de um equipamento onde a confiabilidade de funcionamento é um requisito importante.

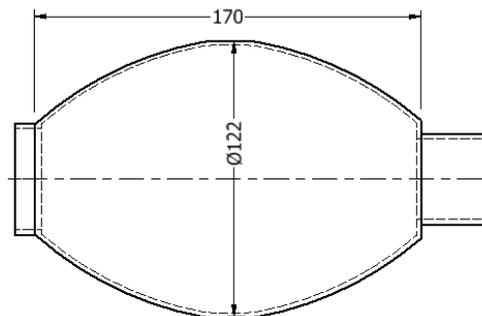
*Potência requerida para acionamento do mecanismo de compressão do AMBU*

Uma abordagem alternativa para calcular a potência requerida para o motor é considerando-se o diagrama apresentado na Figura 3, onde ilustra-se um mecanismo de garras de dois braços.



**Figura 3.** Diagrama esquemático de um mecanismo de garra de dois braços. Fonte: Autores.

Conforme a Figura 3, sendo possível estimar a área de contato da bolsa AMBU com as garras, o comprimento do braço da garra e o ângulo de varredura, pode-se estimar o torque necessário para o completo fechamento do mesmo. Portanto, a partir das dimensões de um AMBU comercial, conforme a Figura 4, essas dimensões podem ser estimadas considerando-se os requisitos de projeto.



**Figura 4.** Dimensões de um AMBU, em mm. Fonte: Autores.

Para configuração proposta, a área de contato máxima da bolsa com a garra  $A_{bag}$  é de 90 mm (comprimento da garra)  $\times$  115 mm (largura da garra). O braço tem comprimento,  $l_{arm}$  de 120 mm e o um ângulo de varredura é  $\alpha_{sweep} = 30^\circ$ , determinado a partir do comprimento do braço e do diâmetro do AMBU. Dessa forma, pode-se calcular a força máxima da bolsa em um braço (quando totalmente espremida), considerando-se a mesma eficiência de transmissão de pressão de 50%:

$$F_{arm} = 2A_{bag}P_{airway,max} = 81,99 \text{ N} \quad (6)$$

O torque máximo necessário em cada braço é então:

$$\tau_{arm} = F_{arm}l_{arm} = 9,74 \text{ N.m} \quad (7)$$

Dessa forma, a potência necessária para a garra de dois braços usando a taxa angular de varredura (em 0,3 segundo) é:

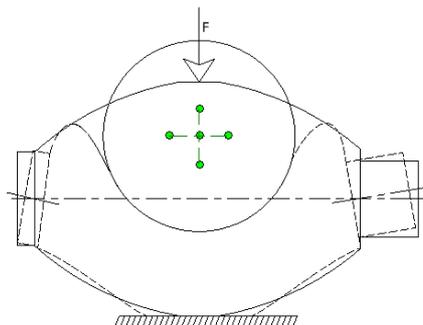
$$P_{gripper} = 2 \times \tau_{gripper}\omega_{finger} = 34,01 \text{ W} \quad (8)$$

Ao se considerar a mesma eficiência de 50%, para o motor e caixa de velocidades, a potência total do motor (assumindo um único motor), fica dada por:

$$P_{motor} = 2 \times P_{gripper} = 68,03 \text{ W} \quad (9)$$

### *Validação em bancada*

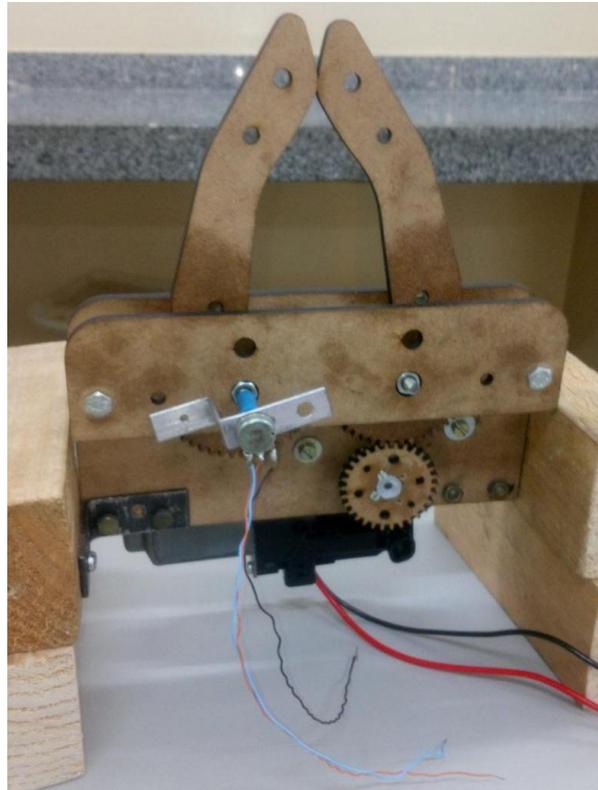
Além das estimativas realizadas utilizando-se as equações de (1) a (9), também se desenvolveu experimentos para validação desses resultados encontrados para potência do motor de acionamento. Em primeiro lugar foi colocado o AMBU sobre uma superfície plana e pesos sobre a superfície livre até o mesmo fechar completamente como na figura 5:



**Figura 5.** Verificação experimental da carga necessária para fechar o AMBU. Fonte: Autores.

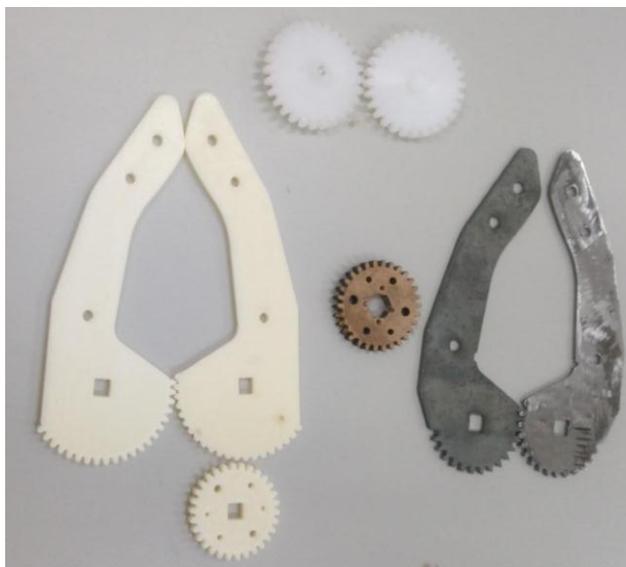
A partir desses cálculos foi feita uma modelagem tridimensional do sistema do mecanismo apresentado na referência [7] e foram realizados novos testes.

Na Figura 6 temos uma fotografia de um dos primeiros protótipos construídos. Observe que o mesmo é todo em mdf, cortado a laser, mas o ponto de partida para avaliar as condições cinemáticas de funcionamento do mecanismo, as quais não serão apresentadas aqui. Portanto, foi uma prototipagem rápida para análise dimensional, interferência de peças em movimento, fixação de suportes para sensores, testes dos sensores de posição e calibração do ângulo máximo e mínimo da garra, tendências de travamentos, visão geral, etc., utilizando-se um material inadequado às condições operacionais necessárias para esses componentes do mecanismo, mas que, podendo ser cortado a laser, que proporciona rapidez e precisão na confecção das peças, permitiu avaliações essenciais em tempo curtíssimo.



**Figura 6.** Primeiro protótipo construído. Fonte: Autores.

Na figura 7, são apresentados um par de braços componentes da garra e um pinhão de acionamento, construídos em náilon utilizando-se uma impressora 3D, um pinhão de acionamento cortado a laser em mdf, um par de pinhões em náilon, usinados em tornos da oficina mecânica e um par de braços da garra em aço, cortados em plasma. Novamente cabe a observação que o emprego de alguns materiais e processos foi apenas avaliações de prototipagem rápida, para fins de avaliações dimensionais e cinemáticas.



**Figura 7.** Componentes construídos para avaliação de processos de fabricação. Fonte: Autores.

Durante os testes, também foram realizadas medições de corrente do motor para validação da potência requerida.

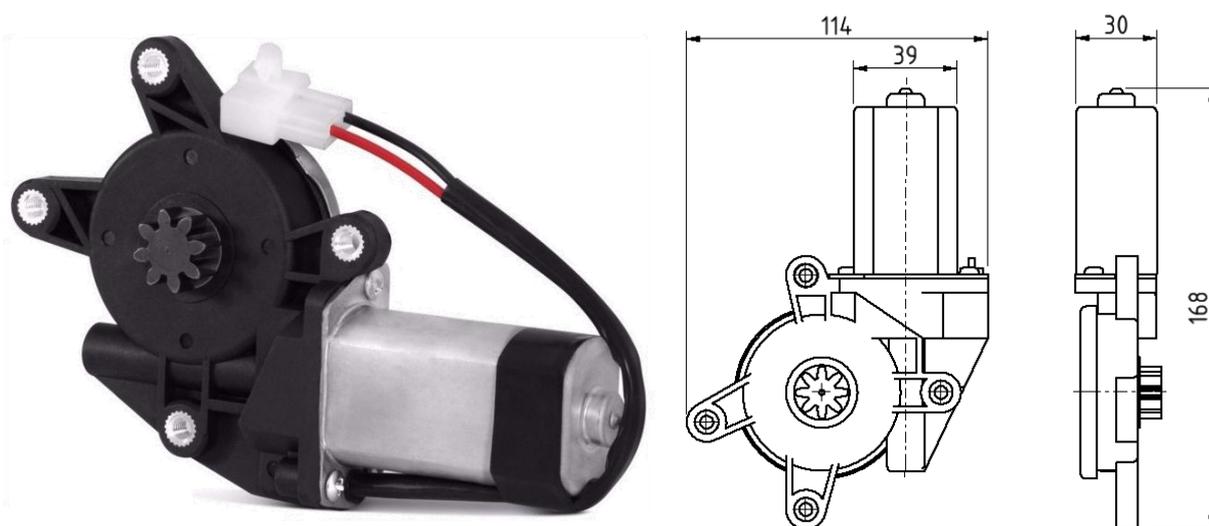
#### *Recomendação Potência mínima*

Conforme mencionado na referência [7] e também comprovado no desenvolvimento aqui apresentado, a potência mínima do motor é de aproximadamente 70 W. Portanto, uma fonte de alimentação em 12 V deve ser especificada com uma fonte mínima de 5,8 (~ 6 A). No entanto, o torque exigido do motor será uma função do comprimento dos braços e da relação de transmissão com o pinhão de acionamento. É essencial consultar as curvas do motor escolhido, e também empregar um fator de segurança.

#### *Estrutura mecânica utilizada na versão final*

Após o trabalho de construção de um protótipo referente ao da referência [7], a qual foi acionada por alguns motores disponíveis em laboratórios da UNIVASF, a equipe desenvolveu conhecimento suficiente para propor outras formas de automatizar o AMBU, utilizando-se do que se dispunha localmente, tanto em termos de materiais, quanto de fabricação e fornecimento

de peças e componentes. Feito um levantamento desses itens, percebeu-se que os motores seriam um desafio. Sendo assim, analisaram-se motores elétricos utilizados em equipamentos agrícolas e na indústria automotiva, pois estes já são construídos sob rigorosos critérios de confiabilidade e capazes de trabalhar em condições severas de ambiente. Foram analisados motores utilizados em limpadores de para-brisas e vidros elétricos veiculares, pois os mesmos têm potência e torque dentro da faixa calculada. Conforme a Figura 8 foi focada análise no motor redutor mabucchi de 12 V [13], que utiliza um motor elétrico universal, utilizado em vidros elétricos de diversos automóveis, cujas características estão apresentadas na Tabela 1.



**Figura 8.** Motor redutor 12 V, mabucchi para vidros elétricos automotivos.

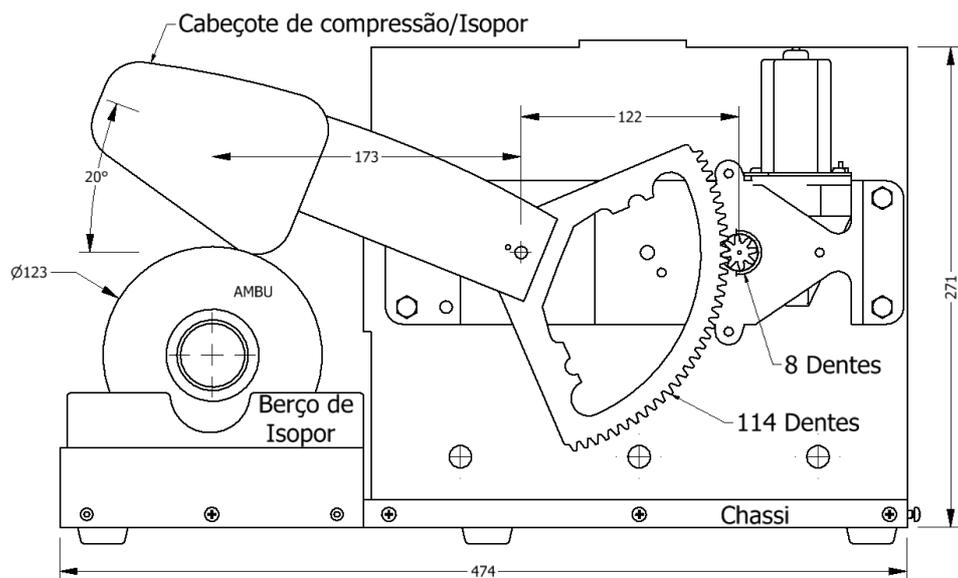
**Tabela 1.** Especificações técnicas do motor redutor 12 V, mabucchi para vidros elétricos automotivos.

Especificações técnicas	
Tensão nominal DC	12 V
Corrente Nominal	7,5 A
Velocidade nominal	65 +/- 15 rpm
Torque máximo do motor	9 Nm
Potência Nominal	90 W

As informações constantes na Tabela 1, foram medidas experimentalmente dado que, o motor novo, fornecido nas lojas de autopeças vem sem essas informações, e algumas

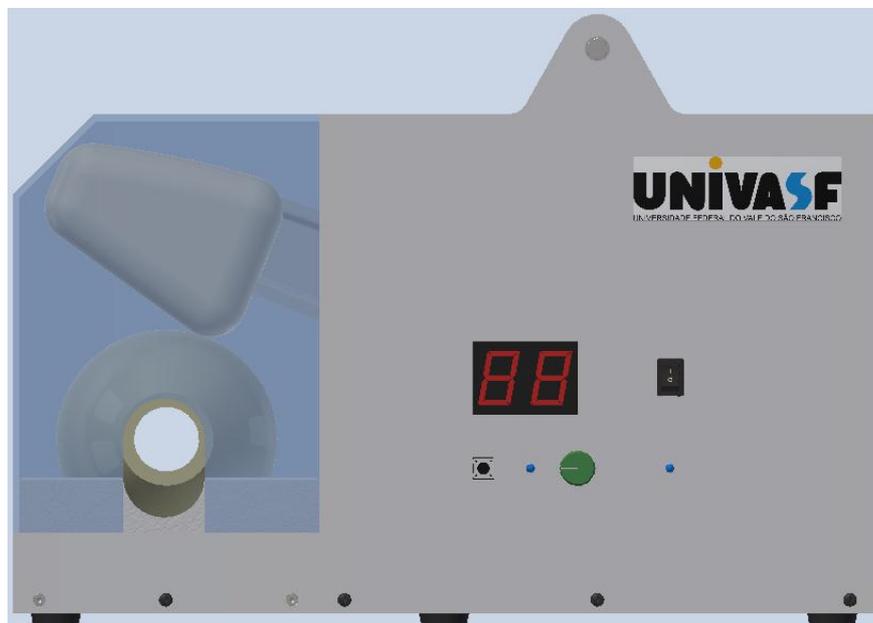
disponibilizadas na internet divergem. Continuando-se estes estudos, percebeu-se que dentro de uma perspectiva de uso em curtíssimo prazo, poder-se-ia optar pela utilização de um conjunto completo do mecanismo do vidro elétrico utilizado em alguns automóveis, ganhando-se na facilidade de construção/adequação do mecanismo a necessidade estudada, sacrificando a vida do AMBU em termos de fadiga, porque o aperto por apenas um lado impõe maiores deformações ao corpo da bolsa. No entanto, partiu-se para construção de um protótipo e testes.

Nas Figura 9, 10 e 11 é apresentado o terceiro protótipo desenvolvido e que está dimensionado/modelado para ser construído e seguir para testes em manequim.



**Figura 9.** Diagrama esquemático do terceiro protótipo construído com mecanismo de vidro elétrico automotivo. Fonte: Autores.

Na figura 9 é apresentado um diagrama esquemático do mecanismo de automatização da bolsa AMBU, mostrando as dimensões principais e a disposição dos elementos mecânicos utilizados. Na figura 10 é apresentado o modelo em CAD, utilizando o Autodesk Inventor [14], do protótipo que será construído, dando-se atenção especial ao visor da frequência respiratória e aos botões de liga e desliga e seleção da frequência respiratória desejada. Na figura 11 é apresentado uma vista em perspectiva do modelo da versão final.



**Figura 10.** Modelo em CAD da última versão do protótipo. Fonte: Autores.

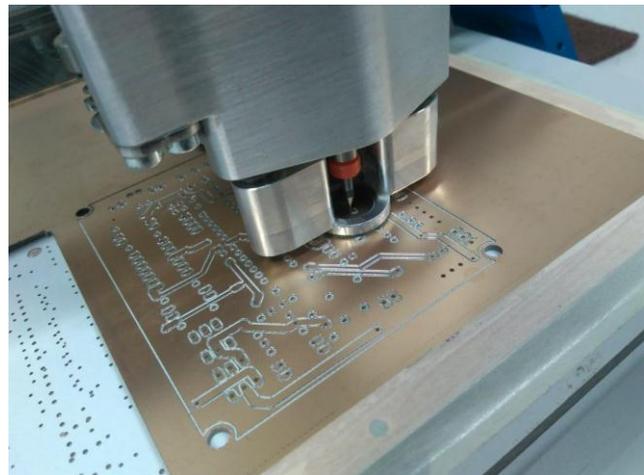
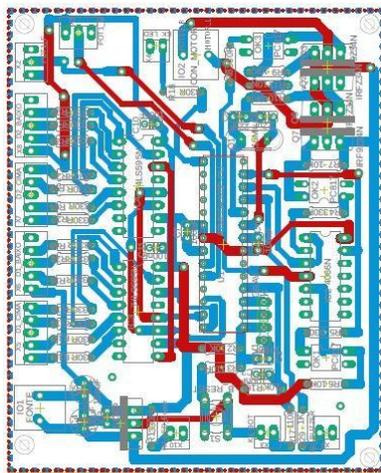


**Figura 11.** Vista em perspectiva do modelo em CAD da última versão do protótipo. Fonte: Autores.

### *Considerações do projeto eletrônico*

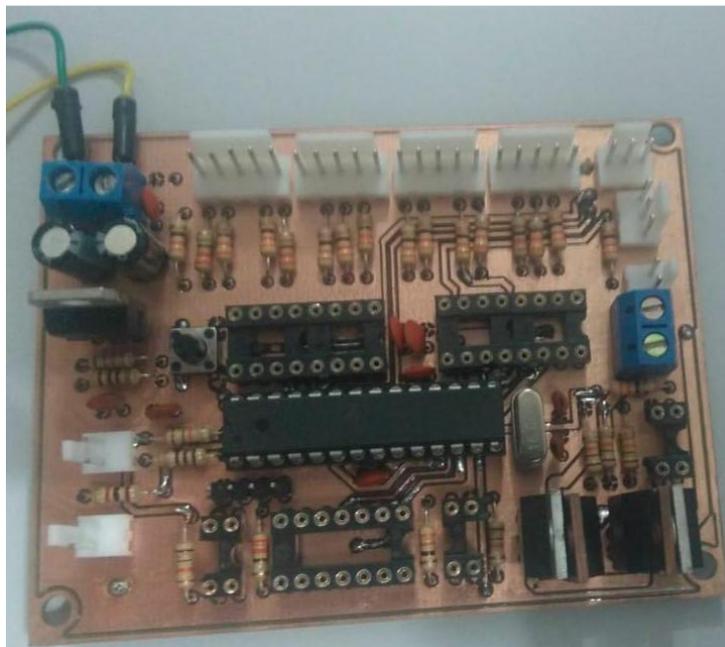
Se um por um lado, a simplificação do projeto mecânico do sistema de automatização do AMBU foi conseguida utilizando-se um mecanismo de vidro elétrico automotivo, justificado também pelo fato desses mecanismos poderem ser adquiridos de imediato e a qualquer tempo em grandes quantidades, um desafio passou a ser o desenvolvimento do sistema de controle eletrônico, capaz de identificar e se manter operando dentro do posicionamento angular desejado, Figura 9, sem perder esse posicionamento. Além disso, esse sistema precisa operar com correntes da ordem de 7,5 Ampères, conforme a Tabela 1. Esse sistema de controle foi desenvolvido utilizando-se o microcontrolador ATMEGA328P, [15]. O microcontrolador é responsável por controlar a posição e a rotação do motor, adquirir informações da posição angular do braço mecânico e atualizar a frequência respiratória por meio de dois displays de sete segmentos. A frequência respiratória é ajustada em tempo real via um potenciômetro analógico, conforme a necessidade do paciente.

A placa foi confeccionada no software Eagle [16] e prototipada na máquina CNC E33 [17], Figura 12.



**Figura 12.** Circuito eletrônico/placa construído no Eagle e prototipagem. Fonte: Autores.

A Figura 13 apresenta a placa construída, a qual será devidamente apresentada em outra oportunidade. A rotina de controle foi implementada utilizando a linguagem de programação C, no ambiente de desenvolvimento integrado ATMEL Studio 7.0, [18].



**Figura 13.** Placa construída para controle da automatização do AMBU. Fonte: Autores.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo deste trabalho foi atingido na íntegra. O desafio de especificar, projetar e construir um sistema eletromecânico capaz de automatizar um AMBU, para ser utilizado por pelo menos 7 dias ininterruptos foi alcançado, seguindo-se metas bem definidas: estudo sistematizado de projetos semelhantes em desenvolvimento; fazer a modelagem 3D em CAD de um projeto de referência e utilização de prototipagem rápida para confecção dos componentes necessários para construção de um protótipo de referência inicial em curto período de tempo. Feito isso e em paralelo estudando-se a capacidade tecnológica local para auxílio ao desenvolvimento do projeto, eliminando ao máximo a dependência de grandes centros industrializados/importações também foi analisado e assim conseguiu-se projetar algo totalmente adequado a nossa realidade.

O protótipo construído assemelha-se a outros para mesma aplicação, conforme descrito, e apesar de ter a desvantagem de submeter o AMBU a um maior carregamento dinâmico cíclico, por que as tensões e as deformações mesmo são maiores do que as sofridas pelo protótipo do MIT, por exemplo, o que pode levar a fadiga em tempo menor, a utilização de espuma e/ou isopor no mecanismo de aperto e também no berço de fixação do AMBU melhoram sua condição de trabalho. Isso aparentemente foi comprovado porque um dos testes que submetemos o protótipo, o de utilização contínua, alcançou 5 dias ininterruptos sem qualquer sinal de fadiga do AMBU ou outras peças.

Os testes foram interrompidos devido a uma falha no sensor de posição o que aparentemente já foi resolvido, mas ainda está em fase de implementação. Se conseguiu um sistema de fácil interface operacional, apenas com um botão liga-desliga, um controle de variação da frequência respiratória e um botão do tipo “press button” para confirmar. A frequência respiratória, que é um parâmetro de grande importância, também atingiu resultados satisfatório, se conseguindo variações de 10 a 30 respirações por minuto. O peso e tamanho também ficaram semelhantes às demais iniciativas analisadas. O peso ficou um pouco mais elevado, na ordem de 3,8 kg, mas deverá ser baixado na versão final. No entanto, considera-se que esta variação não tem impactos significativos sobre as pretensões do projeto. A confiabilidade e resistência tiveram peso maior e esperamos dentre em breve, construir a versão final deste protótipo e disponibilizar de forma aberta com todos os detalhes construtivos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenvolvimento deste projeto foi extremamente desafiador e gratificante. Desafiador porque apesar de parecer simples, traz consigo requisitos intrínsecos de confiabilidade operacional, algo extremamente relevante para todos os ramos da engenharia. Além disso, forçou os envolvidos a buscar uma forma rápida de desenvolver um equipamento existente, mas adaptado à determinada realidade e condições regionais. De certa forma exigiu convergência rápida na escolha de soluções para os problemas que surgiram e nos forçou a prática da prototipagem rápida, evidenciando a dinâmica moderna exigida no desenvolvimento

de produtos, assim como a realidade da indústria 4.0. Também trouxe consigo a lembrança da falta de desenvolvimento de nossos próprios equipamentos médicos hospitalares tão importantes para sociedade. Por fim, mostrou a solidariedade humana expressa de maneira inequívoca, em função da observação que se teve de tantas entidades, instituições e pessoas buscando ajudar uns aos outros e a empreender esforços que nos levassem a capacidade máxima de enfrentar esse momento grave pelo qual estamos passando.

### **AGRADECIMENTOS**

Os autores agradecem o apoio da UNIVASF e da Comissão de Enfrentamento à COVID-19. Agradecemos também ao HU UNIVASF, a EBSERV, a TV Caatinga, a TV Grande Rio, ao Laboratório de Usinagem CENMEC/UNIVASF e ao Laboratório de Hardware COMP/UNIVASF. Agradecemos as contribuições de várias empresas da região que se disponibilizaram a construir peças e fornecer componentes (Sucatão Moraes, Frutimak Petrolina, FabVale - Fabricação digital, Cabral Store, Thermovalle Telhas Térmicas, entre outras). Agradecemos a vários profissionais, professores, técnicos, ex-alunos, que participaram ativamente da construção dos protótipos. Especialmente ao engenheiro mecânico, ex-aluno da UNIVASF e hoje servidor da prefeitura de Juazero/BA, Herberth Pionório Vilaronga, ao prof. Anderson Armstrong (Médico), ao prof. Prof. Itamar Santos (Médico), a profa Karen Ruggeri Saad, ao Prof. Rômulo Câmara, ao fisioterapeuta Fabrício Olinda (EBSERV), ao técnico em mecânica Francimário Nésio, ao técnico em eletrônica Wêdson Pereira da Silva, e tantos outros que contribuíram no desenvolvimento deste projeto. Pedimos desculpas aos que não citamos.

### **REFERÊNCIAS**

[1] **Ventilador Pulmonar (VExCO) para o COVID-19 da UFRJ**. Disponível em: <https://sites.google.com/peb.ufrj.br/ventiladorcoppe/projeto>. Acesso em: 2 jul. 2020.

[2] **INSPIRE - Ventilador Pulmonar Aberto de Baixo Custo**. Disponível em: <https://www.poli.usp.br/inspire>. Acesso em: 27 jun. 2020.

[3] **Analysis of Open Source COVID-19 Pandemic Ventilator Projects**. Disponível em: <https://docs.google.com/spreadsheets/u/1/d/e/2PACX-1vTYAfldxoliO46VAWH1NlhrwFBn9mguqS2bh1spnLEu4AVVN1cj1vaEm6vOp5Z6U>

naAbUwd8dslCXdM/pubhtml. Acesso em 13 jul. 2020.

[4] **MEDTRONIC**. Disponível em: <http://newsroom.medtronic.com/news-releases/news-release-details/medtronic-shares-ventilation-design-specifications-accelerate>. Acesso em: 10 jun. 2020.

[5] **AMBOVENT**. Disponível em: <https://members.smooove.io//view.ashx?message=h44700034O122368750O219654O122299192&r=1009>. Acesso em: 19 jun. 2020.

[6] **M.U.R – Minimal Universal Respirator**. Disponível em: <https://www.mur-project.org/>. Acesso em: 07 jun. 2020.

[7] **APOLLO BVM - Emergency Use Ventilator Automated Bag Valve Mask**. Disponível em: <http://oedk.rice.edu/apollobvm/>. Acesso em: 14 jun. 2020.

[8] **COVID-19 Rapid Manufacture Ventilator BVM Ambubag**. Disponível em: <https://www.instructables.com/id/COVID-19-Rapid-Manufacture-Ventilator-BVM-Ambubag-/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

[9] **MIT Emergency Ventilator (E-Vent) Project**. Disponível em: <https://e-vent.mit.edu/>. Acesso em: 13 jul. 2020.

[10] NORTON, R. L. **Projeto de Máquinas – uma abordagem integrada**. 2. ed. Editora Bookman: Porto Alegre, 2004.

[11] SHIGLEY, J. E., MISCHKE, C. R., BUDYNAS, R. G., **Projeto de Engenharia Mecânica**. 7. ed. Porto Alegre: Editora Bookman, 2005.

[12] BUDYNAS, R.; NISBETT, K. **Elementos de Máquinas de Shigley**: projeto de engenharia mecânica. 8. ed. Porto alagre: AMGH, 2011.

[13] **Mabuchi Motor**. Disponível em: <https://www.mabuchi-motor.com/>. Acesso em: 5 jul. 2020.

[14] **Autodesk Inventor**. Disponível em: <https://www.autodesk.com.br/>. Acesso em: 7 jul. 2020.

[15] **MICROCHIP**. ATMEGA328P. Disponível em: <https://www.microchip.com/wwwproducts/en/atmega328p>. Acesso em :13 jul. 2020.

[16] **AUTODESK**. EAGLE. Disponível em: <https://www.autodesk.com/products/eagle>. Acesso em: 13 jul. 2020.

[17] **LPKF**. Protomat E33. Disponível em:  
[https://www.lpkfusa.com/products/pcb\\_prototyping](https://www.lpkfusa.com/products/pcb_prototyping). Acesso em: 13 jul. 2020.

[18] **MICROCHIP**. ATMEL Studio. Disponível em:  
<https://www.microchip.com/mplab/avr-support/atmel-studio-7>. Acesso em: 13 jul. 2020.

**Artigo recebido em** 13 de julho de 2020.

**Artigo aprovado em** 16 de dezembro de 2021.

**OUTRA VISÃO: NOVAS PERSPECTIVAS SOBRE O (E A PARTIR DO)  
SISTEMA PRISIONAL****ANOTHER VIEW: NEW PERSPECTIVES ON (AND FROM) THE  
PRISON SYSTEM****OTRO PUNTO DE VISTA: NUEVAS PERSPECTIVAS SOBRE (Y  
DESDE) EL SISTEMA PENITENCIARIO**

Karina Biondi<sup>1</sup>  
Taimara de Jesus Madeira<sup>2</sup>

**RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo abordar as atividades realizadas na APAC (Associação de Proteção e Assistência aos Condenados) entre julho de 2019 e maio de 2020. Essas atividades ocorreram no âmbito de uma ação de extensão intitulada Outra Visão, em colaboração com pesquisadores da University of Westminster (Inglaterra), na área temática Direitos Humanos e Justiça, que compreendeu o projeto PIBEX Diálogo Cárcere-Universidade: As ciências sociais no processo de reabilitação dos detentos e o projeto de Bolsa Cultura Escritos do cárcere: oficinas de escrita etnográfica na prisão. O Outra Visão surge com a proposta de levar para a APAC cursos de formação ligados às Ciências Sociais e Criminologia e incentivar o diálogo entre prisão e universidade por meio de atividades engajadas que promovam debates e produções textuais. Como resultado, além de proporcionar novos olhares para o sistema prisional, o projeto tornou possível termos também outra visão acerca de nossa própria sociedade.

**Palavras-chave:** Prisão; Criminologia dos Condenados; Ciências Sociais; APAC.

**ABSTRACT**

This article aims to present the activities carried out at APAC (Association of Protection and Assistance to Convicts) between July 2019 and May 2020. These activities took place within the scope of an extension action entitled Another Vision, in collaboration with researchers from the University of Westminster (England), in the thematic area Human Rights and Justice, which

---

<sup>1</sup> Graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP), mestrado e doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Atualmente, é professora na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), onde coordena o Laboratório de Estudos em Antropologia Política. E-mail para contato: [ka.biondi@gmail.com](mailto:ka.biondi@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Ciências Sociais – Licenciatura na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), onde participa de atividades ligadas ao LEAP - Laboratório de Estudos em Antropologia Política.

comprised the PIBEX Prison-University Dialogue: Social sciences in the rehabilitation process of inmates and the culture project Prison Writings: Ethnographic writing workshops in prison. Outra Visão comes up with the proposal to take training courses related to Social Sciences and Criminology to APAC and encourage dialogue between prison and university through engaged activities that promote debates and textual productions. As a result, in addition to providing new perspectives on the prison system, the project also made it possible to have another view of our own society.

**Keywords:** Prison; Convict Criminology; Social Sciences; APAC.

### **RESUMEN**

Este artículo tiene como objetivo abordar las actividades desarrolladas en APAC (Asociación de Protección y Asistencia a los Convictos) entre julio de 2019 y mayo de 2020. Estas actividades se desarrollaron en el marco de una acción de extensión titulada Otra Visión, en colaboración con investigadores de la Universidad de Westminster (Inglaterra), en el área temática Derechos Humanos y Justicia, que comprendió el proyecto PIBEX Diálogo Cárcel-Universidad: Ciencias sociales en el proceso de rehabilitación de internos y el proyecto Bolsa Cultura Escritos do cárceres: Talleres de escritura etnográfica en prisión. El proyecto Outra Visão plantea la propuesta de llevar cursos de formación relacionados con las Ciencias Sociales y Criminología a APAC y fomentar el diálogo entre la prisión y la universidad a través de actividades comprometidas que promuevan debates y producciones textuales. Como resultado, además de brindar nuevas perspectivas sobre el sistema penitenciario, el proyecto también permitió tener otra visión de nuestra propia sociedad.

**Palabras clave:** Prisión; Criminología de convictos; Ciencias Sociales; APAC.

### **INTRODUÇÃO**

Milhares de pessoas são presas anualmente no Brasil. A maioria é proveniente de comunidades que compartilham características comuns: moradias precárias, com saneamento básico insuficiente e deficiência nos serviços de saúde e educação, habitadas por pessoas de baixa renda e baixa escolaridade. Os problemas de suas comunidades se personificam em seus habitantes, que se tornam indesejáveis para a sociedade. Por isso, para Davis (2018), essas comunidades acabam figurando como grandes fornecedoras involuntárias da principal clientela das prisões: jovens, pobres, negros. Nesse sentido, ainda de acordo com a autora, a prisão aparece não só como o lugar onde são depositados os indesejáveis pela sociedade, mas como um instrumento ideológico para evitar olhar para os problemas de base dessas comunidades. Esse instrumento ideológico que evita determinados olhares também produz visões acerca do

universo prisional que o associam a um depósito de elementos que são indesejáveis para a sociedade, quando não a personificação dos males e dos erros de nossos dias. Nesse contexto, o projeto *Outra Visão* buscou proporcionar a estudantes universitários outros olhares acerca da prisão, mas também novas visões relativas à nossa própria sociedade, como buscaremos mostrar o longo deste texto.

Entre julho de 2019 e maio de 2020, um grupo de alunos dos cursos de Ciências Sociais e Direito da Universidade Estadual do Maranhão realizaram uma ação de extensão na APAC (Associação de Proteção e Assistência dos Condenados) de São Luís, Maranhão, uma unidade prisional que segue uma metodologia própria e se difere substancialmente do sistema carcerário comum. Intitulada *Outra Visão*, essa ação de extensão teve como proposta levar para os apenados cursos de formação ligados às Ciências Sociais e Criminologia e incentivar o diálogo entre prisão e universidade por meio da promoção de debates e produções textuais. O projeto, parceria entre a Universidade Estadual do Maranhão e a University of Westminster (Reino Unido), teve como principal objetivo oferecer os instrumentos científicos e acadêmicos para que os presos da APAC São Luís situassem em um contexto mais amplo o conhecimento que já possuíam, de modo que pudessem se expressar melhor. Com isso, pretendemos, por um lado, estimular o interesse dos prisioneiros pela educação e, por outro lado, engajar alunas e alunos da UEMA com os esforços de recuperação de pessoas presas. A ambos, objetivamos oferecer novos olhares acerca do mundo no qual vivemos.

Este texto pretende relatar nossas atividades de extensão na APAC. Antes de abordar essas atividades, contudo, faremos uma breve exposição sobre a APAC e sua diferença com relação ao sistema prisional comum.

## **APAC**

Em 1972, Franz de Castro Holzwarth e Mario Ottoboni criaram a APAC, uma instituição que propõe um novo modelo para ressocialização dos presos. Reconhecida pela ONU, a APAC propõe um encarceramento humanizado e tem como objetivo a recuperação dos

detentos com base na religião, no apoio das famílias dos detentos, ex-prisioneiros, voluntários e sem a presença de guardas. De acordo com a descrição de Almeida (2018) apud Ottoboni:

Há, em primeiro lugar, a valorização do relacionamento com Deus, da leitura da sua palavra e da prática da oração, no pleno respeito à crença de cada um. O método insiste também na atuação do próprio recuperando e em sua capacidade de ajudar os companheiros, na colaboração necessária da família daquele e da comunidade, abrindo espaço para a cooperação entre as igrejas cristãs que assistem os condenados. Outro aspecto colocado em evidência pela APAC é a função do trabalho em seus próprios regimes (2018, p 19-20).

De acordo com Andrade (2014), após ganhar personalidade jurídica em 1974, a APAC passou a atuar como órgão parceiro da justiça na execução da pena. Ela constitui uma organização não-governamental, sem fins lucrativos e seu estatuto-padrão é adotado em todas as unidades, onde cada uma delas tem gestão própria e todas são filiadas à Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados, a FBAC.

Segundo dados divulgados pelo FBAC, existem atualmente 53 APAC's em funcionamento no Brasil, destinadas a condenadas e condenados em regime fechado e semiaberto, e distribuídas pelos Estados de Minas Gerais, Maranhão, Espírito Santo, Rondônia, Rio Grande do Sul e Rio Grande do Norte. Segundo Ottoboni (2018), Chile, Costa Rica, Colômbia, Holanda, Hungria, Alemanha, Itália, Estados Unidos e outros mais de 20 países já aplicam parcialmente a metodologia APAC.

O sucesso do método APAC é evidenciado por diversos indicadores, reunidos recentemente em relatório do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN), órgão do Ministério da Justiça (BRASIL, 2019). Apesar de se caracterizar por serem unidades prisionais onde não há a atuação de policiais ou de guardas penitenciários, a taxa de fuga é irrisória. Além disso, o número de reincidentes, quer dizer, de egressos das unidades das APAC's que voltam a cometer crimes, é substancialmente pequeno, principalmente quando comparado ao número de reincidentes do sistema prisional comum. A isso se soma também o reconhecimento de que as unidades geridas sob a metodologia APAC atendem com mais eficiência ao que está disposto na Lei de Execuções Penais, proporcionando oportunidades para a reinserção social dos

apenados. Por fim, os indicadores econômicos apontam que o valor de custeio por preso das unidades das APAC's é muito inferior ao do sistema comum, assim como o custo de construção das unidades – a “economia” chega a 50%. Todos esses indicadores fizeram da APAC uma alternativa que está recebendo incentivos para ampliação, provenientes tanto do Conselho Nacional de Justiça quanto do Departamento Penitenciário Nacional.

Andrade (2014) ressalta que uma série de fatores justificam os bons índices desse modelo prisional. Uma das razões destacada pelo autor é que as unidades da APAC são necessariamente pequenas, feitas para abrigar não mais do que 300 apenados. Para Andrade (2014), o número reduzido de condenados dificulta a formação de quadrilhas e grupos que subjagam os mais fracos. Além disso, há melhores instalações com salas para laborterapia, biblioteca, departamento médico-odontológico, refeitório, reuniões, aulas, encontros festivos e atos religiosos, a manutenção da ordem com participação dos recuperandos designados para representar os interesses da cela, além do cumprimento de todos os direitos e deveres consignados na Lei de Execução Penal, na Instituição Federal e nas Regras Mínimas da ONU para tratamento do preso. Em relação ao índice de reincidência, conforme o autor, a APAC varia de 5% a 10%, enquanto nos presídios comuns essa taxa é estimada em torno de 85%<sup>3</sup>.

Outros autores atribuem o sucesso da APAC à religiosidade, às condições materiais, ao tratamento dispensado aos presos e suas famílias, ao trabalho e às atividades educativas promovidas. Para Braga (2017), por exemplo, o processo de ressocialização na APAC é realizado pela aplicação do método próprio considerado inovador, possuindo uma coordenação rígida baseada no respeito, na ordem, no trabalho e no envolvimento da família do recuperando. A autora diz que o método APAC é um processo inovador e que é uma ferramenta social, onde os condenados percebem como substancialmente diferente do sistema prisional. Para a autora, entretanto, essa prisão não perdeu a característica de uma instituição total. O que mudou foi

---

<sup>3</sup> É importante destacar que a taxa de reincidência é alvo de controvérsias nos meios acadêmicos, jurídicos e políticos e variam conforme o levantamento realizado e a fonte consultada.

apenas a concepção do processo de ressocialização, que utiliza a religião como base fundamental para o processo de aplicação desse método.

Zeferino e Casado (2012), por sua vez, destacam que no sistema prisional tradicional os detentos são tratados de forma desumanizada e que em contrapartida na APAC existe todo um tratamento humanista que tem como objetivo a reintegração. Pautados em um estudo comparativo, os autores afirmam que o sistema carcerário é organizado de uma maneira específica para cumprir a sua função seguindo a Constituição Federal, mas é marcado pela coerção, ócio, falta de acesso à educação, trabalho, condições adequadas e saúde pelo total de presos por cela, a ressocialização, trabalho, assistência e respeito aos presos e famílias deveria existir e somente na APAC esses direitos são realmente efetivados. As autoras relatam que o condenado que reside em uma APAC tem menos chances de reincidir que um condenado que vive no sistema prisional comum. Na APAC São Luís teve apenas um caso de reincidência. As autoras sugerem ainda que uma outra alternativa para solucionar a questão dos encarcerados seria a efetivação de políticas públicas na garantia de uma educação escolar, o que, aliás, é um direito garantido na LEP (Lei de Execução Penal). Essa lei também garante a instituição escolar e a formação profissional, além de prever que as ações e atividades educacionais poderão ser conveniadas com as organizações públicas e privadas, que podem oferecer cursos especializados e até uma biblioteca nos estabelecimentos prisionais.

Em sintonia com os outros autores mencionados acima, Souza (2013) escreve que o sistema carcerário nacional, em um panorama geral, sofre grande deficiência em vários aspectos, o que acarreta um prejuízo à população carcerária. Para ele, os inúmeros problemas, sejam estruturais, administrativos ou jurisdicionais, são resultados da falta de compromisso do Estado e que certamente um dos grandes problemas que fomentam a crise e a violência no sistema carcerário nacional é a superlotação. O autor enfatiza, contudo, a questão do trabalho entre os apenados. Ele lembra que o trabalho não é somente um dever do preso, mas, sobretudo um direito. Os presos, como bem diz Drauzio Varella, gostam, e muito, de trabalhar. Afinal, como os presos mesmo relatam, trabalhando o dia passa mais rápido, e a noite simplesmente voa, porque o sujeito cansado dorme como um anjo. Há, ainda, outra vantagem: 3 dias

trabalhados equivalem a um dia a menos de pena, segundo o instituto da remição penal (artigo 126 da Lei de Execução Penal).

De fato, pudemos verificar vários dos elementos relacionados pelos autores acima durante nossas atividades na APAC São Luís. Os elementos religiosos estavam presentes tanto nas falas dos internos e da equipe administrativa quanto nas canções que, vez ou outra, apresentavam para nos homenagear. As atividades educativas ainda não estavam consolidadas. O que existia, quando chegamos era o projeto de remição pela leitura, em que os apenados que lessem um livro e apresentassem-no a uma banca avaliadora poderiam ter 4 dias de sua pena reduzidos. Nosso projeto, por sua vez, na sua intenção de levar educação e a prática da escrita para dentro da APAC, se mostrava absolutamente sintonizado com as disposições da LEP mencionadas por Zeferino e Casado (2012). Infelizmente, contudo, as atividades educativas conflitavam com as atividades laborais. Na APAC onde desenvolvemos nossas atividades, vários dos apenados trabalham diariamente na construção de blocos para a construção civil, alguns dos que estão em regime semiaberto atuam na pavimentação de vias na cidade e outros, ainda, realizam o que denominam laborterapia, a confecção de objetos artesanais para venda. Apesar do trabalho não ser formalmente obrigatório, vários presos que gostariam de ter participado de nosso curso não puderam fazê-lo para não deixar a fábrica de blocos parada.

É interessante mencionar que boa parte das críticas tecidas pelos autores e pelas autoras acima a respeito do sistema penitenciário em geral ganhou concretude na voz dos próprios presos da APAC no decorrer das nossas conversas. Alguns apenados relataram durante as nossas conversas como eram os seus dias nas unidades prisionais pelas quais passaram antes de chegar à APAC. Relataram abusos físicos e psicológicos, que se davam quando iam receber o alimento, que muitas vezes chegava a eles podre e em um horário não adequado. Quando eram ordenadas as revistas nas celas, eles eram acordados durante a madrugada por gritos dos carcereiros, os empurrando, jogando gases, por vezes fazendo uso de cassetetes. Outra queixa recorrente era com relação aos abusos sofridos por seus familiares do sexo feminino nos dias de visita, como o fato de serem revistas por funcionários do sexo masculino. Por outro lado, quando se referiam à sua estadia na APAC, os apenados expuseram que suas irmãs, esposas,

mães, filhas não eram revistadas por funcionários do sexo masculino, que o horário das refeições é cumprido, que não há arbitrariedade na forma como são tratados.

Eram notáveis, portanto, as diferenças entre cada um dos sistemas, e os presos se esforçavam para se mostrarem merecedores de se manterem naquele lugar. Foi nesse ambiente que nossa ação de extensão se desenvolveu.

### **CRIMINOLOGIA DOS CONDENADOS**

Em julho de 2019, os Professores Sacha Darke e Andreas Aresti estiveram em São Luís para reuniões de alinhamento do projeto. Na ocasião, eles ofereceram na APAC, tanto aos apenados quanto aos alunos da UEMA, funcionários da APAC e representantes do Tribunal de Justiça do Maranhão, o Workshop *Introdução à Criminologia dos Condenados*. Aquele foi nosso primeiro contato com os recuperandos da APAC.

Para todos os apenados presentes no workshop, foram dadas as mesmas perguntas para serem respondidas: O que é crime? Quais os desafios que encontram dentro da APAC? Em que o Projeto Outra Visão pode contribuir? Quais as diferenças entre a APAC e o sistema comum? Em grupos, os presentes debateram e expuseram suas definições, suas problematizações e pontos de vista. Depois, retomando sua fala, Prof. Darke discorreu sobre pontos importantes em relação ao sistema prisional e um desses pontos é que os livros de criminologia, até a década de 1980, eram exclusivamente escritos por pessoas que não tinham a vivência criminal, ou seja, escreviam sobre algo que nunca haviam experimentado.



**Figura 1.** Workshop Criminologia dos Condenados. Fonte: Arquivo do projeto, 2019.

No mesmo sentido da explanação de Darke, Earle (2016) afirma que a prisão é muito estudada por criminologistas, mas raramente experimentada diariamente. Segundo o autor, o estudo do crime tem crescido nos últimos anos e novos atores, como agentes penitenciários, policiais, funcionários da condicional e assistentes sociais, contribuíram positivamente para a disciplina da criminologia. Muitos desses funcionários obtiveram êxito quando fizeram a transição para carreiras em criminologia, mas ainda é incipiente, de acordo com Earle (2016), a participação de ex-presidiários na disciplina. O autor levanta questões, então, a respeito de como seria a inserção desses atores na criminologia: como seria o estudo do crime por ex-presidiários? Suas experiências pessoais ganhariam novos sentidos? Eles entenderiam melhor a vida na prisão e seriam capazes de ensinar de forma diferente?

Essas são questões que estão no âmago do que passou a ser conhecido como *Convict Criminology* ou, em tradução utilizada por Darke, criminologia dos condenados: o estudo da criminologia por aqueles que têm ou tiveram experiência direta com o crime ou com a prisão. Mais difundido nos Estados Unidos, esse movimento também está presente no projeto parceiro Making Links, coordenado pelo Prof. Sacha Darke na Inglaterra (2016), e vem inspirando e orientando nossas ações. Consideramos que a proposta da *Convict Criminology* tem alguma proximidade com a orientação metodológica de antropólogos como Strathern (1996), Latour (2005), Viveiros de Castro (2002) e Wagner (2010), no sentido de conferir primazia ao que a

população com a qual trabalhamos – os presos – têm a dizer, mas também com toda a crítica elaborada nos estudos pós-coloniais (APPADURAI, 1988; BHABHA, 2007; FANON, 2008; Said, 1990), particularmente a respeito das relações hierárquicas entre a academia e as populações estudadas.



**Figura 2.** Apenado tomando a palavra.

Fonte: Arquivo do projeto, 2019.

Assim, em primeiro lugar, contamos com a colaboração e assessoria de uma pessoa que já passou pela experiência carcerária na coordenação do projeto. Sua contribuição para nossas

ações incluiu a definição dos objetivos do projeto, o treinamento e orientação da equipe de graduandos, a mediação de nossas relações com os presos e o acompanhamento das aulas. Sua participação foi, portanto, central para nossas atividades.

É importante mencionar que a realidade das prisões brasileiras é bastante distinta da inglesa ou da norte-americana, tanto em termos de condições estruturais quanto em relação ao nível de escolaridade dos apenados. Na APAC onde realizamos nossa ação de extensão, há cerca de 30 homens cumprindo pena em regime fechado. Trata-se, portanto, de um grupo pequeno, formado por presos com diversos níveis de escolaridade, desde aqueles que já haviam cursado ensino superior até os que nunca frequentaram escola. Avaliamos que selecionar apenas os mais escolarizados para participar de nosso projeto significaria mais uma exclusão a homens que já sofreram várias exclusões ao longo da vida e, por isso, optamos por oferecer cursos que atendessem a todos os que desejassem participar.

Definidos os cursos, iniciamos a formação com os 11 graduandos bolsistas e voluntários envolvidos no projeto, todos eles discentes dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais e Bacharelado em Direito, para apresentar a eles discussões elementares sobre a questão prisional. Depois, realizamos reuniões para planejamento dos materiais e das metodologias a serem utilizadas nas aulas. Como nossa intenção era aproximar discussões próprias das Ciências Sociais e da Criminologia das realidades dos apenados, optamos por realizar rodas de conversa, debates e leituras conjuntas sobre temas de interesses dos detentos, levando a eles músicas, filmes e também trechos bíblicos (pois vários deles são evangélicos). Nosso desafio naquele momento estava em buscar pela abordagem conferida pelas ciências sociais para esses temas e, em seguida, levá-las aos detentos com uma linguagem que fosse acessível a eles.

Após as atividades de treinamento e planejamento, iniciamos nossas atividades na APAC. Em geral, a professora-coordenadora do projeto apresentava os conteúdos e conduzia os debates, enquanto os discentes da UEMA sentavam-se junto com os alunos da APAC, divididos em mesas com 5 ou 6 pessoas. Como uma forma de manter a igualdade, ou ao menos tentar atenuar as relações hierárquicas, os discentes da UEMA eram chamados de “alunos de

fora”, enquanto os apenados eram chamados de “alunos de dentro”. A ideia, sempre proferida durante as atividades, era que “são todos alunos da UEMA”. Assim, se por um lado os alunos de fora auxiliavam aqueles que tinham alguma dificuldade com a leitura ou com a escrita, por outro lado os alunos de dentro ajudavam na compreensão sobre o universo prisional. Foi nesse contato próximo, por exemplo, que travamos diálogos que nos permitiu fazer um contraste entre o sistema APAC, sistema prisional comum e a produção bibliográfica a respeito do sistema prisional, o que revela a potência da criminologia dos condenados para a produção de conhecimento acerca do crime e do universo prisional.

### **O CURSO DE FORMAÇÃO SOCIAL**

No dia 02 de outubro de 2019, ocorreu uma aula inaugural, com uma conversa sobre o episódio que ficara conhecido como Massacre do Carandiru, que naquela data havia completado 27 anos, sobre o modo como seriam feitos os encontros, o que se esperava com o curso, além de uma breve exposição acerca dos assuntos que seriam abordados no decorrer das próximas aulas. Na ocasião, cada aluno, tanto os de dentro quanto os de fora, foi chamado a se apresentar ao grupo.



**Figura 3.** Equipe de universitários, coordenadores e parceiros do projeto, apenados e funcionários da APAC e representantes do Tribunal de Justiça do Estado do Maranhão. Fonte: Arquivo do projeto, 2019.

Na semana seguinte, a aula tratou do tema “Igualdade de direitos e desigualdade social” e teve início com a exposição de um slide onde continha um pequeno trecho do artigo 5 da Constituição Brasileira. Conversamos, então, sobre o que é uma constituição e sobre o contexto político do Brasil quando da redação da constituição de 1988 (período após a ditadura militar). Falamos sobre alguns direitos fundamentais básicos, como proibição de diferença de salários, de exercício de funções e de critério de admissão por motivos de sexo, idade, cor ou estado civil. Esse trecho deu a abertura para um debate envolvendo a disparidade salarial entre homens e mulheres. Um recuperando citou um exemplo: em uma empresa um homem e uma mulher executam a mesma função, porém o salário dele é maior. Um outro recuperando comentou sobre o quanto a sociedade é machista e o quanto essa é uma cultura ainda muito forte e presente. Trabalhamos também a diferença entre equidade e igualdade e debatemos muito

acaloradamente sobre qual a maior fator de desigualdade, momento em que vários dos alunos compartilharam suas experiências de vida.

Os “alunos de dentro” deixaram em grande evidência o seu interesse no debate envolvendo a aula. Foi de uma grande relevância essa troca de conhecimento envolvendo ambos os alunos, mas alguns dos alunos de dentro, mesmo estando em sala, não demonstraram interesse algum. Em contrapartida, muitos estavam à vontade em expor as suas opiniões e contribuíram para o desenvolvimento da aula. De forma geral, os “alunos de dentro” foram fundamentais para a aula e uma das grandes realizações daquela tarde certamente foi o olhar de satisfação vindo deles.



**Figura 4.** Apenados acompanhando a aula. Fonte: Arquivo do projeto, 2019.

A aula seguinte trabalhou com o conceito de raça, com a ideia de diversidade cultural, abordou a formação do povo brasileiros e os processos de colonização e de descolonização. Falamos também sobre lugar de fala e relacionamos isso à *Convict Criminology*. Mais uma vez, experiências pessoais dos apenados se misturavam com os conteúdos das aulas e eram retrabalhadas por eles de modo mais sistemático, o que mostrava o êxito de nossa proposta.

Na aula sobre gênero, foi apresentada a história das conquistas dos direitos das mulheres e também o papel de algumas mulheres na bíblia, bem como o exemplo de Jesus no tratamento dispensado às mulheres. Procuramos, então, exercitar a empatia deles por meio de exercícios de alteridade, praticando o deslocamento de pontos de vista, ao pedir que eles se colocassem no lugar de suas mães, esposas e filhas e dissessem que tipo de tratamento eles gostariam que elas tivessem e como seria o mundo em que gostariam que elas vivessem. Ao final de nossa aula, duas funcionárias administrativas da APAC vieram nos agradecer por tratar de assunto tão relevante e que interfere tão diretamente no cotidiano da unidade.

O tema da aula seguinte foi o trabalho. Fizemos uma pequena abordagem no que se refere ao trabalho na Grécia Clássica, Idade Média, Final da Idade Média e a Revolução Industrial. Em seguida, fizemos uma viagem à história do trabalho no Brasil, sobre os direitos abrangidos na Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT). Exemplos desses direitos é a carteira de trabalho, o salário mínimo, a jornada de trabalho e o descanso semanal. Uma funcionária do Tribunal de Justiça que nos acompanhava falou sobre o auxílio reclusão e tirou dúvidas dos recuperandos. Ela relatou que o trabalhador de carteira assinada que foi preso após cometer um crime tem direito ao recebimento do auxílio reclusão, onde algum familiar pode ir ao INSS e abrir o processo. Mas existe uma ressalva: esse valor só pode ser recebido se no momento da prisão o autor do delito estiver trabalhando com a carteira assinada. É de grande importância tratar um tema com os recuperandos e fazer uma relação com o ambiente em que eles estão inseridos, pois isso os aproxima mais do tema discutido no momento.

Em uma outra aula, abordamos Meio Ambiente e Ecologia. Recapitulamos brevemente os crimes ambientais e um dos apenados fez um comentário pessoal muito interessante. Ele fez uma descrição sobre ter morado em um lugar onde tinha vida marinha, a pesca de caranguejo e que esse local foi vítima de crime ambiental. Falamos também sobre Chernobyl, sobre os maiores desastres ambientais ocorridos no Brasil, sobre o período de estiagem. A professora lançou a seguinte pergunta: “alguém aqui está preso por ter cometido um crime ambiental?” Um dos “alunos de dentro” que se destaca em todas as aulas, pois sempre tece comentários pertinentes, respondeu o seguinte: “difícilmente alguém vai pra cadeia por infringir o meio

ambiente”. Esse comentário evidencia a reflexão dos presos sobre questões em criminologia, pois adentra um tema muito discutido na disciplina, que é o dos crimes que levam as pessoas à prisão e os crimes que não levam ninguém preso.

A aula seguinte, intitulada de Violência e Segurança, veio com a apresentação do conceito de violência que foi dado pela OMS (Organização Mundial da Saúde). Em seguida, tecemos comentários sobre alguns tipos de violência. Alguns “alunos de dentro” deram suas opiniões e demonstraram interesse sobre o fato de que um ato que é considerado violento em um país pode não ser considerado em outro e que algo que hoje é visto como violência pode não ter sido em outra época. Um dos alunos deu uma exemplificação sobre o fato de que ainda existem países que usam das punições em público e discutiu também a lei da palmada.

Depois dessas aulas, tivemos a primeira atividade escrita. A atividade proposta foi de fazer uma redação onde os “alunos de dentro” expressariam o que aprenderam no decorrer das aulas, o que lembravam e o que foi mais marcante. Eles teriam a total liberdade para escrever o que quisessem, fazer as suas críticas quanto às aulas e os alunos que não fossem alfabetizados teriam a ajuda dos “alunos de fora”. Estes, no entanto, não poderiam interferir em nada, sendo responsáveis apenas por transcrever as palavras dos internos. Esse foi, sem dúvida, um dos momentos mais marcantes: um “aluno de dentro” que cresceu trabalhando em carvoaria e nunca havia frequentado escola e, portanto, não sabia ler e nem escrever, declarou que fora a primeira vez que viu suas palavras registradas em um papel.

Na UEMA, os “alunos de fora” se reuniram com a professora para ler as redações, dar notas e contabilizar a frequência dos participantes. A avaliação e a verificação de assiduidade eram condições para que eles recebessem os certificados emitidos pela UEMA e assinados pelo Pró-Reitor de Extensão, comprovando terem participado do curso de extensão de duração de 20 horas. Alguns dos alunos que haviam iniciado o curso não puderam concluí-lo, seja porque precisavam trabalhar, seja porque progrediram para o regime semiaberto. Ainda assim, foi possível formar 24 alunos.

No dia 18 de dezembro, retornamos à APAC para a entrega dos certificados, em uma humilde solenidade com a presença de representante do Tribunal de Justiça do Maranhão e um lanche de confraternização. A entrega dos certificados foi fotografada e alguns pretendiam mostrar para as famílias.



**Figura 5.** Entrega de certificados. Fonte: Arquivo do projeto, 2019.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto Outra Visão promove diversos benefícios para todos os alunos que nele estão envolvidos. Conversando com alguns “alunos de dentro”, vários desejam usar os certificados obtidos através dos cursos quando estiverem em liberdade tentando (re)ingressar no mercado de trabalho. Outros querem usar o que foi aprendido nas aulas para a realização da prova de conclusão do ensino médio e ENEM (Exame Nacional Do Ensino Médio). Todos os alunos são capazes de formular as suas opiniões, tornam as aulas produtivas e o projeto só veio fortalecer

e promover ainda mais o que eles já sabem, inserindo seus conhecimentos em um esquema mais acadêmico, mas de forma que a compreensão fosse acessível para todos eles.

Os “alunos de fora” também obtiveram benefícios. É evidente que ser membro de um projeto que está ganhando destaque e sendo elogiado por quem o conhece é grandioso. Alguns pretendem usar o que sabem, o que vêm aprendendo e vão aprender sobre o sistema carcerário, como fonte de informação para uma monografia e elaboração de outros trabalhos acadêmicos. Alguns alunos ainda passaram a se engajar em pesquisas e atividades que não se limitam apenas à APAC e ao encarceramento masculino, mas que dizem respeito ao universo prisional. Outro resultado deste projeto é proporcionar planos a curto e longo prazo envolvendo estudos sobre o sistema carcerário, pois é algo sobre o que discentes tinham curiosidade, mas não tinham acesso. Nesse sentido, o projeto proporcionou esse acesso e permitiu perceber o quanto é possível ter várias linhas de pesquisa envolvendo um único objeto de pesquisa. Aprender sobre o sistema carcerário é também derrubar algumas mistificações sobre o mesmo e é de grande importância, pois muito do que uma parcela enorme da sociedade sabe sobre ele é o que a mídia, seriados e outros meios de transmissão contam e que muitas vezes é inverdade.

Os funcionários da APAC e familiares dos apenados, por sua vez, de certa forma também são beneficiados por nosso projeto. Os funcionários são beneficiados de uma forma indireta, na medida em que o projeto promove certa aproximação entre eles e os apenados, pois contribui para que a convivência seja mais fácil. Em relação aos familiares dos recuperandos, lembramos que em uma das aulas um dos “alunos de fora” pediu para que as fotos tiradas de uma aula fossem mostradas para a sua esposa e filha. O recuperando sente que precisa de alguém que lhe apoie e necessita mostrar essa mudança para alguém. Além disso, quer dar um bom exemplo à filha. Nesse sentido, a família se torna beneficiada, pois vê que ele está buscando uma formação e também olha o projeto como algo que pode auxiliar na sua (re) inserção no mercado de trabalho, ajudando a diminuir a chance de reincidência.

No projeto, há também alunos que fazem licenciatura. Por isso, ter toda uma dinâmica como essa fora da sala de aula é um adicional para a formação desse aluno enquanto futuro docente. Um benefício muito perceptível é que graças ao projeto os discentes puderam ter

acesso a uma realidade, a pessoas que comumente não são de seu convívio, conheceram um pouco de cada um deles e houve uma troca muito positiva. É muito gratificante poder assistir histórias que precisam ser contadas por seus próprios protagonistas e ouvidas por pessoas de convívios diferentes.

Retornamos, agora, ao que fora anunciado no início deste texto. De acordo com Davis (2018), a prisão funciona ideologicamente como um local abstrato em que os indesejáveis são depositados, aliviando-nos da responsabilidade de pensar sobre as verdadeiras questões que afligem as comunidades das quais os presos são retirados em números tão desproporcionais. Por meio do Outra Visão, procuramos resgatar essas pessoas do silêncio que lhes foi imposto e ouvir delas as questões que afligem suas comunidades, que os afligiram, que os levaram para o cárcere. Esperamos, assim, realizar um movimento inverso. Se a prisão tem como efeito nos afastar do engajamento nos problemas de nossa sociedade, especialmente os produzidos pelo racismo e, cada vez mais, pelo capitalismo global, o que buscamos é ir para a prisão para, junto com os condenados, termos “outra visão” acerca da sociedade.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, D. A. **APAC**: a face humana da prisão. Belo Horizonte: O Lutador, 2014.

APPADURAI, A. Putting Hierarchy in Its Place. **Cultural Anthropology**, vol. 3 (1), p. 36-49, 1988.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BRAGA, L. A. B. APAC: Associação de Proteção e Assistência aos Condenados: uma metodologia de ressocialização adotada em um sistema prisional. **Centro Universitário Una**, vol. 1 (1), p. 1-184, 2017.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Ouvidoria Nacional de Serviços Penais. **Estudo preliminar**: A metodologia APAC e a criação de vagas no sistema prisional a partir da implantação de centros de reintegração social. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2019. Disponível em: <http://antigo.depen.gov.br/DEPEN/depen/ouvidoria/EstudoPreliminarAMetodologiaAPACeCriacaoDevagasnoSistemaPrisonalapartirdaImplantacaodeCentrosdeReintegracaoSocialSITE.pdf>. Acesso em: 2 out. 2020.

DARKE, S.; ARESTI, A. Connecting prisons and universities through higher education. **Prison Service Journal**, 266, p. 26-32. 2016.

DARKE, S. **Conviviality and Survival: Co-producing Brazilian Prison Order**. London: Palgrave Macmillan, 2018.

DAVIS, A. **Estarão as prisões obsoletas?** Rio de Janeiro: Difel, 2018.

EARLE, R. **Convict Criminology: Inside and Out**. Policy Press: Bristol, 2016.

FANON, F. **Peles Negras / Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

LATOUR, B. **Reassembling the Social – An introduction to Actor-Network-Theory**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

OTTOBINI, M. **Vamos matar o criminoso? Método APAC**. Belo Horizonte: Gráfica O Lutador, 2018.

SAID, E. **O orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SOUZA, O. R. R. Direitos humanos no sistema prisional brasileiro: proposta para suas efetividades. **Centro Universitário Fieo**, vol. 1 (1), p. 1-140, 2013.

STRATHERN, M. 1989 debate. The concept of society is theoretically obsolete: for the motion (1). In: INGOLD, T. (ed.). **Key Debates in Anthropology**. London: Routledge, 1996.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O Nativo Relativo. **Mana**, vol. 8 (1), p. 113-48, 2002.

WAGNER, R. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

ZEFERINO, T. M.; CASADO, A. G. P. Apac *Versus* sistema prisional tradicional: Uma avaliação sobre a eficácia quanto a ressocialização e reincidência. **Universidade Cesumar**, vol. 1 (1), p. 1-5, 2017.

**Artigo recebido em** 10 de março de 2021

**Artigo aprovado em** 15 de dezembro de 2021

## **O PAPEL DA MEDICAÇÃO ANTICONVULSIVANTE NA SAÚDE BUCAL DO PACIENTE COM DEFICIÊNCIAS DO DESENVOLVIMENTO**

### **THE ROLE OF ANTICONVULSANT MEDICATION IN THE ORAL HEALTH OF PATIENTS WITH DEVELOPMENTAL DISABILITIES**

### **EL PAPEL DE LA MEDICACIÓN ANTICONVULSIVA EN LA SALUD BUCAL DE PACIENTES CON DISCAPACIDADES DEL DESARROLLO**

Lia Silva de Castilho<sup>1</sup>  
Rael Victor Dutra Ferreira<sup>2</sup>  
Luiza Milan Procópio<sup>2</sup>  
Leiliane Teresinha Romualdo<sup>2</sup>

#### **RESUMO**

A literatura relata que pessoas com deficiências do desenvolvimento tendem a possuir uma saúde bucal pior do o restante da população. O objetivo deste estudo foi investigar a saúde bucal do paciente medicado com anticonvulsivantes. Para isso, foram levantados dados de 628 prontuários do projeto de extensão “Atendimento Odontológico a Pessoas com Deficiências do Desenvolvimento” de pacientes de 0 a 33 anos de idade que recebem tratamento reabilitador, médico e odontológico na Associação Mineira de Reabilitação, Belo Horizonte, Minas Gerais. As variáveis analisadas foram: uso de medicação anticonvulsivante, sexo, presença de paralisia cerebral, bruxismo, respiração bucal, xerostomia, movimentação involuntária, gengivite, cárie dentária e refluxo gastroesofágico. A análise estatística foi realizada pelo qui-quadrado separando-se grupos por uso de medicação anticonvulsivante e sexo. Indivíduos do sexo masculino medicados com anticonvulsivantes apresentam chances 2,65 vezes maiores de apresentarem refluxo gastroesofágico do que indivíduos do sexo feminino e têm 1,92 vezes mais chances de terem gengivite do que indivíduos masculinos quenão são medicados com anticonvulsivantes. O consumo de anticonvulsivante está associado em ambos os sexos com paralisia cerebral, respiração bucal, bruxismo e movimentação involuntária. Conclui-se que o uso de medicação anticonvulsivante é um fator associado às alterações bucais.

---

<sup>1</sup> Professora Associada do Departamento de Odontologia Restauradora, Faculdade de Odontologia, UFMG, Coordenadora do Projeto de Extensão "Atendimento Odontológico a Pacientes com Necessidades Especiais. E-mail para contato: [liasc@ufmg.br](mailto:liasc@ufmg.br).

<sup>2</sup> Graduandos do Curso de Odontologia da UFMG, ex-bolsistas Proex- UFMG do Projeto de Extensão "Atendimento Odontológico à Pessoas com Deficiência do Desenvolvimento".

**Palavras-chave:** Assistência odontológica para pessoas com deficiências. Paralisia cerebral. Saúde Bucal. Deficiências do desenvolvimento. Cárie dentária. Gingivites.

#### **ABSTRACT**

The literature reports that people with developmental disabilities have worse oral health than the general population. The aim of this study was to investigate the oral health of patients receiving anticonvulsants. For this, data were collected from 628 medical records of the extension project “Dental Care for People with Developmental Disabilities” of patients from 0 to 33 years old Who receive rehabilitation, medical and dental treatment at the Associação Mineira de Reabilitação, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. The variables analyzed were: use of anticonvulsant medication, sex, presence of cerebral palsy, bruxism, mouth breathing, dry mouth, involuntary movement, gingivitis, tooth decay and gastroesophageal reflux. Statistical analysis was performed using the chi-square, separating groups by use of anticonvulsant medication and sex. Male individuals taking anticonvulsants are 2.65 times more likely to have gastroesophagea l reflux than female individuals and are 1.92 times more likely to have gingivitis than male individuals who are not medicated with anticonvulsants. The use of anticonvulsants is associated in both sexes with cerebral palsy, mouth breathing, bruxism and involuntary movement. It is concluded that the use of anticonvulsant medication is a factor associated with oral alterations.

**Keywords:** Dental care for people with disabilities. Cerebral palsy. Oral Health. Developmental deficiencies. Dental cavity. Gingivitis.

#### **RESUMEN**

La literatura informa que las personas con discapacidades del desarrollo tienden a tener peor salud bucal que el resto de la población. El objetivo de este estudio fue investigar la salud bucal de los pacientes que reciben anticonvulsivos. Para ello, se recolectaron datos de 628 registros del proyecto de extensión “Atención Dental a Personas con Discapacidad del Desarrollo” de pacientes de 0 a 33 años que reciben rehabilitación, tratamiento médico y odontológico en la Associação Mineira de Reabilitação, Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, Brazil. Las variables analizadas fueron: uso de medicación anticonvulsivante, sexo, presencia de parálisis cerebral, bruxismo, respiración bucal, boca seca, movimientos involuntarios, gingivitis, caries y reflujo gastroesofágico. El análisis estadístico se realizó mediante la chi-cuadrado, separando los grupos por uso de medicación anticonvulsivante y sexo. Los hombres que toman anticonvulsivos tienen 2,65 veces más probabilidades de tener reflujo gastroesofágico que las mujeres y 1,92 veces más probabilidades de tener gingivitis que los hombres que no están medicados con anticonvulsivos. El uso de anticonvulsivos se asocia en ambos sexos con parálisis cerebral, respiración bucal, bruxismo y movimientos involuntarios. Se concluye que el uso de medicación anticonvulsivante es un factor asociado a cambios bucales.

**Palabras clave:** Atención odontológica a personas con discapacidad. Parálisis cerebral, salud bucal, deficiencias del desarrollo, caries dental. Gingivitis.

## INTRODUÇÃO

A epilepsia é uma doença crônica de múltiplas etiologias, onde há, transmissão elétrica anormal dos impulsos nervosos no cérebro, causando alterações neurológicas no indivíduo e apresenta alta prevalência na população mundial (GOLDENBERG, 2010; GHAFOR; RAFEEC; DUBEY, 2014). A doença tem como sinal recorrente convulsões (JACOBSEN; EDEN, 2008) que são caracterizadas por alterações comportamentais e de percepção assim como a perda temporária da consciência. No entanto, essas convulsões são reversíveis (MEHMET *et al.*, 2012). A epilepsia afeta aproximadamente 50 milhões de pessoas em todo o mundo e cerca de 340 mil pessoas por ano no Brasil (LEITE FILHO *et al.* 2010) e começa a se manifestar na infância em 60% dos casos (SUNEJA *et al.*, 2016).

O tratamento para o controle das convulsões envolve a administração de medicamentos anticonvulsivantes (JOSHI *et al.*, 2013; ORTEGA *et al.*, 2014), que podem estar associados a várias alterações bucais entre pacientes com deficiências do desenvolvimento, especialmente a paralisia cerebral (VERR *et al.*, 2008; ORTEGA *et al.*, 2014; CASTILHO *et al.*, 2016).

Na maioria dos aspectos de saúde oral, a condição do paciente epilético se apresenta pior à de um paciente não epilético. Dentre os pacientes epiléticos, encontram-se aqueles que possuem deficiência mental e motora (GURBUZ; TAN, 2010), o que pode contribuir para uma baixa qualidade de saúde bucal devido a precários procedimentos de higiene (JOSHI *et al.*, 2013).

O projeto de extensão “Atendimento Odontológico a Pacientes com Deficiências do Desenvolvimento” é um trabalho em conjunto da Faculdade de Odontologia da UFMG e Associação Mineira de Reabilitação. Dentre os pacientes atendidos por este projeto, a epilepsia é muito comum e a medicação empregada para o seu controle é bastante consumida (CASTILHO *et al.*, 2016).

O objetivo deste estudo é investigar alterações bucais estratificadas por sexo em função do consumo de medicamentos anticonvulsivantes. Nossa hipótese é a de que usar de medicação anticonvulsivante e ser do sexo masculino pode aumentar a incidência das alterações bucais. Por isso, este estudo se justifica, pois grande parte dos pacientes do referido projeto são usuários de medicação anticonvulsivante.

Com relação à expectativa de cumprimento das diretrizes da extensão universitária, com este estudo pretende-se alcançar a diretriz da indissociabilidade do ensino/pesquisa/extensão. Ao se investigar os fatores associados à cárie dentária entre o grupo de pessoas com deficiências do desenvolvimento é possível que se possa auxiliar outros projetos de extensão similares no Brasil e no mundo no sentido de compreender a dinâmica da doença nesta população vulnerável. Com isso, pretende-se alcançar a diretriz de impacto e transformação social. Como o trabalho foi realizado em conjunto com contribuições de outras áreas de saúde dentro de um serviço integrado de reabilitação, pretende-se alcançar a diretriz de interdisciplinaridade. Finalmente, ao envolver o trabalho clínico e de pesquisa do graduando em odontologia, buscou-se contemplar a diretriz de impacto na formação do aluno em odontologia

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

Este é um estudo transversal observacional. Os dados foram coletados através de prontuários de 628 pacientes com idades entre 0 e 33 anos. Estes indivíduos são pacientes de um serviço odontológico que funciona num centro de reabilitação de crianças com deficiências do desenvolvimento- Associação Mineira de Reabilitação (AMR)- em Belo Horizonte, Minas Gerais em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais. Os prontuários a serem analisados são de consultas feitas entre os anos de 1998 e 2019. Este estudo foi aprovado pelo comitê de ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFMG sob o número ETIC 219/03.

Dentre os 628 prontuários analisados, os pacientes foram classificados entre os que fazem e os que não fazem uso de medicamentos anticonvulsivantes. A partir dos dados obtidos, a prevalência do uso de medicamentos anticonvulsivantes foi categorizada de acordo com o sexo. Levando em consideração estes dois parâmetros, outras características foram analisadas. As demais variáveis estudadas foram: bruxismo, respiração bucal, xerostomia, trauma dentário anterior, movimentos involuntários, gengivite, cárie em decíduos e na dentição permanente, refluxo gastroesofágico e diagnóstico de paralisia cerebral, definido pela lista de Classificação Internacional de Doenças (CID).

A cárie dentária foi registrada a partir dos critérios da Organização Mundial de Saúde. Na dentição decídua registrou-se se o elemento era cariado, obturado ou hígido. Não foi anotado

se o elemento foi perdido em função de não ser possível saber na primeira consulta se a perda era por exfoliação natural ou pela cárie dentária (WHO, 2013).

A gengivite foi anotada nos prontuários tomando-se por base o Modified Gingival Index (MGI) ou Índice Gengival Modificado de Lobene *et al.*, (1986).

As demais variáveis foram registradas a partir do relato dos pais ou cuidadores e o registro do CID, que é dado pela equipe médica, foi tomado do prontuário médico eletrônico da AMR.

A análise estatística foi realizada por análise bivariada através do cálculo do teste do qui-quadrado. O cálculo do qui-quadrado foi realizado para verificação de associação entre cada uma das variáveis e o uso de medicação anticonvulsivante, estratificado pelo sexo. A razão das chances (odds ratio) foi calculada a partir da relação entre a chance de que cada uma das variáveis (bruxismo, respiração bucal, refluxo gastroesofágico, hipercinese, xerostomia, movimentação involuntária, trauma dentário anterior, gengivites e cárie dentária em decíduos e permanentes) ocorrer entre os sexos separadamente e em seu total, com intervalo de confiança de 95%. As associações estatisticamente significativas foram as que apresentaram valor de  $p < 0,05$ . O programa estatístico usado foi o Epi Info versão 7.1.4 (EPI INFO, 2014).

## RESULTADOS

As idades dos pacientes variaram de 0 a 33 anos com média de 4.06 anos e mediana de 3 anos. Do total de 628 prontuários, 274 eram do sexo feminino (43.63%). Em 619 prontuários havia o registro sobre o uso de medicamentos. Os pacientes consumiam anticonvulsivantes em 310 (50.10%) dos casos. Em 457 prontuários havia a informação sobre o Código Internacional de Doenças e destes 330 (72.20%) eram códigos que correspondiam ao diagnóstico de paralisia cerebral.

Os medicamentos anticonvulsivantes mais consumidos foram o ácido valpróico, registrado em 138 prontuários, e o fenobarbital em 84. Os demais anticonvulsivantes e suas frequências se encontram na Tab.1. O consumo variou de um a três medicamentos anticonvulsivantes por prontuário.

Indivíduos do sexo masculino que são medicados com anticonvulsivantes apresentam 2.65 vezes mais chances (IC:1.39-5.05) de apresentarem refluxo do que os que não usam esta medicação. O mesmo não ocorre com indivíduos do sexo feminino. Quando são analisados os dois sexos em conjunto, indivíduos que são medicados com anticonvulsivantes possuem 2.12 vezes mais chances de apresentarem o refluxo gastroesofágico (IC:1.30-3.50). Da mesma forma, meninos que são medicados com anticonvulsivantes possuem 1,92 vezes mais chances (IC:1,02-3,62) de apresentarem gengivites do que meninos que não consomem estes medicamentos, e o mesmo não ocorre com indivíduos do sexo feminino (Tab.2).

A paralisia cerebral está associada ao consumo de medicação anticonvulsivante, independentemente do sexo, o mesmo ocorrendo com a presença de movimentação involuntária, a respiração bucal e o bruxismo (Tab.2).

**Tabela 1.** Medicação anticonvulsivante mais consumida entre os pacientes do Projeto de Extensão “Atendimento Odontológico a pacientes com necessidades especiais”. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, 2019

<b>Medicamento</b>	<b>Total de Ocorrências</b>
Ácido Valpróico	138
Fenobarbital	84
Clobazan	58
Topiramato	56
Nitrazepan	35
Vigabatrina	28
Carbamazepina	25
Oxycarbamazepin	22
Clonazepan	16
Lamotrigina	14
Clorpromazina	7
Fenitoína	3

**Tabela 2.** Alterações estratificadas por gênero e uso de medicação anticonvulsivante entre indivíduos portadores de deficiências do desenvolvimento do Projeto de Extensão “Atendimento Odontológico a pacientes com necessidades especiais”, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, 2019;

	<b>Medicação</b>	<b>Não Medicação</b>	<b>p</b>	<b>Razão das chances (95%IC)</b>
<b>Masculino</b>			0,002	2,65 (1,39-5,05)
Refluxo	36	15		
Não refluxo	141	156		
<b>Feminino</b>			0,29	
Refluxo	17	12		
Não refluxo	113	121		
<b>Total</b>			0,00	2,14 (1,30-3,50)
Refluxo	53	27		
Não refluxo	254	277		
<b>Masculino</b>			0,00	3,28 (1,80-5,97)
Paralisia Cerebral	109	78		
Não Paralisia Cerebral	20	47		
<b>Feminino</b>			0,00	2,72(1,42-5,21)
Paralisia Cerebral	76	62		
Não Paralisia Cerebral	19	40		
<b>Total</b>			0,00	2,94 (1,90-4,56)
Paralisia Cerebral	185	140		
Não Paralisia Cerebral	39	87		
<b>Masculino</b>			0,10	
Xerostomia	33	21		
Não Xerostomia	146	151		
<b>Feminino</b>			0,41	
Xerostomia	22	18		
Não Xerostomia	107	116		
<b>Total</b>			0,07	

Xerostomia	55	39		
Não Xerostomia	253	267		
<b>Masculino</b>			0,04	1,92 (1,02-3,62)
Gengiva saudável	136	139		
Gengiva com alteração	32	17		
<b>Feminino</b>				
Gengiva saudável	100	108	0,60	
Gengiva com alteração	20	18		
<b>Total</b>			0,06	
Gengiva saudável	236	247		
Gengiva com alteração	52	35		
<b>Masculino</b>			0,00	2,53 (1,48-4,35)
Mov. involuntário	56	25		
Sem mov. involuntário	105	119		
<b>Feminino</b>			0,01	2,44 (1,27-4,69)
Mov. involuntário	33	17		
Sem mov. involuntário	84	106		
<b>Total</b>			0,00	2,52(1,66-3,81)
Mov. involuntário	89	42		
Sem mov. involuntário	189	225		
<b>Masculino</b>				
Trauma	15	20	0,18	
Não Trauma	137	113		
<b>Feminino</b>				
Trauma	11	9	0,59	
Não Trauma	102	107		
<b>Total</b>			0,50	
Trauma	26	29		
Não Trauma	239	220		

<b>Masculino</b>			0,01	1,81 (1,18-2,77)
Respiração Bucal	108	79		
Respiração Nasal	70	93		
<b>Feminino</b>			0,01	2,29 (1,39-2,77)
Respiração Bucal	70	46		
Respiração Nasal	59	89		
<b>Total</b>			0,00	2,00 (1,45-2,77)
Respiração Bucal	178	125		
Respiração Nasal	129	182		
<b>Masculino</b>			0,02	1,66 (1,07-2,58)
Bruxismo	79	57		
Não bruxismo	90	108		
<b>Feminino</b>			0,03	1,78 (1,04-3,04)
Bruxismo	49	33		
Não bruxismo	79	95		
<b>Total</b>			0,00	1,70 (1,21-2,39)
Bruxismo	128	90		
Não bruxismo	169	203		
<b>Masculino</b>				
Cariados e obturados	32	37	0.23	
<u>≥1</u>				
Cariados e	144	121		
Obturados =0				
<b>Feminino</b>				
Cariados e obturados	22	29	0.53	
<u>≥1</u>				
Cariados e	94	102		
Obturados =0				
<b>Total</b>			0.19	
Cariados e obturados	54	66		

$\geq 1$			
Cariados e	238	223	
Obturados =0			
<b>Masculino</b>			
CPOD $\geq 1$	6	4	0.42
CPOD=0	35	40	
<b>Feminino</b>			
CPOD $\geq 1$	8	3	0.08
CPOD=0	18	23	
<b>Total</b>			
CPOD $\geq 1$	14	7	0.07
CPOD=0	53	63	

Nota: dados para algumas variáveis foram perdidos

## DISCUSSÃO

Os medicamentos anticonvulsivantes mais utilizados neste estudo estão em concordância com os listados por Ghafoor; Rafeec; Dubey (2014) e seu consumo esteve associado em ambos os sexos aos diagnósticos de paralisia cerebral e presença de movimentação involuntária. De fato, a paralisia cerebral tem como característica uma série de distúrbios posturais e de movimentação que podem estar associadas com o quadro de epilepsia. A apresentação mais comum, que representa 50-70% dos casos, é a paralisia cerebral espástica que se caracteriza por espasticidade muscular, hiperreflexia, postura anormal e dificuldades em realizar movimentos voluntários (MIHI-MARTINEZ *et al.*, 2014). Os indivíduos com paralisia cerebral tornam-se mais propensos a desenvolver movimentação extrapiramidal que pode se originar pelo uso de barbituratos ou que é exacerbada por estes medicamentos (ORTEGA *et al.*, 2014).

Outra associação encontrada foi entre o bruxismo e anticonvulsivantes observada em ambos os sexos. Segundo Ortega *et al.* (2014) os barbituratos (especialmente o fenobarbital) usados como anticonvulsivantes estão associados à ocorrência de bruxismo entre pacientes com paralisia cerebral. Os autores não encontraram o bruxismo associado ao uso de ácido valproico,

carbamazepina e benzodiazepínicos. A terapia com fenobarbital para tratar discinesia tardia mostra melhores resultados para pernas e braços do que para a região orofacial. Para estes autores, o efeito inibitório significativo sobre o SNC causado pelo uso de barbitúricos, não diminuiu o bruxismo e, portanto, a ocorrência de um maior número de indivíduos apresentando esta desordem neste grupo particular poderia ser considerada como um efeito colateral produzido pela medicação.

O uso de anticonvulsivantes também se associa a ambos os sexos no caso da respiração bucal. A possível explicação é que os benzodiazepínicos, drogas frequentemente empregadas para o controle do quadro de epilepsia, estão associados à depressão respiratória, hipoventilação, hipóxia e apneia do sono obstrutiva. O mecanismo que causa estas alterações na respiração pode estar relacionado à eliminação pela medicação do controle químico e nervoso da respiração ou por diminuição do estado de alerta por alteração dos estágios do sono ou ainda por diminuição da duração do sono REM (Rapid Eyes Movements) (SEDA *et al.*, 2014). Desta forma, respirar pela boca seria uma alternativa para a captação de ar pelos pulmões. Em pacientes deste projeto, na variação de 0 a 14 anos, o problema se mantém apenas no sexo masculino após a realização de regressão logística múltipla como relatado anteriormente (CASTILHO *et al.*, 2016). Na análise bivariada do presente estudo o problema se manifesta em ambos os sexos na variação etária de 0 a 33 anos.

O refluxo gastroesofágico é frequente entre crianças com comprometimento neurológico (ARAÚJO *et al.*, 2012; CASTILHO *et al.*, 2020). A paralisia cerebral e o uso de medicação anticonvulsivante são fatores predisponentes ao refluxo gastroesofágico (VEER *et al.*, 2008). Em relação ao sexo, a revisão sistemática da literatura realizada pelos autores anteriormente citados não encontrou associação entre o refluxo. Para Bayram *et al.* (2016) o refluxo gastroesofágico é comumente encontrado entre crianças com epilepsia com ou sem paralisia cerebral. Para estes autores, entretanto, o refluxo gastroesofágico é uma importante causa de eventos não epiléticos paroxísticos. Por isso, indivíduos com diagnóstico de epilepsia devem ter uma avaliação se existe uma condição de refluxo gastroesofágico associada. O presente estudo indica que se deve aprofundar no estudo dos fatores associados ao refluxo

gastroesofágico tendo em vista esta associação com o sexo que, até o momento, não é plausível de explicação.

A hipertrofia gengival é uma característica em um terço da amostra estudada por Ogunbodede *et al.*, (1998), sem diferença entre os gêneros. Por outro lado, quando Károlyházy *et al.* (2003) comparam grupo de pacientes com epilepsia e pacientes controles, não encontraram em nenhum grupo hiperplasia gengival. Estes autores relatam que pacientes com controle ruim das convulsões possuem uma pior higiene bucal. Em relação aos medicamentos anticonvulsivantes, a fenitoína é causadora de hiperplasia gengival (GURGEL *et al.*, 2015) mas foi usada por apenas três indivíduos. Estudo anterior encontrou associação entre gengivite e o uso de fenobarbital e ácido valpróico entre indivíduos com paralisia cerebral (GUARÉ; CIAMPIONI, 2004). Outros estudos não lograram encontrar esta associação em faixas etárias mais jovens (CARDOSO *et al.*, 2015). Como o padrão não se repete, em nosso estudo, em relação ao sexo feminino, o resultado estatisticamente significativo em relação ao sexo masculino pode ter relação com a menor preocupação com a higiene bucal entre os indivíduos do sexo masculino, fato já relatado anteriormente na literatura entre indivíduos com diabetes melitus (XAVIER *et al.*, 2009).

Este estudo possui algumas limitações. Não é possível separar o que está relacionado ao uso da medicação anticonvulsivante e o que está associado à epilepsia, visto que pacientes que possuem o problema recebem a medicação. Em relação ao sexo, este estudo não pode verificar através do arcabouço teórico que embasou sua revisão da literatura quais são as razões para que alguns eventos estivessem associados ao sexo masculino.

Reconhecemos estas limitações, mas conhecer mais detalhadamente, estudar o perfil de uma população alvo de um projeto de extensão e envolver alunos nessa construção do conhecimento é uma forma de contemplar a diretriz de indissociabilidade ensino/pesquisa e extensão. Ao conhecer mais os nossos pacientes podemos propor soluções técnicas mais eficazes no controle do processo saúde/doença atingindo a diretriz de impacto e transformação social. Conhecendo melhor a população, podemos propor também abordagens de educação em saúde que também sejam mais envolventes e resolutivas alcançando a diretriz de interação dialógica com a sociedade.

## CONCLUSÃO

O consumo de medicação anticonvulsivante está associado significativamente em ambos os sexos com paralisia cerebral, respiração bucal, bruxismo e à movimentação involuntária. No caso do refluxo gastroesofágico e gengivite, a associação só é observável em relação ao sexo masculino.

## REFERÊNCIAS

- BAYRAM, A. K.; CANPOLAT, M.; KARACABEY, N.; GUMUS, H.; KUMANDAS, S.; DOĞANAY, S.; ARSLAN, D.; PER, H. Misdiagnosis of gastroesophageal reflux disease as epileptic seizures in children. **Brain & Development**, v. 38, n. 3, p. 274–279, 2016.
- CASTILHO, L. S.; ABREU, M. H. N.; OLIVEIRA, R. B.; SILVA, M. E. S.; RESENDE, V. L. Factors associated with mouth breathing in children with developmental disabilities. **Special Care in Dentistry**, v. 36, n. 1, p.75-79, 2016.
- CASTILHO, L. S., RAMPI, CAMILA, M. C., CRUZ, A. J. S., LAGES, F. S., LEÃO, D. M., ABREU, M. H. G. N. Gastroesophageal reflux disease in patients with developmental disabilities. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**, v. 17, n. 36, p. 22-32, 2020.
- CARDOSO, A. M. R.; GOMES, L. N.; SILVA, C. R. D.; SOARES, R. S. C.; ABREU, M. H. N. G.; PADILHA, W. W. N.; CAVALCANTI, A. L. Dental Caries and Periodontal Disease in Brazilian Children and Adolescents with Cerebral Palsy. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 12, n. 1, p. 335 –353, 2015.
- CDC - Centers for Disease Control and Prevention. **EPI Info™7**. Version 7.1.4. Atlanta. 2014. Disponível em: <http://www.cdc.gov/epiinfo>. Acesso em: 10 out. 2019.
- GHAFOOR, P. A. F; RAFEEQ, M.; DUBEY, A. Assessment of oral side effects of Antiepileptic drugs and traumatic oro-facial injuries encountered in epileptic children. **Journal of International Oral Health**, v.6, n.2, p. 126-128, 2014.
- GOLDENBERG, M. M. Overview of Drugs Used For Epilepsy and Seizures: Etiology, Diagnosis, and Treatment. **Pharmacy and Therapeutics**, v. 35, n. 7, p. 392-415, 2010.
- GUARE, R. O.; CIAMPIONI, A. L. Prevalence of periodontal disease in the primary dentition of children with cerebral palsy. **Journal of Dentistry for Children**, v. 71, n. 1, p. 27-32, 2004.
- GURBUZ, T.; TAN, H. Oral health status in epileptic children. **Pediatrics International**, v. 52, n. 2, p. 279–283, 2010.

GURGEL, B. C. V.; MORAIS, C. R. B.; ROCHA-NETO, P. C.; DANTAS, E. M.; PINTO, L. P.; COSTA, A. L. L. Phenytoin-induced gingival overgrowth management with periodontal treatment. **Brazilian Dental Journal**, v. 26, n. 1, p. 39-43, 2015.

JACOBSEN, P. L.; EDEN, O. Epilepsy and the Dental Management of the Epileptic Patient. **The Journal of Contemporary Dental Practice**, v. 9, n. 1, p. 054-062, 2008.

JOSHI, S. R. PENDYALA, G. S.; SARAF, V.; CHOUDHARI, S.; MOPAGAR, V. A comprehensive oral and dental management of an epileptic and intellectually deteriorated adolescent. **Dental Research Journal**, v. 10, n. 4, p. 562–567, 2013.

KÁROLYHÁZY, K.; KOVÁCS, E.; KIVOVICS, P.; FEJÉRDY, P.; ARÁNYI, Z. Dental status and oral health of patients with epilepsy: an epidemiology study. **Epilepsia**, v. 44, n. 8, p. 1103-1108, 2003.

LEITE FILHO, M. A. A.; BARBOSA, E. L.; FERNANDES, P. R.; FERNANDES FILHO, J. Características dermatoglíficas em portadores de epilepsia. **Revista Científica Internacional**, v.1, n. 13, p.70-83, 2010.

LOBENE, R. R.; WEATHERFORD, T.; ROSS, N. M.; LAMM, R. A.; MENAKER, L. A modified gingival index for use in clinical trials. **Clinical Preventive Dentistry**, v. 8, n.1, p. 3-6, 1986.

MEHMET, Y.; SENEM, Ö.; SÜLÜN, T.; HÜMEYRA, K. Management of epileptic patients in dentistry. **Surgical Science**, v. 3, n. 1, p. 47, 2012.

MIHI-MARTINEZ, V.; SILVESTRE F. J.; ORELLANA L. M.; SILVESTRE-RANGIL J. Resting position of the head and malocclusion in a group of patients with cerebral palsy. **Journal of Clinical and Experimental Dentistry**, v.6, n.1, p. 1-6, 2014.

OGUNBODEDE, E. O.; ADAMOLEKUN, B.; AKINTOMIDE, A. O. Oral Health and Dental Treatment Needs in Nigerian Patients with Epilepsy. **Epilepsia**, v.39, n.6, p.59C-594, 1998.

ORTEGA A. O. L.; DOS SANTOS M. T. B. R.; MENDES, F. M.; CIAMPONI A. L. Association between anticonvulsant drugs and teeth grinding in children and adolescents with cerebral palsy. **Journal of Oral Rehabilitation**, v. 41, n. 9, p. 653-658, 2014.

SEDA, G. T.; TSAI, S.; LE-CHIONG, T. Medication effects on sleep and breathing. **Clinics in Chest Medicine**, v. 35, n. 3, p. 557-569, 2014.

SUNEJA, B.; CHOPRA, S.; THOMAS, A. M.; PANDIAN, J.A Clinical Evaluation of Gingival Overgrowth in Children on Antiepileptic Drug Therapy. **Journal of Clinical and Diagnostic Research**, v. 10, n.1, p. zc32-zc36, 2016.

VEER, A. J. E.; BOS, J. T.; NIEZEN-DE BOER, R. C.; BÖHMER, C. J. M.; FRANCKE, A. L. Symptoms of gastroesophageal reflux disease in severely mentally retarded people: a systematic review. **BMC Gastroenterology**, v. 8, n. 1, p. 23, 2008.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Oral Health Surveys: Basic Methods**. 5. ed. Geneva: World Health Organization, 2013. Disponível em: [http://www.who.int/oral\\_health/publications/9789241548649/en/](http://www.who.int/oral_health/publications/9789241548649/en/). Acesso em: 19 out. 2019

XAVIER, A. C. V. L.; SILVA, I. N.; COSTA, F. O.; CORRÊA, D. S. Condição periodontal de crianças e adolescentes com diabetes melito tipo 1. **Arquivos Brasileiros de Endocrinologia**, v. 3, n. 3, p. 348-354, 2009.

**Artigo recebido em** 09 de março de 2021.

**Artigo aprovado em** 15 de dezembro de 2020.

**DESAFIOS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM TEMPO DE  
PANDEMIA: O USO DE AUDIOVISUAIS COMO MEDIAÇÃO PARA O  
DIÁLOGO COM A SOCIEDADE**

**CHALLENGES OF UNIVERSITY EXTENSION IN TIME OF  
PANDEMIC AND THE USE OF AUDIOVISUALS AS MEDIATION FOR  
DIALOGUE WITH SOCIETY**

**RETOS DE LA AMPLIACIÓN UNIVERSITARIA EN TIEMPOS DE  
PANDEMIA Y EL USO DE AUDIOVISUALES COMO MEDIACIÓN  
PARA EL DIÁLOGO CON LA SOCIEDAD**

Odair França Carvalho<sup>1</sup>  
Carlos Augusto Mulatinho<sup>2</sup>  
Maria Amália Arruda Câmara<sup>3</sup>  
Luiz Alberto Ribeiro Rodrigues<sup>4</sup>

**RESUMO**

Este artigo tem por objetivo discutir os desafios da extensão universitária, no âmbito da Universidade de Pernambuco, frente ao contexto de isolamento social por conta da COVID-19. Com base na teoria de sistematização da experiência desenvolvidas por Holliday (2007), o texto focaliza a contribuição de estudantes e de docentes no Programa Conhecimento Solidário, na tentativa de criar canais de diálogo com a sociedade impactada pela crise sanitária, contribuindo ao mesmo tempo com a superação da crise pandêmica e garantindo ao estudante, um espaço de formação inovadora. Utilizando-se de equipamentos simples e da velocidade das redes sociais, foram produzidos e difundidos mais de cem audiovisuais com informações de natureza pública. Na perspectiva do princípio do diálogo entre universidade e sociedade, compreendeu-se que o conhecimento solidário contribuiu como laboratório para a produção de conhecimentos socialmente referenciados, e possibilitou o aprofundado compromisso ético de docentes e de estudante quanto a sua responsabilidade social.

**Palavras-chave:** Extensão universitária; Diálogos universidade e sociedade; Pandemia COVID-19.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação, professor da UPE.

<sup>2</sup> Doutor em Educação Física, professor da UPE.

<sup>3</sup> Doutora em Direito Digital, professora da UPE.

<sup>4</sup> Doutor em Educação, professor da UPE.

**ABSTRACT**

This article aims to discuss the challenges of university extension, within the scope of the University of Pernambuco, in the context of social isolation caused by COVID-19. Based on the theory of systematization of experience developed by Holliday (2007), the text focuses on the contribution of students and professors to the Solidarity Knowledge Program, in an attempt to create channels of dialogue with the society impacted by the health crisis, contributing at the same time with overcoming the pandemic crisis and guaranteeing the student a space for innovative training. Using simple equipment and the speed of social networks, more than one hundred audiovisuals with information of a public nature were produced and broadcast. From the perspective of the principle of dialogue between university and society, it was understood that solidary knowledge contributed as a laboratory for the production of socially referenced knowledge, and enabled the deep ethical commitment of professors and students regarding their social responsibility.

**Keywords:** University extension; University and society dialogues; COVID-19 pandemic.

**RESUMEN**

Este artículo tiene como objetivo discutir los desafíos de la extensión universitaria, en el ámbito de la Universidad de Pernambuco, en el contexto del aislamiento social causado por COVID-19. Partiendo de la teoría de la sistematización de la experiencia desarrollada por Holliday (2007), el texto se centra en el aporte de estudiantes y docentes al Programa Conocimiento Solidario, en un intento por crear canales de diálogo con la sociedad impactada por la crisis de salud, al tiempo que se contribuye con la superación de la crisis pandémica y garantizando al alumno un espacio de formación innovadora. Utilizando equipos sencillos y la velocidad de las redes sociales, se produjeron y difundieron más de un centenar de audiovisuales con información de carácter público. Desde la perspectiva del principio de diálogo universidad-sociedad, se entendió que el conocimiento solidario contribuyó como laboratorio para la producción de saberes referenciados socialmente, y posibilitó el profundo compromiso ético de profesores y estudiantes con respecto a su responsabilidad social.

**Palabras clave:** Extensión universitaria; Diálogos universidad y sociedad; Pandemia de COVID-19.

**INTRODUÇÃO**

O contexto da pandemia da COVID-19 impôs um novo ritmo às atividades acadêmicas, em especial às atividades de extensão. O isolamento social apontou novas alternativas, quase sempre contando com ações remotas mediadas pela tecnologia e em particular por redes sociais. O objetivo deste artigo é discutir os desafios da extensão universitária frente ao contexto,

focalizando contribuições do Programa Conhecimento Solidário, ação de extensão desenvolvido no âmbito da Universidade de Pernambuco (UPE), com recorte de dados entre os meses de abril a julho de 2020.

Utilizou-se neste estudo, as estratégias de sistematização da experiência desenvolvidas por Holliday (2007). Este autor entende que a “sistematização[...] se faz: - para favorecer o intercâmbio de experiências; ou - para que a equipe tenha melhor compreensão de seu trabalho; ou - para adquirir conhecimentos teóricos a partir da prática; ou - para melhorar a prática” (HOLLIDAY, 2007, p. 17).

Na esteira de Holliday (2007) o movimento da sistematização realiza-se de modo dialético, ao aprender com a experiência que é uma tarefa árdua, exige autocrítica sobre a ação do ser livre frente ao contexto histórico em que a ação ocorreu. O autor reafirma que a perspectiva dialética é inerente ao método ao considerar “a realidade histórico-social como uma totalidade” (HOLLIDAY, 2006, p. 46). O conceito de experiência pensado por este autor considera como características principais, ser “processos particulares que fazem parte de uma prática social e histórica mais geral igualmente dinâmica, complexa e contraditória.” (HOLLIDAY, 2006, p.21).

Deste referencial considerou-se a proposta de sistematização em cinco tempos “que sugere um procedimento com uma ordem justificada, [...] pois dependerá de muitos fatores que incidem na multiplicidade de experiências existentes” (2006, p. 72), assim delineados:

A) O ponto de partida: ter participado da experiência. e ter o registro das experiências. B) As perguntas iniciais: para que queremos? (Definir o objetivo) Que experiência(s) queremos sistematizar? (Delimitar o objeto a ser sistematizado) b3. Que aspectos centrais dessa experiência nos interessam sistematizar? (Definir um eixo de sistematização). C) Recuperação do processo vivido: Reconstruir a história. Ordenar e classificar a informação. D) A reflexão de fundo: Por que aconteceu o que aconteceu? Analisar, sintetizar e interpretar criticamente o processo. E) Os pontos de chegada: Formular conclusões. Comunicar a aprendizagem (HOLLIDAY, 2007, p.73).

A constituição da extensão universitária no Brasil, a partir de 2018 é fruto do reconhecimento acadêmico e social, na perspectiva de se tornar efetivamente uma atividade essencialmente vinculada à formação dos estudantes da graduação e/ou da pós-graduação, ligada a atividades de pesquisa, em interação com a comunidade externa às instituições de ensino. Ela materializa-se por meio dos documentos como: Constituição Federal de 1988, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), Plano Nacional de Educação (2001-2010), a Política Nacional de Extensão (2012) e Plano Nacional de Educação (2014-2024) percurso histórico o que concretiza-se com a implementação da Resolução nº 7/2018 do MEC - Diretriz da Extensão Universitária na Educação Superior Brasileira, resultante de uma luta histórica, por mais de três décadas, do Fórum Nacional de Extensão Universitária (FORPROEX), passando a considerar a extensão universitária como uma

[...] atividade integrada à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa” (BRASIL, 2018. Art. 3º).

Anterior a Diretriz, em 2017, a UPE já havia aprovado a sua política de extensão universitária, estabelecendo compromissos em atender ao disposto na Meta 12.7 do Plano Nacional de Educação (PNE - 2014-2024), de modo a inserir nos cursos de graduação, a atividade de extensão como parte do currículo formativo. Posteriormente, com base na Diretriz Nacional de Extensão (BRASIL, 2018), incorporou o novo conceito e indicadores como compromisso no Plano de Desenvolvimento Institucional (UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO, 2019).

Assim, a partir de então, na UPE, considera-se atividades de extensão, as intervenções que envolvam diretamente as comunidades externas às instituições de ensino superior e que estejam vinculadas à formação do estudante, de iniciativa da própria UPE ou em parceria com outras instituições. No esforço de ampliar a extensão, foi observado um movimento coordenado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura - PROEC que lançou um processo em torno da

formação de docentes, com vistas a propor uma metodologia de avaliação das atividades. No primeiro ano, em 2019, foram realizadas seis oficinas de sistematização das atividades de extensão, envolvendo mais de cem docentes para estimular a sistematização das experiências extensionistas.

Ainda neste ano, na perspectiva da formação, foram desenvolvidas uma série de oficinas para produção de audiovisuais com vistas à produção de narrativas em torno do significado das atividades da extensão na perspectiva da comunidade externa participante. Essas oficinas contaram com orientações de profissionais da TV Pernambuco, emissora afiliada à Empresa Pernambucana de Comunicação e vinculada à Secretaria Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação (Secti), que desenvolve ações de produção e veiculação de uma programação de conteúdo de comunicação que valoriza o critério de interesse público. Neste viés, Weber (2021) destaca que as instituições buscaram ampliar

[...] sua visibilidade e sua participação social diante da necessidade de contribuirmos para o combate contra a covid-19 e de participarmos de um debate internacional vinculado à ciência. Professores e pesquisadores de todas as áreas do conhecimento ocuparam espaço nas mídias e redes digitais e falaram a milhares de pessoas. A responsabilidade da universidade veio à tona e num processo singular, próprio da comunicação pública, contribuiu decisivamente para a vida das pessoas e das instituições (WEBER, 2021, p.1).

Diante desse cenário, a PROEC investiu na formação, na tentativa de expandir os saberes produzidos na UPE, no combate à COVID-19. As duas primeiras oficinas focaram narrativas acerca de experiências de extensão da área da saúde, desenvolvidas na Região Metropolitana do Recife. Além de professores, participaram estudantes interessados na produção de audiovisuais das 15 Unidades da UPE, espalhadas nas Regiões Metropolitana do Recife, da Mata Norte e Mata Sul, do Agreste e do Sertão. Os primeiros audiovisuais contam a experiência de atividades extensionistas realizadas por docentes e discentes do curso de educação física, em particular, focalizou três atividades de extensão que trabalham exercício

físicos no espaço de piscinas aquáticas, e duas experiências com o esporte voltados à permanência de estudantes do ensino fundamental (1ª etapa) na escola pública<sup>5</sup>.

A segunda oficina de audiovisual produziu narrativas em torno de atividades de extensão desenvolvidas pelo curso de enfermagem realizadas com idosos. Essas atividades eram pautadas no teatro popular, na cultura do maracatu, além de um projeto de inserção digital de pacientes idosos em atendimento hospitalar, ensinando mecanismos de utilização de recursos de comunicação disponíveis em seus respectivos equipamentos celulares, no sentido de garantir-lhes uma maior comunicação com seus familiares, aumentando, assim, sua segurança.

Foram produzidos nas duas primeiras oficinas, um total de 17 audiovisuais com tempo de 02 a 03 minutos, com diferentes narrativas, modificando o lugar tradicional de fala das peças habituais de comunicação institucional. Esta etapa visava desenvolver nos extensionistas, um processo de escuta qualificada à comunidade externa, evidenciando, assim uma narrativa que tradicionalmente não se fazia presente nos relatos oficiais dessas atividades.

Destacamos que a Universidade de Pernambuco pautou o seu fazer alicerçado no conceito de Comunicação Pública que de acordo com Weber (2021) é:

Comunicação Pública é um conceito que abrange o debate público, a comunicação das instituições, as relações destas com a sociedade e é inerente às democracias. A pandemia, entendida como um acontecimento público, exigiu estratégias e comunicação para que as radicais mudanças políticas, sociais, econômicas, sanitárias e educacionais vivenciadas, individual e coletivamente, pudessem ser compreendidas. Guardadas as devidas proporções, a comunicação pública se tornou tão importante quanto a vacina. Procedimentos necessários à proteção individual e coletiva, assim como a responsabilidade sobre regulação e investimentos hospitalares e de pesquisa precisavam ser realizados e comunicados (WEBER, 2021, p. 1).

Do ponto de vista técnico, essas oficinas desafiaram os participantes a utilizar recursos de gravação de imagens disponíveis nos aparelhos de celulares, e também melhorar a captação de áudios por meio de microfone externo. Outro elemento que suscitou as oficinas de audiovisuais com a TV Pernambuco foi à criação de formatos de audiovisuais que pudessem

---

<sup>5</sup> Vídeos disponíveis em <https://www.youtube.com/playlist?list=PLCw2lkJGLbEAXE5CYO4WtsTpTWG9fMmZp>

ser veiculados em redes sociais, por isso institui-se o critério de tempo máximo dos audiovisuais, devendo ser de 2 a 3 minutos.

### **A PANDEMIA E O PROJETO *CONHECIMENTO SOLIDÁRIO***

Nos primeiros dias da pandemia, iniciada em meados de março de 2020, e após as medidas de isolamento social em Pernambuco, a extensão da UPE começou a estudar formas de chegar à população com conhecimentos e informações sólidos, na perspectiva de contribuir na superação dos efeitos sociais da COVID-19. Decidiu-se fazer uma seleção de vídeos educativos, dentro das temáticas de saúde, esporte, cultura, e outras áreas do saber, para contribuir com a sociedade no momento do isolamento social.

Considerando a suspensão das atividades acadêmicas presenciais na UPE, devido as medidas preventivas em relação à infecção pelo novo coronavírus, a universidade intensificou as atividades de extensão utilizando redes sociais. Assim, nasce o projeto Conhecimento Solidário. Lançado em edital, com expressa chamada aos docentes e discentes, para a produção de audiovisuais com conteúdo de interesse público no contexto do enfrentamento aos efeitos da pandemia.

Era 23 de março, uma semana após a decretação do isolamento social pelo governo do estado de Pernambuco, o chamamento foi para a produção de “atividade de extensão voltada à produção e a veiculação de audiovisuais, para difusão de informações e saberes de interesse público, para contribuir com a superação da crise provocada pela pandemia da COVID-19, em seus diferentes aspectos” (UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO, 2020. item 2.1).

A experiência inicial com a formação de docentes e discentes, a partir das oficinas de audiovisuais desenvolvidas com a TV Pernambuco foi determinante para o formato deste edital. Entendeu-se que havia uma estratégia em andamento para chegar à população com informações e conhecimentos de interesse público, no decorrer da pandemia e sobretudo, enquanto durar o isolamento social. Retomou-se assim o processo de formação para produção de narrativas em audiovisuais de extensão, com o apoio da TV - Pernambuco, formando em quatro novas oficinas, na modalidade remota, incluindo, assim, 120 novos docentes.

A resposta ao edital do projeto Conhecimento Solidário foi bastante expressiva. Desse modo, foram consideradas as exigências de assinatura do termo de responsabilidade autoral do conteúdo, a autorização expressa para o uso de imagens e as condições técnicas mínimas para aprovação e veiculação do audiovisual. Os números revelam que durante o isolamento social, a extensão esteve com forte presença na vida das pessoas. Os dados a seguir revelam os cinco primeiros meses de vigência do edital (abril a setembro/2020) e restringem-se aos produtos aprovados e publicados no formato de audiovisuais.

**Tabela 1** – Produção de audiovisuais por quantidade de autores

Categoria	N (108)	%
Individual	43	40
Dupla	07	6
Grupo	58	54
<b>Total</b>	<b>108</b>	<b>100%</b>

Fonte: PROEC, 2020.

Conforme a tabela 1, de março a agosto de 2020, cerca de 108 audiovisuais foram enviados para o edital do conhecimento solidário. Do conjunto do material produzido, em ambiente de isolamento social, 60% foram desenvolvidos no coletivo, envolvendo docentes e discentes. Estima-se que a pertinência do conteúdo para o momento foi originada pelo professor. Por outro lado, a participação dos estudantes, sobretudo para dar vida ao audiovisual, foi fundamental.

Outro aspecto a destacar são as áreas temáticas a que se referem o material produzido em audiovisuais neste período, conforme detalhe abaixo.

**Tabela 2** – Audiovisuais por área temática de Extensão

Área Temática	N (108)	%
Cultura	07	6
Educação	07	6
Meio Ambiente	01	1
Saúde*	93	86
<b>Total</b>	<b>108</b>	<b>100%</b>

Fonte: PROEC, 2020.

As temáticas dos audiovisuais da área da Saúde concentraram 86% da produção, seguidas pelas áreas da Educação e da Cultura, ambas com 6% das produções apresentadas. A área do Meio Ambiente representou 1% da produção enviada. O elevado percentual de audiovisuais produzidos por profissionais da área da Saúde inclui cursos como medicina, odontologia, fisioterapia, educação física.

Esses números representam o contexto da pandemia quando à saúde, que em suas diferentes dimensões, passou a ser problematizada. Foram então observados, inicialmente séries de audiovisuais com orientações sobre a doença em seus diferentes estágios, fato que dialoga com as colocações de Weber (2021).

A Universidade tem uma vasta experiência na área de infectologia, em pesquisas sanitárias e grande proximidade com a assistência à saúde na baixa, média e alta complexidade. Estão sob a gestão da UPE três hospitais universitários, um deles, o Hospital Universitário Oswaldo Cruz (HUOC), considerado de referência no tratamento da COVID-19 em Pernambuco.

O edital do conhecimento solidário deu voz a docentes e discentes da grande área da saúde, de modo a fazer chegar rapidamente à população em isolamento social, orientações práticas de como enfrentar a pandemia. Uma parte desse material, contendo instruções de como proceder nas diversas situações em que a doença se apresenta, foi utilizada para o treinamento

de técnicos da enfermagem lotados em unidade de saúde na capital e no interior do Estado, para trabalhadores da construção civil e da indústria gesseira.

## **O PROTAGONISMO DO ESTUDANTE DURANTE O CONHECIMENTO SOLIDÁRIO**

Na atividade de extensão, a participação do estudante é de fundamental importância, na medida em que caracteriza o ambiente educativo que ela deve proporcionar. A atividade em tela: a produção de audiovisual, demandada no referido edital<sup>6</sup>, foi realizada por meio de aparelho celular ou de outro mecanismo facilmente acessível a professores e estudantes. Diversos vídeos dedicados às temáticas que reforçaram a importância do distanciamento social e os cuidados com a saúde foram divulgados nas redes sociais da UPE, como Instagram(@UPEnasredes), *Youtube* (Canal UPE nas Redes) e sítio <http://www.novocoronavirus.upe.br/>), bem como nas redes sociais pessoais de docentes, discentes, servidores e comunidade.

Sob diferentes perspectivas, a juventude tem sido percebida como uma grande participante deste projeto. Os estudantes da universidade, especialmente os mais jovens, foram, neste processo, agentes de ruptura geracional ou contra-cultural (GLEN & ELDER, 1994; MIRANDA, 2016) que impulsiona novas formas de fazeres e de conhecimentos a partir das tecnologias da informação e comunicação.

Convocados por editais, um grupo significativo de estudantes da graduação se inscreveu como voluntários para o processo de difusão dos conteúdos veiculados pelos vídeos. Sua tarefa consistiu em identificar demandas dos grupos ligados às suas respectivas redes sociais e lhes enviar vídeos com informações e conteúdos úteis para a melhoria da qualidade de vida de todos.

**Tabela 3.** Estudantes voluntários participantes da divulgação de conteúdo do projeto Conhecimento Solidário

---

<sup>6</sup> Edital Conhecimento Solidário disponível em:

[http://www.upe.br/anexos/extensao/editais/2020/conhecimento\\_solidario/Projeto\\_Conhecimento\\_Solid%C3%A1rio\\_03\\_04\\_2020.pdf](http://www.upe.br/anexos/extensao/editais/2020/conhecimento_solidario/Projeto_Conhecimento_Solid%C3%A1rio_03_04_2020.pdf)

Campus	N (108)	%
Licenciaturas	15	18,29
Engenharias	14	17,07
Ciências aplicadas	07	8,54
Saúde (medicina, enfermagem, ed. física, fisioterapia, nutrição)	46	56,10
<b>Total de extensionistas voluntários</b>	<b>82</b>	<b>100%</b>

Fonte: PROEC, 2020.

O Projeto Conhecimento Solidário criou um método pautado em um mecanismo de interação nas redes sociais para o estudante ser compreendido e valorizado a partir de suas realizações e significados (DE LUCAS, ARIAS, & SÁNCHEZ, 2015) trazidos também a partir da vivência acadêmica. Os valores da pós-modernidade (ELZO & ORIZO, 2000) e a quebra dos binômios clássicos como estudar-trabalhar, inativo-ativo, casado-solteiro, dependente-independente e, até mesmo, ante o contexto geográfico de isolamento social, o binômio dentro-fora passaram em diversas narrativas trazidas nessas produções de audiovisual, que, diante da pandemia, questionaram, os ciclos de vida, diversificaram os itinerários e quebraram a linearidade das transições (HEINZ, 2009), e assim, demonstraram quão criativo pode ser o ser humano em cenários de crise como esta vivida.

A flexibilidade e a complexidade do que define cada um e cada grupo passa a ser o que melhor define a solidariedade impressa no projeto. Essas produções terminaram por ser uma forma de expressar a própria identidade do participante. Os interesses não foram reduzidos, mas múltiplos nos seus conteúdos e nas suas manifestações e modos de se expressar. Nas palavras do discente extensionista Gabriel Alves de Lima:

*“Como aluno de uma universidade pública, como é o caso da Universidade de Pernambuco, realiza atividades que se destinam a facilitar o acesso de um público à informações necessárias, úteis e verdadeiras é de grande valor*

*acadêmico e pessoal. A Acessibilidade é algo que deve ser adicionado em todos os locais e de diversas maneiras, a adição de legendas, por mais simples que pareça, é essencial, além de ser uma ação inclusiva e humanitária”.*<sup>7</sup>

Este co-protagonismo da Universidade contrasta com a ainda limitada literatura escrita sobre as extensões que envolvem a publicização de diferentes narrativas e o impacto dessas novas narrativas na sociedade. Esta escassez de produção científica pode estar relacionada com um processo ainda jovem de valorização das políticas extensionistas no país que datam ainda da década de 80, conforme NOGUEIRA (2001).

Das três grandes áreas que constituem o núcleo de atuação de uma Universidade, ao lado de Pesquisa e Ensino, a Extensão é a atuação universitária de formalização mais recente. Ainda segundo a autora, seu reconhecimento nos anos 80 é fortemente influenciado pelo contexto sócio-política da época. A década de 1980 foi marcada como um período de redemocratização e empoderamento dos cidadãos. Nesse contexto, a sociedade como um todo passa a exigir um compromisso maior da Universidade. Assim, a Extensão surge como um elemento que irá resgatar, nesse *lócus*, o papel social da Universidade perante a comunidade (NOGUEIRA, 2001). Vê-se, dessa maneira, que o Projeto Conhecimento Solidária, diante de um cenário de crise sanitária global, enquadra-se perfeitamente com essa proximidade com a sociedade, da qual se origina o próprio conceito de Extensão Universitária.

As questões relacionais (isolamento social, amizade, relacionamentos, etc.) e de expectativas (treinamento, trabalho, qualificação, atualização, etc.) foram o foco destas gravações, embebidas por um certo nível de realidade pessoal e grupal marcada por incertezas típicas da epidemia global vivenciada. O projeto transfere a atenção para o contexto educacional do "possível" no fatídico "novo normal". A estrutura organizacional na qual a maioria das extensões acontece é a universidade. Mas o contexto inicial de isolamento social e, a posteriori, de distanciamento social registrou contribuições sobre a formação acadêmica extensionista desenvolvidas dentro das residências. Em sua maioria, o corpo teórico, a identidade e os desafios da profissão e das áreas de estudo de dentro da UPE foram convertidas em boas práticas

---

<sup>7</sup> Fala coletada a partir do relatório final do Desafio 1 do Conhecimento Solidário - Inserção de Legendas nas Produções do Audiovisual.

ou oportunidades profissionais narradas nos vídeos. Neste contexto, não é feita referência específica a nenhuma faixa etária, mas sim ao nível (graduação e/ou pós-graduação) do estudante (futuros profissionais). Explicitamente, desta forma possibilita-se a visibilidade do interesse pela profissão em formação e pelas áreas de estudo.

### **A INTERAÇÃO COM A SOCIEDADE**

No decorrer da realização do projeto em tela, foi possível mapear a qualidade do acesso do material proposto em redes sociais. Identificou-se, assim, um certo perfil do comportamento do público beneficiado com essa ação extensionista da Pró-Reitoria. Foram observadas algumas ações *on-line* realizadas pelo público no *YouTube*, com o intuito de medir o impacto geral.

Dessa maneira, os usuários poderão interagir e se envolver melhor com o objetivo desta atividade, empatizando com as histórias, visualizando, curtindo ou não, assinando, compartilhando, adicionando a lista de reprodução e comentando. Essas foram ações analisadas na medição do impacto.

O compartilhamento é um recurso importante, pois permite que os espectadores compartilhem vídeos em suas redes por meio de outras plataformas de mídia social. Via de regra, esta é a variável de maior impacto a ser levantada nesta medição ofertada pela própria plataforma (GOOGLE, 2020). Foram analisadas 6 variáveis a partir de 2 critérios: engajamento e alcance. As variáveis foram:

- 1."Salvar/Addto": aumenta o engajamento no canal, à medida que o vídeo é incorporado ao acervo de vídeos do usuário;
- 2."Comentário/Comment": aumenta o engajamento e o sentimento de comunidade a partir da discussão de um fórum criado no entorno temático do vídeo;
- 3."Gostar/Não gostar/Like/Dislike": aumenta o engajamento e o fortalecimento identitário dos perfs e gostos de cada usuário;
- 4."Compartilhar/Share": aumenta o alcance e o engajamento, pois extrapola os limites da plataforma, veiculando os vídeos em outras redes e comunidades, gerando engajamento colateral e ampliação do alcance;
- 5."Inscrição/Subscribe": aumenta o alcance a partir do número de inscritos no Canal;

6. "Visualizações/Views": aumenta o alcance a partir das reproduções dos conteúdos encontrados nos vídeos (play).

Quanto à origem do tráfego da Canal de *Youtube* da UPE, onde são transmitidos/hospedados os vídeos com os conteúdos da Extensão "Conhecimento Solidário", verificou-se que quase a metade dos acessos foram de origem externa, ou seja, o tráfego foi iniciado através de vídeos exibidos fora do *YouTube*, enviados em sítios por exemplo, como o "Novo Corona Vírus" <http://www.novocoronavirus.upe.br/> ou o próprio sítio oficial da UPE ([upe.br](http://upe.br))<sup>8</sup>.

As impressões apreendidas foram um comportamento do usuário avaliado dentro das variáveis supras. Por impressão, entende-se o registro de quantas vezes as suas miniaturas (*thumbnails*) foram exibidas aos espectadores no *YouTube*. A taxa de cliques de impressões CTR - *Click-through rate* - é a proporção de usuários que clicam em um *link* específico em relação ao número total de usuários que visualizaram o canal. É comumente usado para medir o impacto *on-line* para um determinado sítio, bem como a eficácia das campanhas de alcance (por e-mail, *WhatsApp*, redes sociais, etc). Mostra a porcentagem das suas impressões que se converteram em visualizações. Ela serve para avaliar com que frequência os espectadores assistiram um vídeo depois de ver sua miniatura (*thumbnail*). No último mês, anterior a finalização deste artigo para publicação (outubro de 2020), o Canal da UPE no *YouTube* chegou a ter mais de 43 mil impressões e uma média de 284 minutos em tempo de exibição, o que pode ser considerado um bom impacto, à medida que, em média, os vídeos desta Extensão possuem uma duração de 4 minutos.

Nessa métrica, no mês de setembro, houve um aumento de 334% de visualizações do canal, chegando a ter 9 mil visualizações, realizadas por 4,7 mil espectadores únicos, trazendo uma média de quase 2 visualizações por espectador do canal. Deve-se considerar que esses são iniciais desse canal, em um período em aproximado seis meses em que a produção estava ocorrendo e que este significa o primeiro estágio da veiculação, dado que o canal tem sobretudo o papel de repositório. A relação com outras redes sociais impulsionou outras formas de acesso

---

<sup>8</sup> <http://www.upe.br/institucional.html>

e em quantidades mais elevadas, que não foram aqui consideradas. O que se quer enfatizar é que, em tempo de pandemia e isolamento social, o vídeo foi efetivamente um meio de diálogo entre a universidade e a sociedade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pandemia da COVID-19 revelou-se um elemento desafiador para a formação superior, em particular para a extensão universitária, sua função social e sobretudo a perspectiva de inovação que pode vir a desenvolver. De modo geral, nas diversas IES do país, a extensão esteve presente ao lado da população e dos seus problemas. Revelou-se significativamente um serviço qualificado para a superação das dificuldades sociais decorrentes deste período e escancarou o desafio de uma modalidade de formação para seus estudantes, para além da sala de aula. Não existe extensão sem a pesquisa, isso é fato. Mas não existe extensão sem a atuação efetiva do estudante nos problemas reais e complexos da sociedade.

Mantêm-se na linha de frente a necessidade de que as atividades de extensão garantam a afirmação dos princípios do diálogo e da interação dialógica da comunidade acadêmica com a sociedade por meio da troca de conhecimentos; da formação cidadã dos estudantes, marcada e constituída pela vivência dos seus conhecimentos; da articulação com o ensino e a pesquisa. Tudo isso implica um processo inovador de reformulação dos currículos e na própria forma de organização da instituição de ensino superior.

O recorte do relato aqui apresentado indica para possibilidades de que a extensão universitária avançou no sentido de passar de uma atividade assistencialista para uma atividade formativa, com reconhecimento acadêmico, envolvendo em condições de diálogo, professores, estudantes e a sociedade.

Reafirma-se, assim, a necessidade imperiosa de que sejam mantidos e perseguidos os princípios conceituais da extensão delineada pela Diretriz Nacional de Extensão (BRASIL, 2019) naquilo que se refere à concepção de extensão como parte do currículo formativo, ações planejadas pelo projeto do curso e em estreita relação com a comunidade externa. Nesse sentido, o direito do estudante a creditação da extensão é uma conquista histórica e precisa ser defendida permanentemente.

Compreende-se, além disso, que a experiência de formação de estudantes da graduação por meio de atividades extensionistas demanda clareza e compromisso das instituições de ensino superior, no sentido de qualificar as atividades, na perspectiva da produção do conhecimento, com o rigor necessário que exige-se para o diálogo com a sociedade, tornando este um laboratório essencial para a produção de conhecimentos socialmente referenciados, papel social das universidades públicas, pondo em marcha uma formação de profissionais com aprofundado compromisso ético e clareza quanto à sua responsabilidade de atuação no mundo.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação / Ministério da Saúde. CNE/ CES. **Diretriz para Extensão na Educação Superior Brasileira**. Brasília: Ministério da Educação / Ministério da Saúde, 2018.

DE LUCAS, F.; ARIAS, A.; SÁNCHEZ, E. Jóvenes ocultos y eneltrabajo social: Conflicto y subordinación. *In*: S. Segado (ed.), **Juventud, Emancipación y Trabajo Social** [Youth, emancipation and social work] (pp. 179–194). Madrid: Aranzadi-Thomson Reuters, 2015.

ELZO, J.; ORIZO, F. A. (eds.). **España 2000, entre el localismo y laglobalidad** [Spain 2000, betweenlocalism and globality]. Madrid: FundaciónStaMaría, 2000.

GLEN, H.; ELDER, J. R. Time, human agency and social change: Perspectives on the life course. **Social Psychology Quarterly**, v. 57(1), p. 4–15, 1994.

HEINZ, W. R. Youth transitions in an age of uncertainty. *In*: A. Furlong (ed.), **Youth and youth adulthood. New perspectives and agendas** (pp. 3–13). London: Routledge, 2009.

HOLLIDAY, O. J. **Sistematização de Experiências: aprender a dialogar com os processos**. Portugal: CIDAC, 2007.

HOLLIDAY, O. J. Ministério do Meio Ambiente. **Para sistematizar experiências**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2006. Disponível em: <http://www.edpopsus.epsvj.fiocruz.br/sites/default/files/oscar-jara-para-sistematizar-experic3aancias1.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2020.

MIRANDA, A. Transiciones juveniles, generaciones sociales y procesos de inclusión social en Argentina post-neoliberal. **Linhas Críticas**, v. 22 (47), p. 130–149, 2016.

NOGUEIRA, M. D. P. Extensão universitária no Brasil: uma revisão conceitual. *In*: FARIA, D. S. (Org.). **Construção conceitual da extensão universitária na América Latina**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

WEBER, M. H. **Analisando a universidade e a comunicação pública**. Rio Grande do Sul: Jornal da Universidade, 2021. Disponível em: [https://www.ufrgs.br/jornal/observando-a-universidade-e-a-comunicacao-publica/?fbclid=IwAR0LkzEJWEDRzhZsnrIFrBzXYdYkDljBb0-xYk83qHaNmaA2g\\_l72FliF6I](https://www.ufrgs.br/jornal/observando-a-universidade-e-a-comunicacao-publica/?fbclid=IwAR0LkzEJWEDRzhZsnrIFrBzXYdYkDljBb0-xYk83qHaNmaA2g_l72FliF6I). Acesso em: 7 mar. 2021.

## DOCUMENTOS ANALISADOS

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO. **Resolução CEPE 068/2017**. Regulamenta a Política de Extensão na UPE. 2017. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1aBZMrLnF7BcjHLJMckRfWpOYsB2fhz0e/view>

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO. **Edital 05/2020. Projeto Conhecimento Solidário**. 2020.. Disponível em: , [.http://www.upe.br/anexos/extensao/editais/2020/conhecimento\\_solidario/Projeto\\_Conhecime nto\\_Solid%C3%A1rio\\_03\\_04\\_2020.pdf](http://www.upe.br/anexos/extensao/editais/2020/conhecimento_solidario/Projeto_Conhecime nto_Solid%C3%A1rio_03_04_2020.pdf). Acessado em 28.09.2020.

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO. **Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2019/2023**. 2019. Disponível em: ,[http://www.upe.br/anexos/PDI/PDI\\_UPE\\_2019\\_A\\_2023.pdf](http://www.upe.br/anexos/PDI/PDI_UPE_2019_A_2023.pdf) . Acessado em 28.09.2020

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO. **Resolução CEPE 068/2017**. 2017. Disponível em:<https://drive.google.com/file/d/1aBZMrLnF7BcjHLJMckRfWpOYsB2fhz0e/view> Acessado em 30.09.2020.

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO. Canal UPE. **Play Lists Projetos de Extensão UPE, 2020a.** Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=cxfRX6X1B7k&list=PLCw2lkJGLbEAXE5CYO4WtsTpTWG9fMmZp> , Acessado em 28.09.2020.

**Artigo recebido em** 01 de abril de 2021.

**Artigo aprovado em** 15 de dezembro de 2021.

## **TEMAS EM EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: PANORAMA DE UM CURSO DE EXTENSÃO**

### **EDUCATION THEMES IN TIMES OF PANDEMIC: OVERVIEW OF AN EXTENSION COURSE**

### **TEMAS DE EDUCACIÓN EM TEMPOS DE PANDEMIA: PANORAMA DE UM CURSO DE EXTENSIÓN**

Rosana de Castro Casagrande<sup>1</sup>  
Rodrigo de Mello<sup>2</sup>

#### **RESUMO**

Este estudo exploratório e descritivo, do tipo relato de experiência, teve como objetivo apresentar dados resultantes de um curso de extensão ocorrido no início da disseminação da Covid-19. Foi possível concluir que: a) houve rápida e ampla adesão ao tipo de modalidade proposta; b) a maioria dos cursistas avaliou o curso de modo positivo, mas há necessidade de proposições que melhorem seu aproveitamento e rendimento; c) a maioria das estratégias propostas estreitou as interações entre cursistas e palestrantes; d) as pesquisas revelaram a importância e eficiência das ações extensionistas no processo de divulgação científica, portanto, merecem ser ampliadas; e) os cursos de extensão ofertados de maneira gratuita atingem um público diverso, apresentando possibilidade de maior adesão. Este estudo nos convida a ressignificar o papel da Universidade e reforça a importância da extensão universitária na disseminação do conhecimento científico.

**Palavras-chave:** Formação continuada; Covid 19; Relato de Experiência.

#### **ABSTRACT**

This exploratory and descriptive study, of the experience report type, aimed to present data resulting from an extension course that took place at the beginning of the dissemination of Covid-19. To broaden the analysis, a literature review of productions on “Extension Projects” and “Pandemia” was carried out. After qualitative analysis of the data, it was possible to conclude that: a) there was quick and broad adherence to the type of modality proposed; b) the

---

<sup>1</sup> Doutorado em Educação (Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG). Filiação: Departamento de Pedagogia – DEPED, Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail para contato: [rosanaccasagrande@hotmail.com](mailto:rosanaccasagrande@hotmail.com).

<sup>2</sup> Doutorado em de Ecologia e Evolução (Universidade Federal de Goiás, UFG) Filiação: Departamento de Biologia - DBI, Universidade Estadual de Maringá (UEM).

majority of course participants evaluated the course positively, but there is a need for proposals that improve their performance and performance; c) most of the proposed strategies narrowed the interactions between students and lecturers; d) the researches revealed the importance and efficiency of extension actions in the process of scientific dissemination, therefore, they deserve to be expanded; e) the extension courses offered free of charge reach a diverse audience, with the possibility of greater adherence. The analyzed productions demonstrated the interface between the areas of education and health, the methodological diversity, the use of different digital tools and the strengths of university extension. This study invites us to reframe the role of the University and reinforces the importance of university extension in the dissemination of scientific knowledge.

**Keywords:** Continuing Education; Covid-19; Experience Report.

### **RESUMEN**

Este estudio exploratório y descriptivo, del tipo relato de experiencia, tuvo como objetivo presentar datos resultantes de un curso de extensión que se realizó al inicio de la difusión del Covid-19. Se pudo concluir que: a) hubo una rápida y amplia adhesión al tipo de modalidad propuesta; b) la mayoría de los participantes del curso evaluaron positivamente el curso, pero se necesitan propuestas que mejoren su desempeño y desempeño; c) la mayoría de las estrategias propuestas redujeron las interacciones entre estudiantes y profesores; d) las investigaciones revelaron la importancia y eficiencia de las acciones de extensión en el proceso de divulgación científica, por lo que merecen ser ampliadas; e) los cursos de extensión que se ofrecen gratuitamente llegan a un público diverso, con posibilidad de mayor adherencia. Este estudio invita a replantear el papel de la Universidad y refuerza la importancia de la extensión universitaria en la difusión del conocimiento científico.

**Palabras clave:** Educación Continua; Covid-19; Informe de Experiencia.

### **INTRODUÇÃO**

Uma das funções da Educação é contribuir para que os agentes superem posturas pautadas no senso comum. Neste sentido, as discussões e debates científicos estimulam a autonomia e a participação ativa do agente, no meio que vive, podendo gerar transformações. Essa educação democratizante deve transcender o ambiente escolar formal, necessitando envolver a comunidade nessa tarefa (GADOTTI, 2007). Este estudo teve como objetivo apresentar dados resultantes de um curso de extensão ocorrido no início da disseminação da Covid-19. A fim de ampliar a análise, foi realizada uma revisão de literatura de produções sobre Extensão Universitária e pandemia.

O curso de extensão intitulado “Temas em Educação em tempos de Pandemia” foi ofertado gratuitamente por uma Instituição Superior Pública de Ensino no Estado do Paraná e realizado por meio do Projeto de Extensão “Laboratório Multidisciplinar de Ensino do Curso de Pedagogia - LAMPE. Este laboratório foi criado no ano de 2017 com o objetivo de propiciar atividades de estudo, pesquisa e extensão, que contribuíssem no processo de formação profissional no âmbito de diferentes disciplinas que compõem o currículo da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia da UEPG.

Este trabalho foi resultado de uma ação extensionista de ampla e significativa abrangência, sendo organizado em três seções: 1<sup>a</sup>: considerações acerca dos aspectos histórico-políticos da Extensão Universitária; 2<sup>a</sup>: Procedimentos metodológicos, onde foi descrito o delineamento amostral, tipo e encaminhamento da pesquisa, e 3<sup>a</sup>: Resultados e discussão, onde foram exploradas as ações desenvolvidas e as avaliações alcançadas, entrelaçando-as com pesquisas mais recentes da literatura.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **Aspectos histórico-políticos da Extensão Universitária**

Com o formato de educação continuada, a extensão universitária surgiu na Inglaterra, no século XIX, como proposta à população adulta que não tinha acesso à universidade. No Brasil, o Decreto do Estatuto das Universidades Brasileiras de 1931 não faz nenhuma menção especificamente a função da extensão. A extensão relacionada ao ensino e pesquisa surgiu somente na década de 1960, sendo influenciada pela necessidade de conscientizar as classes populares sobre seus direitos e endossada, no Artigo 207 da Constituição Federal (BRASIL, 1988). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, n.º 9.394 de 1996 (BRASIL, 1996), instituiu, em seu Artigo 43, a Extensão Universitária como uma das finalidades da Universidade e reforçou mais a necessidade de assegurar-la como um instrumento democrático de mudança social.

Gadotti (2007, p. 2) aponta duas vertentes de Extensão Universitária: “uma mais assistencialista e outra não assistencialista, ou, como também se costuma dizer, uma prática extensionista e outra não extensionista”. A primeira vertente caracteriza a Extensão

Universitária como “transmissão vertical do conhecimento, um serviço assistencial, desconhecendo a cultura e o saber popular”, ou seja, “aqueles que têm, estendem àqueles que não têm, em uma espécie de rua de mão única: só vai da universidade para a sociedade”. Essa concepção de extensão não considera o que vem da sociedade para a Universidade, seja em termos da sociedade sustentando o ensino superior, seja em termos do próprio saber por ela elaborado. A segunda vertente considera a extensão como “comunicação de saberes. É uma visão não assistencialista, não extensionista de Extensão Universitária” (GADOTTI, 2007, p.2). Esse conceito foi elaborado por Paulo Freire, o qual substituiu o conceito de extensão pelo de comunicação. Fundamenta-se na teoria do conhecimento, “numa antropologia que considera todo ser humano como um ser inacabado, incompleto e inconcluso, que não sabe tudo, mas, também, que não ignora tudo” (GADOTTI, 2007, p.2).

No ano de 2012 foi publicada a Política Nacional de Extensão, resultante do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Brasileiras – FORPROEX, formalizados no Plano Nacional de Extensão Universitária no ano de 1999. Nela destaca-se o conceito e as diretrizes da Extensão Universitária, que passa a ser concebida “sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, [...] um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade” (FORPROEX, 2012, p. 15). Essa concepção ampla de Extensão Universitária destoa da perspectiva mercantilista e assistencial presente em muitas propostas.

## **METODOLOGIA**

O delineamento amostral e as análises empregadas no presente trabalho visaram uma abordagem qualitativa, caracterizando-se em relação aos objetivos como descritivo e exploratório e com procedimento do tipo relato de experiência. As pesquisas exploratórias têm por objetivo ampliar a familiaridade com o tema, de modo a torná-lo mais explícito e as descritivas objetivam estudar e descrever as características de um determinado grupo. (GIL, 2016).

Inicialmente foram contactados acadêmicos e profissionais pesquisadores e professores por meio de um grupo de WhatsApp®. A rede de contatos expandiu-se até que houvesse adesão

voluntária ao curso. Foi sistematizada uma parceria com o Núcleo de Tecnologia de Educação a Distância - NUTEAD, que forneceu todo suporte técnico. Foi elaborado um plano de trabalho com roteiro das ações e cronograma para gravações das mesas redondas. A coleta de dados ocorreu no mês de março de 2021, por meio do *site* do Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA da UEPG, que aloca os cursos de extensão realizados. Para análise dos dados foi utilizada Estatística Descritiva - ED, que desenvolve e disponibiliza métodos para resumo e apresentação de dados estatísticos com o objetivo de facilitar a compreensão e a utilização de dados. A ED tem por finalidade a utilização de tabelas, gráficos, diagramas, distribuições de frequência e medidas descritivas para examinar o formato geral da distribuição dos dados, verificar a ocorrência de valores atípicos, identificar valores típicos que informem sobre o centro da distribuição e verificar o grau de variação presente nos dados. (SANTOS, 2007).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **O Curso de Extensão “Temas de educação em tempos de pandemia”: relato de experiência**

O Curso de Extensão, ofertado gratuitamente, foi realizado por meio do Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA, da Universidade Estadual e Ponta Grossa - UEPG, da referida Instituição de Ensino Superior. O evento teve como objetivo geral propiciar acesso e discussão de temas de educação relevantes a formação profissional e humana, considerando o atual cenário de pandemia, a importância e o papel social da educação para seu enfrentamento. A Figura 1 mostra o folder de divulgação do curso com informações referentes aos temas, palestrantes, informações sobre período de realização, carga horária e acesso a inscrição.

1º Curso de extensão online do LAMPE:

**TEMAS DE EDUCAÇÃO**  
*em tempos de Pandemia*

GÊNERO - TECNOLOGIA - BIODIVERSIDADE - INFÂNCIA - ENSINO-APRENDIZAGEM - SAÚDE

**Inscrições Gratuitas:**  
Inscrições: 11/05/20 a 22/05/20  
Duração: 25/05/20 a 29/07/20  
Link de inscrição: <https://ead.uepg.br/site/curso/217>

Certificação 40 horas

**Apresentação Cultural**  
Me. Regina Stori (UEPG)  
Bruno Stori - Músico na Orquestra Filarmônica da UFPR  
Rafael Stori - Músico da Banda do Colégio Marista Pio XII

**Ser mulher na ciência: reflexões sobre gênero, cor e maternidade:**  
Dra. Rafaela Lopes Falaschi (UEPG/ Mulheres na Ciência)  
Dra. Ana Durvalina Bomtorin (PanDNA/ Mulheres na Ciência)  
Dra. Janaina Dutra Silvestre Mendes (Instituto Nacional de Câncer INCA- MS)

**Tecnologias na Educação: Pressupostos, contextos e desafios**  
Dr. Sergio Vale da Paixão (IFPR)  
Me. Albino Szesz Junior (UEPG)  
Me. Danilo Augusto Ferreira de Jesus (Doutorando UEPG)

**Pandemia e biodiversidade: qual a relação?**  
Me. Ana Bottallo Quadros (USP)  
Dra. Milene Alves Eigenheer (UNESP)  
Dra. Renata de Lara Muyiaert (UNESP)

**COVID-19: prevenção em saúde infantil**  
Dra. Pollyanna Kássia de Oliveira Borges (UEPG)  
Dra. Lislei Teresinha Preuss (UEPG)  
Dr. Mauricio Wisniewski (SANT'ANA)

**O Google Earth como ferramenta de exploração do espaço geográfico**  
Dra. Franciely Ribeiro Santos (UEPG)

**E agora, como ficam a escrita, a leitura e a matemática?**  
Dra. Fátima Aparecida Queiroz Dionizio (UEPG)  
Me. Patricia Lúcia Vosgrau de Freitas (Doutoranda UEPG)

**TDAH, dupla excepcionalidade e as dificuldades de aprendizagem em tempos de isolamento**  
Me. Josemary Scos (UEPG)  
Esp. Elisângela Aparecida Silva Dias (UFSCAR)  
Esp. Jocerlei Fátima Ribeiro Mendes (SANT'ANA)

**Pontos e contrapontos da Educação em tempos de Pandemia**  
Dra. Graciete Tozetto Góes (UEPG)  
Dra. Paola Andressa Scortegagna (UEPG)  
Me. Viviane Aparecida Bagio (Doutoranda UEPG)

**Infância em tempos de pandemia: a criança e o seu "fique em casa"**  
Dra. Marilúcia Antônia Resende Peroza (UEPG)  
Dra. Cassiana Magalhães (UEL)  
Me. Izabelle Cristina de Almeida (UEPG)  
Dra. Daiana Camargo (UEPG)  
Dra. Gisele Brandeleiro Camargo (UEPG)  
Dr. Rodrigo Saballa de Carvalho (UFRGS)

**Realização:** LAMPE UEPG

**Equipe Técnica**  
Rosana de Castro Casagrande - coordenação  
Fátima Aparecida Queiroz Dionizio - apoio executivo  
Amanda Gonçalves Cordelero - equipe técnica  
Arieli Brandeleiro Balsanello - equipe técnica  
Guilherme Rafael Portela - arte gráfica

**Apoio:**  
nutead Colegiado do Curso de Pedagogia UEPG  
Departamento de Pedagogia

**Figura 1.** Folder de divulgação do Curso de Extensão “Temas de Educação em tempos de Pandemia”.  
Fonte: Material de divulgação do Curso. Elaborado por Guilherme Portela.

O curso foi organizado em 8 unidades temáticas, distribuídos em nove semanas, totalizando 40 horas de atividades, contando com 27 palestrantes: doutores, mestres e especialistas em diversas áreas do conhecimento.

A ementa do curso constituiu-se de uma apresentação cultural, mesas redondas e *workshops* que contemplaram os seguintes temas: a) Ser mulher na ciência, gênero, cor e

maternidade; b) Tecnologias na Educação; c) Pandemia e biodiversidade; d) Pontos e contrapontos da Educação em tempos de Pandemia; e) O Google Earth como ferramenta de exploração do espaço geográfico; f) Escrita, a leitura e a matemática em tempos de pandemia; g) TDAH, dupla excepcionalidade e as dificuldades de aprendizagem em tempos de isolamento; h) COVID-19: prevenção em saúde infantil. A Figura a seguir apresenta a tela inicial do curso com a sistemática de organização semanal:

## Curso: Temas de educação em tempos de pandemia

[Painel](#) / [Meus cursos](#) / [CURSOS - 2020](#) / [Curso: Temas de educação em tempos de pandemia](#) / [Apresentação](#)



**Figura 2.** Print da tela inicial do Curso de Extensão. Fonte: Site da IES.

As semanas foram sistematizadas contendo: a) Mesa redonda disponibilizada em formato de vídeo, cada qual com os palestrantes e um mediador; b) Três fóruns de participação: 1. Fórum de dúvidas; 2. Fórum de perguntas aos participantes e 3. Fórum de comentários; e c) Atividade avaliativa. A Figura 3 demonstra a organização da Semana 1 do curso.

### Semana 1 - Mesa Redonda: Ser mulher na ciência: reflexões sobre gênero, cor e maternidade

Quantas cientistas você consegue nomear? De hoje e de ontem? Do Brasil e do mundo? Quais os grandes feitos dessas mulheres? Afinal, Ciência é coisa de mulher (e de menina)? Em tempos de pandemia o que o destaque dado à Ciência tem nos mostrado muito sobre questões de gênero, cor, maternidade.

Vamos discutir essas questões e buscar uma visão crítica de porquê, em 2020, o estereótipo perpetrado nas mídias ainda é tão masculino e branco!

Ser mãe e pesquisadora é possível, porém um desafio diário. Além das dificuldades inerentes a maternidade, ainda lidamos com toda a pressão do mundo acadêmico. Nesse encontro também vamos apontar os problemas desta combinação e traçar alternativas possíveis para uma vida de mais produção e menos opressão.

Seja bem vinda (o) a nossa primeira Mesa Redonda!

#### Participantes

- Mediador: Suzana Bartmeyer
- Dra. Rafaela Lopes Falaschi - Mulheres na Ciência - Doutora em Ciências (Entomologia) pela USP
- Dra. Ana Durvalina Bomtorin - Mulheres na Ciência - Doutora em Genética, Especialização em Educação em Direitos Humanos
- Dra. Janaína Dutra Silvestre Mendes - Instituto Nacional de Câncer (INCA-MS), Física Médica, Doutora em Radioproteção e Dosimetria pelo IRD.

#### Mesa Redonda



**Figura 3.** Print da tela referente à Semana 1 do Curso de Extensão. Fonte: Site da IES.

No total, foram inscritas 2.632 pessoas. A cada semana foi requisitada a realização de uma atividade referente à mesa redonda em questão, perfazendo oito atividades que consistiram de uma pergunta envolvendo o conteúdo tratado na mesa redonda. Um ponto que chamou a atenção, foi a média de adesão na realização e entrega das atividades, perfazendo 29% do total de cursistas (n=763). A realização das atividades e o percentual de participação foram requisitos para a emissão de certificados, portanto, do total de inscritos, apenas os que apresentaram uma ou mais respostas e participaram de 75% do curso, receberam certificação. Deste modo, a maioria dos inscritos não recebeu certificação em razão de não terem realizado ao menos uma atividade. Embora o número de cursistas que enviaram as atividades tenha sido significativo, é incontestável a necessidade de revisão das estratégias avaliativas a serem realizadas em outras proposições. As atividades foram corrigidas com o auxílio de duas monitoras e da coordenação do evento e todos os cursistas receberam *feedbacks*. A Figura abaixo mostra o total de inscritos e de entrega da atividade 1.

## Atividade 1

Faça um resumo do que você compreendeu e quais as contribuições dos temas tratados na atual conjuntura social.

### Observações:

- Faça a atividade em um editor de texto;
- Anexe no local indicado;
- Fique atento ao prazo de abertura e fechamento da atividade.

### Sumário de avaliação

Oculto para estudantes	Não
Participantes	2632
Enviado	763

**Figura 4.** Print da tela referente a atividade 1. Fonte: Site da IES.

Além das atividades relacionadas às mesas redondas e *workshops*, foram disponibilizadas interações por meio da inserção de perguntas, comentários, questionamentos e demais exposições aos palestrantes de cada semana. As centenas de participações foram muito significativas, revelando a possibilidade de interação entre os cursistas, palestrantes, monitores e coordenação do curso.

Após o término do curso, os participantes responderam uma enquete e um questionário de avaliação. Por meio desses recursos, foi possível: (i) Elaborar um perfil dos participantes quanto: a) faixa etária; b) Estado de origem; c) Área de formação e (ii). Avaliar a satisfação dos cursistas em relação ao curso. No total, 567 cursistas participaram da enquete e 637 responderam à avaliação do curso.

Foi possível concluir que, em relação a faixa etária dos cursistas, a maioria apresentou idade entre 28 a 38 anos (n=209), seguida de 17 a 27 anos (n=191); 39 a 49 anos (n=113); 50 a 60 anos (n=41) e 63 a 65 anos (n=3). O Estado que apresentou maior número de participantes foi o Paraná (n=441), seguido de São Paulo (n=31); Santa Catarina (n=19); Rio de Janeiro (n=18); Minas Gerais (n=10); Goiânia (n=6); Bahia, Ceará, Rio Grande do Norte e Mato Grosso do Sul (n=4); Distrito Federal, Mato Grosso e Tocantins (n=2) e Alagoas, Pernambuco,

Roraima e Sergipe (n=1). O curso abrangeu participantes de 76 municípios do Estado do Paraná.

Em relação a área de formação dos participantes, foi possível identificar 30 áreas de conhecimento relacionadas, sendo que Pedagogia foi mais frequente (n=171), seguida de Licenciatura em Matemática (n=42); Letras (n=35); Licenciatura em Ciências Biológicas (n=21); Licenciatura em História (n=17); Educação física (n=10); Artes visuais e cênicas (n=9); Licenciatura em Química (n=8); Licenciatura em Geografia (n=7); Serviço Social (n=7); Assistência social e Enfermagem (n=4); Ciências sociais e Psicologia (n=3); Administração, Ciências contábeis, Economia, Física, Filosofia e Turismo (n=2); Direito, Educação artística, Fonoaudiologia, Gestão Pública, Jornalismo, Música e Sociologia (n=1).

Quanto a avaliação do curso, foi possível identificar que a média de satisfação (numa escala de 0 a 10) ficou em 9,4. 594 pessoas (93%) avaliaram como Muito Bom; 36 (6%) como Pouco Bom, e 7 (1%) avaliaram como Muito Ruim. Em relação ao conteúdo do curso: 61% (n=391) das avaliações foi ótimo; 35% (n=222) Bom; 4% (n=23) Regular e 1 participante avaliou como ruim. É importante destacar que 246 cursistas avaliaram o curso como Bom, o que significa que há necessidade de repensar o formato para que outras proposições possam ofertar cursos de melhor aproveitamento e rendimento.

A plataforma AVA permite que os cursistas insiram suas sugestões, reclamações, dúvidas e elogios sobre o curso. Foram registradas 312 respostas com elogios, sugestões e críticas que serviram para que pudéssemos adequar as necessidades para proposições futuras. Na Figura 5 são apresentados alguns comentários a respeito do curso.



**Figura 5.** Print da tela com os comentários dos cursistas. Fonte: Site da IES.

Desde a década de 1960, as atividades voltadas a extensão desenvolvem-se no Brasil, e no atual contexto de pandemia, constitui-se importante ferramenta de aprendizagem e de articulação entre a universidade e a comunidade. Ao desenvolver cursos como o analisado neste trabalho, percebe-se que é necessário facilitar as interações por meio de objetivos claros. Como mencionado por Massari e Dias (2018), somente com uma linguagem e objetivos claros se pode assegurar coesão social e desfazer a chama “estratificação intelectual” como estratégia na informação e mudanças que venham ajudar na melhoria da qualidade de vida da população. Uma das maneiras de rápida divulgação é através da Internet que, além de mudar o panorama da comunicação pelo menor custo, cada vez mais tem alcançado um maior público pelo aumento da acessibilidade digital.

Durante a pandemia da Covid 19, diversas pesquisas tem sido desenvolvidas, das quais destacamos 28 produções que apresentam aspectos em comum com o panorama do Curso aqui apresentado: Arruda, Sodré e Cardoso Filho (2021); Cardoso *et al.* (2021); Lorandi *et al.* (2021); Nunes *et al.* (2021); Post *et al.* (2021); Rolim *et al.* (2021); Rosa *et al.* (2021); Santos, Camargo e Menossi (2020); Sarti *et al.* (2021); Silveira *et al.* (2021); Soares, Santana e Comper (2021); Santos *et al.* (2021); Coelho *et al.* (2020); Costa Avila, Macedo e Scoralick (2020);

Faria *et al.* (2020); Junior e Burginski (2020); Júnior *et al.* (2020); Lima (2020); Lima, Guimarães e Arruda (2020); Masson, Mota e Silva (2020); Marques (2020); Melo *et al.* (2020); Moura (2020); Nascimento *et al.* (2020); Pessoa *et al.* (2020); Rocha *et al.* (2020); Silva (2020); Ribeiro e Santos Milhomem (2020). Destas, 12 produções são voltadas a área da educação e 11 da área da saúde. Destaca-se a diversidade metodológica na aplicação das ações extensionistas, com destaque para cursos de extensão e oficinas na modalidade à distância com uso de ferramentas digitais (e.g., Moodle, Podcast, Redes sociais, Google Meet; WhatsApp® e Instagram®). A formação de professores foi a principal justificativa para a realização das atividades extensionistas. Todos os trabalhos avaliados ressaltaram pontos positivos relacionados às atividades realizadas.

Deste modo, concordamos com os pesquisadores ao destacar aspectos positivos relacionados ao Curso de Extensão aqui apresentado. Houve um movimento que revelou a preocupação coletiva dos palestrantes em colaborar na exposição e discussão de diversos temas e sua relação inicial com a pandemia.

Ao retomar a questão inicial deste trabalho: no contexto da pandemia é possível converter a mão única da proposta universitária de extensão, em uma proposta de via dupla, que gere troca, que assegure o aspecto cultural do sujeito e que viabilize a transformação? podemos destacar, por meio do relato e da análise dos dados gerados que o diálogo, visto aqui no sentido de ser uma ponte entre universidade e sociedade é a essência da educação; “é o encontro dos homens mediatizados pelo mundo para dar um nome ao mundo” (FREIRE, 1987, p.107). Os homens e as mulheres, ao refletirem sobre sua prática e ao atuar sobre ela, para transformá-la, necessitam comunicar-se, porem-se de acordo entre si, estarem dispostos a escutar outras opiniões, a constatarem se o que se está fazendo é realmente positivo. É atuar e pensar como sujeitos e permitir que as outras pessoas que os rodeiam também sejam sujeitos críticos.

Nessa tessitura, faz-se necessário que haja uma codificação, uma representação de uma situação vivida pelas pessoas em seu trabalho diário e que tem relação com o que é dito. Para tanto, é imprescindível que haja mediadores que viabilizem o acesso ao conhecimento acadêmico e formal (na maioria das vezes elitizado) para uma linguagem acessível,

reconhecível, simples. Entretanto, o simples não é fácil. É difícil ser simples (GADOTTI, 2007).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou os resultados de um curso de extensão promovido no início da pandemia da Covid-19. Foi possível mapear as características dos cursistas quanto a faixa etária, Estado de origem, área de formação e satisfação do curso. Das 30 áreas de conhecimento apontadas pelos cursistas, a formação predominante foi Pedagogia, o que demonstra a importância dessa área de conhecimento no desenvolvimento de ações extensionistas.

Em relação a avaliação dos cursistas: a) a maioria das estratégias propostas estreitou as interações entre cursistas e palestrantes; b) as pesquisas revelaram a importância e eficiência das ações extensionistas no processo de divulgação científica, portanto, merecem ser ampliadas; c) os cursos de extensão ofertados de maneira gratuita atingem um público diverso, apresentando possibilidade de maior adesão.

As produções analisadas demonstraram a interface entre as áreas de educação e saúde, a diversidade metodológica, o uso de ferramentas digitais diversas e os pontos positivos da extensão universitária. Este estudo nos convida a ressignificar o papel da Universidade e reforça a importância da extensão universitária na disseminação do conhecimento científico.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, R. P.; SODRÉ, E. L.V; CARDOSO FILHO, A. A. O Projeto de Extensão “Vozes da História” se reinventa com o podcast “Vozes na pandemia”. **Expressa Extensão**, v. 26, n. 1, p. 559-573, 2021.

AVILA, J. P. C; MACEDO, J. C. S.; SCORALICK, F. C. S. Extensão Universitária em tempos de pandemia: reinvenções de práticas e enfrentamento da Covid-19. **Raízes e Rumos**, v. 8, n. 1, p. 9-9, 2020.

BUENO, W. C. As fontes comprometidas no jornalismo científico. In: PORTO, C. M; BROTAS, A. M. P; BORTOLIERO, S. T. **Diálogos entre ciência e a divulgação científica**. Salvador: EDUFBA, 2011.

CARDOSO, M. C. *et al.* Utilização das redes sociais em projeto de extensão universitária em saúde durante a pandemia de COVID-19. **Expressa Extensão**, v. 26, n. 1, p. 551-558, 2021.

COELHO, A. L. *et al.* Projeto de Extensão “Ciência Política nas Escolas”: adaptação e oportunidades de crescimento em tempos de pandemia. **Raízes e Rumos**, v. 8, n. 1, 2020.

DEODORO, T. M. S. *et al.* A inclusão digital de pessoas idosas em momento de pandemia: relato de experiência de um projeto de extensão. **Extensão em Foco**, n. 23, 2021.

ESCOBAR, H. Divulgação científica: faça agora ou cale-se para sempre. **ComCiência e divulgação científica**, p. 31, 2018.

FARIA, B. *et al.* Orientações em saúde para gestantes e puéperas durante a pandemia por covid-19 por meio de ações de extensão universitária: um relato de experiência. **Revista Extensão & Sociedade**, v. 12, n. 1, 2020.

FORPROEX. BRASIL. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: Fórum de Pró Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, M. **A escola e o professor**: Paulo Freire e a paixão de ensinar. 1. ed. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

JUNIOR, F. G. R. P.; BURGINSKI, V. M. Extensão universitária e pandemia da Covid-19: olhares sobre as diversas construções e fazeres. **Capim Dourado: Diálogos em Extensão**, v. 3, n. 2, p. 12-21, 2020.

JUNIOR, F. G. R. P. *et al.* Contribuições das Instituições de Ensino Superior na extensão universitária em período de isolamento social da pandemia Covid-19. **Capim Dourado: Diálogos em Extensão**, v. 3, n. 2, p. 30-46, 2020.

LIMA, L. F.; GUIMARÃES, C. F; ARRUDA, L. C. Projeto de extensão de basquetebol adaptado no contexto da pandemia de Covid-19. **Revista UFG**, v. 20, 2020.

LIMA, T. B. Retomada da Extensão Universitária no Contexto Pós Pandemia. **Revista Práticas em Extensão**, v. 4, n. 1, p. 44-46, 2020.

LORANDI, S. *et al.* "Insetos, e daí?": Ressignificando as dimensões da extensão universitária com a pandemia da COVID-19. **Expressa Extensão**, v. 26, n. 1, p. 285-299, 2021.

MACHADO, N.; SANDRINI, R. Jornalismo científico: desafios e problemas na cobertura da ciência. **Revista Caminhos, on-line. Humanidades**, v. 4, p. 169-183, 2013.

MASSARANI, L.; DIAS, E. M. S. (org.). **José Reis**: Reflexões sobre a divulgação científica. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/COC, 2018.

MASSON, G. A.; MOTA, N. D.; SILVA, N. O. Fortalecendo a Agricultura Camponesa em Uberaba (MG): alternativas para a continuidade da extensão universitária em meio a Pandemia da Covid-19. **Raízes e Rumos**, v. 8, n. 1, p. 336-345, 2020.

MARQUES, G. E. C. A Extensão Universitária no Cenário Atual da Pandemia do COVID-19. **Revista Práticas Em Extensão**, v. 4, n. 1, p. 42-43, 2020.

MELO, J. A. C. *et al.* Extensão universitária na pandemia de COVID-19: projeto radiologia na comunidade, o uso da rede social e ambiente virtual de aprendizagem. **Saberes Plurais: Educação na Saúde**, v. 4, n. 2, p. 49-60, 2020.

MOURA, M. E. S. Pandemia COVID-19: a extensão universitária pode contribuir. **Revista Práticas em Extensão**, v. 4, n. 1, p. 56-57, 2020.

NASCIMENTO, L. R. *et al.* Psicologia e educação na promoção de bem-estar psicossocial em tempos de pandemia: relato de uma prática de extensão universitária. **Diálogos em Extensão**, v. 3, n. 2, p. 47-69, 2020.

NUNES, R. K. S. *et al.* Desafios e adaptações da extensão universitária em tempos de pandemia: relato de experiência. **Revista Ciência Plural**, v. 7, n. 1, p. 211-223, 2021.

PESSOA, J. P. N. *et al.* Articulação entre o ensino e a extensão universitária frente à pandemia de covid-19. **Revista Extensão & Sociedade**, v. 12, n. 1, 2020.

POST, L. K. *et al.* Projeto de extensão CETAT em tempo de pandemia: novas experiências e reflexões. **Expressa Extensão**, v. 26, n. 1, p. 163-171, 2021.

RIBEIRO, J. S. C.; MILHOMEM, M. S. F. S. A extensão universitária em tempos de pandemia: a PROEX/UFT no enfrentamento da Covid-19. **Capim Dourado: Diálogos em Extensão**, v. 3, n. 2, p. 22-29, 2020.

ROCHA, C. R. *et al.* A utilização das redes sociais como estratégia para continuidade da extensão universitária em tempos de pandemia. **Raízes e Rumos**, v. 8, n. 1, p. 261-269, 2020.

ROLIM, M. R. P. *et al.* O Projeto de extensão “Comunicação vocal dos portadores de Parkinson” em tempos de pandemia da Covid-19. **Expressa Extensão**, v. 26, n. 1, p. 456-461, 2021.

ROSA, W. L. de O. *et al.* Experiência de ensino remoto em projeto de extensão de Odontologia restauradora em tempos de pandemia. **Expressa Extensão**, v. 26, n. 1, p. 215-226, 2021.

SANTOS, C. **Estatística descritiva - Manual de Auto-Aprendizagem**. v. 2. Lisboa: Sílabo, 2007

SANTOS, G. S. H.; CAMARGO, C. C.; SANTOS, B. R. M. Projeto de extensão universitário no combate a obesidade infantil através das mídias sociais em face de pandemia por covid-19: um estudo transversal. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 9, p. 69886-69900, 2020.

SANTOS, V. M. *et al.* Formação e humanização em tempos de pandemia: relatos do projeto de extensão Anjos da Alegria/UNIVALE. **Expressa Extensão**, v. 26, n. 1, p. 611-619, 2021.

SARTI, R. *et al.* Extensão universitária, Educação Física e Educação Infantil: as novas formas de diálogo em meio à pandemia. **Expressa Extensão**, v. 26, n. 1, p. 582-588, 2021.

SILVEIRA, A. M. *et al.* A extensão universitária em tempos de pandemia: a divulgação da Rede PHI Patrimônio Histórico Cultural Ibero-americano. **Expressa Extensão**, v. 26, n. 1, p. 259-273, 2021.

SILVA, A. R. Oportunidades para Extensão Universitária nos Tempos de Pandemia Covid-19. **Revista Práticas Em Extensão**, v. 4, n. 1, p. 40-41, 2020.

SOARES, T. L. F. S.; SANTANA, Í. S. de.; COMPER, M. L. C. Ensino remoto na pandemia de COVID-19: lições aprendidas em um projeto de extensão universitário. **Dialogia**, n. 36, p. 35-48, 2020.

VOGT, C. *et al.* Construindo um barômetro da ciência e tecnologia na mídia. **Cultura científica: desafios**, p. 84-130, 2006

**Artigo recebido em** 18 de agosto de 2021.

**Artigo aprovado em** 15 de dezembro de 2021.

## **AUTOUIDADO: UMA VISÃO HOLÍSTICA EM TEMPOS DE PANDEMIA**

### **SELF-CARE: A HOLISTIC VISION IN TIMES OF PANDEMIC**

### **CUIDADO PERSONAL: UNA VISIÓN HOLÍSTICA EN TIEMPOS DE PANDEMIA**

Maria Auxiliadora Tavares da Paixão<sup>1</sup>  
Bruno Cezar Silva<sup>2</sup>  
Lucidio Lopes Alencar<sup>3</sup>  
Miguel Lino Spinelli Rabelo Neto<sup>4</sup>  
Timna da Paixão Fagundes Pereira<sup>5</sup>  
Yariadner Costa Brito Spinelli<sup>6</sup>

#### **RESUMO**

Com o avanço da pandemia do novo coronavírus, muitas alterações no modo de vida ocorreram e a necessidade de mudanças de hábitos e adaptações foram necessárias para dar continuidade às atividades do cotidiano. O trabalho teve como objetivo a construção de uma rede de cooperação mútua, realizando ações que contribuíssem de forma sistêmica no processo de autocuidado nesse tempo de pandemia, proporcionando aos participantes, reflexões sobre o cenário complexo de pandemia da Covid-19. A metodologia das ações se pautou na produção

---

<sup>1</sup> Enfermeira pela Universidade Federal da Bahia, Especialista em Enfermagem do Trabalho pela Universidade Luiza Marillac/RJ, Mestranda em Extensão Rural pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, servidora Técnica Administrativa da UNIVASF. E-mail para contato: [auxiliadora.tavares@univasf.edu.br](mailto:auxiliadora.tavares@univasf.edu.br).

<sup>2</sup> Advogado, servidor Técnico Administrativo da UNIVASF, Professor colaborador do Mestrado em Administração Pública - UNIVASF, mestre em gestão de Políticas Públicas e Segurança Social. Doutor em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial -UNIVASF.

<sup>3</sup> Bibliotecário/Documentalista, especialista em Projetos Sociais: elaboração e captação de recursos. Servidor Técnico Administrativo - Setor de Referência e Informação do Sistema Integrado de Bibliotecas da UNIVASF.

<sup>4</sup> Bacharel em Administração pela Universidade Federal de Alagoas, Especialista em Gestão Pública pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, Mestrando em Administração Pública pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, servidor Técnico Administrativo em Educação lotado na Pró Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional da UNIVASF.

<sup>5</sup> Advogada, Bacharel em Direito pela Universidade Católica do Salvador, Pós Graduanda em Direito Tributário pela CERS em parceria com a Universidade Estácio de Sá e Pós Graduanda em Compliance e Direito Anticorrupção pela Faculdade CERS.

<sup>6</sup> Bacharela e Licenciada em Química e Biotecnologia pelo Instituto de Química e Biotecnologia da Universidade Federal de Alagoas (IQB/UFAL); Mestra em Ciências – Química Inorgânica, Catálise e Biodiesel – pela Universidade Federal de Alagoas (PPGQB-UFAL); Doutora em Ciências – Química Inorgânica, Catálise e Biocombustíveis – (PPGQB-UFAL); Professora Adjunta da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

de lives mensais promovendo diálogos contínuos sobre a importância do autocuidado em tempos de pandemia, além disso, foram disponibilizados formulários de avaliação para a realização de uma análise qualitativa acerca do impacto das ações sobre o público-alvo participante. Os resultados obtidos mostraram que o desenvolvimento deste projeto proporcionou ferramentas para autorreflexão ao público-alvo despertando-os para uma visão sistêmica do fenômeno coronavírus, bem como, a construção de uma rede de cooperação entre pessoas e instituições interessadas no desenvolvimento humano. Assim, é possível concluir que a promoção de debates virtuais com temas pertinentes ao autocuidado pode auxiliar a sociedade na construção de uma autorreflexão mais holística diante dos diversos desafios causados pela pandemia do novo coronavírus.

**Palavras-chave:** autocuidado; visão holística; Coronavírus; desenvolvimento humano.

#### **ABSTRACT**

With the advance of the new coronavirus pandemic, many changes in the way of life occurred and the need for changes in habits and adaptations was necessary to continue the daily activities. The work aimed to build a network of mutual cooperation, carrying out actions that would contribute in a systemic way to the self-care process during this time of pandemic, providing participants with reflections on the complex scenario of the Covid-19 pandemic. The methodology of the actions was based on the production of monthly lives, promoting continuous dialogues about the importance of self-care in times of pandemic. In addition, evaluation forms were made available to carry out a qualitative analysis of the impact of the actions on the participating target audience. The results obtained showed that the development of this project provided tools for self-reflection to the target audience, awakening them to a systemic view of the coronavirus phenomenon, as well as the construction of a network of cooperation between people and institutions interested in human development. Thus, it is possible to conclude that the promotion of virtual debates with themes relevant to self-care can help society to build a more holistic self-reflection in face of the various challenges caused by the new coronavirus pandemic.

**Keywords:** Self-care, Holistic View, Coronavirus, Human Development.

#### **RESUMEN**

Con el avance de la nueva pandemia de coronavirus se produjeron muchos cambios en la forma de vida y se hizo necesaria la necesidad de cambios de hábitos y adaptaciones para continuar con las actividades diarias. El trabajo tuvo como objetivo construir una red de cooperación mutua, llevando a cabo acciones que contribuyan de manera sistémica al proceso de autocuidado durante esta época de pandemia, brindando a los participantes reflexiones sobre el complejo escenario de la pandemia Covid-19. La metodología de las acciones se basó en la producción de vidas mensuales, promoviendo diálogos continuos sobre la importancia del autocuidado en tiempos de pandemia. Además, se dispuso de formularios de evaluación para realizar un análisis cualitativo del impacto de las acciones en la audiencia objetivo participante. Los resultados obtenidos mostraron que el desarrollo de este proyecto brindó herramientas de autorreflexión al público objetivo, despertando a estos a una visión sistémica del fenómeno del

coronavirus, así como la construcción de una red de cooperación entre personas e instituciones interesadas en el desarrollo humano. . Así, es posible concluir que la promoción de debates virtuales con temáticas relevantes para el autocuidado puede ayudar a la sociedad a construir una autorreflexión más holística ante los diversos retos que provoca la nueva pandemia de coronavirus.

**Palabras clave:** Autocuidado, Visión Holística, Coronavirus, Desarrollo Humano.

## INTRODUÇÃO

Com a rápida disseminação geográfica da Covid-19, que se iniciou em 11 de março de 2020 a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou que vivemos uma pandemia do novo Coronavírus, chamado Sars-Cov-2 (PAHO/WHO, 2020). O vírus chegou de uma forma inesperada e avassaladora e vem causando a morte de milhões de pessoas no mundo inteiro. Muitos desafios e transposições foram impostos a toda população mundial, fazendo com que a sociedade assumisse rápidas medidas de mudança e postura em vários segmentos.

No dia 21 de maio de 2020, foi publicada a Resolução Nº 041 do Conselho Nacional de Saúde, a qual recomenda ao Ministério da Saúde, estados e municípios que divulguem informações sobre PICS (Práticas integrativas e complementares durante a pandemia da Covid-19) para ajudar a população no autocuidado.

Dados publicados pelo OBSERVAPICS - FIOCRUZ (Observatório Nacional de Saberes e Práticas Tradicionais, Integrativas e Complementares em Saúde) em 2020, afirmam que as iniciativas, no Brasil, vão desde o mapeamento de evidências sobre o uso de práticas integrativas em situações similares à da Covid-19, estudos de casos clínicos, protocolos, à orientação on-line e ações de educação em saúde com foco na saúde integrativa (TRINDADE, 2020).

Diante desse cenário pandêmico, muitas pessoas começaram a se perguntar: Mas o que seria isso tão acachapante? Uma nova Matrix?

Pode-se afirmar que não, não é uma nova Matrix, e sim um mundo real, onde o egocentrismo e o individualismo se tornam obsoletos, e a busca por um sentimento de união e irmandade é imprescindível. O mundo exige amor incondicional, união, fraternidade e compaixão – Um Novo Depois ou Uma Nova Percepção ou Uma Visão Tardia. Nesse sentido,

se faz necessário que as pessoas busquem um processo de ajuda mútua e se fortaleçam em prol da vida, independente de fatores intelectuais, condição social, crença religiosa ou etnia.

De acordo com Ruscheinsky *et al.* (2020), as constantes inovações, sendo um novo vírus uma entre elas, pode reforçar o individualismo e/ou a interdependência, tanto projetar um distanciamento das pessoas como uma apartação, quanto dos objetos devido ao medo de contágio.

No livro “As Cinco Feridas Emocionais”, Lise Bourbeau menciona que:

Aceitar uma experiência não significa concordar com ela. Trata-se, na verdade, de nos conceder o direito de experimentar e aprender. Devemos, sobretudo, aprender a reconhecer o que nos é benéfico e o que não é. O único meio de conseguir isso é tornando-nos conscientes dos efeitos de tal experiência (BOURBEAU, 2017, p.8).

Diante dessa conjuntura, faz-se necessário intensificar a atenção com os diálogos internos, com a comunicação no ambiente de trabalho, familiar e social, tal qual nas relações interpessoais, vez que uma nova forma de gerir/agir deverá ser construída conclamando a sociedade a esse novo processo de cocriação.

Assim, surgem alguns questionamentos: E quando tudo isso passar, como as pessoas estarão? Como esses impactos sociais, ambientais e à saúde física e mental irão interferir no modo de vida da sociedade? Como poderemos nos preparar para que as consequências pandêmicas afetem de uma forma mais branda no cotidiano das pessoas? É notório que a percepção que se tem do todo (social, ambiental e saúde) mudou, sendo necessário que as pessoas se organizem enquanto sociedade, buscando saídas nos diversos ambientes diários e que a atenção à saúde e ao cuidado com si mesmo seja uma prioridade. Não esperemos o que não virá – somos nós os atores desse processo.

O autocuidado pode ser definido como a capacidade do indivíduo executar ações para seu próprio benefício. Quando não é realizado completamente ou quando as demandas superam as habilidades básicas do indivíduo frente às atividades, caracteriza-se o déficit de autocuidado (OREM, 2001, apud ALMEIDA *et al.*, 2020).

O presente trabalho – Autocuidado: uma visão holística em tempos de pandemia – partiu do pressuposto de que é preciso, olhar para si, praticar ações de cuidado consigo mesmo, com afeto e cultivar relacionamento de amizade e solidariedade para com o coletivo.

Nesse sentido, o maior objetivo desse estudo foi contribuir de forma sistêmica no processo de autocuidado nesse tempo de pandemia e pós-pandemia reunindo profissionais capacitados nas diversas áreas de atuação, a fim de construir uma rede de cooperação mútua proporcionando aos participantes ferramentas que possam facilitar uma visão mais holística sobre autocuidado através de reflexões sobre o cenário complexo de pandemia da Covid-19.

É importante ressaltar que esse processo de cooperação e comunicação teve como principal ferramenta facilitadora o uso das tecnologias da informação e comunicação (TICs). Até o início do século XXI, nem todas as pessoas possuíam ou tinham acesso a essas tecnologias, contudo, com o avanço das TICs as ferramentas digitais se tornaram essenciais nesses tempos de pandemia, possibilitando que as ações e discussões alcançassem o público-alvo em um momento no qual o distanciamento social era irrefutável.

Sobre as tecnologias, o educador e escritor Paulo Freire afirma que:

Não se deve ser um ingênuo apreciador da tecnologia. Embora tenha grande potencial para estimular e desafiar a curiosidade de crianças e jovens, há muito a se fazer para transformá-la em ferramenta de inclusão social e de desenvolvimento da cidadania em um definido projeto político-pedagógico (FREIRE, 1996).

Assim, para a realização das ações deste trabalho utilizou-se as ferramentas digitais disponíveis como suporte para divulgação e conexão com a comunidade acadêmica e a sociedade, buscando essa aproximação para as orientações para o processo de autocuidado apresentadas pelos profissionais convidados pudessem ser mais bem difundidas e compreendidas em um momento onde o distanciamento social se tornou uma realidade.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O presente trabalho se baseou no Método de Abordagem: Hipotético Dedutivo, como uma ferramenta simples de ordenação, fundamentação e propagação do conhecimento.

Ressalta-se que método hipotético-dedutivo é o mais utilizado e aplicado em disciplinas como a sociologia, antropologia, psicologia social e na economia (ROSA, 2016).

De acordo com LAKATOS *et al.* (2003), a maioria dos especialistas faz, hoje, uma distinção entre método e métodos.

Partindo do pressuposto dessa diferença, o método se caracteriza por uma abordagem mais ampla, em nível de abstração mais elevado, dos fenômenos da natureza e da sociedade. É, portanto, denominado método de abordagem, que engloba o indutivo, o dedutivo, o hipotético-dedutivo e o dialético (LAKATOS, *et al.*, 2003).

O método dedutivo de hipóteses analisa a percepção das lacunas de conhecimento, propõe hipóteses a respeito e usa o processo de raciocínio dedutivo para testar a previsão da ocorrência dos fenômenos cobertos pelas hipóteses (LAKATOS, *et al.*, 2017).

KLIMOVSKY (1997) afirma que o conceito aristotélico é fundamentado na ligação entre o que acontece através da linguagem no nosso pensamento e o que acontece fora da linguagem, na realidade. Aristóteles se refere a esta relação como “adequação” ou “correspondência” entre pensamento e realidade (ROSA, 2016, apud KLIMOVSKY, 1997).

Nesse sentido, o presente trabalho buscou, a partir da análise do cenário da pandemia do novo coronavírus, utilizar uma linguagem simples no sentido de orientar e levar para o público-alvo ferramentas que auxiliem no processo de autocuidado nesses tempos de pandemia, bem como colaborar numa visão mais sistêmica acerca dos acontecimentos durante e pós-pandemia.

Assim, o trabalho teve como principais ações a produção de *lives*<sup>7</sup>, promovendo mensalmente encontros virtuais através de plataforma digital, utilizando o canal no YouTube do projeto “Autocuidado: Uma Visão Holística em Tempos de Pandemia” trazendo temas pertinentes aos objetivos do projeto, tendo como palestrantes uma equipe multidisciplinar. Durante todas as *lives* foram disponibilizados formulários de avaliação para a realização de uma análise qualitativa acerca do impacto das ações sobre o público-alvo.

O projeto Autocuidado: Uma visão holística: em tempos de pandemia foi realizado no canal do YouTube - Autocuidado em Tempos de Pandemia, totalizando nove edições durante

---

<sup>7</sup> No contexto digital, significa transmissões ao vivo feitas por meio das redes sociais.

o período: agosto de 2020 a maio de 2021 e contou com a participação de 20 palestrantes das mais diversas áreas de formação. As informações sobre a execução e temas das ações estão descritas no quadro 1.

**Quadro 1.** Ações realizadas entre agosto de 2020 a maio de 2021.

Número da Ação (Live)	Tema da Ação (Live)	Dia/Mês/Ano
01	Autocuidado uma visão holística em tempos de pandemia	19/08/2020
02	Autocuidado em tempos de pandemia: psicossomática, idosos maduros e as conexões eletrônicas.	24/09/2020
03	Autocuidado em tempos de pandemia: espiritualidade	22/10/2020
04 (extra)	Autocuidado: covid-19 – sintomas, panoramas, cuidados e a segunda onda de contaminação	10/11/2020
05	Autocuidado em tempos de pandemia: vidas negras importam	19/11/2020
06	Planejamento e desenvolvimento sustentável para 2021	17/12/2020
07	Conexão autocuidado: covid-19: vacina e a nova variante	18/03/2021
08	Autocuidado nas redes sociais: a ciência no combate às <i>fakes news</i> <sup>8</sup>	22/04/2021
09	Saúde física e mental na pandemia	20/05/2021

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Todas as ações foram realizadas em formato de *live streaming*<sup>9</sup>, transmitidas em tempo real com a abordagem de temáticas relacionadas ao autocuidado em tempos de pandemia e além da interação do público, por meio de mensagens no chat do canal, o projeto também contou com a participação de profissionais das seguintes áreas do conhecimento: administração, gestão pública, gestão de pessoas, resolução de problemas complexos, saúde, enfermagem, terapia sistêmica, medicina, biomedicina, psiquiatria, infectologia, engenharia, física, química, serviço

<sup>8</sup> são notícias falsas.

<sup>9</sup> transmissão ao vivo realizada por meio da tecnologia streaming de fluxo constante de dados.

social, desenvolvimento humano, empreendedorismo, letras, agroecologia e desenvolvimento territorial, teologia, filosofia, psicologia, história, direito, educação, sustentabilidade, medicina veterinária, biologia e educação física.

Durante todas as *lives* foi disponibilizado um formulário de avaliação para análise das exposições dos temas abordados e dos impactos das ações apresentadas na visão do público-alvo. O quadro 2 apresenta as principais perguntas contidas nos formulários de avaliação.

**Quadro 2.** Perguntas contidas nos formulários de avaliação das ações.

Questão	Pergunta
1	O conteúdo apresentado nessa roda de conversa atendeu suas expectativas?
2	Você considera importante a aplicabilidade dos temas discutidos na sua vida pessoal?
3	As discussões desta live poderão ajudar você a melhorar sua percepção acerca do autocuidado?
4	Você recomendaria e/ou compartilharia essa roda de conversa para outras pessoas?
5	Você gostaria de um novo encontro com alguns dos palestrantes (via Zoom ou meet) para aprimorar mais seus conhecimentos acerca das temáticas apresentadas?
6	Com relação a organização desta live, qual a sua avaliação?
7	Deixe aqui seu Comentário ou sugestão.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

A primeira ação do projeto foi à realização de uma *live* que teve como objetivo proporcionar à comunidade acadêmica e a sociedade num geral uma discussão dispendo de uma visão mais holística e promovendo diálogos que estimulassem a reflexão acerca dos impactos da pandemia do novo coronavírus sobre toda sociedade, desde as incertezas quanto ao avanço da doença até as implicações físicas, psicológicas e sociais que essa pandemia causou e vem causando. A segunda *live* abordou o autocuidado em tempos de pandemia considerando o profissional da saúde no papel de paciente numa visão psicossomática, abordando também a importância do autocuidado em relação aos idosos maduros, bem como as contribuições das tecnologias nesses tempos de pandemia e os cuidados que se deve ter com a utilização das

mesmas. Já na terceira ação *live*, as discussões foram pautadas na espiritualidade, que pode ser definida como a propensão humana em buscar sentido para a vida, e pode, ou não, estar ligada a uma vivência religiosa (SILVA; SILVA, 2014), e, nesse tempo de pandemia, as pessoas procuram cada vez mais intuitivamente uma conexão com algo mais amplo, e esse mundo virtual e globalizado vem facilitando e oportunizando familiares, amigos e grupos se religarem, pessoas com possibilidade de pertencimento mútuo.

Considerando o avanço da pandemia do novo coronavírus (PAHO, 2020), foi necessária a realização de uma *live* extra (ação 4). O foco dessa ação retomou as discussões sobre a covid-19 com o tema: Autocuidado: Covid 19 – Sintomas, Panoramas, Cuidados e a Segunda Onda de Contaminação. A *live* teve como propósito a atualização da evolução da pandemia no Brasil e no mundo, bem como reforçar os cuidados devidos que as pessoas deviam manter com relação à doença e as inseguranças com a segunda onda de contaminação.

Tendo em vista que no Brasil, é celebrado em 20 de novembro, o dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra (LEI Nº 12.519, 2011), a quinta *live* teve como tema: Vidas Negras Importam, com intuito de promover uma reflexão acerca do racismo e da luta contra o sistema eugênico e eurocêntrico, uma vez que não basta ser contra o racismo, é necessário que sejamos antirracistas (DIANGELO, 2020) para que o racismo estrutural e institucional seja combatido por todas as pessoas, independente de classe social, raça ou gênero. A *live* contou com a participação de quatro palestrantes das áreas de história, psicologia, saúde comunitária, sociologia, direitos humanos, letras e estudos afro-baianos.

Ainda no ano de 2020, realizou-se a sexta ação, onde as discussões da *live* foram pautadas no planejamento e desenvolvimento sustentável para 2021, considerando que tudo mudou nesse momento de pandemia e há a necessidade de prestar maior atenção ao que faremos e como realizaremos daqui para frente e o que é necessário aprendermos em todo esse processo de mudança e quais caminhos seguiremos com vistas e perspectivas de uma melhor qualidade de vida, a partir do autocuidado e do cuidado com o meio em que vivemos (social e ambiental).

Para iniciar as atividades do projeto no ano de 2021, considerando a perspectiva de chegada das vacinas contra o coronavírus no Brasil, bem como o surgimento de novas variantes da Covid-19 (BRASIL, 2021) e também levando em conta que a sociedade vinha passando por momentos desafiadores e de grandes aprendizados, assim, as discussões da sétima *live* se concentraram nas atualizações acerca das vacinas e da nova variante, visando promover um diálogo elucidativo com profissionais da área de saúde minimizando algumas dúvidas por parte do público-alvo participante.

A utilização das tecnologias da informação e comunicação vem sendo de grande importância nesse momento de pandemia, principalmente como ferramenta facilitadora no processo de aproximação das pessoas, contudo, ainda existem muitas incertezas sobre o coronavírus, e mesmo as tecnologias sendo ferramentas facilitadoras para muitos processos de aprendizagem e comunicação, também existem vários problemas atrelados ao mau uso das mesmas, como a propagação instantânea das *Fake News* (notícias falsas) que aumentaram bastante durante a pandemia. Nesse sentido, a penúltima ação, oitava *live*, promoveu o debate sobre o Autocuidado nas redes sociais: A ciência no combate às *fakes news* e com isso pretendeu-se atenuar os impactos das notícias falsas sobre a divulgação científica acerca do coronavírus.

A nona e última ação do projeto teve como tema: Saúde Física e Mental na Pandemia e contou com a participação de dois grandes profissionais das áreas de psicologia e educação física. Essa ação teve o propósito de fechar o ciclo de *lives* proporcionando mais um momento de debate e reflexão, nesse caso, voltado para o autocuidado com a saúde física e mental, considerando que atualmente a sociedade está sendo conclamada a mudar de postura e rever os seus hábitos visando uma melhor adaptação ao novo modo de vida.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os resultados deste trabalho estão organizados inicialmente com base nas realizações das ações indicando os quantitativos de inscritos no canal e visualizações das *lives*, em seguida,

as discussões são pautadas na importância das temáticas aplicadas e *feedback*<sup>10</sup> dos formulários de avaliação e por último uma análise geral dos resultados obtidos levando em consideração o impacto das ações e discussões acerca da importância do autocuidado na pandemia.

De acordo com os registros apresentados no canal Autocuidado em Tempos de Pandemia criado pelo projeto na plataforma de *Stream*<sup>11</sup> YouTube, obteve-se um total de 338 inscritos. Quanto às *lives*, no período de agosto de 2020 a maio de 2021, foram realizadas nove edições, sendo uma extra, totalizando 3544 visualizações e 13 horas e 24 minutos de transmissão ao vivo. O quadro 3 apresenta o quantitativo de visualizações em cada ação.

**Quadro 3.** Quantitativo de visualizações das *lives*.

Número da Ação ( <i>Live</i> )	Tema da Ação ( <i>Live</i> )	Visualizações
01	Autocuidado uma visão holística em tempos de pandemia	811
02	Autocuidado em tempos de pandemia: psicossomática, idosos maduros e as conexões eletrônicas.	363
03	Autocuidado em tempos de pandemia: espiritualidade	687
04 (extra)	Autocuidado: covid-19 – sintomas, panoramas, cuidados e a segunda onda de contaminação.	583
05	Autocuidado em tempos de pandemia: vidas negras importam	315
06	Planejamento e desenvolvimento sustentável para 2021	155
07	Conexão autocuidado: covid-19: vacina e a nova variante	356
08	Autocuidado nas redes sociais: a ciência no combate às <i>fake news</i>	126
09	Saúde física e mental na pandemia	148

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

<sup>10</sup> resposta ou reação relacionadas a transmissão.

<sup>11</sup> transmissão ao vivo.

A partir dos dados apresentados no quadro 3 observa-se que as *lives* mais acessadas foram a 01, 03 e 04 nesta ordem, além disso, vale ressaltar que essas três ações possuem temas relacionados ao autocuidado em tempos de pandemia, seja psicológico, espiritual ou físico, indicando que temáticas relacionadas ao cuidado pessoal e a covid-19 são de grande interesse da sociedade.

As *lives* 01, 02, 03 e 04 trouxeram uma abordagem voltada para uma visão holística da pandemia da Covid-19 e dos sintomas psicológicos, sociais e emocionais que ela vem causando nas pessoas, ou seja, uma somatização de sintomas, e com isso as discussões foram no sentido de orientar as pessoas sobre a importância do apoio médico, psicológico e espiritual, apresentando uma perspectiva mais ampla do todo, na tentativa de incentivar a busca por um equilíbrio físico e mental no momento onde o autocuidado e o fortalecimento mútuo são essenciais. Além disso, deve-se considerar que o autocuidado vai além de cuidar de si próprio, mas também daqueles que são mais vulneráveis e estão próximos a nós, como os idosos maduros e crianças, por exemplo. Sobre cuidar de si e do outro:

Durante a crise sanitária da COVID-19 estamos aprimorando nossas estratégias de cuidado de si e do outro. Depois que o momento agudo passar é bem importante ter espaço para refletir e aprender com as experiências, extraordinariamente difíceis, de modo a criar uma narrativa positiva e não traumática (NOAL; PASSOS; FREIRE, 2020, p.52).

Outro aspecto discutido nas *lives* supracitadas foi à atenção que devemos ter quando da utilização das tecnologias, no que se referem ao uso das tecnologias digitais no combate à desinformação e aos cuidados com essas ferramentas nesse momento de superexposição de ideias e propagação de conteúdo online diversos que se intensificou com o uso das TICs.

Na *live* 05, o tema em pauta foi “vidas negras importam”, e o público-alvo teve a oportunidade de refletir um pouco mais acerca das lutas, desafios e conquistas que as pessoas negras vêm passando durante toda a história da humanidade. As discussões proporcionaram reflexões sobre o cuidado que devemos ter perante nossas atitudes com o próximo, bem como o reconhecimento do racismo estrutural que deve ser combatido.

Com certeza a pandemia não é a mesma para todos. De acordo com estudos do Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde (NOIS), liderado pelo Departamento de Engenharia Industrial do Centro Técnico Científico da PUC-Rio (CTC/PUC-RIO, 2020), e do Instituto Pólis; negros – pretos e pardos, morrem mais do que brancos em decorrência da covid-19 no Brasil, numa proporção de aproximadamente 55% de negros para 38% de brancos morreram por covid-19 no país (NISIDA; CAVALCANTE, 2020).

Pelo exposto, a pandemia do coronavírus não só aumentou, mas também evidenciou ainda mais, as dificuldades enfrentadas pela população negra, no que se refere à garantia de direitos fundamentais básicos, como saúde e moradia, por exemplo.

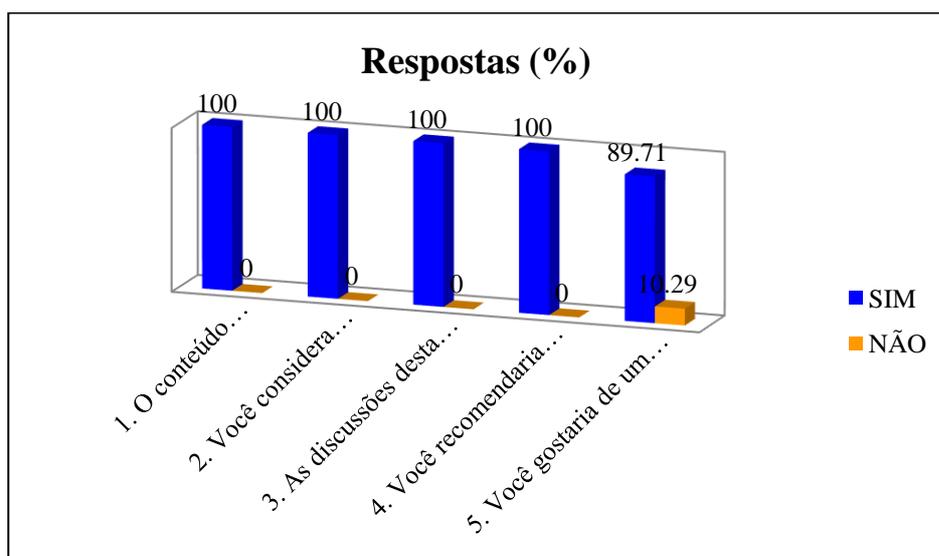
Os desafios e os enfrentamentos da crise do novo coronavírus ressaltaram a importância de uma análise crítica e sistêmica sobre o racismo estrutural e outros assuntos, como: planejamento e sustentabilidade, seja no meio ambiente, impacto social ou na economia. Assim, a última *live* do ano de 2020 (ação 06) promoveu o debate acerca da necessidade de planejamento tanto da vida profissional quanto pessoal, bem como, a necessidade de pensar e executar ações sobre o desenvolvimento sustentável visando benefícios futuros de qualidade de vida para o meio e para sociedade. É crucial que a sociedade mude o seu modo de viver garantindo a sustentabilidade, onde esta geração e as próximas possam viver de forma mais saudável e suprir suas necessidades essenciais.

Entre os meses de março a maio de 2021 mais três *lives* foram realizadas para finalização do projeto, as *lives* 07, 08 e 09, que retomaram as discussões sobre a pandemia com temáticas acerca das novas variantes do coronavírus, a evolução do processo de vacinação no país, o ‘cuidado com as *Fake News* na divulgação científica e a temática sobre a saúde física e mental que foi de grande importância para o fechamento desse ciclo onde as reflexões sobre o autocuidado durante a pandemia se tornaram mais consubstanciadas a partir da participação e acompanhamento das ações do projeto por parte dos organizadores e do público-alvo.

Como mencionado anteriormente, durante todas as *lives* foram disponibilizados formulários de avaliação com intuito de analisar o impacto que as ações proporcionaram sobre

o público-alvo, bem como suas contribuições na autorreflexão dos participantes sobre o momento atual de pandemia na tentativa de despertar os mesmos para uma visão sistêmica do fenômeno coronavírus e a necessidade de uma reforma íntima, no sentido da busca de autocuidado, partindo do pressuposto que a solução para esse problema parte do bem-estar individual para uma ação de cooperação coletiva, isto é, cuidar de si para poder cuidar dos outros.

No total, 105 pessoas responderam às questões contidas nos formulários de avaliação. O gráfico da figura 01 apresenta os resultados (respostas) das questões 01 a 05 dos formulários de avaliação.

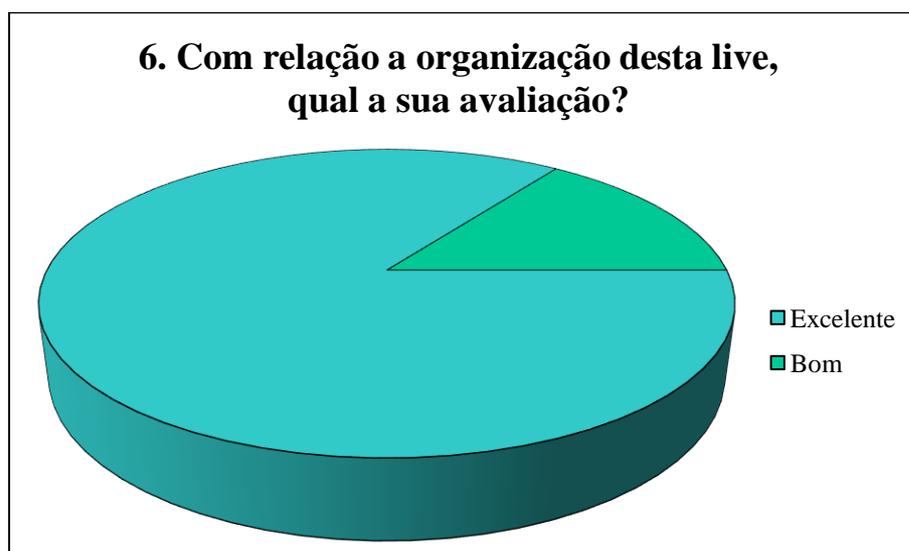


**Figura 1.** Gráfico do percentual de respostas das questões 01 a 05 dos formulários de avaliação. Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Analisando os resultados apresentados no gráfico da figura 1, observa-se que 100 % das pessoas que participaram das ações consideraram que as temáticas aplicadas atenderam suas expectativas, considerando essas como importantes para sua vida pessoal, bem como ajudaram a melhorar suas percepções acerca do autocuidado. Além disso, todos os participantes recomendariam e ou compartilhariam as *lives* realizadas para outras pessoas. No que se refere

à disposição de um novo encontro com alguns dos palestrantes (via plataforma zoom ou meet), a grande maioria (89,71 %) se mostrou interessada em aprimorar mais seus conhecimentos acerca das temáticas apresentadas, enquanto 10,29 % não teve interesse em uma continuidade nas discussões.

Nesse sentido, pode-se afirmar que as ações executadas foram de grande interesse e importância para o público-alvo, colaborando com a construção de uma consciência de autocuidado, não só com os familiares, mas também junto aos amigos, colegas de trabalho e pessoas interessadas no seu autodesenvolvimento. Além disso, proporcionou ferramentas que podem servir como auxílio para uma visão mais holística e sistêmica nas diversas áreas de conhecimento. A figura 2 apresenta o gráfico da avaliação dos participantes quanto à organização das ações.



**Figura 2.** Gráfico das respostas à questão 06 quanto à organização das ações (em %). Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Os resultados apresentados no gráfico da figura 2 mostram que todos os participantes ficaram satisfeitos com a organização das *lives*, sendo 84,96% consideraram excelente enquanto 15,04 % consideraram a organização boa.

Tendo em vista que tanto os profissionais participantes quanto as temáticas escolhidas para as discussões são consideradas de excelente qualificação e qualidade, pode-se inferir que a organização das *lives* não foi considerada pelos participantes 100% excelente, muito provavelmente, devido às dificuldades enfrentadas na execução de algumas ações relacionadas a problemas de conexão, uma vez que em determinados momentos a internet ficou instável durante a fala de alguns dos palestrantes. Contudo, mesmo com essas intercorrências, as discussões e a continuidade das ações não foram prejudicadas.

Ainda se referindo aos formulários de avaliação, a questão número 07, vislumbrou uma análise quanto ao *feedback* dos participantes acerca das ações considerando suas opiniões pessoais e sugestões para melhor adequação as possíveis ações futuras do projeto. O quadro 4 apresenta os comentários dos participantes nos formulários de avaliação.

**Quadro 4.** Comentários dos participantes referentes à questão 07 dos formulários de avaliação.

Título da <i>live</i>	Comentários dos participantes nos formulários de avaliação
1 Autocuidado Uma Visão Holística Em Tempos De Pandemia	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Encantada com o projeto e com a sensibilidade dos organizadores e palestrantes para trazer informações de forma tão harmônica para esse campo que se formou nessa live. Muito Obrigada!</li> <li>● Excelente a complementaridade de visões dos palestrantes. Muito bem selecionados. Parabéns aos organizadores do evento, e aos três palestrantes!!</li> <li>● Encontro muito enriquecedor</li> <li>● Por mais <i>lives</i> assim</li> <li>● A <i>live</i> foi excepcional. Leve e muito focada. Gostei muito. Foi um bálsamo e uma motivação para pensar e viver saudavelmente.</li> <li>● Adorei essa <i>Live</i> com um tema muito atual. E cada profissional abordou de forma diferente e bem esclarecedora o tema proposto. Superou minhas perspectivas.</li> <li>● Parabenizar a organizadora pela sensibilidade na escolha do tema e dos palestrantes. Todos estamos precisando de momento de reflexões e autocuidado.</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Tomar a Força! Gratidão pela partilha!</li> <li>● Enviar o <i>link</i><sup>12</sup> de quem fez o cadastro para a <i>live</i> no e-mail. Pois facilita a divulgação. Como o tema desta de hoje chamou atenção repliquei o <i>link</i> para várias pessoas do meu círculo de amizade, depois que começou.</li> <li>● Sendo possível, temas como educação e doenças raras será interessante. Wilson Alencar – AfibroVaSF.</li> <li>● Achei impressionante como as falas dos palestrantes se complementaram, muita coisa para refletir, passaria horas assistindo.</li> <li>● Achei o tema ótimo, com linhas de atuação que foram coerentes com o tema, abordagens diferentes, parecidas, mas com foco no autocuidado. Muito bom!</li> </ul>
2 Autocuidado em Tempos de Pandemia: Psicossomática, idosos Maduros e as conexões eletrônicas.	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Gostei da variedade das abordagens.</li> <li>● Muito didático e com informação muito importante apresentada de maneira muito acessível.</li> <li>● Excelente o trabalho de vcs. Parabéns!</li> <li>● Temas atualíssimos e de grande utilidade. Grata pela partilha!</li> <li>● Por favor promova mais <i>lives</i> com esses conteúdos</li> <li>● Live maravilhosa</li> <li>● Projeto maravilhoso, com palestras extremamente pertinentes. Gratidão! Muito bom o conteúdo abordado.</li> </ul>
3 Autocuidado em Tempos de Pandemia: Espiritualidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Parabéns pela iniciativa. Façam mais vezes.</li> <li>● Excelente evento</li> <li>● Tds os palestrantes desenvolveram o tema dentro da sua visão</li> </ul>

<sup>12</sup> é o "endereço" de um documento (ou um recurso) na internet.

	<p>de encarar a pandemia. Por isso estão tds de parabéns e a organizadora pela iniciativa.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>● São momentos ímpar, a repetição temática com os mesmos participantes fica monótona, já que há uma expectativa que possa se reproduzir o do hoje. que não se revela. Pode se aprofundar com um deles, na vertente espírita ou com outros convidados.</li> <li>● Obrigada! Estava precisando desse momento.</li> <li>● Parabéns aos organizadores pelo lindo projeto!</li> <li>● Prossigam com eventos tão importantes</li> <li>● Parabéns pela excelente <i>live</i>!</li> <li>● Parabéns pelo evento!</li> <li>● Muito gratificante é estimulante para nossos espíritos.</li> <li>● Gratidão a todas e todos pelo carinho e pela <i>live</i> que possibilitou novos horizontes e olhares. Axé!</li> <li>● Continuem assim!</li> <li>● Parabéns aos organizadores, aos explicitadores. A <i>live</i> de vocês veio preencher uma lacuna, com abordagens necessárias aos que se sentem perdidos neste nosso mundo de hoje. Principalmente pelo respeito que cada orador(a) manteve em relação à crença dos demais.</li> <li>● Gratidão pela iniciativa, muito boa! Parabéns!</li> <li>● Mais um momento importante para todos que se dispuseram a participar.</li> </ul>
<p>4 Autocuidado: Covid 19 – Sintomas, Panoramas, Cuidados e a Segunda Onda de Contaminação (LIVE EXTRA)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Dra. <i>Palestrante</i>, essa foi a explicação mais didática que eu tive acesso sobre a Covid-19. Parabéns!</li> <li>● Explicações muito objetivas em meio à tanta desinformação!</li> <li>● Como uma pessoa com esse nível de informação consegue ser tão tranquila?</li> <li>● Ouvir o <i>palestrante</i> é sempre um aprendizado.</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Esse trabalho e pesquisa fazem a diferença no Vale do São Francisco.</li> <li>● A fé mobiliza mesmo e fortalece!!</li> <li>● Excelente trabalho Irmã.</li> <li>● Excelente e importante trabalho Irmã, os hospitais filantrópicos são fundamentais no país todo.</li> <li>● Muitas bênçãos e recursos para vocês continuarem nessa luta!!!</li> <li>● O trabalho filantrópico realizado pelo Hospital Santa Maria é de suma importância, trazendo atendimento de qualidade na região do Araripe, Parabéns pelo empenho nesse sentido Irmã!</li> <li>● Muito bem planejado a logística em tudo!! Parabéns pela organização!! A saúde mental de muitos ficarão comprometidas e pós-pandemia necessitarão de cuidados!</li> <li>● Que fala linda e necessária Doutor, a Pandemia com seus processos nos pôs diante da simplicidade e da coletividade</li> <li>● Que maravilha sua fala Doutor!!</li> <li>● Que bela colocação Doutor!!!</li> </ul>
<p>5. Autocuidado Uma Visão Holística em tempos de Pandemia: Vidas Negras Importam</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Excelente Palestrantes com bastante conhecimento</li> <li>● Maravilhosa apresentação. Sem mais objeções ou observações.</li> <li>● Parabéns! Os temas abordados são muito relevantes e acrescentam muito. Vida longa ao projeto!</li> <li>● Unir forças, resistir e entender que necessitamos de políticas públicas, portanto expandir diálogos e encorajar nossos semelhantes. Nossa ancestralidade permanece em nós. Axé.</li> <li>● Insistir nessa temática!!!</li> <li>● Parabéns pela criação desse espaço e pela ótima discussão!</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Maravilhosa noite, falas essenciais para uma profunda reflexão sobre a importância da vida e em particular as vidas negras.</li> <li>● Falas bastante construtivas.</li> </ul>
6. Autocuidado Uma Visão Holística em tempos de Pandemia: Planejamento e Desenvolvimento Sustentável para 2021	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Excelente! Palestra, aprendi muito.</li> <li>● A sustentabilidade, em todas as áreas, mais que nunca deve ser um tema de primeira.</li> <li>● Parabéns a organização e ao tema escolhido. Muito proveitoso.</li> </ul>
7. Conexão Autocuidado: Covid-19: Vacina e a nova variante	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Excelente <i>Live</i>...Parabéns,</li> <li>● Parabéns pela iniciativa,</li> <li>● Além da importância da temática, é prazeroso estar em contato com os colegas de trabalho!!! Parabéns pela iniciativa!</li> <li>● Excelente! Bate papo, aprendi muito mais a me cuidar.</li> <li>● Parabéns pelo projeto incrível.</li> <li>● Temas de interesse para próximas <i>lives</i>:</li> <li>● Saúde Mental.</li> <li>● Acolhimento em saúde mental em tempos de covid.</li> <li>● Pandemia e Espiritualidade.</li> <li>● A importância da alimentação saudável e exercícios físicos em tempos de pandemia.</li> <li>● Como não acompanhei as outras <i>lives</i>, não saberia nesse momento sugerir outra temática ainda não abordada.</li> <li>● Vida pós COVID.</li> <li>● As pesquisas científicas sobre a genética com relação ao</li> </ul>

	<p>covid.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>● Vacinas e <i>lockdown</i><sup>13</sup>.</li> <li>● Trabalho remoto e saúde mental.</li> <li>● Acho que quanto mais debater sobre a covid19 melhor para todos aprender a se cuidar.</li> <li>● <i>Live 2: Covid 19: vacina e a nova variante.</i></li> </ul>
8. Autocuidado nas redes sociais: A ciência no combate às <i>fake news</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Excelente ação! Parabéns!</li> <li>- Muito clara e esclarecedora. Parabéns!</li> <li>- Excelente palestra</li> <li>- Ótima <i>live</i>. Parabéns aos organizadores</li> <li>- Tema muito atual e pertinente!</li> <li>- Parabéns</li> <li>- Parabéns pela iniciativa!</li> </ul>
9. Saúde Física e Mental na Pandemia	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Gostaria de uma segunda <i>live</i> sobre o tema. Parabéns aos organizadores □□□</li> <li>● A <i>live</i> foi ótima, e cada dia um aprendizado e, com certeza, hoje pensamos mais no próximo e somos mais solidários,</li> <li>● Os temas selecionados foram excelentes. Caso ainda haja a possibilidade de atividade síncrona será de grande valia.</li> <li>● Excelente! Temas abordados.</li> <li>● Deus ilumine cada vez mais a todos.</li> </ul>

<sup>13</sup> bloqueio total ou confinamento.

Observando os comentários contidos no quadro 4, é notório que as ações causaram impactos bastante positivos sobre o público-alvo, e que esses consideraram as *lives* muito pertinentes para o momento atual de pandemia, demonstrando o interesse pela continuidade de debates com as temáticas aplicadas.

Nesse sentido, fazendo uma análise geral é possível afirmar que o trabalho reuniu profissionais capacitados nas diversas áreas de atuação os quais contribuíram de forma sistêmica no processo de autocuidado nesse tempo de pandemia, proporcionando aos participantes uma visão mais holística de todos os fatos. Além disso, foi possível colaborar na construção de uma rede de cooperação mútua através de diálogos contínuos sobre a importância do autocuidado em tempos de pandemia e pós-pandemia, validando através dos debates a construção de uma rede sustentável de pessoas que buscam o autodesenvolvimento pessoal.

Destaca-se também que ao final da realização de todos os encontros, foi possível observar que este tipo de trabalho pode contribuir de forma efetiva, no que se refere aos cuidados necessários em tempos de pandemia, destacando que uma possível solução para esse problema é a ação coletiva e que esse aprendizado seja vivenciado por todos os participantes, e assim, as pessoas possam se tornar melhores e mais compassivas consigo mesmas e com as outras, não somente na atual conjuntura de pandemia, como em sua jornada diária, visando sempre o autocuidado. Além disso, que as pessoas possam adquirir uma visão mais holística das circunstâncias da vida podendo beneficiá-las nas suas tomadas de decisões sobre as diversas áreas profissionais e pessoais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A realização deste trabalho permitiu alcançar um público-alvo na região do Vale do São Francisco, bem como outras localidades construindo uma rede de apoio nesse momento de pandemia, valorizando o banco de talentos locais e proporcionando ferramentas que auxiliaram na autorreflexão sobre a importância do autocuidado nesses tempos de pandemia utilizando uma visão mais holística nas diversas áreas de conhecimento.

Nesse sentido, o desenvolvimento desse projeto foi uma experiência exitosa proporcionando a troca de conhecimentos além de promover momentos de reflexões,

religiosidade, aproximação entre familiares, amigos e colegas de trabalho, oportunizando aos participantes olharem para si próprios, praticar ações de cuidado consigo mesmo e com as outras pessoas do convívio diário de uma forma mais sistêmica.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, I. J. S.; LÚCIO, P. S.; NASCIMENTO, M. F.; COURA, A. S. Pandemia pelo coronavírus à luz de teorias de enfermagem. **Rev Bras Enferm**, vol. 73 (Supl. 2), 2020, DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0538>.

BRASIL. **Lei n.º 12.519, de 10 de novembro de 2011**. Institui o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2011-2014/2011/lei/112519.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2011/lei/112519.htm) . Acesso em: 15 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **O que é a Covid-19?** Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus> . Acesso em: 19 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Covid-19 – Saúde confirma caso de reinfecção por nova cepa da Covid-19**. Brasília: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/saude-confirma-caso-de-reinfeccao-por-nova-cepa-da-covid-19> . Acesso em: 9 jul. 2021.

BOURBEAU, L. **As cinco feridas emocionais**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Sextante, 2017. 148p. Disponível em: <http://espacoviverzen.com.br/wp-content/uploads/2017/06/As-cinco-feridas-emocionais-Lise-Borbeau.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2020.

DIANGELO, Robin. **Não basta não ser racista: sejamos antirracistas**. Barueri: Ed. Faro Editorial, 2020. 192p. ISBN: 108595811067.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. ISBN: 85-219-0243-3.

KLIMOVSKY, G. **Las desventuras Del conocimiento científico – Una introducción a la epistemología**. Buenos Aires: A-Zeditora 1997. 201 p. ISBN: 9505342756

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. ISBN: 85-224-3397-6.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017. ISBN: 85-970-1070-3.

NISIDA, V.; CAVALCANTE, L. **Raça e Covid no município de São Paulo**. São Paulo: Instituto Pólis, 2020. Disponível em: <https://polis.org.br/estudos/raca-e-covid-no-msp/>. Acesso em: 3 jul. 2021.

TRINDADE, N. Práticas integrativas na pandemia de covid-19. **Boletim quadrimestral do Observatório Nacional de Saberes e Práticas Tradicionais, Integrativas e Complementares em Saúde (OBSERVAPICS) – Evidências**, n. 4, 2020. ISSN: 2675-1674. Disponível em: <http://observapics.fiocruz.br>. Acesso em: 10 dez. 2021.

NOAL, D. S.; PASSOS, M. F. D.; FREITAS, C. M. **Recomendações e orientações em saúde mental e atenção psicossocial na Covid-19**. 23. ed. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz, 2020. 343p. ISBN: 978-65-87063-01-0. Disponível em: [https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/10/livro\\_saude\\_mental\\_covid19\\_Fiocruz.pdf](https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/10/livro_saude_mental_covid19_Fiocruz.pdf). Acesso em: 22 set. 2020.

OREM, D. E. **Nursing: concepts of practice**. Saint Louis: Mosby; 2001.

PUC-RIO - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. Departamento de Engenharia Industrial do Centro Técnico Científico da PUC-Rio (CTC/PUC-Rio). Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde (NOIS). **Diferenças sociais: pretos e pardos morrem mais de Covid-19 do que brancos**, segundo NT11 do NOIS. Rio de Janeiro: Centro Técnico Científico, 2020. Disponível em: <https://www.ctc.puc-rio.br/diferencas-sociais-confirmam-que-pretos-e-pardos-morrem-mais-de-covid-19-do-que-brancos-segundo-nt11-do-nois/>. Acesso em: 5 jul. 2021.

PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION - WORLD HEALTH ORGANIZATION (PAHO/WHO). **Epidemiological Update: Coronavirus disease (COVID-19)**. PAHO/WHO: Washington, 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/en/documents/epidemiological-update-coronavirus-disease-covid-19-9-november-2020>. Acesso em: 30 nov. 2020.

PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION - WORLD HEALTH ORGANIZATION (PAHO/WHO). **Pandemia de doença por coronavírus (COVID-19)**. PAHO/WHO: Washington, 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/en>. Acesso em: 19 jun. 2021.

ROSA, E. C. O conhecimento científico da metodologia: com o olhar para o método hipotético dedutivo como ferramenta de pesquisa. **Revista Iniciação & formação Docente**, v. 2, n. 2, Julho/2015 – Janeiro/2016.

RUSCHEINSKY, A. GADEA, C. A.; PINHO C. E. S. **Os paradoxos sociais e culturais ante o covid-19: campo de imprevisibilidade e incertezas - Covid-19 e seus paradoxos.** LITON P. S.; CLEIDE C.; LEONEL S. R. (orgs.) Itajaí: UNIVALI, 2020. ISBN: 978-65-87582-02-3 (e-book). Disponível em: <http://www.univali.br/ppcj/ebook>. Acesso em: 10 dez. 2021.

SILVA, J. B.; SILVA, L. B. Relação entre Religião, Espiritualidade e Sentido da Vida. **Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial**, v. 3, n. 2, p. 203-215, 2014.

**Artigo recebido em** 10 de maio de 2021.

**Artigo aprovado em** 15 de dezembro de 2020.

**ASPECTOS PSICOLÓGICOS DA QUALIDADE DE VIDA DE  
PACIENTES COM INSUFICIÊNCIA CARDÍACA: UMA  
INTERVENÇÃO EM GRUPO**

**PSYCHOLOGICAL ASPECTS OF THE LIFE QUALITY OF PATIENTS  
WITH HEART FAILURE: A GROUP INTERVENTION**

**ASPECTOS PSICOLÓGICOS DE LA CALIDAD DE VIDA DE LOS  
PACIENTES CON INSUFICIENCIA CARDÍACA: UNA  
INTERVENCIÓN EN GRUPO**

Samara da Silva Rebelo<sup>1</sup>  
Aline Groff Vivian<sup>2</sup>

**RESUMO**

A Insuficiência Cardíaca (IC) é uma doença crônica responsável pela perda da qualidade de vida e repercussões psicológicas devido ao significado simbólico por afetar o órgão armazenador de emoções. Esse trabalho objetivou compreender o impacto psicológico da IC para os pacientes. Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo e exploratório. Participaram 10 pessoas, entre 63 a 82 anos. Foi realizada intervenção em grupo e entrevista semiestruturada para coleta de dados. Os resultados foram discutidos em categorias: Impacto Psicológico da IC, com destaque para incapacidade física e sentimentos de dependência e Repercussão da Intervenção Psicológica na qualidade de vida dos pacientes, percebida como ação promotora da saúde pelos participantes. Tornam-se necessários novos estudos para aprofundar a compreensão dos aspectos psicológicos da qualidade de vida.

**Palavras-chave:** Insuficiência cardíaca; Psicologia; Qualidade de vida.

**ABSTRACT**

Heart Failure (HF) is a chronic disease responsible for the loss of quality of life and psychological repercussions due to the symbolic significance of affecting the organ storing

---

<sup>1</sup> Psicóloga Clínica, Graduada pela Universidade Luterana do Brasil, Pós graduanda em Psicoterapia Psicanalítica pela Fundação Universitária Mário Martins (FUMM). E-mail para contato: [psicosamarar@gmail.com](mailto:psicosamarar@gmail.com).

<sup>2</sup> Psicóloga Clínica, Especialista em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica (IEPP), Mestre em Psicologia do Desenvolvimento (UFRGS), Doutora em Psicologia (UFRGS), Professora do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde (ULBRA – Canoas/RS).

emotions. The study aimed to understand the psychological impact of HF for patients. This is a qualitative, descriptive, exploratory study. Participated 10 people, between 63 and 82 years. A focus group and semi-structured interview for data collection were performed. The results were discussed in the categories: Psychological Impact of HF, with emphasis on physical incapacity and feelings of dependence and Repercussion of Psychological Intervention on patients' quality of life, perceived as a health promoting action by the participants. Further studies are needed to deepen the understanding of the psychological aspects of quality of life.

**Keywords:** Heart failure; Psychology; Life quality.

### **RESUMEN**

La Insuficiencia Cardíaca (IC) es una enfermedad crónica y responsable de la pérdida de la calidad de vida y repercusiones psicológicas debido al significado simbólico de afectar el órgano que guarda las emociones. El objetivo de este estudio fue comprender el impacto psicológico de la Insuficiencia Cardíaca para los pacientes. Se trata de un estudio cualitativo, descriptivo, exploratorio, en el que participaron 10 personas, con edades entre 63 a 82 años. La recolección de datos fue realizada a través de grupo focal y entrevista semiestructurada. Los resultados se discutieron en dos categorías: Impacto Psicológico de la Insuficiencia Cardíaca, en que se destacó la incapacidad física y sentimientos de dependencia, y Repercusión de la Intervención Psicológica en la calidad de vida de los pacientes, percibida como una acción promotora de la salud por los participantes. Más estudios se hacen necesarios con el fin de obtener informaciones más profundas en relación a los aspectos psicológicos de la calidad de vida.

**Palabras clave:** Insuficiencia cardíaca; Psicología; Calidad de vida.

### **INTRODUÇÃO**

Consideram-se dois importantes aspectos ligados à qualidade de vida, a subjetividade e a multidimensionalidade. O presente trabalho utilizará a multidimensionalidade, que consiste em quatro amplas dimensões, que são: 1) física, que significa como o sujeito percebe sua situação física; 2) psicológica, que envolve autoestima, pensar, aprender, sentimentos positivos, sentimentos negativos, imagem corporal, aparência e como o sujeito percebe suas emoções e sua afetividade; 3) relacionamento social, que compreende como o sujeito entende suas relações e quais as funções sociais em sua vida; 4) ambiente, que consiste em como o sujeito enxerga o ambiente em que vive (WHOQOL, 1998). Este estudo teve como foco central estudar a dimensão psicológica.

Ao investigar a qualidade de vida, especificamente em sua multidimensionalidade, é possível uma maior identificação das principais características a serem avaliadas, levando em consideração as peculiaridades e potencialidades em relação à vida e à saúde do idoso, contribuindo e auxiliando no processo saúde-doença e possibilitando a prática de intervenções que promovam a qualidade de vida (SANTOS *et al.*, 2002).

A insuficiência Cardíaca (IC) é uma doença crônica e define-se pela incapacidade do coração em bombear o sangue suficiente para suprir as demandas do organismo. Esta condição ocasiona sintomas como dispneia, fadiga e dificuldades em realizar tarefas que requerem esforço. A IC é responsável pela redução da qualidade de vida e por um importante número de mortes (GARBIN; PELEGRINO; DANTAS, 2007). Além destes fatores, a IC provoca prejuízos e repercussões sociais e no desempenho diário do indivíduo (SANTOS *et al.*, 2011).

O enfrentamento da doença cardiovascular é causador de ansiedade e traz um significativo medo da morte, o qual aflora uma característica que se salienta - a sensação de perda - que pode ter relação com o fator social e econômico. Isso pode se tornar o ponto de partida para as sensações de culpa, temores e angústia, de acordo com a história e particularidades de cada indivíduo (RUSCHEL, 2006). As doenças cardíacas assumem, em termos culturais, um significado simbólico que afeta o órgão armazenador de emoções, por ser considerado o responsável em abrigar valores e emoções fundamentais na formação da individualidade (PADILHA; KRISTENSEN, 2006; RUSCHEL, 2006).

Sob a perspectiva emocional, os pacientes com IC sentem uma forte angústia por toda simbologia e representação que o coração tem em ser o “órgão da vida”, propulsor de todo o corpo, que pode significar ao falhar, o final da vida, fazendo com que no contexto de doença traga ainda mais sofrimento (FINKLER; VIVIAN, 2018; REBELO; VIVIAN, 2018; MENDES; EUFRÁSIO, 2013). A IC também pode gerar uma instabilidade emocional, sendo a depressão e a ansiedade as manifestações mais presentes no sofrimento mental, fazendo também com que as pessoas acometidas sofram um rebaixamento progressivo nas suas condições físicas e, nas fases mais avançadas, sintam suas vidas ameaçadas (MENDES; EUFRÁSIO, 2013). Além disso, a restrição financeira, a falta de conhecimento, as limitações físicas e as dificuldades em obter suporte social e emocional são tidas como obstáculos

marcantes ao autocuidado, que surgem para as pessoas acometidas de IC (WHILE; KIEK, 2009).

São muitas as circunstâncias que criam um conflito interno relacionado à doença, comprometendo assim a rotina e o bem-estar de cada pessoa acometida (STRÖMBERG, 2006). Os indivíduos com IC definem a sua qualidade de vida conforme a sua capacidade e competência no que diz respeito a atividades sociais e físicas, com o objetivo de suprir a necessidade de cada um, de sua família, de apropriar-se do seu papel em grupos a que pertencem e conservarem-se felizes (HEO; LENNIE; MOSER, 2009). As pessoas com IC vivenciam experiências de vulnerabilidade nos relacionamentos pessoal e familiar, na capacidade de exercício profissional e atividades sociais enquanto cidadãos. Tudo isto associa-se à incapacidade funcional e demais limitações da doença (FINKLER; VIVIAN, 2018; REBELO; VIVIAN, 2018; OGUZ; ENÇ, 2009).

A aceitação de conviver com uma doença crônica é considerada um dos maiores desafios neste contexto, no qual, muitas vezes, sentimentos como tristeza, raiva, medo e hostilidade estão associados. Esses só poderão vir a ser superados quando se possibilitar uma apropriação e adaptação à nova condição de saúde. Torna-se de extrema importância para o sucesso deste processo, que o paciente acometido obtenha o mínimo de informação e entendimento relacionado à doença, dentre eles, o reconhecimento de sinais e sintomas e o desejo de colaborar na adesão ao tratamento (FINKLER; VIVIAN, 2018; MANTOVANI, *et al.*, 2008).

Em um estudo qualitativo realizado no ano de 2010, foram abordados cinco participantes com IC, com idades entre 61 e 89 anos, a fim de investigar os fatores que influenciavam no seu autocontrole e quais competências e intervenções estes pacientes desenvolviam frente ao autocuidado. A transição frente à doença crônica, gerava mudanças pessoais e tende a deixar a pessoa acometida mais fragilizada para situações que podem atingi-la direta ou indiretamente. O estudo em questão apontou ainda, que a IC aumenta a vulnerabilidade do indivíduo, não somente pela repercussão na vida pessoal, como também pela inevitabilidade de movimentar recursos humanos ou materiais e pela dificuldade de aderir ao tratamento (MENDES; BASTOS; PAIVA, 2010).

Em outra investigação qualitativa, foram avaliados quatro pacientes cardíacos cirúrgicos, com idades entre 52 e 76 anos. Foi investigado como se caracterizavam os aspectos emocionais nestes pacientes, especificando também os fatores associados como ansiedade e depressão. Os instrumentos utilizados foram as escalas Beck de depressão e ansiedade, além de entrevista individual. Os níveis de ansiedade e depressão não foram significativos, ainda que haja necessidade de estar alerta quanto a estes fatores. As emoções que os pacientes verbalizaram ante a cirurgia foram dificuldade de compreensão e aceitação da notícia/fato de ter que passar por esse procedimento, medo de que a cirurgia não desse certo, de sentir dor, de ficar incapacitado para o trabalho ou de morrer. Destacou-se a relevância da espiritualidade como fator de proteção, bem como os sentimentos experienciados por esses pacientes, que podem ser amenizados com a escuta terapêutica, informações e esclarecimentos quanto ao procedimento e apoio aos familiares (GRISA; MONTEIRO, 2015).

Intervenção em grupo focal de psicologia realizada com a mesma população de pacientes com insuficiência cardíaca, no Rio Grande do Sul, apontou para a importância da ação extensionista de promoção da saúde dos participantes. Os grupos foram apontados pelos portadores de IC como estratégia de apoio e espaço enriquecedor para trocas e reflexões, onde as experiências compartilhadas em termos emocionais, para além dos aspectos físicos foram destacadas (FINKLER; VIVIAN, 2018). Sendo assim, diversos estudos evidenciaram que a qualidade de vida das pessoas com insuficiência cardíaca demonstrou melhores resultados a partir de intervenções terapêuticas (FINKLER; VIVIAN, 2018; GREEN *et al.*, 2000; MIANI *et al.*, 2003; VIVIAN; FINKLER; REBELO; POSTAY, 2017). A qualidade de vida e a saúde mental do sujeito acometido de uma doença cardíaca estão associadas ao grau de esperança, que se relaciona, por sua vez, ao autocuidado (EVANGELISTA *et al.*, 2003).

A correta identificação dos pacientes em sofrimento emocional favorece que uma intervenção adequada ocorra. Os profissionais precisam distinguir as reações de tristeza que são comuns ao contexto e à compreensão da doença e as reações de depressão, que carecem de um atendimento especializado. Essas intervenções têm como objetivo a diminuição da ansiedade e sintomas depressivos dos pacientes, a fim de promover *insights* sobre a experiência que estavam vivenciando. Nelas prioriza-se o desenvolvimento da aliança terapêutica e relação

de ajuda. As intervenções que são dirigidas exclusivamente para o apoio emocional, centradas no paciente e no contexto de complexidade que está vivenciando, contribuem para um ajustamento adequado (MENDES; EUFRÁSIO, 2013). De acordo com Sebastiani e Maia (2005), com o acompanhamento de um profissional de psicologia em uma equipe multidisciplinar, as fantasias, percepções, anseios, sintomas ansiogênicos e depressivos podem ser identificados e trabalhados de forma a não se tornarem uma barreira.

Ressalta-se a dificuldade em encontrar estudos que contemplem um contexto de maior estabilidade frente ao nível de gravidade da doença em foco (REBELO; VIVIAN, 2018). A maioria dos estudos encontrados envolveu pacientes instáveis, críticos, hospitalizados, pré-cirúrgicos, cirúrgicos ou pós-cirúrgicos. Diante do exposto, é possível observar que o diagnóstico de Insuficiência Cardíaca expõe os pacientes acometidos a prejuízos emocionais, psicológicos, sociais e físicos. Esta investigação torna-se necessária, devido ao reduzido número de artigos sobre o tema priorizando os aspectos psicológicos da qualidade de vida desses pacientes, bem como um olhar mais atento a este âmbito.

Sendo assim, o objetivo deste estudo foi compreender o impacto psicológico da Insuficiência Cardíaca para os pacientes, especificamente, identificar através de uma intervenção psicológica em grupo qual o impacto da Insuficiência Cardíaca na dimensão psicológica da qualidade de vida dos pacientes acometidos e investigar a repercussão da intervenção em grupo na qualidade de vida dos participantes, em relação aos aspectos psicológicos.

## **MÉTODO**

Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter exploratório e descritivo. Participaram deste estudo dez pessoas, sendo oito mulheres e dois homens, residentes da região Metropolitana de Porto Alegre, com idades entre 63 a 82 anos, diagnosticados com Insuficiência Cardíaca, no ano de 2017. Foram realizados 14 encontros, com duração de uma hora cada e frequência quinzenal. Os participantes foram escolhidos por conveniência e integravam os grupos de intervenção psicológica do Programa de Extensão em Reabilitação Cardiorrespiratória em que recebiam assistência multidisciplinar, através das ações realizadas

por professores e acadêmicos de Medicina, Fisioterapia, Educação Física, Biomedicina e Psicologia. Foram excluídos os pacientes com idade inferior a 18 anos.

A tabela 1 exibe a caracterização sociodemográfica dos participantes. Em relação ao estado civil, 40% são casados (4) e viúvas (4), e 20% divorciados (2). O nível de escolaridade variou desde ensino fundamental incompleto 10% (1), ensino fundamental completo 60% (6), até ensino médio completo 30% (3). Tratando-se da ocupação dos participantes, 60% (6) são aposentados, 10% (1) é representante comercial e 30% (3) não exercem atividade remunerada.

**Tabela 1.** Caracterização sociodemográfica dos participantes.

	<b>Frequência (n)</b>	<b>Porcentagem (%)</b>
<b>Sexo</b>		
Feminino	8	80
Masculino	2	20
<i>Total</i>	<i>10</i>	<i>100</i>
<b>Escolaridade</b>		
Ensino fundamental incompleto	1	10
Ensino fundamental	6	60
Ensino médio	3	30
<i>Total</i>	<i>10</i>	<i>100</i>
<b>Estado Civil</b>		
Casado (a)	4	40
Viúvo (a)	4	40
Divorciado (a)	2	20
<i>Total</i>	<i>10</i>	<i>100</i>
<b>Ocupação</b>		

Não trabalha	3	30
Aposentado	6	60
Representante comercial	1	10
<i>Total</i>	<i>10</i>	<i>100</i>

Fonte: Dados da Pesquisa.

A coleta de dados se deu nas dependências de um Centro multiprofissional de uma Universidade privada de Canoas, após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As intervenções foram realizadas em grupos, por sua habilidade de inserir os participantes no contexto dos temas trazidos nos encontros, estimulando assim o pensar, as atitudes, práticas e concepções dos participantes e pesquisadores (BACKES *et al*, 2011). Nos grupos foram discutidos os seguintes tópicos: Conceito de Psicologia, Psicoeducação das Emoções, Psicoeducação sobre a Insuficiência Cardíaca, Autocuidado, Relações Interpessoais e Qualidade de Vida (FINKLER; VIVIAN, 2018).

Como parte do projeto de extensão mencionado, os grupos de Psicologia eram conduzidos por uma moderadora, uma observadora e uma relatora, havendo revezamento dos papéis entre a equipe a cada novo grupo integrado pela primeira autora. Os dados coletados através da gravação e transcrição dos grupos e das entrevistas individuais, também realizadas pela primeira autora, foram submetidas à análise qualitativa de conteúdo de Bardin (2011), através da pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e interpretação. A sistematização dos relatos, ocorreu separadamente em cada categoria, entretanto para os casos de dúvida, recorreu-se um segundo autor como juiz.

No final de cada semestre, foram realizadas as referidas entrevistas semiestruturadas objetivando obter informações de forma mais profunda, abordando temas como: sentimentos ao receber o diagnóstico; cuidados necessários em relação à qualidade de vida; impacto nos planos de vida; principais mudanças na qualidade de vida; significado da IC em suas vidas; repercussão dos grupos. Tanto os relatos dos grupos focais como os dados das entrevistas individuais, foram gravados e transcritos na íntegra. Além disso, todos os participantes preencheram uma ficha de dados sociodemográficos, contendo informações sobre idade, ocupação, estado civil, escolaridade e renda.

A partir dos dados coletados das entrevistas individuais e dos grupos, foram elaboradas duas categorias, avaliadas através da análise qualitativa de Bardin (2011). Foi possível ter acesso às informações relativas ao impacto psicológico da Insuficiência Cardíaca na vida dos pacientes e as repercussões da intervenção psicológica na qualidade de vida, obtidas a partir das verbalizações dos participantes e analisadas à luz da literatura.

A coleta de dados foi realizada respeitando os procedimentos éticos, diretrizes e normas estabelecidas na Resolução n. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta as pesquisas envolvendo seres humanos. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Luterana do Brasil, sob o parecer no. 3.049.252.

## **RESULTADOS**

A seguir, apresenta-se a caracterização das categorias, impacto Psicológico da Insuficiência Cardíaca e repercussões da intervenção psicológica na qualidade de vida dos pacientes, buscando exemplificá-las através de relatos dos próprios participantes, tanto nos grupos, como nas entrevistas.

### **Impacto Psicológico da Insuficiência Cardíaca**

Nessa primeira categoria, observou-se o fato das transformações e limitações que a IC trouxe à vida dos pacientes, não só física como psicologicamente, além das adaptações que os mesmos necessitaram fazer em todos os âmbitos de suas vidas:

*“Eu tive que me adaptar em várias coisas. Eu tive que colocar o pé no freio, em tudo! Entendeu? Eu (...) tenho que ir devagar com tudo. Antes a vida pra mim era uma coisa e agora é outra e é bem diferente...eu já não era mais a mesma pessoa e acho que nunca mais vou ser”* (F. 64 anos); *“Meus vizinhos que mexem comigo: Dona W. era sempre a mil e agora é uma tartaruga (risos). Faz muita diferença... Não é como antes, agora é tudo devagar, então a gente estranha muito, porque a gente não tá com idade avançada e tenho esses problemas, então eu quero fazer, mas tem dias que a gente não vai em frente, fica tudo devagar”* (W. 69 anos).

Os aspectos psicológicos da qualidade de vida que interferiam na condição física foram ressaltados:

*“... Eu sei que nunca mais vou ser a mesma, eu quero varrer a minha casa um pouquinho mais rápido, claro, não quero ficar tantos dias varrendo uma casa, mas... (A. 67 anos). “... Porque eu já fui normal... e não é normal isso... eu sinto um cansaço assim de repente, é demais, (...) um cansaço. Eu estou bem diferente de antigamente, bah...” (F. 64 anos).*

O luto pelo corpo saudável também foi destacado, tendo como consequência uma maior dependência e regressão, acarretando forte impacto na qualidade de vida:

*“Eu sempre era muito dinâmica e muito independente, daí aconteceu tudo isso e estou muito dependente principalmente do marido, até para caminhar e, às vezes, eu dependo dele para muitas coisas e eu me sinto diminuída, né” (M.L. 74 anos).*

Nas falas a seguir pode-se perceber as emoções presentes no contexto da doença, sentidas pelos participantes, sendo as que surgiram com mais intensidade, o medo do desconhecido, da morte e o temor do significado de uma doença no coração:

*“...bah, já pensou aí tu fica no quarto pensando, meu Deus vão me abrir todo, vão serrar tudo, vão mexer no meu coração, vão tirar veia da minha perna, então tu fica com teu estado emocional bem abalado, mas eu suportei tudo isso..” (F. 64 anos).*

Destacou-se também a repercussão ao receber a notícia do diagnóstico e questões relacionadas às incertezas quanto ao futuro:

*“...quando recebi o diagnóstico, quando ia fazer os exames, quando fiz a cirurgia, aquilo dá um turbilhão de pensamento na cabeça da gente. Assim, como eu vou ficar depois da cirurgia? Será que eu vou ficar bem? Eu vou continuar minha vida?” (F. 64 anos).*

A preocupação com a família e o trabalho:

*“Será que vai dar pra eu viver o suficiente para criar e sustentar meus filhos? Eu tenho uma empresa e trabalho quase sozinho, como vou fazer? Eu tenho que estar lá. Eu me senti péssimo, e só pensava: ‘Meu Deus vai acabar tudo, vai acabar tudo, se eu ficar doente o que que vai ser?’ , é horrível pensar isso, pensava também ‘e agora será que isso é o fim? Será que eu não vou poder fazer mais nada’?” (F. 64 anos).*

Alguns participantes, além de terem que lidar com o adoecer e toda transformação na qualidade de vida, estavam também passando por situações de luto:

*“...antes eu ficava mais tristonha, recém tinha perdido o meu marido, eu nem queria sair de casa nem nada e aqui são muito atenciosos com a gente e a gente só agradece” (J. 82 anos).*

Demonstraram também capacidade de resiliência diante dos acontecimentos:

*“Minha autoestima era lá embaixo, eu pesava 99kg e nem caminhar direito eu caminhava, aí meu marido faleceu e eu fiquei sozinha, quase entrei em depressão, aí fiquei com a minha filha duas semanas e emagreci, quando voltei estava disposta a emagrecer e aí comecei a batalhar” (E. 64 anos).*

O sentimento de tristeza surgiu também ao se conscientizar da doença, mesmo sendo esperada devido à genética familiar:

*“Eu me senti triste, mas eu mais ou menos sabia que podia ter problema cardíaco, porque é de família, pai e mãe têm problemas cardíacos e entre nove irmãos né, então pra mim não foi bem novidade, e eu sou uma dos nove que o problema é menos grave” (W. 69 anos).*

Sintomas de ansiedade e estresse diante das limitações da doença foram relatados:

*“Eu tenho muita ansiedade, quando me dá falta de ar... Eu tenho falta de ar principalmente de noite, na hora de deitar e quando eu vou pra parada de ônibus eu tenho que ir devagar” (W. 69 anos); “É muito estresse, tu não faz atividade física, se alimenta mal, dorme mal, tu adquiriu um diabetes e desse diabetes foi pro coração e agora nós temos que reverter essa situação e eu tô aqui tentando melhorar” (F. 64 anos).*

A percepção e auto aceitação da condição de saúde também emergiu no decorrer dos grupos e entrevistas:

*“É, tem coisas que parece que na hora a gente não vai sobreviver, depois vê que a gente consegue” (A. 67 anos).*

### **Repercussão da intervenção psicológica na qualidade de vida dos pacientes**

A dimensão psicológica da qualidade de vida envolve o pensar, o aprender, a autoestima, sentimentos positivos, sentimentos negativos, imagem corporal, aparência e como o sujeito percebe suas emoções e sua afetividade (WHOQOL, 1998). Com base nestes conceitos, foram estruturados os resultados ilustrados a seguir:

As verbalizações quanto às repercussões da intervenção foram trazidas tanto nos grupos quanto nas entrevistas individuais. Na frase a seguir, verifica-se a capacidade e o interesse em adquirir novos conhecimentos, de aprender e refletir sobre os temas trazidos nos grupos:

*“Então assim, mais um enriquecimento de conhecimento na minha vida, porque quando vocês falam as coisas, eu presto muito bem a atenção... Quero penetrar no que vocês estão falando e quero absorver aquilo, porque é um conhecimento rico e que é bom, que faz bem!” (F. 64 anos).*

Destacou-se a importância e necessidade de obter mais conhecimento relacionado à IC e do aprendizado que os grupos proporcionaram além de contribuir para a relação paciente-médico:

*“E, às vezes, a gente pensa que falou tudo e chega em casa e esqueceu da metade. Eu vou trazer um caderninho pra anotar, muita coisa eu estou aprendendo aqui agora, e já deveria ter perguntado ao médico” (A. 67 anos).*

A oportunidade de falar e de ser ouvido sem julgamentos demonstrou ser terapêutica para os participantes, estimulando o pensar dos mesmos, bem como os sentimentos positivos alcançados:

*“Aqui no nosso grupo, se a gente for ver, a conversação é bem maior, a gente tava mais fechado, mas a abertura e confiança que a gente recebe de vocês e entre nós mesmos... A gente tá trazendo problemas que nós em casa a gente não conversa, às vezes, não tem essa conversação (...) para nós é maravilhoso isso aqui. O respeito, a humildade, tudo” (M.L. 74 anos).*

*“Aqueles momentos de alegria que a gente tem juntos, troca de ideias entre os idosos e vocês, da gente conversar, trocar ideia é muito bom, tem muitas explicações pra gente ter um melhor modo de vida e ver o que tem que melhorar na vida, pra se sentir bem” (W. 69 anos).*

Ao abordar, na entrevista individual, sobre o significado da intervenção e da psicologia na qualidade de vida do participante, verificou-se a desmistificação da assistência psicológica, bem como a resignificação do conceito e do exercício do profissional de psicologia, ilustrando o pensar e o aprender que compõem o domínio psicológico da qualidade de vida:

*“A psicologia é bom pra gente, antigamente se dissesse pra ir num psicólogo já pensava ‘mas eu não estou louco’, e não é isso, olha... eu gostaria de ter um psicólogo pra mim todo dia, porque assim ele me orienta na minha vida, entendeu? Ele me ajuda na minha vida. A psicologia pra mim foi uma das melhores coisas que tá acontecendo aqui, entendeu?... Porque dá uma ajitada na cabeça da gente, pra gente ter uma melhora de vida e pensar diferente porque até então a gente nem sabia viver” (F. 64 anos).*

Surgiram ainda verbalizações manifestando a autopercepção de cuidado, demonstrando como o sujeito se percebe:

*“porque o que a gente fazia de coisas erradas e tá aí os erros que a gente fazia, e o corpo cobra” (F. 64 anos);*

*“É que estou pensando muito diferente, a gente começa a pensar diferente, viver diferente, e começa a entender muitas coisas que a gente não entendia, que a gente nem sabia, então a gente aprende muitas coisas, aprende, vê, sente, e a psicologia é umas melhores coisas que aconteceu, ajuda a agente a pensar diferente, a viver diferente” (F. 64 anos).*

A mudança na autopercepção da afetividade e das emoções dos participantes após os grupos foram referidas:

*“O equilíbrio emocional é fundamental para sobreviver. Eu tenho que entender que eu tenho um limite, para viver esse equilíbrio, eu saber até onde eu posso ir”* (M.L. 74 anos).

Assim como a transformação dos sentimentos negativos em positivos e estimulando o pensar frente às situações negativas:

*“Quando eu cheguei aqui eu tava muito fragilizada, mas hoje tô bem, Graças a Deus e continuo até hoje aqui”* (A., 68 anos); *“Às vezes, o negativo é importante para a gente perceber que nem tudo está indo bem e poder pensar para melhorar. Se aquilo tu pode ou não pode”* (F. 64 anos).

O apoio familiar emergiu como fator importante para o grupo:

*“Eu me sinto muito amada e valorizada pelos meus familiares e quem está a minha volta”* (A. 68 anos).

A importância das intervenções realizadas, resultando em uma melhora na autoestima, no autocuidado e, conseqüentemente, na qualidade de vida também foi manifestada pelos participantes:

*“Os grupos me deram mais confiança, acreditar que eu posso melhorar, isso foi um apoio imprescindível pra mim, vocês me ajudaram muito, me ajudaram muito, eu tenho certeza disso, as conversas, os filmes, tudo que foi proposto, aquilo ajuda muito a gente”* (A. 68 anos);

*“Essas horas que a gente passa aqui, são as melhores horas pra gente. Aqui a gente ri, aqui a gente brinca”* (L. 77 anos).

A autoestima foi ressaltada pelos participantes como fator importante na qualidade de vida, sendo esta uma característica presente no domínio psicológico da qualidade de vida:

*“Eu acho que a auto estima acontece depois que a pessoa se reconhecer, se dar valor, de olhar pra vida dela e tentar melhorar a situação dela. Sempre pensando e melhorando naquilo que ela gosta e que ela quer”* (F. 64 anos);

*“Eu estou muito feliz (...) eu só pensava que não iria desistir e isso pra mim isso é um prêmio uma vitória. Aumentou a minha autoestima, né?”* (M.L. 75 anos).

A seguir, os dados aqui sistematizados serão discutidos, a partir da literatura revisada sobre o tema.

## **DISCUSSÃO**

A partir dos resultados e após análise dos relatos dos grupos e entrevistas semiestruturadas, foi possível compreender o impacto da IC em suas vidas e como a doença repercutiu na qualidade de vida dos pacientes no que diz respeito aos aspectos psicológicos. A análise dos dados foi realizada baseada nas categorias: impacto psicológico da Insuficiência Cardíaca e repercussão da intervenção psicológica na qualidade de vida dos pacientes, discutidos à luz da literatura sobre o tema.

Nas intervenções realizadas em grupo, foram reforçados os aspectos positivos de cada participante, obtendo o aumento da percepção das emoções e da afetividade de si próprios, sendo estes aspectos importantes no domínio psicológico da qualidade de vida, repercutindo de forma favorável na vida dos participantes. Ludwid e Muller (2009) referem que o Psicólogo que atua na área da saúde considera os aspectos saudáveis dos sujeitos, manifestado nas emoções positivas como a esperança, a coragem e a espiritualidade. Quando reconhecidas, essas potencialidades podem contribuir para um melhor prognóstico e adesão ao tratamento.

Foi possível observar, nas verbalizações dos participantes, a presença de apoio familiar, corroborando o estudo de Silva, Sousa e Ganassoli (2017), em que mensuraram os domínios da qualidade de vida de 90 idosos pelo protocolo World Health Organization Quality of Life, em sua forma abreviada (WHOQOL-Bref) criado pela Organização Mundial da Saúde, o estudo observou que o fator psicológico obteve as maiores médias, tanto com os homens quanto com as mulheres. Este dado foi considerado importante devido à prevalência de depressão e outros

agravantes de natureza psicológica nesta fase da vida. Os autores concluíram que o fato de muitos idosos relatarem ter boa relação e apoio de seus familiares pode ter correlação com o resultado obtido e sugerindo o desenvolvimento de programas de promoção da saúde do idoso. Este estudo foi considerado devido à fase do ciclo vital em que os participantes se encontravam.

Os relatos trazidos pelos participantes demonstraram o quanto as limitações físicas ocasionadas pela Insuficiência Cardíaca trouxeram forte impacto em suas vidas, o que foi corroborado no estudo realizado por Vasconcelos *et al* (2015). A percepção desta incapacidade física é associada à perda de autonomia, que, conseqüentemente, compromete o autocuidado do sujeito acometido, sendo necessário estimular a capacidade de adaptação à nova condição de saúde. Outro estudo, realizado por Saccomann, Cintra e Gallani (2011), mostrou que a dimensão física da qualidade de vida dos pacientes com IC é a mais comprometida. Esta também foi uma queixa bastante presente no discurso dos participantes do presente estudo.

As transformações que a IC trouxe para os pacientes acometidos, principalmente no que se diz respeito à falta de autonomia e dependência, pode interferir nas escolhas pessoais, devido a tais modificações, sendo de extrema importância um atendimento diferenciado de uma equipe multidisciplinar, oportunizando que os pacientes tenham uma melhor adaptação à nova realidade (AGUIAR *et al.*, 2011; FINKLER; VIVIAN, 2018; GRADY *et al.*, 2013; VIVIAN; POSTAY; REBELO; FINKLER, 2017). No sentido, estão os resultados encontrados nesse estudo, em que os pacientes são atendidos por uma equipe multidisciplinar e, por consequência, relataram repercussões favoráveis sobre sua qualidade de vida.

Mendes e Eufrásio (2013) referem que a doença cardíaca tem um significado simbólico importante na vida da pessoa acometida, tendo como consequência a vulnerabilidade emocional e fazendo com que estes pacientes se sintam mais fragilizados. Os grupos oportunizaram que os participantes trouxessem à tona suas fantasias, suas angústias, seus medos e anseios em relação à Insuficiência Cardíaca. A intervenção psicológica em grupo propiciou um espaço terapêutico promotor de qualidade de vida, corroborando diversos autores (FINKLER; VIVIAN, 2018; GREEN *et al.*, 2000; MIANI *et al.*, 2003).

De acordo com Danner, Snowdon e Friesen (2001), as emoções positivas têm forte efeito sobre os sintomas de estresse e ansiedade no sistema cardiovascular. Sendo assim, uma atitude positiva, como o otimismo, possibilita que as situações ou eventos negativos sejam encarados com esperança e confiança de que as circunstâncias podem melhorar. Ressalta-se que o contexto dos participantes deste estudo foi de estabilidade frente à doença cardiovascular, podendo assim se observar que, mesmo passando por situações diversas, a maioria dos pacientes apresentavam sentimentos de otimismo e gratidão por estarem clinicamente estáveis, evidenciando os sentimentos positivos que fazem parte da dimensão psicológica da qualidade de vida.

Os relatos demonstraram o quanto foi importante e esclarecedor para os pacientes receberem informações relacionadas à Insuficiência Cardíaca e como isto contribuiu na comunicação com o médico e toda equipe multidisciplinar, possibilitando a melhoria da qualidade de vida e a oportunidade de aprender e refletir sobre sua condição de saúde, fato este corroborado no estudo de Mantovani *et al.*, 2008. Outro estudo evidenciou que o conhecimento sobre a doença e seus sintomas é de suma importância, principalmente para que o paciente possa reconhecê-los, tendo um significativo aumento na adesão ao tratamento e melhora no prognóstico (CUSTÓDIO *et al.*, 2015), o que vai ao encontro dos resultados obtidos no presente estudo.

Levando em consideração que nenhum dos participantes deste estudo era cirúrgico, porém, todos já haviam passado por procedimentos invasivos no passado, os sentimentos e emoções corroboram os resultados obtidos por Grisa e Monteiro (2015), ratificando a importância do apoio terapêutico e da psicoeducação sobre a doença. Os autores acima averiguaram como se caracterizavam os aspectos emocionais nos participantes. As emoções que os pacientes verbalizaram ante a cirurgia foram dificuldade de compreensão e aceitação de ter que passar por um procedimento, medo de que a cirurgia não desse certo, de sentir dor, de ficar incapacitado para o trabalho ou de morrer. Como destaque, os autores afirmaram que os sentimentos vivenciados por estes pacientes podem ser amenizados com a escuta terapêutica,

informações e esclarecimentos quanto ao procedimento e apoio aos familiares. Ressaltando a contribuição das intervenções em grupo realizadas neste trabalho.

A partir das verbalizações dos pacientes do presente estudo, foi possível perceber as repercussões favoráveis da intervenção psicológica na qualidade de vida, constatando a importância da promoção dos grupos e o quanto a saúde emocional está intimamente ligada à qualidade de vida, evidenciando o que a literatura traz. Clark, Dantas e Pelegrino, 2011, investigaram as variáveis associadas à qualidade de vida relacionada à saúde (QVRS) de 130 pacientes diagnosticados com Insuficiência Cardíaca atendidos em um ambulatório de um hospital da cidade de São Paulo. Verificou-se que a variável de saúde mental medida pelo instrumento SF-36 teve associação significativa com a QVRS, ratificando muitos estudos que destacam que os fatores psicológicos colaboram para a qualidade de vida destes pacientes, confirmando também a importância de se manterem saudáveis emocionalmente. Os autores concluem o estudo sugerindo que intervenções direcionadas à saúde mental podem ser de grande utilidade para a melhora do nível de QVRS dos pacientes com Insuficiência Cardíaca.

Sousa *et al* (2017) realizaram um estudo quantitativo, o qual foi mensurado pelo instrumento *Minnesota Living with Heart Failure Questionnaire* (MLHFQ) analisando as principais dimensões da qualidade de vida. Destacaram-se nos resultados as variáveis relacionadas a sentimentos de preocupação e depressão, concluindo e sugerindo que grupos de apoio psicológico são promotores de saúde e equilíbrio emocional na vida dos pacientes acometidos de IC, fato que foi passível de comprovação nos resultados do atual estudo.

Conforme Laham (2008), a intervenção psicológica em pacientes cardíacos é de grande contribuição para a superação dos conflitos e do impacto gerados pela doença, podendo influenciar na modificação de hábitos e comportamentos danosos e na reinserção do sujeito na sociedade em suas principais atividades que devido à condição acabou afastando-se. Dados que confirmam os resultados obtidos neste estudo, no qual os pacientes conseguiram modificar seu autocuidado, aprendendo e refletir sobre sua doença, socializando com os demais integrantes, adotando estratégias saudáveis de enfrentamento da doença e, conseqüentemente, obtendo um aumento da qualidade de vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se nos resultados descritos que as possibilidades de aprendizagem quanto à enfermidade, acabaram por estimular a capacidade reflexiva, favorecendo um espaço terapêutico acolhedor e afetuoso, que refletiu diretamente na promoção da saúde, do bem-estar e da qualidade de vida dos participantes. A intervenção psicológica em grupo possibilitou o incremento do autocuidado e da percepção das emoções e afetividade, sendo estes aspectos importantes do domínio psicológico da qualidade de vida, que foi o foco deste estudo.

Os participantes foram unânimes em evidenciar a repercussão positiva dos grupos. A possibilidade de ter um espaço para dialogar a respeito da IC, de seu impacto na vida cotidiana, do reconhecimento em seus pares das mesmas dificuldades, ou seja, da universalização do conflito repercutiu na qualidade de vida, em especial no que tange ao seu domínio psicológico, expressando, desta forma, os benefícios oriundos dos grupos.

Compreende-se que os aspectos quanto à vulnerabilidade nos relacionamentos pessoais e dificuldade nas atividades sociais não obtiveram destaque nesta pesquisa, devido ao fato de os participantes já receberem assistência e acompanhamento sistemáticos de uma equipe multidisciplinar, possibilitando a prevenção e promoção da saúde. Os resultados deste estudo ressaltaram fatores como limitação em seus afazeres diários, especialmente nas atividades domésticas. Este aspecto pode ser esclarecido devido ao fato de que a maioria estavam aposentados ou não exercendo atividade remunerada. Como destaque para o impacto da doença na vida dos pacientes, a incapacidade física e sentimentos de dependência foram o que mais emergiu nas verbalizações analisadas. Referentes aos aspectos aparência e imagem corporal, não foram encontrados estudos evidenciando estes dados em pacientes com IC.

Como limitação deste trabalho destacou-se o contexto em que os participantes se encontravam, ou seja, de estabilidade frente à Insuficiência Cardíaca. Tal situação não faz com que indivíduos com IC não sintam, de alguma forma, o impacto acarretado pela doença, mesmo diante do contexto de estabilidade clínica, o qual foi comprovado no presente estudo, e, por este motivo, foi possível constatar a falta de estudos baseados neste perfil de pacientes. Ressalta-se

que um estudo com maior número de participantes poderia fornecer conclusões adicionais e maiores conhecimentos a respeito dos aspectos psicológicos da qualidade de vida destes pacientes.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M. I. F. *et al.* Qualidade de vida de pacientes submetidos ao transplante cardíaco: aplicação da escala Whoqol-Bref. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, v. 96, n. 1, p. 60-7, 2011.
- BACKES, D. S. *et al.* Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **O Mundo da Saúde**, v. 35, n. 4, p. 438-442, 2011.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1. ed. São Paulo: Almedina, 2011.
- CLARK, A. M.; DANTAS, R. A. S.; PELEGRINO, V. M. Determinantes da qualidade de vida relacionada à saúde em pacientes ambulatoriais com insuficiência cardíaca. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 19, n. 3, 2011.
- CUSTÓDIO, I. L. *et al.* Ações de promoção da saúde a pacientes com doenças cardiovasculares: revisão integrativa. **Revista Enfermagem**, v. 9, n. 7, p. 8583-8592, 2015.
- DANNER, D. D.; SNOWDON, D. A.; FRIESEN, W. V. Positive emotions in early life and longevity: findings from the nun study. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 80, n. 5, 804-813, 2001.
- EVANGELISTA, L. S. *et al.* Hope, mood states and quality of life in female heart transplant recipients. **The Journal of Heart and Lung Transplantation**, v. 22, n. 6, p. 681-686, 2003.
- FINKLER, A. L. Q.; VIVIAN, A. G. Grupo focal de psicologia em pacientes com insuficiência cardíaca. **Aletheia**, v. 51, n.1-2, p. 80-96, 2018.
- GARBIN L. M.; PELEGRINO V. M.; DANTAS R. A. Avaliação do apoio social e sua relação com variáveis sociodemográficas de pacientes com insuficiência cardíaca em seguimento ambulatorial. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 6, n. 4, p. 456-462, 2007.
- GRADY, K. L. Factors associated with stress and coping at 5 and 10 years after heart transplantation. **Journal Heart Lung Transplant**, v. 32, n. 4, p. 437-46, 2013.

GREEN C. P. et al. Development and evaluation of the Kansas City cardiomyopathy questionnaire: A new health status measure for heart failure. **Journal of the American College of Cardiology**, v. 5, n. 35, p. 1245-1255, 2000.

GRISA, G. H.; MONTEIRO, J. K. Aspectos emocionais do paciente cardíaco cirúrgico no período pré-operatório. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 8, n. 1, p. 111-130, 2015.

HEO, S.; LENNIE, T. A.; MOSER, D. K. Quality of life in patients with heart failure: ask the patients. **Heart & Lung**, v. 38, n. 2, p. 100-8, 2009.

LAHAM, M. Psicocardiología: Su Importancia en la Prevención y la Rehabilitación Coronarias. **Revista Suma Psicológica**, v. 15, n. 1, p. 143-170, 2008.

LUDWIG, M. W. B.; MULLER, M. C. Psicologia da saúde: propostas de intervenção. *In*: Cenci, C. M. B.; Maurina, L. R. C.; Wagner, M. F. **Intervenções da Psicologia**: transitando em diferentes contextos. Passo Fundo: IMED; 2009.

MANTOVANI, M. F. *et al.* O significado e a representação da doença crônica: conhecimento do portador de hipertensão arterial acerca de sua enfermidade. **Revista Cogitare Enfermagem**, v. 13, n. 3, p. 336-42, 2008.

MENDES, A. M. O. C.; EUFRÁSIO, M. L. P. Análise compreensiva de uma intervenção na ansiedade e depressão em doentes hospitalizados com insuficiência cardíaca. **Revista de Enfermagem Referência**, v. 3, n. 11, p. 29-35, 2013.

MENDES, A. P.; BASTOS, F.; PAIVA, A. A pessoa com Insuficiência Cardíaca. Factores que facilitam/dificultam a transição saúde/doença. **Revista de Enfermagem Referência**, v. 3, n. 2, p. 7-16, 2010.

MIANI, D. et al. The Kansas City cardiomyopathy questionnaire: Italian translation and validation. **Italian Heart Journal**, v. 4, n. 9, p. 620-626, 2003.

OGUZ, S.; ENÇ, N. Symptoms and strategies in heart failure self-management in Turkey. **International Journal of Nursing Knowledge**, v. 56, n. 2, p. 149, 2009.

PADILHA, R. V.; KRISTENSEN, C. H. Estudo exploratório sobre medo e ansiedade em pacientes submetidos ao cateterismo cardíaco. **Psico**, v. 37, n. 3, p. 233-240, 2006.

REBELO, S. S.; VIVIAN, A. G. Aspectos psicológicos da qualidade de vida de pacientes com insuficiência cardíaca: uma intervenção em grupo. *In*: Simpósio de Psicologia no Congresso da Sociedade de Cardiologia do Estado do Rio Grande do Sul – SOCERGS. Gramado: SOCERGS, 2018.

RUSCHEL, P. P. **Quando o luto adoce o coração**: luto não-elaborado e infarto. Porto Alegre: EDIPU3CRS, 2006.

SACCOMANN, I. C. R.; CINTRA, F. A.; GALLANI, M. C. B. J. Qualidade de vida relacionada à Saúde em Idosos com Insuficiência Cardíaca: avaliação com instrumento específico. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 24, n. 2, p. 179-84, 2011.

SANTOS, A. C. S. *et al.* Insuficiência cardíaca: estratégias usadas por idosos na busca por qualidade de vida. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 64, n. 5, p. 857-863, 2011.

SANTOS, S. R. Qualidade de vida do idoso na comunidade: aplicação da escala de Flanagan. **Revista Latino-Americana Enfermagem**, v. 10, n. 6, p. 757-764, 2002.

SEBASTIANI, R. W.; MAIA, E. M. C. Contribuições da psicologia da saúde– hospitalar na atenção ao paciente cirúrgico. **Acta Cirúrgica Brasileira**, v. 20, n. 1, p. 50-51, 2005.

SILVA, J. A. C.; SOUZA, L. E. A.; GANASSOLI, C. Qualidade de vida na terceira idade: prevalência de fatores intervenientes. **Revista Sociedade Brasileira Clínica Médica**, v. 15, n. 3, p. 146-9, 2017.

SOUSA, M. M. *et al.* Efeitos físicos e psicossociais da insuficiência cardíaca na percepção da qualidade de vida. **Revista Cogitare Enfermagem**, v. 22, n. 2, 2017.

STRÖMBERG, A. Patient-related factors of compliance in heart failure: some new insights an old problem. **European Heart Journal**, v. 27, n. 4, p. 379-381, 2006.

THE WHOQOL GROUP. The World Health Organization quality of life assessment (WHOQOL): development and general psychometric properties. **Social Science & Medicine**, v. 46, n. 12, p. 1569-1585, 1998.

VASCONCELOS, A. G. *et al.* Repercussões no cotidiano dos pacientes pós-transplante cardíaco. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 28, n. 6, p. 573-579, 2015.

VIVIAN, A. G.; FINKLER, A. L. Q.; REBELO, S. DA S.; POSTAY, K. C. Grupos de pacientes com insuficiência cardíaca: relato de experiência de intervenção psicológica. *In: Anais do Congresso da Sociedade de Cardiologia Do Estado do Rio Grande do Sul – SOCERGS*. Gramado: SOCERGS, 2017.

VIVIAN, A. G; POSTAY, K. C.; REBELO, S. S.; FINKLER, A. L. Q. Intervenção da Psicologia em equipe multidisciplinar: grupos de promoção da saúde para pacientes com insuficiência cardíaca. *In: Anais do IX Salão de Extensão*. Canoas: ULBRA, 2017.

WHILE, A.; KIEK, F. Chronic heart failure: promoting quality of life. **British Journal of Community Nursing**, v. 14, n. 2, p. 54-59, 2009.

**Artigo recebido em** 13 de maio de 2021.

**Artigo aprovado em** 15 de dezembro de 2021.

**A IMPORTÂNCIA DOS MERCADOS LOCAIS PARA PRODUÇÃO  
AGROECOLÓGICA: ESTUDO DE UMA FEIRA NA ZONA DA MATA  
DE MINAS GERAIS**

**THE IMPORTANCE OF LOCAL MARKETING FOR THE  
AGROECOLOGICAL PRODUCTION: A STUDY OF A FAIR IN THE  
REGION OF ZONA DA MATA, MG**

**LA IMPORTANCIA DE LOS MERCADOS LOCALES PARA LA  
PRODUCCIÓN AGROECOLÓGICA: ESTUDIO DE UNA FERIA EN LA  
ZONA DA MATA, MG**

Fabício Geraldo de Assis<sup>1</sup>  
Bianca Aparecida Lima Costa<sup>2</sup>  
Silvia Eloiza Priore<sup>3</sup>

**RESUMO**

O presente trabalho trata-se de um estudo de caso do Quintal Solidário - Feira de Economia Solidária e Agricultura Familiar, que busca analisar a importância da constituição de mercados fundamentados em circuitos curtos de comercialização para agricultura familiar com produção agroecológica e as novas relações de produção e consumo. O estudo pode ser classificado como qualitativo e a obtenção de dados se deu por entrevistas semiestruturadas, realizadas após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Viçosa (UFV), no mês de novembro de 2018, durante as feiras, no seu próprio ambiente e em seu horário de funcionamento. Na visão dos agricultores(as), a feira desempenha papel fundamental no fortalecimento da agricultura familiar e agroecologia, pois é uma iniciativa capaz de impulsionar a comercialização e elevar a renda das famílias, redirecionando os sistemas de produção e o consumo para atividades mais sustentáveis.

**Palavras-chave:** Agricultura Familiar; Agroecologia; Feiras Livres.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Cooperativismo pela Universidade Federal de Viçosa, UFV, Brasil. E-mail para contato: [fabricaoassis.coop@gmail.com](mailto:fabricaoassis.coop@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestrado e Doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

<sup>3</sup> Graduação em Nutrição pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestrado e Doutorado em Ciência da Nutrição pela Escola Paulista de Medicina/Universidade Federal de São Paulo.

## ABSTRACT

The present work is a case study of the solidarity yard - solidarity economy and family farming fair, seeking to analyze the importance of establishing markets based on short marketing circuits for family farming with agroecological production and the new relations of production and consumption. The study can be classified as qualitative and the results were obtained through semi-structured interviews, conducted after approval by Comitê de Ética em Pesquisa of the Federal University of Viçosa (UFV), in november 2018, during the fairs, in its own environment and opening hours. In the farmers' view, the fair plays a fundamental role in strengthening family farming and agroecology, because it's an initiative capable of boosting marketing and raising household incomes, redirecting production systems and consumption towards more sustainable activities.

**Keywords:** Family Farming; Agroecology; Street Fairs.

## RESUMEN

El presente trabajo es un estudio de caso del “Quintal Solidário - Feira de Economia Solidária e Agricultura Familiar”, que busca analizar la importancia de la constitución de mercados basados en circuitos cortos de comercialización para la agricultura familiar con producción agroecológica y nuevas relaciones de producción y consumo. El estudio puede ser clasificado como cualitativo y la obtención de los datos fueran por medio de entrevistas semi estructuradas realizadas después de la aprobación del Comité de Ética y Investigación de la Universidade Federal de Viçosa (UFV), en noviembre de 2018. Las entrevistas fueran realizadas en el sitio donde se realiza el mercado. En la opinión de los agricultores, el mercado tiene un papel fundamental para el fortalecimiento de la agroecología y de la agricultura familiar, ya que es capaz de impulsar la comercialización y aumentar los ingresos de las familias, redirigiendo los sistemas de producción y consumo para actividades más sostenibles.

**Palabras clave:** Agricultura Familiar; Agroecología; Mercados Campesinos.

## INTRODUÇÃO

O sistema agroalimentar passou por mudanças significativas nos últimos 150 anos e um dos resultados desse processo foi a desconexão entre produção e consumo alimentar (SEVILLA et al., 2012). Após a intensificação e especialização agrícola que ocorreu em vários países no que ficou conhecido como “revolução verde”, a venda direta de produtos locais para alimentação passou por uma relevante transformação (DAROLT, 2013).

Ao enfrentar dificuldades relacionadas à sua inserção no mercado, um grande número de agricultores(as) tiveram que optar por trabalhar para abastecer às grandes redes varejistas, o

que provocou maior afastamento entre cidade e o campo e conduziu o modelo de produção, distribuição e consumo concentrado em circuitos longos (DAROLT, 2013).

Esta mudança fez com que crescesse o descontentamento dos agricultores(as) familiares com a organização de mercado que passou a favorecer predominantemente grandes produtores(as), e também dos consumidores(as) que têm o interesse em comprar produtos mais saudáveis, cultivados de modo sustentável, com preços mais justos e tendo conhecimento da origem e as pessoas que os produz (DAROLT, 2013).

Nesse contexto, as feiras livres se apresentam como alternativas de comercialização dos produtos advindos da agricultura familiar, além de estabelecer uma lógica que se opõe à das grandes redes varejistas, promovendo uma relação real entre quem consome e quem produz (DE CARVALHO; DA COSTA, 2018).

Algumas feiras de agricultura familiar comercializam especificamente “produtos agroecológicos”. A agroecologia se refere a uma compreensão da agricultura não só como atividade produtiva agropecuária, mas sim como atividade relacionada a um modelo “socialmente justo” e ambientalmente sustentável de desenvolvimento rural (ARAÚJO; LIMA; MACAMBIRA, 2015).

É notória a importância socioeconômica das feiras livres, porém, pode-se notar que na maioria das vezes os trabalhos voltados às feiras possuem um caráter estritamente mercadológico, desconsiderando vários outros aspectos importantes sejam no âmbito econômico, social, cultural ou ambiental (GODOY, ANJOS, 2007).

As feiras livres são uma modalidade de comércio tradicional na cidade de Viçosa-MG. A primeira feira livre da cidade foi iniciada há aproximadamente cinquenta anos (1967) e teve como principal motivação a pouca disponibilidade de legumes e verduras no comércio local (LELIS et al, 2017). Além desta feira, existem em Viçosa-MG mais três feiras voltadas à comercialização dos produtos advindos da agricultura familiar, sendo elas, a Feira Agroecológica e Cultural da Viçosa, o Quintal Solidário e a Feira Noturna da cidade de Viçosa.

O presente trabalho trata-se de um estudo de caso do Quintal Solidário - Feira de Economia Solidária e Agricultura Familiar e tem como objetivo analisar a importância da constituição de novos mercados para agricultura familiar fundamentados em circuitos curtos de comercialização e as novas relações de produção e consumo, através da análise do perfil dos(as) feirantes de acordo com critérios de renda, tipo de produção e percentual de renda. A partir da comercialização na feira, foram identificados os principais desafios dos agricultores(as) familiares em relação à produção agroecológica.

Este estudo está dividido em quatro seções. Na primeira, são apresentados e discutidos os pressupostos teóricos que embasaram este trabalho. Na segunda, são apresentados os aspectos metodológicos que constituíram esta pesquisa, tais como os participantes, os instrumentos de coleta de dados e procedimentos análise. Na terceira seção, são analisados e discutidos os dados obtidos através da realização das entrevistas. E, por fim, são apresentadas as considerações finais sobre a temática em questão.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **A difusão da agroecologia e suas perspectivas no Brasil**

Para melhor entender o contexto que ganha força as correntes de agricultura alternativa no Brasil, deve-se primeiro analisar o processo de modernização da agricultura que ocorreu em nosso país e entendermos melhor o contexto histórico e efeitos do que ficou conhecido como “Revolução Verde”.

Ao término da Segunda Guerra Mundial, um período de tensão tomou conta do mundo, o problema da fome tornava-se cada vez mais sério, fruto de uma crise econômica, social e política que vários países vinham enfrentando. É nesta conjuntura que a Revolução Verde ganhou força, com o principal argumento de reduzir a fome no cenário mundial (DE ANDRADES; GANIMI, 2007).

Segundo Neto (2014), a Revolução Verde pode ser entendida como a busca por avanços técnicos na agricultura fundamentados principalmente na elevação da produtividade. Trata-se de um modelo de produção baseado na mecanização da agricultura e no uso intensivo de agrotóxicos e fertilizantes.

A disseminação desses sistemas modernizados agroindustriais no Brasil se deu com grande apoio e suporte do governo. Para os agricultores(as) ingressarem no novo sistema de produção se fazia necessária a realização de altos investimentos financeiros, nesse sentido, o governo criou várias estratégias em busca de sua viabilidade, oferecendo subsídios e isenções fiscais para o uso de insumos industriais, financiamentos a taxas negativas de juros, etc. (NETO, 2014).

Após a Revolução Verde, constatou-se de fato o aumento significativo da produção agrícola, porém, surgiram diversas preocupações relacionadas aos impactos provocados por esse padrão produtivo (DE ANDRADES; GANIMI, 2007).

Do ponto de vista social, o processo de modernização provocou um crescente êxodo rural, com elevação da concentração fundiária e de renda. A progressiva mecanização da agricultura foi acentuando o desemprego no campo, levando centenas de pessoas a migrar para as cidades grandes. O financiamento para modernização citado anteriormente não atingiu de forma igualitária todos os estabelecimentos agrícolas, beneficiando majoritariamente grandes agricultores(as), o que elevou a concentração fundiária e de renda (DE ANDRADES; GANIMI, 2007).

No âmbito ambiental, os impactos foram significativos. Podemos citar o desmatamento de grandes áreas que foram destinadas ao cultivo de monoculturas, utilização massiva de agrotóxicos e outros produtos químicos que culminou na contaminação das águas e do solo de diversos locais, dentre diversos outros fatores (DE ANDRADES; GANIMI, 2007).

É nesse contexto que a agroecologia ganha força na década de 1970, com a intenção de unificar diferentes movimentos de agricultura alternativa que já vinham avançando desde a década de 1920, e tendo como um de seus principais pressupostos o rompimento com estilo

convencional de agricultura que passou a ser hegemônico. Através da agroecologia, busca-se o redesenho dos sistemas de produção, retomando um sentido de produção agrícola que respeite o meio ambiente, ao mesmo tempo em que utilize seus recursos de forma inteligente (ASSIS; ROMEIRO, 2002).

Segundo Canuto (2017), este redesenho dos sistemas de produção, dentro de uma perspectiva agroecológica, significa incentivar a geração de benefícios provenientes da biodiversidade, como a autorregulação entre os componentes biológicos, para que eles próprios garantam a fertilidade do solo, a produtividade e a proteção das culturas.

A agroecologia é uma ciência que busca relacionar o saber de diferentes áreas do conhecimento no intuito de propor um direcionamento para a agricultura que respeite as condições ambientais impostas pela natureza a esta atividade. Nesse sentido, o processo de produção agrícola deve estar necessariamente vinculado a um desenvolvimento social e econômico sustentável (ASSIS; ROMEIRO, 2002).

Feiden (2005) destaca a multidisciplinaridade da agroecologia, que busca incorporar diversos fatores de ordem social e cultural, dando importância, por exemplo, ao conhecimento tradicional das comunidades. Segundo o autor:

Ao incorporar as questões sociais e respeitar a cultura e o conhecimento local, busca preservar a identidade, os costumes e as tradições de cada povo, propiciando a conquista de direitos sociais e a melhoria da qualidade de vida dessas populações, ao invés de focar apenas a produção pela produção, esquecendo as aspirações dos homens responsáveis por esta (FEIDEN, 2005, p.66).

A agroecologia vem conquistando cada vez mais importância nas últimas duas décadas. Com relação a aspectos referentes à regulamentação da agricultura orgânica no país, através da publicação da Lei no 10.831/2003, se definiu e estabeleceu requisitos necessários para a produção e a comercialização de produtos da agricultura orgânica. Em 20 de agosto de 2012, através do decreto Nº 7.794, foi instituída a Política Nacional de Agroecologia e Produção

Orgânica (PNAPO). Segundo Monteiro e Londres (2017, p.76), a política “é um marco histórico de grande relevância para o movimento agroecológico brasileiro”.

Niederle e Almeida (2013, p.23-24) destacam a importância desses avanços na trajetória da agroecologia no Brasil. Segundo os autores “essas mudanças têm incorrido em um rápido movimento de institucionalização da agroecologia, compreendido aqui pela conjunção entre a crescente inserção nos mercados e a formatação de um quadro específico de normas e regras de produção”.

Esses avanços trazem inúmeros benefícios especialmente para a agricultura familiar, pois fundamentam experiências como a do Quintal Solidário - Feira de Economia Solidária e Agricultura Familiar, que acontece no município de Viçosa-MG desde 2016. Assim, têm sido gerados inúmeros benefícios econômicos e relativos à segurança alimentar e à qualidade de vida através da agroecologia, que cada vez mais se mostra um caminho para garantir a sustentabilidade da agricultura familiar no meio rural (SANTOS *et al.*, 2014).

De acordo com Busarello e Watanabe (2014), as feiras são espaços de comercialização marcados por fortes características da economia solidária, visto que os agricultores(as) necessitam se unir em redes de cooperação para sobreviver às barreiras impostas por regras de mercado que contrariam instituições locais.

Dubeux e Batista (2017) destacam a relevância da construção desses mercados quanto se discute Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. De acordo com as autoras, hoje em dia existe um grave problema referente ao tipo de alimentação a que tem acesso grande parte das pessoas nos mercados convencionais, assim, as feiras agroecológicas vêm garantindo o acesso das pessoas a uma alimentação saudável de um ponto de vista nutricional, assim como social e ecológico.

Para Dubeux e Batista (2017), a construção de mercados deve fundamentar-se em princípios e práticas que favoreçam a aproximação entre agricultores(as) e consumidores(as), priorizando circuitos curtos de comercialização, pois dessa forma aconteceria uma

reapropriação do mercado que se encontra atualmente nas mãos de um grande número de intermediários.

No próximo tópico são trabalhados os conceitos de circuito curto de comercialização, as principais características dos agricultores(as) que acessam tais mercados, além dos mecanismos de certificação para comercialização dos produtos como orgânicos, ferramenta de grande importância na construção desse mercado.

### **Circuitos curtos de comercialização: mercados para Agricultura Familiar**

A agricultura orgânica e de base agroecológica tem se revelado um dos segmentos agroalimentares com maior crescimento no mundo. Quando se fala em moldes de produção mais sustentáveis deve-se salientar o domínio da agricultura familiar neste mercado (NIEDERLE; ALMEIDA, 2013).

Segundo Darolt (2013), para se criar um modelo de consumo alimentar ecologicamente correto, um dos desafios é aproximar produtores(as) e consumidores(as), e buscar estimular a compra de alimentos de base ecológica em circuitos curtos de comercialização.

De acordo com Cassol e Schneider (2015), a principal característica das cadeias curtas de produção e comercialização está associada à distância física do percurso entre os produtores primários e os destinatários finais dos alimentos, que opõe à lógica dos circuitos longos, formados por redes industriais de abastecimento que distanciam e separam cada vez mais esses atores.

Outra característica essencial dos circuitos curtos é que a comercialização dos produtos é realizada por venda direta do produtor ao consumidor ou por venda indireta por meio de um único intermediário (DAROLT, 2013).

Segundo Darolt (2013), os agricultores(as) que comercializam em circuitos curtos são predominantemente provenientes da agricultura familiar e possuem uma propriedade inferior a 20 hectares. Outra característica das propriedades agroecológicas em circuitos curtos é a

diversificação, segundo o autor grande parte dos agricultores(as) trabalha concomitantemente com sistemas vegetais e animais integrados. Mais um ponto importante a ser destacado é a maior liberdade do agricultor em relação aos circuitos longos, pois o agricultor ecológico que vende em circuitos longos, geralmente, está ligado a empresas que de certa forma influenciam sua produção.

Darolt (2013) destaca o crescimento de novas alternativas para os agricultores(as) se inserirem no mercado, como a opção de cestas em domicílio, vendas na propriedade associadas a circuitos de turismo rural, restaurantes, lojas especializadas e cooperativas de consumidores, além de vendas em lojas virtuais pela internet.

No Brasil, a maioria dos produtores(as) de base ecológica com bons resultados de comercialização em circuitos curtos têm utilizado pelo menos dois canais de venda, sendo eles as feiras e programas de governo (DAROLT, 2013).

As feiras livres estão dentre as principais estratégias que podem facilitar o acesso a mercados. Essas experiências fortalecem não só a organização econômica, uma vez os agricultores(as) produzem e comercializam seus produtos podendo elevar sua renda, eliminando os atravessadores, como também diversos outros fatores:

Este canal de comercialização tem uma característica muito particular de interação, proporcionando a aproximação e a troca de saberes, não apenas entre o rural-urbano, mas, sobretudo do próprio rural. O “espaço-feira” tem proporcionado o conhecimento recíproco dos agricultores e das suas experiências, fato este que dificilmente poderia ocorrer se fossem utilizados outros canais de comercialização mais individualizados (GODOY; ANJOS, 2007, p. 366).

Quando se fala em construção de mercados para Agricultura Familiar, cabe ressaltar o papel importante da certificação da produção para que os agricultores(as) possam comercializar seus produtos como "Orgânicos" no Brasil. No Brasil, existem diferentes formas de certificação, como a Certificação por Auditoria, os Sistemas Participativos de Garantia (SPG) e a garantia da conformidade orgânica via Organizações de Controle Social (OCS) (SCHMITT; GRISA, 2013).

A Certificação por Auditoria é feita por uma empresa certificadora, pública ou privada, que pode ter ou não finalidade lucrativa, credenciada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Através de inspeções e auditorias na propriedade, a certificadora visa atestar que o sistema de produção atende o regulamento da produção orgânica desde a produção até o consumo (VRIESMAN *et al.*, 2012).

O SPG é formado por produtores(as), consultores(as) e consumidores(as) e por um Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade (OPAC), habilitado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), que assume o compromisso formalmente pelas atividades realizadas num SPG. Os SPG pretendem obter a maior participação possível de todos os sujeitos que possuem interesse nos processos de avaliação participativa da conformidade. Através dessa participação colaborativa, onde os membros dividem as obrigações, tornam-se mais amplas as avaliações e decisões relacionadas à adequação dos produtos (FONSECA, 2009).

A garantia da qualidade orgânica via OCS é voltada a agricultores(as) familiares (com ou sem personalidade jurídica) que atuam na comercialização direta de sua produção. Seguindo as premissas técnicas da legislação, a garantia da qualidade orgânica se dá pela relação de confiança, comprometimento e transparência das pessoas que fazem parte do processo. A OCS deve estar adequadamente cadastrada nos órgãos fiscalizadores do governo federal, ademais, o produtor tem como dever autorizar a visita de consumidores ou órgãos fiscalizadores às unidades de produção (VRIESMAN *et al.*, 2012).

Além das modalidades de certificação apresentadas anteriormente, os agricultores(as) do estado de Minas Gerais podem ainda optar pela certificação de produtos de origem vegetal sem agrotóxico (SAT). A certificação é ofertada pelo Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA) para o sistema livre de agrotóxicos em todas as suas fases. Segundo informações do IMA, para obtenção do selo os agricultores(as) passam por auditorias onde são checados os procedimentos que envolvem sua produção, entre eles: matéria prima, área de cultivo, armazenamento, instalações, higiene e comercialização dos produtos certificados.

As certificações são uma ferramenta importante na construção desses mercados, pois esses mecanismos oferecem uma maior garantia sobre qualidade dos produtos aos(as) consumidores(as) e ao mesmo tempo possibilita um processo de aprendizado e aproximação. Os sistemas participativos (SPG e OCS) podem dar outro sentido às relações de confiança e fortificar os circuitos curtos de comercialização em determinados territórios.

No próximo tópico serão apresentados os aspectos metodológicos que serviram de base para elaboração desta pesquisa.

## **METODOLOGIA**

Esse trabalho é um estudo qualitativo e foi desenvolvido a partir de uma análise realizada com agricultores(as) que participam da feira Quintal Solidário, que é realizada desde setembro de 2016 na cidade de Viçosa-MG, situada na região da Zona da Mata.

O método de pesquisa pode ser definido como um estudo de caso. A obtenção de dados se deu por meio da realização de entrevistas semiestruturadas, que ocorreram no mês de novembro de 2018, durante as feiras, no seu próprio ambiente e em seus horários de funcionamento. Os dados foram tabulados em uma planilha eletrônica do programa Microsoft Office Excel. A análise de dados foi realizada por meio de revisão bibliográfica e comparação com estudos da área.

Foram entrevistados(as) oito feirantes, de um total de dez agricultores(as) que comercializam seus produtos (hortifrúti, alimentos processados e minimamente processados) no Quintal Solidário. Somente dois agricultores, que não compareceram à feira nas datas em que as entrevistas foram realizadas, ficaram de fora da amostra.

A realização da pesquisa aconteceu após sua aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Viçosa, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, com o número CAAE 99311318.4.0000.5153 em outubro de 2018. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi assinado por todos os participantes deste trabalho.

### Perfil dos Entrevistados

Os participantes da pesquisa, como já mencionado acima, são agricultores(as) que expõem seus produtos na feira Quintal Solidário. Para uma melhor visualização e interpretação dos resultados deste trabalho foi elaborado um quadro contendo uma breve identificação dos(as) participantes.

**Quadro 1.** Perfil dos Entrevistados

<b>Entrevistado</b>	<b>Perfil</b>
Entrevistado 01	Agricultora, reside em Viçosa-MG, participa do Quintal Solidário desde maio de 2017.
Entrevistado 02	Agricultor, reside em Coimbra-MG, a cidade fica a aproximadamente 20km de Viçosa, participa do Quintal Solidário desde o início da feira.
Entrevistado 03	Agricultora, reside em Teixeiras-MG, a cidade fica a aproximadamente 14km de Viçosa, participa do Quintal Solidário desde o início da feira.
Entrevistado 04	Agricultora, reside em Viçosa-MG, participa do Quintal Solidário desde março de 2017.
Entrevistado 05	Agricultor, reside em Porto Firme-MG, a cidade fica a aproximadamente 30km de Viçosa, participa do Quintal Solidário desde setembro de 2018.
Entrevistado 06	Agricultora, reside em Viçosa-MG, participa do Quintal Solidário desde o início da feira.
Entrevistado 07	Agricultor, reside em Viçosa-MG, participa do Quintal Solidário desde o início da feira.
Entrevistado 08	Agricultor, reside em Cajuri-MG, a cidade é situada a aproximadamente 17km de Viçosa, participa do Quintal Solidário desde setembro de 2017

Fonte: Trabalho de Campo, 2018.

### APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

O Quintal Solidário é uma feira destinada à exposição, comercialização e degustação de produtos e serviços de empreendimentos econômicos solidários e de agricultores(as) familiares de Viçosa e região. A feira acontece semanalmente, toda quarta-feira na sede da

Seção Sindical dos Docentes da UFV (ASPUV), e conta com a oferta de produtos artesanais, alimentos processados e hortifrúti.

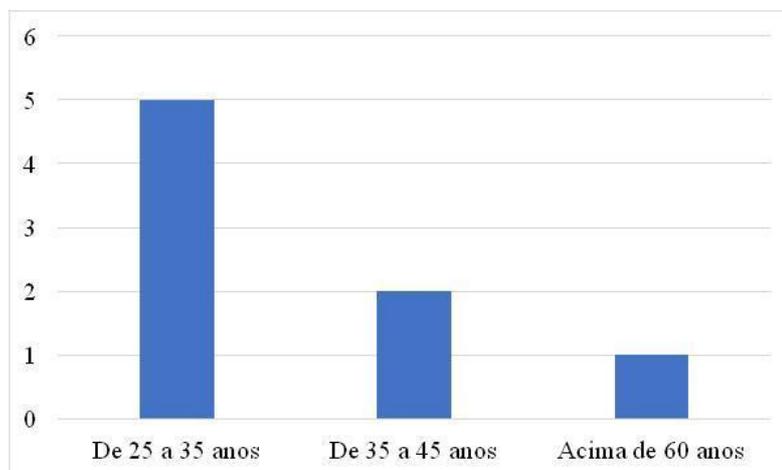
Para ingresso na feira, os empreendimentos econômicos solidários devem apresentar o Cadastro Nacional de Economia Solidária (CADSOL) e os agricultores(as) familiares devem apresentar a Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP).

A feira Quintal Solidário conta com uma comissão organizadora, que é composta por integrantes de entidades parceiras, 03 (três) representantes dos expositores(as), cada um(a) representa respectivamente os setores de artesanato, hortifrúti e alimentos processados, além de um profissional de apoio técnico à feira. Além disso, acontece mensalmente reuniões de avaliação e planejamento com os expositores(as) e comissão organizadora.

No período da pesquisa (2018), a feira contava com a participação de 07 empreendimentos econômicos solidários, além de grupos inseridos na Feira Agroecológica da Violeira e 10 representantes da Agricultura Familiar.

A pesquisa foi realizada com 08 agricultores(as) da feira Quintal Solidário e evidenciou características próprias das produções de agricultura familiar. De um total de 08 entrevistados(as), em apenas 01 unidade foi citada a utilização de mão-de-obra externa, através da realização de parcerias com vizinhos. Em todas demais unidades utiliza-se apenas a mão-de-obra familiar, que é característica central na organização familiar de produção.

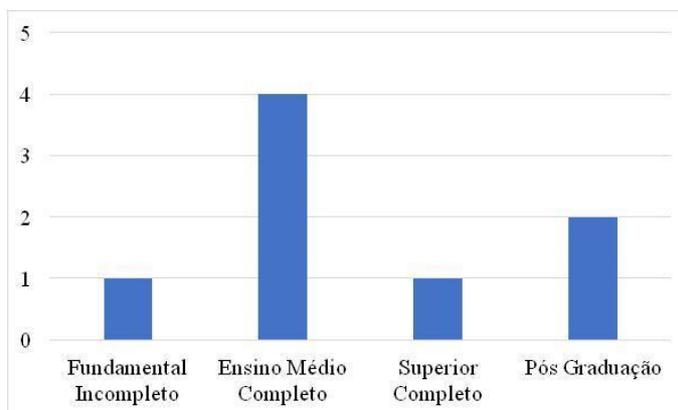
A faixa etária dos entrevistados(as) é diversificada, porém, o grupo mais representativo encontrava-se entre a faixa etária de 25 a 35 anos, representando 05 pessoas do total de entrevistados.



**Gráfico 1.** Faixa etária dos entrevistados. Fonte: Trabalho de Campo, 2018.

Se antes os jovens tendiam a abandonar a unidade produtiva, indo para a cidade na busca de empregos e/ou para continuarem seus estudos, através dos dados obtidos nas entrevistas pode-se constatar que optar pela realização de seus projetos de vida no meio rural tem se tornado uma realidade cada vez maior no caso estudado.

Um exemplo disso são 02 entrevistados que optaram por continuar seus estudos, deixando a princípio o campo, concluíram a graduação e decidiram continuar se especializando em áreas ligadas ao meio rural. Atualmente, retornaram ao campo e utilizam dos conhecimentos adquiridos para estruturar e expandir sua produção.



**Gráfico 2.** Grau de escolaridade dos entrevistados. Fonte: Trabalho de Campo, 2018.

De acordo com os dados obtidos, ao observar a terra cultivada por esses agricultores(as), percebe-se que os mesmos não possuem propriedades muito extensas, totalizando o máximo de quatro hectares cada um.

**Quadro 2.** Tamanho da área cultivada.

<b>Entrevistado</b>	<b>Tamanho da área cultivada</b>
Entrevistado 01	1 hectare
Entrevistado 02	4 hectares
Entrevistado 03	1 hectare
Entrevistado 04	3 hectares
Entrevistado 05	1 hectare
Entrevistado 06	2000 m <sup>2</sup>
Entrevistado 07	2000 m <sup>2</sup>
Entrevistado 08	1 hectare

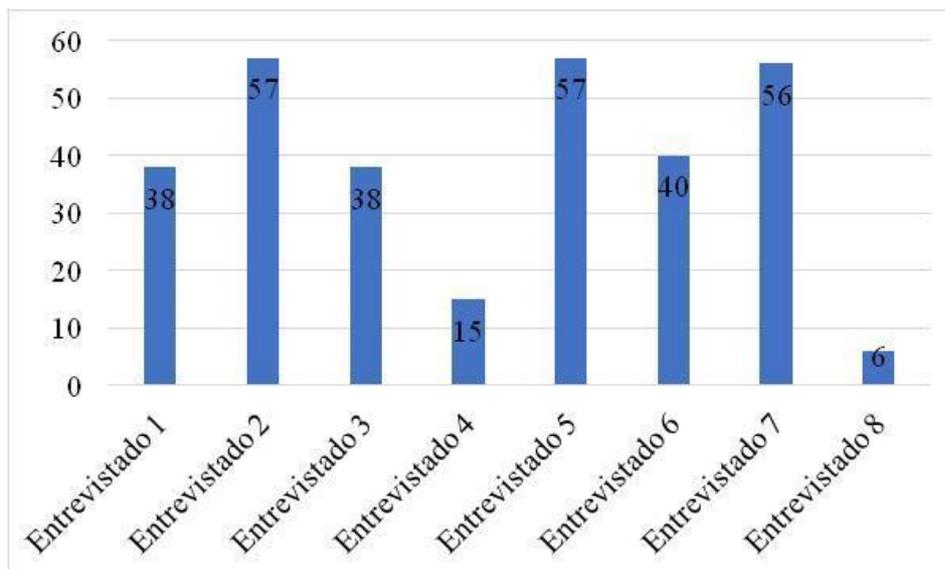
Fonte: Trabalho de Campo, 2018.

Quanto aos produtos cultivados pelos agricultores(as) entrevistados, apenas uma agricultora cultiva frutas como a principal fonte de receita da unidade produtiva. Os demais entrevistados(as) desenvolvem atividades produtivas ligadas à olericultura (alface, cenoura, chuchu, repolho, tomate, couve, beterraba, dentre outros) como principal fonte de receita.

Todos os entrevistados(as) relataram que tiveram que aumentar sua produção após ingressar no Quintal Solidário. Segundo o entrevistado 07, o público do Quintal Solidário possui alta demanda por legumes, o que o levou a realizar um investimento na produção. Além disso, a entrada na feira contribuiu também para diversificação da produção. O entrevistado 02 citou como exemplo a produção de PANC (plantas alimentícias não convencionais).

Nos casos citados anteriormente fica evidente a importância do contato direto entre produtor e consumidor nas feiras, para que os agricultores(as) possam desenhar a sua produção de acordo com a existência de uma demanda de produtos diversificada.

No gráfico abaixo é apresentado o número de produtos cultivados pelos agricultores(as). O levantamento foi realizado a partir das fichas de cadastros dos expositores(as), entregues à comissão organizadora da feira.



**Gráfico 3.** Número de produtos cultivados pelos agricultores/as (levantamento realizado a partir das fichas de cadastro dos expositores/as). Fonte: Trabalho de Campo, 2018.

Os números de produtos cultivados demonstram que mesmo em pequenas áreas cultivadas (como demonstrado no Quadro 2), os agricultores(as) são importantes para a economia agroalimentar. Assim, a agricultura familiar se torna um segmento de grande importância econômica e social para a produção de diversos itens essenciais da alimentação humana (ARAÚJO; LIMA; MACAMBIRA, 2015).

De acordo com levantamento realizado durante o ano de 2018 em visita às propriedades dos agricultores/as que expõem no Quintal Solidário, são cultivadas cerca de 180 variedades de produtos. Segundo Nodari e Guerra (2015), a diversidade de produção possui função essencial na agroecologia, pois permite a utilização de práticas ecológicas associadas aos policultivos ou cultivos consorciados. Outro ponto importante diz respeito à garantia de certa estabilidade de renda durante o ano aos agricultores(as), pois reduz a dependência de produtos sazonais.

Alguns agricultores(as) comercializam ainda produtos processados, como por exemplo, doces de goiaba, banana e limão, e/ou minimamente processados, como mandioca, moranga e cana descascadas.

Segundo Gomes et al. (2005) os produtos minimamente processados são aqueles prontos para consumo, ou seja, que passaram por operações como descascamento, corte, acondicionamento em embalagens apropriadas à manutenção do produto em seu estado fresco, etc.

No Brasil, o consumo desses produtos tem crescido por causa de sua praticidade, além da possibilidade de maior aproveitamento desses vegetais. Assim, torna-se uma alternativa para que os agricultores(as) possam agregar valor aos seus produtos agrícolas. (GOMES et al, 2005)

Todos(as) os expositores(as) entrevistados(as) consideram sua produção orgânica ou agroecológica. Quando questionados sobre o que pensam sobre a prática da agricultura agroecológica, os expositores(as) destacaram que a não utilização de agrotóxicos em sua produção é essencial para saúde de todos, tanto dos produtores(as) como dos consumidores(as). Na visão do Entrevistado 02 “todos deveriam caminhar para esse molde de produção”.

Na visão da Entrevistada 04, as pessoas têm se preocupado cada vez mais com o consumo de alimentos mais saudáveis, o que incentiva a prática da agricultura orgânica ou agroecológica por parte dos agricultores(as). Para Hinterholz e Ribeiro (2011, p. 5) “A massificação e a uniformização generalizada dos alimentos que o mercado impôs, contrapõe-se, atualmente, com a crescente orientação da procura pelos consumidores por produtos diferenciados”.

Quando questionados se sua produção possuía certificação para comercializar seus produtos como "orgânicos", 3 dos entrevistados(as) responderam que sim, enquanto 4 estão passando por algum processo de obtenção da certificação e apenas 1 entrevistado não possui e não está passando por nenhum processo de obtenção da certificação.

Quanto às formas de obtenção da certificação, em geral, os agricultores(as) que não estão vinculados a nenhuma organização coletiva (cooperativa, associação, grupo informal) optam pela Certificação por Auditoria, contando geralmente com o apoio da Secretaria de Agricultura do município de Viçosa-MG.

Por sua vez, os agricultores(as) vinculados a alguma organização coletiva buscam obter a certificação via Organizações de Controle Social (OCS), sendo a Rede Raízes da Mata a principal propulsora na obtenção deste tipo de certificação no município Viçosense. A Rede Raízes da Mata é composta por agricultores(as) familiares e Empreendimentos Econômicos Solidários de Viçosa e região, foi criada em 2011 com a ideia de aproximar produtoras (ES) e consumidoras(es), fortalecendo relações solidárias, o consumo responsável e a produção sustentável.

No período da pesquisa, a Rede Raízes da Mata estava avançado na discussão com os agricultores(as) para a criação do Sistema Participativo de Garantia (SPG) na região, buscando possibilitar a comercialização de produtos que não seja somente através da venda direta, ou seja, os produtos também poderão ser vendidos nos mercados convencionais, entre outros locais, a partir do selo “Orgânicos Brasil”.

Quando questionado aos entrevistados(as) quais os principais desafios para se obter a certificação, todos apontaram o processo como muito burocrático. Segundo o entrevistado 08, que está em processo de obtenção da certificação, existe uma dificuldade imensa para se encontrar insumos adequados à sua produção, e tem “esbarrado” sempre na análise de qualidade da água.

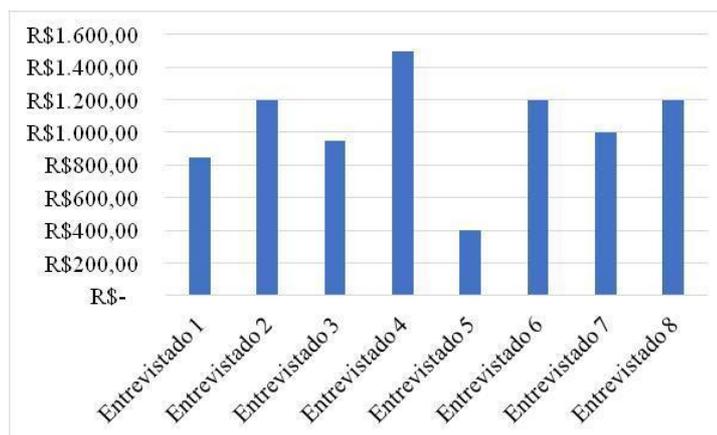
Segundo a entrevistada 03, o fato de sua vizinhança utilizar agrotóxicos na produção se apresenta como a principal barreira para que busque a certificação. Cabe ressaltar que *pelo regulamento da Lei Orgânica, que consta no decreto 6.323, é permitido o cultivo paralelo de orgânicos e não orgânicos, desde que as plantações estejam claramente separadas, para evitar o risco potencial de contaminação com materiais e substâncias cujo uso não esteja autorizado*

*para a produção orgânica, tanto na produção, como na colheita, beneficiamento, armazenamento e transporte.*

Através das entrevistas foram levantados com os agricultores(as) os principais desafios da produção agroecológica. Em geral, os agricultores(as) apontaram a falta de mão-de-obra para manejo do sistema produtivo, visto que se utilizam da plantação consorciada e caldas, além da comercialização.

Na visão da entrevistada 01, apesar dos avanços, ainda falta conhecimento da população sobre o produto agroecológico. O entrevistado 08 complementa tal afirmação em sua resposta: *“existe uma desvalorização do produto agroecológico, assim a gente acaba tendo que vender a preço do convencional”*.

As feiras livres representam um importante destino para a produção de base agroecológica. A comercialização local, por meio da feira Quintal Solidário é uma das principais fontes de obtenção e complemento da renda para os agricultores(as) e suas famílias.



**Gráfico 4.** Valor médio mensal da receita obtida através da comercialização no Quintal Solidário. Fonte: Trabalho de Campo, 2018.

Analisando os dados, tem-se uma média de retirada de pouco mais R\$ 1.000 mensais, variando entre R\$ 400 a R\$ 1500. Pode-se observar uma relação direta entre o tempo que o

expositor(a) participa da feira e sua renda, visto que os expositores(as) com melhor resultado participam do Quintal Solidário desde o início da feira. Tal fato pode ser explicado devido à relação de confiança estabelecida entre produtor e consumidores(as).

Para Araújo (2015), as feiras da agricultura familiar possuem função essencial para as famílias que sobrevivem da agricultura, pelo fato de serem boas estratégias de comercialização direta, além de serem mais justas para os agricultores(as), já que são espaços que favorecem a valorização da produção.

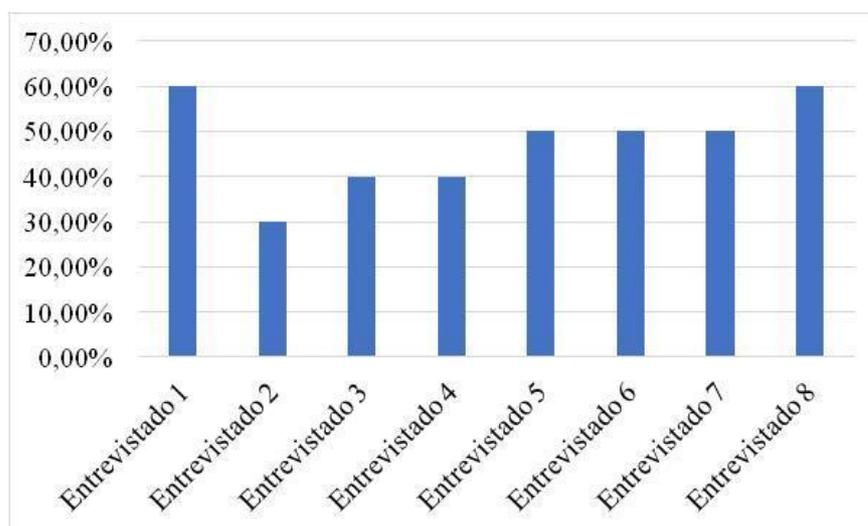
É importante ressaltar que todos(as) agricultores(as) possuem pelo menos mais um canal para comercialização direta de seus produtos, como apresentado na tabela a seguir.

**Tabela 2.** Canais de comercialização utilizados pelos agricultores/as da feira Quintal Solidário.

<b>Canais de Comercialização</b>	<b>Nº de agricultores/as que utilizam tais canais</b>
Vendas na propriedade	4
Entrega de cestas em domicilio	5
Mercado Institucional (PNAE)	3
Restaurantes, lanchonetes, lojas especializadas.	2
Mercearias	3

Fonte: Trabalho de Campo, 2018.

Além disso, parte dos agricultores(as) possuem outras fontes de receita que não as advindas das unidades produtivas, obtidas através do trabalho assalariado, prestação de consultorias, aposentadoria, dentre outras. Nesse sentido foi questionado aos agricultores(as) qual o percentual da renda mensal de sua família advinha da comercialização dos produtos no Quintal Solidário, as respostas obtidas podem ser analisadas no gráfico abaixo.



**Gráfico 5.** Percentual da renda que advém da comercialização dos produtos no Quintal Solidário. Fonte: Trabalho de Campo, 2018.

Cerca de 63% dos entrevistados possui pelo menos metade de sua renda advinda da comercialização no Quintal Solidário. Dos demais entrevistados, dois não residem no município de Viçosa e possuem outros canais de venda direta de seus produtos, como a entrega cestas, a outra expositora relatou que seu marido comercializa em outra feira que acontece em horário simultâneo ao Quintal Solidário, da qual se origina a maior porcentagem de renda da família.

Na visão de todos(as) entrevistados(as) a feira Quintal Solidário contribui efetivamente para o fortalecimento da agricultura familiar e da agroecologia. Segundo a entrevistada 01, o Quintal Solidário foi importante para ela em todos os sentidos: “o Quintal foi meu primeiro espaço de comercialização, o que me motivou a continuar com minha produção, foi aqui que estabeleci meus contatos com outros consumidores e aprendi mais sobre o manejo de produção com outros agricultores”.

Tendo em vista a percepção de todos os feirantes entrevistados, os espaços das vendas não são apenas canais de comercialização, mas são também espaços de socialização e aprendizagem com relação às novas práticas produtivas e culturais. Nessa perspectiva, pode-se relacionar o caso estudado à experiência da Ecovida, uma rede de agroecologia criada em 1998

na região sul do Brasil, que possui a perspectiva de reinserir agricultores familiares em mercados, comercializando diretamente ou com o mínimo de intermediação. A organização social dessa rede busca favorecer relações de reciprocidade, trocas de experiências e formas de cooperação. Assim, corrobora-se que a preparação de feiras, a reunião de grupos e a participação em encontros regionais de articulação são fundamentais para a construção da identidade comum dessas pessoas (ROVER e LAMPA, 2013).

Um ponto relevante deste estudo diz respeito à melhoria na qualidade de vida das famílias envolvidas na feira. Os principais fatores que levam os expositores(as) a crerem que o Quintal Solidário contribui efetivamente para melhoria da qualidade de vida dos envolvidos são a renda e o acesso a produtos de qualidade. De acordo com o entrevistado 08, o Quintal Solidário possui uma diversidade muito grande de produtos, assim pode adquirir na feira alimentos saudáveis que não produz.

Por fim, através da realização do Quintal Solidário tem-se reduzido o distanciamento entre a cidade e o campo, entre agricultor e consumidor, e estimulado a compra de alimentos de base ecológica em circuitos curtos de comercialização, o que traz inúmeros benefícios para todos envolvidos neste processo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através da realização deste estudo pode-se perceber que a dificuldade de comercialização ainda é um problema encontrado pelos agricultores(as). Através da entrada no Quintal Solidário os agricultores(as) obtiveram um representativo aumento da renda, por meio da ampliação da produção e das vendas, o que nos deixa evidente a importância da implementação dos mercados com venda direta para os agricultores(as) familiares.

Um dos aspectos mais relevantes do estudo é a preocupação dos agricultores em oferecer produtos sem a utilização de agrotóxicos em seu processo produtivo, assegurando aos consumidores o acesso regular a alimentos de qualidade.

Levando em consideração os aspectos que foram abordados sobre a feira Quintal Solidário, podemos concluir que a mesma se apresenta como espaço de referência quanto a

geração de renda e troca de experiências entre os agricultores(as), além de promover e fomentar ações que fortaleçam a produção, comercialização e consumo de produtos agroecológicos.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T. P.; LIMA, R. A.; MACAMBIRA, J. **Feiras agroecológicas: institucionalidade, organização e importância para a composição da renda do agricultor familiar**. Fortaleza: Instituto de Desenvolvimento do Trabalho - Núcleo de Economia Solidária da Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

ASSIS, R; L.; ROMEIRO, A. R. Agroecologia e agricultura orgânica: controvérsias e tendências. **Desenvolvimento e meio ambiente**, v. 6, p. 67-80, 2002.

BUSARELLO, C. S.; WATANABE, M. **Agricultura familiar e informalidade: uma contribuição teórica**. Criciúma: UNESC, 2014.

CANUTO, J. C. Agroecologia, princípios e estratégias para o desenho de agroecossistemas sustentáveis. **Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 22, n. 2, p. 137-151, 2017.

CASSOL, A. P.; SCHNEIDER, S. Produção e consumo de alimentos: novas redes e atores. **Lua nova - revista de cultura e política**, n. 95, p. 143-177, 2015.

DAROLT, M. R. **Circuitos curtos de comercialização de alimentos ecológicos: reconectando produtores e consumidores**. Curitiba: Kairós, 2013.

DE ANDRADES, T. O; GANIMI, R. N. Revolução verde e a apropriação capitalista. **CES Revista**, v. 21, p. 43-56, 2007.

DE CARVALHO, S. M.; DA COSTA, I. B. Hoje é dia de feira – os caminhos da agroecologia no âmbito da política municipal de abastecimento da cidade de Curitiba, Paraná. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, v. 38, n. 133, p. 97-112, 2018.

DUBEUX, A.; BATISTA, M. P. Agroecologia e Economia Solidária: um diálogo necessário à consolidação do direito à soberania e segurança alimentar e nutricional. **Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 22, n. 2, p. 227-249, 2017.

FEIDEN, A. **Agroecologia: introdução e conceitos**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2005.

FONSECA, M. F. A. C. **Agricultura orgânica: regulamentos técnicos para acesso aos mercados dos produtos orgânicos no Brasil**. Niterói: PESAGRO-RIO, 2009.

GOMES, C. A. O. *et al.* **Hortaliças minimamente processadas**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, Rio de Janeiro, 2005.

GODOY, W. I.; ANJOS, F. S. A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.2, n.1, 2007.

HINTERHOLZ, B.; RIBEIRO, V. de M. Feira agroecológica: uma alternativa para comercialização de produtos oriundos da agricultura familiar orgânica no município de Medianeira-PR: o caso da AAFEMED. **Synergismus scyentifica**, v. 6, n. 1, 2011.

LELIS, J. L. *et al.* Vínculos de sociabilidade e relações de trocas entre feirantes de Viçosa, MG. **Gerar – Grupo de Estudos Rurais: Agriculturas e Realidades**, p.1-22, 2017.

Disponível em:

<http://www.gerar.ufv.br/publicacoes/VINCULOS%20DE%20SOCIALIZABILIDADE%20E%20RELACOES%20DE%20TROCAS%20ENTRE%20FEIRANTES%20DE%20VI%20CASA%20MG.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2021.

MONTEIRO, D.; LONDRES, F. Pra que a vida nos dê flor e frutos: notas sobre a trajetória do movimento agroecológico no Brasil. *In*: SAMBUICHI, R. H. R. *et al.* **A Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica no Brasil**, 2017, p. 53.

NETO, M. **Agroecologia e movimentos sociais**: entre o debate teórico e sua construção pelos agricultores camponeses. 2014. 202f. Tese (Doutorado em Engenharia Agrícola) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia Agrícola, Campinas, São Paulo. 2014.

NIEDERLE, P. A.; ALMEIDA, L. A nova arquitetura dos mercados para produtos orgânicos: o debate da convencionalização. *In*: **Agroecologia**: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura. v. 1. Curitiba: Kairós, 2013, p. 23-6.

NODARI, R. O.; GUERRA, M. P. A agroecologia: estratégias de pesquisa e valores. **Estudos avançados**, v. 29, n. 83, p. 183-207, 2015.

ROVER, O. J.; LAMPA, F. M. Rede Ecovida de Agroecologia: articulando trocas mercantis com mecanismos de reciprocidade. **Agriculturas**, v. 10, n. 2, p.22-25, 2013.

SANTOS, C. F. *et al.* A agroecologia como perspectiva de sustentabilidade na agricultura familiar. **Ambiente & Sociedade**, v. 17, n. 2, p. 33-52, 2014.

SCHMITT, C. J.; GRISA, C. Agroecologia, mercados e políticas públicas: uma análise a partir dos instrumentos de ação governamental. *In*: **Agroecologia**: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura. Curitiba: Kairós, 2013, p. 215-265.

SEVILLA, E. G. *et al.* Canales cortos de comercialización alimentaria en Andalucía. Córdoba: Fundación Pública Andaluza Centro de Estudios Andaluces, 2012.

VRIESMAN, A. K. *et al.* Assistência técnica e extensão rural para a certificação de produtos orgânicos da agricultura familiar. **Revista Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v. 8, n. 1, p. 138-149, 2012.

**Artigo recebido em** 29 de junho de 2020.

**Artigo aprovado em** 15 de dezembro de 2021.

## DADOS TÉCNICOS

### REITOR PRO TEMPORE

Dr. Paulo César Fagundes Neves

### VICE-REITOR PRO TEMPORE

Dr. Daniel Salgado Pifano

### PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO

Dra. Lúcia Marisy S. Ribeiro de Oliveira

### REVISTA EXTRAMUROS

#### EDITOR-CHEFE

Dr. Francisco Gabriel de Almeida Rêgo

### CONSELHO EDITORIAL

Dra. Darizy Flávia Vasconcelos  
UFBA - Universidade Federal da Bahia

Dr. Donovan Casas Patiño  
UAEM - Universidad Autónoma del Estado de México

Dr. Francisco Roberto Caporal  
UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco

Dra. Ghislaine Duque  
UNIVASF - Universidade Federal do Vale do São Francisco

Dra. Gisele Giandoni Wolkoff  
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dr. Hans-Joachim Appell Coriolano  
DSHS - Deutsche Sporthochschule Köln, Alemanha

Dr. Helinando Pequeno de Oliveira  
UNIVASF - Universidade Federal do Vale do São Francisco

Dra. Hosana dos Santos Silva  
UNIFESP - Universidade Federal do Estado de São Paulo

Dra. Josefa Salete Barbosa Cavalcante  
UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Dr. Luís Manuel Mota Sousa  
Uévoa - Universidade de Évora, Portugal

Dra. Marcia Bento Moreira  
UNIVASF - Universidade Federal do Vale do São Francisco

Dra. Nuria Castro-Lemus  
USEvilla - Universidad de Sevilla, Espanha

Dra. Olga Sousa Valentim  
IPLeia - Instituto Politécnico de Leiria, Portugal

Dra. Paula Clara Ribeiro dos Santos  
IPPorto - Instituto Politécnico do Porto, Portugal

Dra. Simone Malaguti  
LMU - Ludwig-Maximilians-Universität München, Alemanha

### ESTAGIÁRIOS

Vladimir de Sales Nunes  
UNIVASF - Universidade Federal do Vale do São Francisco

Maurício Otávio Loura de Souza  
UNIVASF - Universidade Federal do Vale do São Francisco

### FOTOGRAFIAS

Flávio Lamenha

ISSN 2318-3640

